

Organizadores
Antonio Flávio Ferreira de Oliveira
Ciro Leandro Costa da Fonsêca
José Cezinaldo Rocha Bessa



NAS TRILHAS DO PENSAMENTO BAKHTINIANO

**Reflexões e estudos sobre
discurso, cultura e ensino**



Organizadores
Antonio Flávio Ferreira de Oliveira
Ciro Leandro Costa da Fonsêca
José Cezinaldo Rocha Bessa

NAS TRILHAS DO PENSAMENTO BAKHTINIANO

**Reflexões e estudos sobre
discurso, cultura e ensino**





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern– Eduern

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária da Uern - Eduern

Jacimária Fonseca de Medeiros

Chefe do Setor de Editoração da Editora Universitária da Uern - Eduern

Emanuela Carla Medeiros de Queiros



Conselho Editorial das Edições UERN

Edmar Peixoto de Lima

Filipe de Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

José Cezinaldo Rocha Bessa

Maria José Costa Fernandes

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Diagramação

Lucas Gabriel Fernandes Nunes

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Nas Trilhas do Pensamento Bakhtiniano: reflexões e estudos sobre discurso, cultura e ensino [recurso eletrônico]. / Antonio Flávio Ferreira de Oliveira, Ciro Leandro Costa da Fonsêca, José Cezinaldo Rocha Bessa (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2023.

190 p.

ISBN: 978-85-7621-407-6 (E-book).

1. Linguística. 2. Estudos Dialógicos da Linguagem. 3. Análise Dialógica do Discurso. 4. Pensamento Bakhtiniano. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

410 CDD

Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15 / 783

Editora Filiada á



Dedicamos esta obra a cada pessoa que fomenta o pensamento crítico e que se engaja na luta
por uma educação emancipadora.

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(João Cabral de Melo Neto)

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Pedro Farias Francelino

APRESENTAÇÃO

14

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira
Ciro Leandro Costa da Fonsêca
José Cezinaldo Rocha Bessa

UNIDADE I - REFLEXÕES SOBRE PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DE IDEIAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

A PROPÓSITO DAS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS DO TEXTO DE MIKHAIL BAKHTIN “AS FORMAS DO TEMPO E DO CRONOTOPO”: SOBRE UMA NOÇÃO DIALÓGICA DE CULTURA...21

João Batista Costa Gonçalves
Marcos Roberto dos Santos Amaral

PERCALÇOS DE UM PERCURSO DE PESQUISA: CONTRIBUIÇÃO AO CAMPO DE ESTUDOS BAKHTINIANOS.....36

José Radamés Benevides de Melo

A LÍNGUA, SUA ORDEM SÍGNICA E O MUNDO: DIÁLOGOS ENTRE BAKHTIN, VOLÓCHINOV E MEDVIÉDEV.....46

Ludmila Kemiach

FUNDAMENTOS CONSTITUTIVOS DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA.....60

Kelvya Freitas Abreu

O CAMPO DO DISCURSO RELIGIOSO EM ESCRITOS DE BAKHTIN.....	78
---	----

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento

UNIDADE II – ANÁLISE DE PRODUÇÕES DISCURSIVAS DOS DOMÍNIOS DA CULTURA E DA LITERATURA

A CARNAVALIZAÇÃO NO POEMA POPULAR “O ATAQUE DE MOSSORÓ AO BANDO DE LAMPIÃO”, DE ANTÔNIO FRANCISCO.....	89
--	----

Ciro Leandro Costa da Fonsêca

ESTILO E ARGUMENTAÇÃO NO AUTO DA COMPADECIDA: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA NO DISCURSO CONVENCIVO-PERSUASIVO DE JOÃO GRILO.....	103
--	-----

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira

ANÁLISE DIALÓGICA DA IMPOLIDEZ CARNAVALIZADA NO FILME ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS.....	112
--	-----

Nathalia Viana da Mota
João Batista Costa Gonçalves

UNIDADE III – ANÁLISE DE PRODUÇÕES DISCURSIVAS DOS DOMÍNIOS DA RELIGIÃO E DA MÍDIA

O MUNDO AOS OLHOS DA PREGAÇÃO RELIGIOSA PENTECOSTAL.....	126
--	-----

Elias Coelho da Silva

O INFLUENCIADOR DIGITAL COMO AGENTE IDEOLÓGICO NA CULTURA DIGITAL CONTEMPORÂNEA.....	140
--	-----

Anny Angélica de Assis Maia de Lima
Jakelyne Santos Apolônio
Wanderleya Magna Alves
Orlando Silva de Oliveira

BOLSOAGRO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IMAGEM DE BOLSONARO NO AGRONEGÓCIO.....	155
---	-----

Ilcilene Silva
Jailson José dos Santos
Anny Angélica de Assis Maia de Lima
José Cezinaldo Rocha Bessa

UNIDADE IV – ABORDAGEM DIALÓGICA DO DISCURSO E/NO ENSINO

DESVENDANDO FAKE NEWS POR MEIO DO COTEJO DE TEXTOS: UMA PROPOSTA DE ENSINO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA.....	172
--	-----

José Jilsemar da Silva
Nara Karolina de Oliveira Silva
Joseilda Alves de Oliveira
José Cezinaldo Rocha Bessa

AUTORES E ORGANIZADORES.....	186
-------------------------------------	------------

PREFÁCIO

A linguagem, presente em todas as esferas da atuação humana e manifestada em suas multifacetadas formas e materialidades, demanda do pesquisador – e, por que não dizer, do falante também – um olhar aguçado e perspicaz quanto a seus efeitos de sentido provenientes dos usos nos diversos gêneros do discurso que circulam na sociedade. A cultura humana é ampla, plural e heterogênea, mas a atividade discursiva encarna de forma singular e única cada uma das formas de manifestação do ato responsável do sujeito em qualquer uma das dimensões constitutivas do ser/estar no mundo: ética, estética e cognitiva. Em qualquer uma dessas instâncias do mundo da cultura, o sujeito age/atua, de modo a inscrever seus tons emotivo-volitivos e sua apreciação valorativa, a fim de marcar seu posicionamento axiológico e responder, responsavelmente, às demandas das interações de que participa.

Nas trilhas do pensamento bakhtiniano: reflexões e estudos sobre discurso, cultura e ensino, coletânea de artigos e ensaios organizada pelos professores pesquisadores Antonio Flávio Ferreira de Oliveira, Ciro Leandro Costa da Fonsêca e José Cezinaldo Rocha Bessa, propõe-se a apresentar ao público um conjunto de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros acerca da presença do pensamento do Círculo de Bakhtin no horizonte da pesquisa e do ensino em solo brasileiro. Para isso, os organizadores exploram desde as questões de produção, circulação e recepção das ideias dos principais membros desse grupo de pensadores (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev), passando pela leitura dialógica de enunciados concretos de diferentes esferas da atividade humana – como literatura, religião e mídia –, até chegar a reflexões sobre o ensino de língua em perspectiva dialógica.

Os artigos que compõem a obra tratam de questões que permeiam o tecido social da história contemporânea, sobretudo a brasileira, na medida em que contemplam análises urgentes acerca de fatos, objetos e acontecimentos discursivos de nosso tempo, além de fazer avançar o campo de investigação do discurso na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. Nesse sentido, os trabalhos que integram o livro elegem como objeto de reflexão temas complexos dos dias atuais, principalmente quando consideramos o atravessamento constitutivo entre algumas das esferas de uso da linguagem exploradas aqui, como a religião, a política e a mídia.

No artigo **A propósito das traduções para o português do texto de Mikhail Bakhtin “as formas do tempo e do cronotopo”**: sobre uma noção dialógica de cultura, João Batista Costa Gonçalves e Marcos Roberto dos Santos Amaral propõem discutir a noção de cultura, tomando como referência o quadro teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso (ADD), mostrando que ela se constitui como prática dialógica marcada pela contradição de representações e performances de atos concretos desencadeados sociohistoricamente. Essa consistente discussão é amparada na reflexão sobre o conceito de cronotopo, a partir das duas traduções para o português do ensaio de Mikhail Bakhtin (2018; 2014) sobre essa noção. Os autores ampliam o conceito corrente de cultura, para mostrar que, sob uma perspectiva bakhtiniana, ele se delineia como processo contínuo tenso, através do qual se constituem as contradi-

tórias imagens de ser humano agindo num tempo e espaço específicos.

Em **Percalços de um percurso de pesquisa: contribuição ao campo de estudos bakhtinianos**, José Radamés Benevides de Melo desenvolve uma relevante reflexão, a partir de uma experiência concreta de pesquisa, sobre as necessidades e demandas de um estudo dialógico a respeito da constituição de vozes sociais. Delimitando como recorte de investigação as vozes sociais acerca da loucura e da psiquiatria, o autor conclui que a discussão apresentada pode contribuir com pesquisas que se dedicam ao processo de constituição de quaisquer vozes sociais.

Ludmila Kemiak, no ensaio **A língua, sua ordem sígnica e o mundo: diálogos entre Bakhtin, Volóchinov e Medviédev**, apresenta uma notável discussão sobre a relação entre a língua e o mundo a partir do cotejo das ideias de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, com foco no modo como o signo verbal refrata o “real”. Para a autora, no tocante à ideia de como o signo refrata a realidade, Volóchinov e Medviédev convergem em alguns aspectos, distanciando-se da forma como Bakhtin concebe esse processo. Por fim, a autora aponta uma forma de ler o processo de semiotização do mundo, tomando como base cinco princípios constitutivos dos signos verbais: o ideológico, o da materialidade, o da interação, o da exterioridade e o da mediação.

Em **Fundamentos constitutivos da linguagem na perspectiva bakhtiniana**, Kelvya Freitas Abreu dispõe-se a evidenciar, a partir da investigação desenvolvida em sua tese de doutorado, que o estudo dos fundamentos constitutivos da linguagem, na perspectiva dos estudos bakhtinianos, parte da compreensão da proposição metalinguística como chave para se conceberem os estudos discursivos, de forma específica, os que se baseiam por um viés dialógico. Nesse sentido, além refletir sobre os conceitos de enunciado, sujeito e alteridade, a autora aponta de forma muito pertinente a Análise Dialógica do Discurso e suas características de proposição teórico-metodológica como importante dispositivo para lançar luz a fenômenos da linguagem.

Numa instigante discussão sobre **O campo do discurso religioso em escritos de Bakhtin**, Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento mostra como o discurso religioso, notadamente o cristão, foi contemplado nos escritos de Bakhtin (e do Círculo), sobretudo em alguns dos principais conceitos de sua filosofia. Entendendo a complexidade desse campo ideológico, o autor destaca elementos de sua constituição, especialmente quanto aos aspectos das fronteiras e diálogos com outras esferas da atividade humana.

Introduzindo a segunda unidade da coletânea, que traz análises discursivas de materialidades do domínio da cultura e da literatura, Ciro Leandro Costa da Fonsêca, em significativa reflexão sobre **A carnavalização no poema popular “o ataque de Mossoró ao bando de Lampião”, de Antônio Francisco**, reitera o princípio bakhtiniano da carnavalização como característica da literatura e da cultura populares. A partir da análise do poema “O ataque de Mossoró ao bando de Lampião”, do poeta popular mossoroense Antônio Francisco, o autor

evidencia, em relação ao caráter carnavalesco, como o poema apresenta uma inversão sobre os conceitos de herói e de bandidos no fato histórico da entrada do bando de Lampião em Mossoró e a imagem do enfermo e da vingança de Lampião como espetáculos cômicos e alegres que dialogam com a obra de Rebelais. O poema popular, como a praça pública do carnaval, é o espaço onde se realiza o conflito de classes e um repensar sobre a história oficial.

Compõe ainda esta unidade o esclarecedor artigo de Antonio Flávio Ferreira de Oliveira, intitulado **Estilo e argumentação no Auto da Compadecida: uma perspectiva dialógica no discurso convencivo-persuasivo de João Grilo**, texto em que o autor discute a respeito da relação entre estilo e argumentação nas falas de João Grilo, personagem do filme *o Auto da Compadecida*. Para isso, o autor mobiliza duas noções fundamentais: a de estilo, proveniente da Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin; e a de tom, gestada por Aristóteles, nas particularidades do patos, do etos e do logos, os chamados meios de persuasão. Com isso, o autor chega à conclusão de que, no estilo argumentativo da personagem em tela, opera-se um modo de orquestração da sabedoria popular refletida na materialidade de uma variedade linguística do lugar, especialmente, contemplando o imaginário social da cultura e das axiologias nordestinas.

O último artigo desta unidade, **Análise dialógica da *impolidez carnavalizada* no filme *Alexandre e outros heróis***, de autoria de Nathalia Viana da Mota e João Batista Costa Gonçalves, discorre sobre o conceito de *impolidez carnavalizada* (MOTA, 2019) como uma profícua categoria de análise dialógica de discursos que se pretendam emancipatórios. O conceito foi formulado com base nas noções de *carnavalização* (BAKHTIN, 2002; 1987) e de *impolidez* (BROWN E LEVINSON, 1987), e se caracteriza pela perspectiva do rompimento com a ordem oficial/séria do poder opressor, a partir de atos de fala/corpo impolidos que se constituem como uma espécie de subversão carnavalesca. À vista disso, tem-se um ato *impolido-carnavalizado* quando for possível verificar, nele, tentativas de subverter a ordem estabelecida, a fim de libertar os sujeitos de suas próprias sujeições e mostrar-lhes caminhos possíveis para uma tomada de consciência crítica e emancipatória. Nesse contexto, o filme *Alexandre e outros heróis* constitui o *corpus* a partir do qual os autores, de forma inovadora, desenvolvem uma análise dialógica da *impolidez carnavalizada*, especificamente, das falas das duas personagens centrais da película, quais sejam, Alexandre, que incorpora a figura do rei do carnaval, e Firmino, que encarna a figura do bufão, configurando o ritual ambivalente e biunívoco da coroação-destronamento (ou vice-versa), a partir do qual operam os atos de fala/corpo impolidos. Ao final do processo analítico, os autores apresentam a *impolidez carnavalizada* como uma categoria/conceito originária da frutífera interface entre a *carnavalização* e a *impolidez*.

A terceira unidade do livro, em que se apresentam análises discursivas das esferas religiosa e midiática da atividade humana, inicia-se com o expressivo artigo de Elias Coelho da Silva, intitulado **O mundo aos olhos da pregação religiosa pentecostal**, em que o autor desenvolve uma consistente reflexão sobre o conceito de gênero do discurso a partir das ideias de Medviédév (2019), para quem o gênero constitui um modo de ver e circunscrever uma

realidade. Para ilustrar a discussão teórica, o autor empreende uma análise de excertos de uma pregação proferida na igreja evangélica Assembleia de Deus Pernambuco, a fim de demonstrar que cada campo de atividade humana cria suas formas típicas de enunciado para refratar e moldar a vida a partir de seus valores e perspectivas.

Muito produtiva e atual é a discussão que Anny Angélica de Assis Maia de Lima, Jakelyne Santos Apolônio, Wanderleya Magna Alves e Orlando Silva de Oliveira fazem em **O influenciador digital como agente ideológico na cultura digital contemporânea**, texto em que os autores se propõem a compreender o posicionamento ideológico de um influenciador digital, no caso o Primo Rico, tomando como materialidade para análise enunciados produzidos no perfil do Instagram do *digital influencer*, especificamente, os três *publiposts* mais curtidos de sua página comercial à época. A partir da metodologia da Análise Dialógica do Discurso, os autores apontam como resultado o fato de que o influenciador digital utiliza-se da linguagem, estratégias e ferramentas digitais para angariar novos seguidores, influenciar mais pessoas e potencializar ganhos financeiros ou simbólicos.

Em **Bolsoagro: a construção discursiva da imagem de Bolsonaro no agronegócio**, Ilcilene Silva, Jailson José dos Santos, Anny Angélica de Assis Maia de Lima e José Cezinaldo Rocha Bessa empreendem uma relevante e atual análise acerca do movimento dialógico que se dá em torno da construção da imagem de Bolsonaro em produção discursiva sobre o agronegócio, mais precisamente do portal de notícias *Agronews*. Com esse intuito, os autores evidenciam como as escolhas sógnicas operadas em uma notícia publicada no referido portal se relacionam com o acabamento estético e, portanto, axiológico, de uma imagem convergente com os interesses do agronegócio. A partir do cotejo de textos e contextos conforme pressupõe uma análise dialógica do discurso, e tomando como base as noções de estética, dialogismo, ideologia, refração sógnica e vozes sociais, os autores buscam compreender como a produção discursiva reverbera a posição política do governo bolsonarista e de como esse eco se relaciona com a imagem agro de Bolsonaro.

A última unidade do livro é destinada à questão não menos importante no conjunto da obra, que é a do ensino de língua em perspectiva dialógica. E essa responsabilidade fica por conta de José Jilsemar da Silva, Nara Karolina de Oliveira Silva, Joseilda Alves de Oliveira e José Cezinaldo Rocha Bessa que, em **Desvendando fake news por meio do cotejo de textos: uma proposta de ensino em perspectiva dialógica**, observam de forma muito perspicaz e coerente que a escola cada vez mais está conectada com a vida das pessoas e com as formas de produção e circulação de sentidos nesse espaço. O artigo apresenta uma proposta de ensino para o trabalho com as *fake news* em sala de aula de língua portuguesa da educação básica e, para isso, fundamentados na concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, seus autores propõem atividades de leitura e de produção textual, seguindo o percurso de cotejar as relações dialógicas e ideológicas de/entre textos e a relação entre textos e contextos, sem perder de vista a análise dos elementos da materialidade dos textos. Com esse objetivo, os autores pretendem contribuir para a formação de uma consciência crítica dos alunos e de engajamento

deles no enfrentamento e no desvendamento de enunciados falsos e das estratégias de manipulação neles mobilizadas.

Esta obra, a despeito de muitos trabalhos já produzidos sobre os temas aqui re(tra/fra)dos, constitui mais um relevante elo na complexa cadeia da comunicação discursiva, trazendo valiosas contribuições sobre os estudos discursivos em suas variadas esferas de uso da língua e, sem dúvida, disponibiliza à comunidade leitora interessada nos temas propostos uma leitura indispensável para a compreensão de aspectos de nossa contemporaneidade que ainda estão em seu devir, no seu constituir-se, daí a complexidade da abordagem em seus aspectos teóricos e metodológicos, embora cuidadosamente trazida a público por experientes pesquisadores.

Pedro Farias Francelino - DLPL/PROLING/UFPB

APRESENTAÇÃO

Construindo trilhas outras com o pensamento bakhtiniano no sertão nordestino: atos responsivos e encontro de vozes e geografias na produção e circulação do conhecimento

[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma **Presença no mundo, com o mundo e com os outros**. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, **que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe**. (FREIRE, 1996, p. 18, grifos nosso).

Historicamente, a produção e a circulação do conhecimento científico socialmente valorado como de relevância e de referência em nosso país provêm daqueles espaços que são reconhecidos como os centros de excelência de pesquisa das universidades brasileiras. A maioria desses centros está, como sabemos, situada no eixo Sul/Sudeste do Brasil.

No caso da área de Linguística e Literatura, na qual nos situamos como pesquisadoras, é em centros do Sul e Sudeste que estão, geralmente, os programas de pós-graduação do Brasil com as melhores notas no sistema de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹. É no eixo Sul/Sudeste que estão, também, localizados os periódicos científicos que gozam de maior prestígio entre os pares de nossa comunidade, bem como as editoras de livro mais reconhecidas e procuradas por esses pares.

Ainda que regiões menos desenvolvidas socioeconomicamente, como o Norte e o Nordeste, tenham ampliado expressivamente, nos últimos anos, seus programas de pós-graduação², e muitos destes tenham avançado em qualidade nas mais recentes avaliações da CAPES, as nossas interações com pesquisadores do eixo Sul/Sudeste, quando se trata de estabelecimento e manutenção de vínculos mais estreitos, sob a forma, por exemplo, de parcerias de pesquisa e de produções científicas empreendidas e publicadas conjuntamente, ainda se mostram bastante pontuais e/ou muito tímidas, reduzidas a alguns poucos sujeitos pesquisadores. Um e outro pesquisador, detentor de um pouco mais de capital simbólico (BOURDIEU, 2004), é que acaba entrando nesse circuito e contando com a possibilidade de fazer parte dessa outra geografia.

É bem verdade que o trânsito das ideias entre os eixos mantém-se constante e bastante proveitoso, especialmente nas interlocuções que nós pesquisadores nordestinos estabelecemos

1 Dentre os programas considerados de excelência, aos quais são atribuídos notas 6 e 7, apenas 1 é do Nordeste (o Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba), e 29 estão situados no eixo Sul/Sudeste, conforme resultados finais da avaliação referente ao último quadriênio, 2017-2020, divulgados em 19 de dezembro de 2022. Mais informações estão disponíveis no link: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/avaliacao-quadrinial/resultado-da-avaliacao-quadrinial-2017-2020>. Acesso em: 20 dez. 2022.

2 E chegou, inclusive, nos rincões das cidades interioranas, como é o caso da cidade de Pau dos Ferros, cravada no interior do Semi-Árido nordestino. A referida cidade conta, hoje, com um mestrado e doutorado em Letras, ofertado no *Campus* Avançado da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

sob a forma de recepção de ideias e de produções oriundas do Sul/Sudeste. Esse trânsito, é claro, não deixa de ser fundamental e necessário para nosso crescimento enquanto pesquisadores e para o fortalecimento da área. A inquietação que nos provoca aqui, contudo, é no sentido de fazer pensar sobre a configuração do fluxo de produções e de ideias entre esses dois eixos, por acreditarmos que parece se perpetuar, de nossa parte, uma espécie de relação de dependência, ou até mesmo de uma certa reverência, em relação às ideias e conhecimentos de pesquisadores do Sul/Sudeste.

Acreditamos, entretanto, que o diálogo poderia ser um pouco mutuamente mais produtivo e enriquecido, se os sujeitos da cena acadêmica desses diferentes eixos pudessem conversar um pouco mais em termos de iniciativas de desenvolvimento de projetos conjuntos, de experiências de produções em parceria, de modo que pudessem espelhar (em sumários de livros, por exemplo) uma geografia mais diversa e plural do ponto de vista das origens das ideias, das vozes postas em evidência e dos autores/pesquisadores convidados para ocupar os espaços.

No campo dos estudos da linguagem, sentimos que as ideias, as vozes e os conhecimentos que emanam de pesquisadores do eixo Norte/Nordeste acabam ainda, salvo algumas poucas exceções, deixando de entrar no fluxo das ideias e dos conhecimentos considerados mais relevantes e produtivos da área, sobretudo quando levamos em conta obras que são concebidas como de referência, e, por conseguinte, de serem lidos por nós mesmos das bandas de cá. Sentimos, pois, a necessidade de ampliar a quantidade de obras/coletâneas que contemplem, e inclusive de forma mais significativa, produções relevantes que construamos em nosso eixo, de modo a permitir um pouco mais de espaço e de visibilidade às ideias de pesquisadores do eixo Norte/Nordeste.

Conscientes, pois, do nosso lugar no mundo, principalmente porque vivenciamos um tempo em que discursos de ódio e de xenofobia contra nós sujeitos desses espaços têm se propagado nas várias esferas sociais e dos mais diversos lugares de falas, esta publicação nasce como um grito, uma voz que se insinua nas trincheiras do pensamento e do universo das ideias. Na defesa de fortalecimento da comunhão de ideias e, ao mesmo tempo, da valorização e do reconhecimento de nossos estudos e pensares, e na esteira da lira do poeta cearense Patativa do Assaré (2010), em seu poema *Brasil de cima e Brasil de baixo*, reivindicamos e iluminamos a riqueza intelectual das bandas de cá, do fértil sertão nordestino, onde há transformação de dificuldades em farturas de letras e de produções científicas significativas. Bakhtinianamente, propomos uma justa e necessária entronização dos pensares dos pesquisadores do Norte/Nordeste, uma carnavalização acadêmica que nos permita festejar e rir como reis e brincantes na folia da praça pública e democrática do mundo das ideias.

Na dinâmica histórica da transformação do nosso território em solo fértil e propício à produção e circulação das ideias, aproveitamos para recordar os primórdios do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)³, que desperta sob o signo do farol, elemento esse que tem

3 É importante destacar que, desde as primeiras discussões para a implantação do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), o pensamento do Círculo de Bakhtin se constituiu como cerne da proposta,

sido usado, desde a mais remota antiguidade, para guiar navegadores e aventureiros quando se aproximam de terra ou de rochas que oferecem perigo às suas embarcações. Oliveira Neto (2010) rememorou, numa perspectiva tanto ensaística quanto cronística, o surgimento, por volta do ano de 1968⁴, dos primeiros cursos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em Mossoró, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, até a importância da expansão dos cursos de Letras para a região do Alto Oeste do estado, incluindo aí a cidade de Pau dos Ferros.

Como luz principal e mote da sua escrita, Oliveira Neto (2010) reporta a trajetória de criação do PPGL como resultado das luzes dos faróis que permitiram tanto aportar as embarcações do saber em terras propícias, como desviar de rochas e obstáculos que poderiam levar ao naufrágio. Sobre a gênese do programa, o ensaísta tece, de forma memorialista e poética, as seguintes palavras:

E recentemente, eis que se ergue mais um tour-de-force a que foi denominado pela alcunha de Programa de Pós-Graduação em Letras. A criação desse outro farol, mais potente e erguido na ponta do abismo, distante do farol-mãe, reformando novamente a estética e o conceito de centro, remodelando que o centro é, muitas vezes, o que supostamente está a margem, é, certamente, mais um elemento que se oferece como resposta ao que venho procurando com esse texto, que entre outras questões, é a questão central da importância dos cursos de Letras no Alto Oeste do Estado (OLIVEIRA NETO, 2010, p. 70).

Na esteira do pensamento desse autor, podemos dizer que o farol que se constitui o PPGL tem a missão de inviabilizar os afundadores, ou seja, os falsos faróis que atraíam as embarcações para o perigo. Essas zonas perigosas, no atual contexto, são caminhos enganosos apontados pelos mal fazedores da história, que se aproveitam da ignorância histórica e cultural para afundar as naus que querem aportar em terras firmes no solo dos sabres. Cabe a nós sermos faroleiros, geradores de luz, de maneira a apontar caminhos germinadores do pensamento crítico, sem perder de vista o cotejo com a história, especialmente neste momento em que o nosso PPGL completa seus 15 anos de existência e valsa no ritmo das mudanças proporcionadas pelos esforços dos seus navegadores e faroleiros⁵.

Esse contexto e essas condições que vivenciamos nessa geografia nos fazem acreditar na importância e na necessidade de colocarmos em evidência muito do que de bom e relevante produzimos sobre nosso universo e nosso território. Essa crença nos provocou na direção de conceber uma proposta de coletânea que desse conta de abarcar o que se produz, no Nordeste, no domínio dos estudos do discurso praticados em nosso país que compreende a perspectiva teórico-metodológica que se fundamenta nas ideias do Círculo de Bakhtin⁶.

revelando-se um aporte teórico central para se pensar a área de concentração em Estudos do Texto e do Discurso e suas linhas de pesquisa.

4 Ainda sob o peso do chumbo da Ditadura Militar e de sua lei do silêncio.

5 Sublinhamos aqui que o PPGL cresce em importância e relevância social na região e em qualidade na produção científica, o que se refletiu na obtenção da nota 5 na última avaliação da CAPES, referente ao quadriênio 2017-2020.

6 Optamos por não assumir a denominação Análise Dialógica do Discurso (ADD), como tem se consoli-

Foi seguindo esse modo de pensar o mundo e enfrentar o fazer pesquisa na pós-graduação que esta obra foi gestada. **Nas trilhas do pensamento bakhtiniano: reflexões e estudos sobre discurso, cultura e ensino** não dá, naturalmente, conta de toda a diversidade e riqueza do que se produz nesse domínio de investigação aqui no Nordeste. Nisso reside uma limitação desta obra, mas não uma razão para nos apagar e deixar de lutar para nos fazer presença no mundo.

Na configuração que ora apresentamos, a coletânea é, sem sombra de dúvidas, uma amostra reduzida de reflexões e estudos que trazem à luz produções de estudiosos do Círculo de Bakhtin, oriundas de estados do Nordeste. Neste volume, contamos com textos assinados por pesquisadores de cinco desses estados: Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Não estão, pois, contemplados outros quatro estados nordestinos, e, claro, tantos outros pesquisadores bakhtinianos radicados por essas bandas de cá, muitos dos quais, certamente, ainda nem os (re)conhecemos, e não porque sejam de menor importância para nós, mas porque, talvez, estejamos tão tendenciosos a escutar as mesmas vozes de sempre.

Nesta obra, o leitor conta com um conjunto de produções de pesquisadores professores do ensino superior (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Campina Grande e Universidade Federal Rural do Semi-Árido) de institutos técnicos (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano) e de escolas da educação básica das redes municipais e estaduais, de cidades como Itau/RN, Condado/PB, Santarém, PA, dentre tantas outras. São, ao todo, 21 pesquisadores e professores que têm, a partir de suas diferentes geografias e espaços de atuação, tomado as ideias do pensamento bakhtiniano para pensar a vida, a pesquisa e o ensino, em suas frentes de luta como agentes de mudanças sociais que são cada um deles.

Somos (re)conhecedores de que há tantas outras produções com as quais precisamos dialogar, de modo a dar a conhecer melhor essas vozes outras que desenvolvem, aqui, no Nordeste, trabalhos de orientação bakhtiniana que têm prestado relevantes contribuições aos estudos da área e à comunidade educacional em nosso país.

Uma peculiaridade desta obra é, assim, ser composta de produções de estudiosos ainda desconhecidos e ou pouco lidos, pelo menos a maioria deles, no cenário da pesquisa nacional empreendida no domínio das ciências da linguagem. Como uma iniciativa pensada na incerteza de aceitação e da adesão de colaborações, os pesquisadores que estão contemplados nessa proposta são, na maior parte, pessoas conhecidas dos organizadores e por estes convidadas para compor a obra, o que significa dizer, inclusive, que nomes de pesquisadores de referência nos estudos bakhtinianos desenvolvidos no nordeste não aparecem em nosso livro. Isso não quer dizer, de modo algum, que desconsideramos tais nomes e fizemos objeção às suas produções.

dado uma certa direção de fazer pesquisa no Brasil, na esteira das produções de Brait (2006, 2010, 2012), a partir da interlocução com as obras do Círculo de Bakhtin, porque queremos respeitar as diferentes direções declaradas pelos pesquisadores que assinam capítulos nessa obra, considerando que alguns deles optam, por exemplo, por nomeações como Estudos Bakhtinianos e/ou Filosofia da Linguagem do Círculo de Bakhtin.

O que ocorre é que optamos por dar espaço e vez a vozes e geografias que, no mais das vezes, estão às margens.

Nosso propósito converge, assim, na direção da ideia de dar voz a outros nomes, a outros sujeitos pesquisadores, no sentido de oferecer-lhes a possibilidade de, numa obra coletiva, reportar suas contrapalavras sobre os estudos bakhtinianos aqui desenvolvidos e reivindicar reconhecimento da identidade de sujeitos pesquisadores (e por que não, também, dos sujeitos pesquisados) que vivem em um território fora dos eixos que historicamente tiveram concentração de oportunidades, inclusive no que tange ao debate de ideias e à produção de conhecimentos.

Como poderão perceber, os capítulos reunidos nesta obra contemplam uma diversidade de reflexões e fenômenos, suscitando diálogos entre si e provocando abertura para respostas, como enunciados inconclusos e sempre abertos como são as criações humanas, dentre as quais se encontram as obras científicas. Conforme já sinalizamos aqui, os capítulos que compõem esta obra constituem nossos pensares e nossos modos de pensar e enfrentar o mundo, a pesquisa e o ensino, com base nas ideias do Círculo de Bakhtin. Não deixa de ser, também, um ato de resistência na busca por espaços e por reconhecimento de nossas existências como pesquisadores e como sujeitos dessa geografia singular que pensam o mundo e suas problemáticas com/a partir das ideias do Círculo de Bakhtin e que contribuem para o desenvolvimento social e educacional dessa região e para além dela.

Coletâneas futuras com propostas como esta se mostram, pois, empreendimentos necessários e oportunos para o fortalecimento da identidade das pesquisas bakhtinianas desenvolvidas no Nordeste, e não apenas daquelas desenvolvidas nos grandes centros dessa região; afinal, nós do Brasil de cá precisamos, seguindo o que nos ensina Freire (1996, p. 18), ser “Presença no mundo, com o mundo e com os outros”. Façamo-nos Presença!

Referências

- ASSARÉ, P. Do Brasi de cima e Brasi de baxo. In: CARVALHO, Gilmar de. **Antologia Poética** - Patativa do Assaré. 8. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. p.162-165.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- OLIVEIRA NETO, P. F. de. Um farol na noite. **Oeste** - Revista do Instituto Cultural do Oeste Potiguar: ICOP. Instituto Cultural do Oeste Potiguar, n. 11, maio de 2010. Mossoró: ICOP, 2010.
- BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012a. p. 9-29.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-31.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, n. 20, p. 47-62, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Pau dos Ferros, 25 abril de 2023.
Antonio Flávio Ferreira de Oliveira
Ciro Leandro Costa da Fonsêca
José Cezinaldo Rocha Bessa



UNIDADE I

REFLEXÕES SOBRE PRODUÇÃO,
CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DAS
IDEIAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

A PROPÓSITO DAS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS DO TEXTO DE MIKHAIL BAKHTIN “AS FORMAS DO TEMPO E DO CRONOTOPO”: SOBRE UMA NOÇÃO DIALÓGICA DE CULTURA

João Batista Costa Gonçalves
Marcos Roberto dos Santos Amaral

Introdução

Já temos discutido como o conceito de cultura pode ser compreendido pelos parâmetros da noção de dialogismo, pela qual entendemos a cultura como uma tensa cadeia de atos responsivos; noção que pode, inclusive, servir como uma compreensão alternativa e/ou complementar e, ao mesmo tempo, crítica de sentidos correntes do termo “cultura”, a exemplo da que a define como patrimônio, erudição e/ou identidade (GONÇALVES; AMARAL; 2022)⁷.

Por outro lado, no horizonte da teoria dialógica do discurso, um debate que ainda se torna indispensável a respeito da noção de cultura versa sobre sua relação com o conceito de cronotopo, uma vez que esta relaciona, como elementos interconstitutivos, uma compreensão de ser humano, de tempo e de espaço históricos⁸.

Assim, como uma forma de contribuímos, teoricamente ainda mais, para a discussão a respeito da compreensão tanto da noção de cronotopo, quanto o da de cultura, dentro do horizonte da Análise Dialógica do Discurso (ADD), neste capítulo, trataremos dessas duas noções, examinando algumas questões que singularizam cada uma delas nas duas versões de tradução disponíveis em língua portuguesa sobre o ensaio de Bakhtin “As formas do tempo e do cronotopo”⁹: uma presente no livro “Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance” (BAKHTIN, 2014), obra cuja primeira tradução direta do russo data de 1988 com a assinatura da equipe liderada por Aurora Fornoni Bernardini e composta por José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade; e a outra versão, vinda a lume em 2015, assinada pela tradução, também direta da língua de Bakhtin, por Paulo Bezerra (BAKHTIN, 2018)¹⁰.

É fundamental para a área dos estudos da teoria dialógica do discurso, a iniciativa de estudiosos em traduzir do russo importantes obras círculo-bakhtinianas, como fez Grillo e Américo (VOLÓCHINOV, 2018), ou de realizar nova tradução do russo, como procedeu

7 Outros trabalhos há que também vêm se preocupando com a noção de cultura na esfera dos estudos círculo-bakhtinianos, como, por exemplo, o de Ribeiro e Sacramento (2020).

8 Um estudo que trata especialmente de cronotopo é a obra organizada por Bemong; Borghart; Dobbeleer (2015). Um texto de caráter introdutório a respeito desta noção é de Amorim (2014).

9 Valemo-nos dessa expressão para referir sinteticamente os títulos “Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo” e “Formas de tempo e de cronotopo (ensaio de poética histórica)”, respectivamente, em Bakhtin (2018) e em Bakhtin (2014).

10 Para maiores detalhamentos das duas traduções dessa obra de Mikhail Bakhtin para o português, consultar Silva (2016).

Bezerra (BAKHTIN, 2018) na tradução do texto bakhtiniano “Teoria do romance II: formas do tempo e do cronotopo”. Acreditamos que as versões desse tipo trazem consigo o que se pode admitir como uma tendência na área de refinar questões teóricas, analíticas e terminológicas, a fim de maturar ainda mais as potências éticas da ADD.

Para tanto, assumimos a ideia de que é fundamental a discussão sobre o cronotopo delinear-se a partir da interconstitutiva relação entre as formas de organizar o tempo, o espaço e a personagem (a imagem do ser humano) e a refração de contradições históricas. E, como estamos destacando a relação entre cronotopo e cultura, estas questões são pertinentes para a compreensão da noção de cultura como prática dialógica, como frisamos de início.

Além disso, assumimos que as diferenças de tradução do ensaio bakhtiniano se orientam tanto por discussões dessa natureza a respeito do cronotopo e das tensões sociais, quanto pela tendência de refinamento onto-epistemológico da ADD iniciada nas iniciativas em prol de oferecer novas traduções das obras círculo-bakhtinianas.

Reconhecemos, assim, que a noção de cronotopo se funda na problematização das formas éticas e estéticas como uma obra refrata em sua composição complexas contradições históricas. Daí os diversos cronotopos serem avaliados conforme sentidos subjacentes se interconstituam através das referências indicadas na construção estética da relação entre tempo, espaço e personagens na enfabulação narrativa. Estes sentidos revelam as formas como convenções conservadoras e alienadas são reverberadas e como práticas transformadoras sinalizam formas de superação de sentidos e condutas retrógradas. Nesse sentido, percebemos, por assim dizer, uma “simpatia” especial de Bakhtin pelos cronotopos folclórico e rabelaisiano, marcados pela subversão de ordens reacionárias.

Tal percepção decorre do reconhecimento de que cultura deve ser compreendida como um ato ético, uma vez que implica determinadas práticas sociais situadas historicamente e consequentemente valores e condutas específicas num ininterrupto contraditório processo de constituição. Logo, quando observamos que as peculiaridades desta noção se explicam à semelhança de como se arquetam as relações dialógicas, sobretudo, as que sinalizam jogos de sentido de instabilização e estabilização de práticas sociais (GONÇALVES; AMARAL; 2022), buscamos destacar que cultura é “menos” uma questão teórica do que uma prática, uma vez que se delinea como resposta às diversas contradições sociais.

Esta compreensão, certamente, pode ser desenvolvida com os parâmetros teóricos-analíticos que subjazem ao conceito de cronotopo, como indicamos há pouco, a ser uma forma de apresentar uma compreensão de ser humano, tempo e espaço históricos que responde a valores e modos de agir de determinada época. Com vistas a este desenvolvimento, expomos a discussão a seguir.

Os diversos cronotopos e a problematização da “realidade concreta” na construção do tempo, do espaço e da imagem do ser humano nas práticas discursivas

Por ora, faremos uma breve síntese do percurso da arquitetura argumentativa de Bakhtin para desenvolver seu referido ensaio, a fim de, com ela, termos um panorama básico para considerarmos as questões que abordaremos a respeito das traduções estudadas.

Um importante elemento condutor das avaliações sobre os diversos cronotopos é a questão da refração da “realidade viva”, isto é, dos índices que problematizam as principais contradições que caracterizam a historicidade de uma produção humana. Bakhtin considera, por exemplo, o cronotopo do romance grego como o mais abstrato (BAKHTIN, 2018, p. 44), uma vez que nele, conforme o horizonte cultural da época, o ser humano não se modifica, nem possui o ativismo capaz de transformar a realidade, que, por sua vez, também é “desencarnada” - não se demarca enquanto época e lugar situados historicamente (que indicaria uma vontade de universalização típica da cultura da época).

Fundamentalmente, as características que Bakhtin destaca para particularizar os diversos cronotopos subentendem essa questão do situamento e da transformação porque passam o ser humano, o tempo e o espaço. É o caso das categorias de “simultaneidade casual”¹¹, a qual permite os diversos encontros entre personagens e os diversos acontecimentos que “por acaso” e “de repente” surgem e acontecem sem uma formação histórica, sem que seja desencadeado pelo ativismo de diversos personagens e acontecimentos concretos. E o de “heterotemporalidade casual”, com a qual o tempo parece ser o mesmo, do início ao fim da narrativa, por conta de que os episódios narrativos não indicam especificamente momentos e locais situáveis historicamente, podendo mesmo serem enfiados em qualquer canto e período, pois estão abstraídos de contextos concretos.

É o caso também das categorias de “alheio” e “próprio” (BAKHTIN, 2018), segundo as quais se experimenta dada realidade enquanto pertencente a um mundo familiar ou não, diante do qual as ações e posições tomadas são organizadas no enredo. E das de “aventura” e “provação” (BAKHTIN, 2018), a partir das quais, enredos são organizados por meio de acontecimentos que experimentam o valor das personagens e a nobreza de suas ações. Por conta delas, ainda se pode verificar a “ahistoricidade”, a peculiaridade abstrata, dos valores e caracteres das personagens que apesar de todo tipo de provocação mantêm-se com o mesmo estereótipo.

Outras categorias que se organizam em função da demarcação ou não dos “vestígios de época” são a de “metamorfose”, “vida privada”, “vida pública”, “funções do pícaro, do bufão e do bobo”, “mundo natal” e “alheio”, “estrangeiro”. A primeira, seja por mudança de condições sociais ou por maravilhosas transmutações em animais e/ou objetos e plantas, frutas, etc. com a qual as personagens por ter contato com experiências que nunca teriam de outra forma servem

11 Todos os termos e categorias aspeados, ao longo dessa seção, são de Bakhtin (2018).

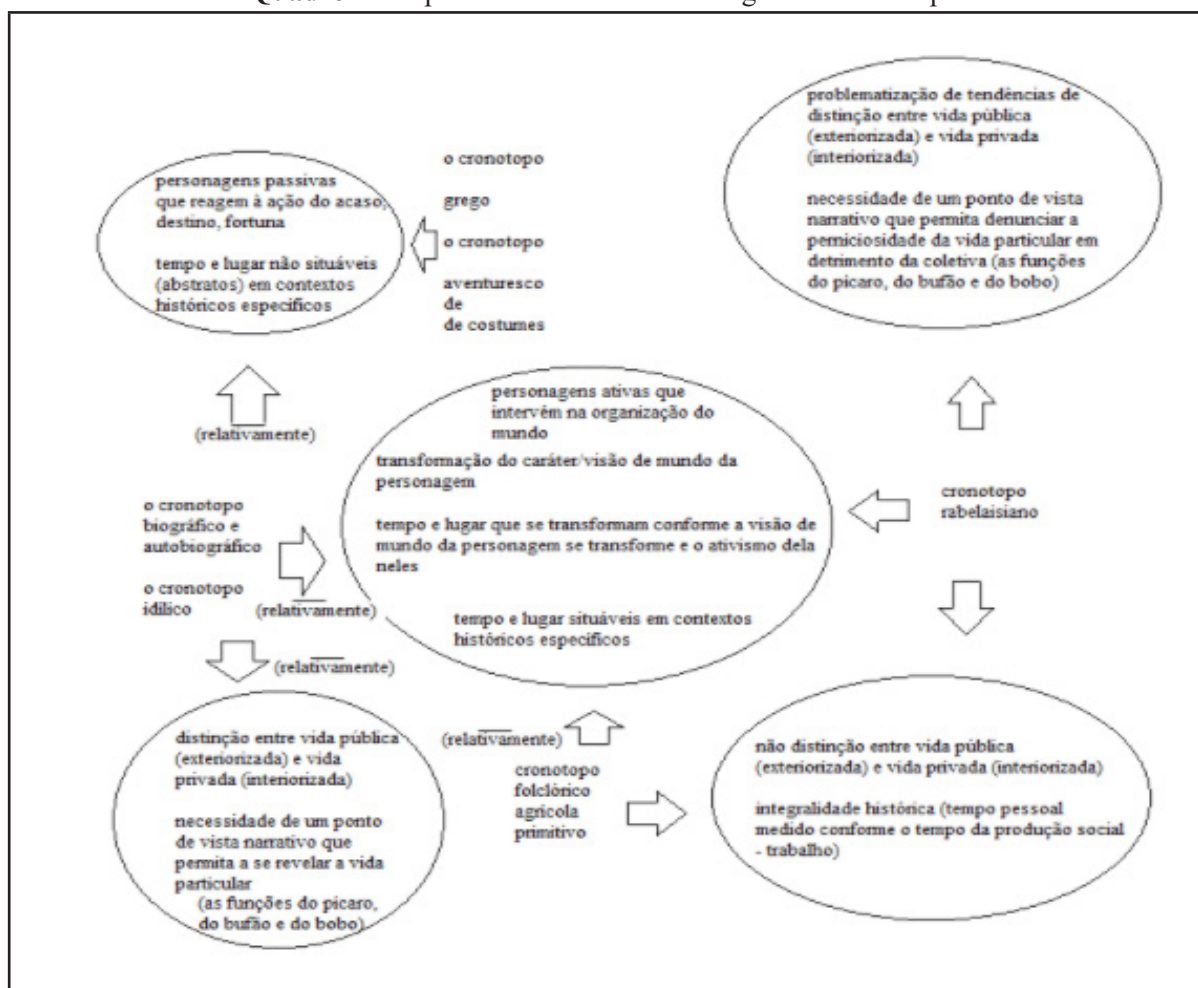
para transformar seus pontos de vistas e consequentemente suas condutas. Vida privada delinea-se por ser uma vivência apartada, desconhecida das demais vivências, precisando de um ponto de vista especial para ser revelada; enquanto que a pública é uma vivência externa, pois, nela, se confundem os interesses e atos pessoais com os do estadista, do popular, do herói da nação, etc., dispensando a problematização do ponto de vista que narra tal vida. Já as funções do pícaro, do bufão ou do bobo, por não naturalizarem qualquer tipo de conduta estabilizada e terem licenças (que “ganham” por não serem “levadas a sério”), como a de “espias” e “confidentes”, que outras pessoas não têm, servem justamente para provocar a revelação da vida interior, especialmente a que se quer esconder, daí a importância do crime e da prestação de contas dos atos e pensamentos feitos. Mundo natal e alheio, estrangeiro, são, por sua vez, familiaridades ou estranhamentos que se estabelecem com dada rotina, normas, valores e lugares, de maneira que sua ruptura determinante de condutas e valores específicos.

Com essa questão de perceber os vestígios do tempo histórico, Bakhtin (2018) apresenta as características básicas do cronotopo do romance grego, sofista e de provação; o do aventuresco de costumes; o do biográfico e o do autobiográfico antigos; o folclórico agrícola primitivo; o idílico; e o rabelaisiano.

Com esta discussão, até aqui, podemos reiterar que a noção de cronotopo permite uma discussão sobre a noção de cultura, uma vez que tematiza de que forma se representa uma concepção de ser humano, de tempo e de espaço em interação e que esta representação revela formas distintas de organização das práticas materiais e simbólicas que estruturam as relações sociais. Dessa forma, salienta-se uma “ideia” de cultura como formas de atuação na vida social, por isso, como prática dialógica.

Para ilustrar, com fins didáticos, as peculiaridades básicas a partir das quais Bakhtin distingue cada um dos cronotopos estudados, arquitetamos o seguinte quadro.

Quadro 1 - as peculiaridades básicas dos grandes cronotopos



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Em suas “Observações finais” (escrita mais de trinta anos depois do restante do ensaio), Bakhtin discute para concretizar/exemplificar os grandes cronotopos gerais discutidos no todo da obra e ilustrados sobretudo com autores da antiguidade e renascença¹², específicos cronotopos característicos de narrativas mais recentes, elucidadas por autores e obras do séc. XVIII e XIX: o cronotopo do encontro, da estrada, do castelo; do salão de visitas; do limiar; da rua e da praça.

De fato, a questão da problematização do tempo histórico na organização interconstitutiva das estruturas discursivas como lugares, tempos, valores, ações e personagens orienta a apreciação que Bakhtin faz dos cronotopos, destacando aquele que mais preserva as potências da “integralidade histórica” que se arquiteta através da problematização das contradições sociais refratadas na organização das relações narrativas espaço-tempo-ser humano. Bakhtin

12 O que não quer dizer que, atualmente, em diversas narrativas, seja as que aparecem em romance ou em histórias contadas em TV e em cinema, esses cronotopos ainda não sejam produtivos. Podemos destacar, por exemplo., o caso de séries como “Grey’s Anatomy”, ou “Dr House”, valerem-se das características da provação do herói ou de espaços narrativos abstratos (hospitais modelos) os quais se delineiam com ações extraordinárias que ocorrem “de repente” na hora e lugar certo por “acaso”, feitas por (super) heróis, isto é, por sujeitos com qualidades extraordinárias.

explica, nesse contexto teórico, que a cisão entre vida privada e pública decorre de um apartamento do sujeito da experiência coletiva de produção e consumo dos saberes e poderes que a sociedade produz. O sujeito passa, assim, a medir sua existência por um tempo diferente do da vida pública, como se não participasse dela. Por força disso, torna-se um sujeito alienado e destruidor dos valores positivos da vida coletiva, sobretudo, a alegre construção e distribuição do que a sociedade pode fazer para o usufruto geral do bem comum.

Por outro lado, o cronotopo rabelaisiano cujos fundamentos respondem às potencialidades do cronotopo folclórico agrícola primitivo distingue-se pela não inversão histórica, ou seja, pelo fato de não protelar para um futuro distante ou idealizar em um passado irrecuperável a ideia do usufruto coletivo dos saberes e poderes produzidos coletivamente. Isto ocorre, especialmente, por não cindir o público que produz do privado que consome. É esta cisão que dispara as relações de concentração de saberes e poderes e exclusão de sujeitos marginalizados dos bens materiais e simbólicos da sociedade.

Será com essa perspectiva que selecionamos e discutimos algumas mudanças que a versão de Bezerra traz diferentemente da de Bernardini *et al.*

A tradução do ensaio bakhtiniano a partir do ponto de vista de um pesquisador consagrado nos estudos dialógicos do discurso

Já no primeiro capítulo de “As formas do tempo e do cronotopo”, uma diferença nas traduções diz respeito à questão da organização das diversas ações que compõem a narrativa. Elas podem estar enredadas numa relação genética: cada ato é uma resposta a outros que se encadeiam de maneira a deflagrar determinado contexto de ação, ou numa relação casual, isto é, por coincidências do destino, sorte, fortuna, azar, dentre outras entidades que explicam episódios que ultrapassam o poder de ação humano. Este segundo caso relaciona personagens passivas que reagem à ação do acaso e ações que ocorrem extraordinariamente, fabulosamente, por assim dizer, impossíveis na “vida real”

Bezerra, na sua tradução, se vale dos termos “simultaneidade casual” e “heterotemporalidade casual” (BAKHTIN, 2018, p. 38) delineando a noção de que o curso “normal e pragmático” da vida, com seus “acontecimentos” banais, ordinários, é interrompido pelo “mero acaso” que “extraordinariamente”, na hora certa e no lugar certo, sem qualquer motivação histórico-coletiva (que não seja de interesse privado-individual da personagem), intervém como coadjuvante que facilita ou prejudica a vida pessoal da personagem. Já Bernardini *et al.* se valem de “concomitância fortuita” e “não concomitância fortuita” (BAKHTIN, 2014, p. 229) para tal. Destaca-se também que Bezerra escolhe “alheio” (BAKHTIN, 2018, p. 33) diferentemente da de Bernardini *et al.* (BAKHTIN, 2014, p. 229) que utilizam “estranho”.

Essas escolhas podem ser enquadradas como alterações que respondem a um “projeto” de adequação teórica e analítica que autores e/ou tradutores formados e atuantes dentro do escopo onto-epistemológico da ADD empreendem. O termo “alheio” tanto é utilizado em toda

obra do Círculo quanto indicia a importância da relação eu-alteridade para a fundamentação dos conceitos e categorias dialógicos, já “heterotemporalidade” aproxima-se de outros neologismos que compõem o seu repertório terminológico. Esta escolha, especialmente, suscita grandes debates na área sobre os problemas (ou possibilidades) que flutuações terminológicas promovem.

A escolha por “particular” em lugar de “isolado” se insere nesse projeto no sentido de salientar a questão da relação localismo *versus* estrangeirismo, através da qual, por exemplo, o cronotopo idílico se estabiliza; da relação mundo privado e público, através da qual, por exemplo, o cronotopo biográfico se estabiliza.

Além disso, essa escolha enfatiza a relação entre singularidade e universalidade. Nesse caso, a eleição do termo “particular” responde ao interesse de Bakhtin em destacar o caráter positivo da singularidade do ato responsável humano, da resposta responsiva de cada enunciado concreto nas cadeias ideológico-dialógicas da qual nenhum ser humano pode escapar, como se discute detidamente em “Para uma filosofia do ato responsável” (BAKHTIN, 2010).

Nesse sentido, a escolha de Bezerra requererá do estudioso uma atenção especial, uma vez que esse sentido positivo não é o que ocorre em “marcas de época, ou seja, de certo conjunto temporal, que abrange e unifica episódios particulares da vida cotidiana” (BAKHTIN, 2018, p. 70), o que se se for cotejado com a escolha de Bernardini *et al.* pode ser referendado: “indícios de tempo, isto é, de uma certa entidade temporal, que envolve e unifica episódios isolados da vida cotidiana” (BAKHTIN, 2014, p. 249). Com efeito, “particular” está posto aí tematizando a noção de isolamento, como é enfatizado na versão de 2014, entendida enquanto privatização da vida (em oposição ao valor positivo da vida coletiva que responde à medida de tempo do trabalho primitivo, como celebração e distribuição das produções humanas).

Podemos dizer que esse mesmo efeito semântico na tradução ocorre com o uso do termo “cotidiano”. Em geral, na obra do Círculo de Bakhtin, destacando-se “Marxismo e Filosofia da Língua” (VOLÓCHINOV, 2018) e “Problemas da Poética de Dostoiévski” (BAKHTIN, 2015), o termo é utilizado na sua acepção positiva de subversão do oficial conservador, do reacionariamente neutro, do pernicioso sério. No entanto, em “As formas do tempo e do cronotopo”, Bakhtin se vale do termo “cotidiano” na sua acepção de forma banal, alienada, mecanizada de conduta que, numa relação de abuso de poder, tenta apagar os índices de ativismo, da singularidade, da particularidade do sujeito.

O que estamos a afirmar pode ser ilustrado no exemplo anterior quanto nos seguintes com as seguintes passagens do ensaio bakhtiniano:

mais amiúde ele é um pícaro, que alterna entre as diferentes linhas dos costumes e não ocupa no cotidiano nenhum espaço definido, que joga com o cotidiano, não o leva a sério (BAKHTIN, 2018, p. 60)¹³.

a maioria das vezes trata-se de um tratante que veste as diferentes máscaras

13 Quando dermos exemplos mais longos, apresentaremos a versão de 2014 seguida da de 2018.

da vida cotidiana, que não ocupa nenhum lugar determinado na vida rotineira, que brinca com ela, que não a leva a sério (BAKHTIN, 2014, p. 243).

o próprio mundo cotidiano em Apuleio é estático, nele não há formação (por isso não existe um tempo uno nos costumes). Contudo, nele se revela uma diversidade social. Nessa diversidade ainda não se revelaram as contradições sociais (BAKHTIN, 2018, p. 69).

em Apuleio, o próprio mundo cotidiano é, em si, estático, nele não há porvir (por isso não existe um tempo único da vida cotidiana), entretanto, revela-se nele uma multiformidade social. Nessa multiformidade ainda não surgiram contradições sociais (BAKHTIN, 2014, p. 248-9).

o universo da vida cotidiana está disperso e fracionado e carece de vínculos substanciais. Ele não é penetrado por uma série temporal com suas leis e necessidades específicas (BAKHTIN, 2018, p. 68).

o mundo do cotidiano está disperso, fragmentado e privado de laços substanciais. Ele não está impregnado por uma série temporal com a sua conformidade e necessidade específica (BAKHTIN, 2014, p. 248).

Outro ponto a ressaltar é que há algumas escolhas nas traduções em cotejo que respondem à terminologia que se estabilizaram nos estudos dialógicos. É o caso de “discursivo” em lugar de “verbal”, o que garante a adequação aos fundamentos verbivocovisuais que são familiares à teoria dialógica da linguagem, como em: “formas linguísticas e discursivas” (BAKHTIN, 2018, p. 225) em lugar de “formas linguísticas e verbais” (BAKHTIN, 2014, p. 354).

A preferência de Bezerra pelo termo “axiológico” em detrimento de “valioso” ilustra bem a necessidade de uma adequação terminológica diante do que já se consagrara na ADD enquanto objeto analítico e teórico. O termo valioso não consegue responder adequadamente aos problemas e noções que a categoria de “axiológico” apresenta nesses estudos.

É o caso também da escolha do tradutor da palavra “limiar” em detrimento de “soleira”, como em: “cronotopo do limiar” (BAKHTIN, 2018, p. 224) em lugar de “cronotopo da soleira” (BAKHTIN, 2014, p. 354), a qual responde aos termos consagrados pelos estudos sobre o romance polifônico dostoievskiano. Já a seleção da palavra “terceiro” substituindo “espectador” se insere aqui do mesmo modo. Vejam-se os trechos:

já na vida pública, qualquer acontecimento que tenha a mínima importância social, tende, por essência, à publicidade, pressupõe por necessário um terceiro, um juiz que aprecia (BAKHTIN, 2018, p. 61).

A vida pública, como qualquer acontecimento que tenha algum sentido social, dirige-se ao público, pressupõe obrigatoriamente expectador, um juiz, um avaliador (BAKHTIN, 2014, p. 244).

Todas essas passagens “trazem à cena” a importante questão do que Bakhtin (2010, p. 75), em “Para uma filosofia do ato responsável”, coloca como “o problema do legislador”

(talvez fosse uma questão a ser discutida nas partes não concluídas). Em “Estética da Criação Verbal”, em particular no ensaio “Apontamentos de 1970-1971”, Bakhtin (2011, p. 372) discute a relação entre a testemunha e o juiz, problematizando, assim, a questão das formas distintas que diversos sujeitos possuem diante de dada realidade.

Este debate pode ser desenvolvido quando Bakhtin discute a necessidade de se justificar o ponto de vista narrativo no romance ao contrário da epopeia, que, por não explorar a personagem privada, “encenava” sempre atos públicos, ou seja, de conhecimento e de importância para a vida de todos. Esta necessidade começa a ser resolvida com as funções do pícaro/trapaceiro¹⁴, do bufão e do bobo que tinham a permissão de auscultar e revelar a vida privada das pessoas, juntamente com personagens transmutadas em coisas e animais que conseguiam descobrir aquilo que as pessoas buscavam esconder em segredos particulares e com enredos organizados em ações criminais e de julgamento desses crimes.

Essas últimas questões já se aproximam das que trataremos a seguir, que tratam de termos que não estão “consagrados” nos debates da área.

Os nós das traduções e o desenvolvimento de questões teóricas

Destacamos, nessa seção, algumas escolhas linguísticas nas traduções do ensaio bakhtiniano em análise que podem especialmente gerar grandes debates para o desenvolvimento da ADD, já que não parecem oportunizar uma “consagração” de um termo, ao passo que abre discussões sobre o devido entendimento de determinadas noções da teoria dialógica. A discussão sobre a arquitetura da noção de gênero do discurso em tema, estilo e composição é refratada nas diversas escolhas de tradução entre as versões de 2018 e 2014. A esse respeito, por exemplo, há, na versão de Bezerra, as seguintes expressões linguísticas:

típicos de gêneros e formadores de enredo (BAKHTIN, 2018, p. 228).

caráter típicos de gêneros (BAKHTIN, 2018, p. 227).

significado de enredo e figurativo (pictórico-sensorial/de cena) (BAKHTIN, 2018, p. 226-7).

ponto de vista do enredo e da composição (BAKHTIN, 2018, p. 222).

Essas expressões “correspondem” às de Bernardini *et al.* que listamos abaixo:

tipicamente temáticos e formadores de enredo (BAKHTIN, 2014, p. 357).

caráter típicos de gêneros (BAKHTIN, 2014, p. 356)

significado temático e figurativo (sensivelmente concreto/“cenas”) (BAKH-

14 As expressões concorrentes são, respectivamente, as escolhas de Bezerra e de Bernardini *et al.*

TIN, 2014, p. 355).

ponto de vista temático e composicional (BAKHTIN, 2014, p. 352).

Nessas passagens, desponta-se uma confluência entre os termos/noções/categorias “tema”; “enredo”; “cena”; “figuração”; e “composição”, termos/noções/categorias que são mobilizados quando Bakhtin discute a noção dialógica de gênero discursivo. Talvez não se pode, pacificamente, como ocorre com a preferência de “discursivo” à “verbal” ou “limiar” à “soleira”, definir a propriedade de um termo ou outro. O que não é problema, como vimos, visto que tal confluência pode ensejar novas visadas para o debate sobre as relações que os conceitos/noções/categorias mantêm entre si e de que forma essas podem “refinar” os objetos teóricos e analíticos da ADD.

As versões a seguir participam da construção da possibilidade de novas visadas no sentido de salientar que é muito importante cotejar as diversas versões de dada obra a fim de problematizar as formas que cada uma fará circular e os efeitos que perpetrarão. Em geral, as modificações da versão de Bezerra encerram o projeto de adequação teórica da tradução ao que os estudos dialógicos estabilizaram em termos de noções, categorias e terminologias. No entanto, é preciso estar bastante atento para atinar quanto ao “motivo teórico” de determinada escolha. Os termos “ambiente”; “paisagem”; “fundo”; “cena”; e “horizonte” constituem uma familiar discussão sobre exotopia e cronotopo em “Estética da Criação Verbal” (BAKHTIN, 2011) remetendo às funções de refração do grande e pequeno tempo, das relações históricas micro e macropolíticas na organização da posição do sujeito que percebe outros sujeitos em tempos e lugares específicos. Bezerra não os salientou, como se vê:

nasce uma “paisagem”, ou seja, a natureza como um círculo (objeto de visão) e um entorno (um plano de fundo, uma situação) (BAKHTIN, 2018, p. 87).

nasce uma “paisagem”, isto é, a natureza como horizonte (objeto de visão) e ambiente (fundo, cenário) (BAKHTIN, 2014, p. 261).

Este é um caso que evidencia mais uma homérica tarefa dos estudiosos de alguma área, a saber, além de cotejar as diversas versões de uma obra na língua nativa (juntamente com as diversas apropriações delas nos paratextos comentadores e críticos - artigos, resenhas, teses, orelhas de livro, etc.), se possível, deve apreciar o original estrangeiro e/ou da versão estrangeira utilizada para a tradução em língua vernacular, com vistas a um “refinamento” que é preciso para a consolidação de uma teoria.

No mesmo sentido, está a escolha em não topicalizar o termo “máscara”, muito importante para a compreensão do cronotopo rabelaisiano, por força de ele se constituir por meio das funções bufas de desmascaramento da pernicioso convencionalidade da seriedade malsã, embora, em outro momento, Bezerra se utilize do termo “desmascaradora” (BAKHTIN, 2018, p. 207) em lugar de “reveladora” (BAKHTIN, 2014, p. 342), como destacamos nas passagens

a seguir:

mais amiúde ele é um pícaro, que alterna entre as diferentes linhas dos costumes e não ocupa no cotidiano nenhum espaço definido, que joga com o cotidiano, não o leva a sério (BAKHTIN, 2018, p. 60).

a maioria das vezes trata-se de um tratante que veste as diferentes máscaras da vida cotidiana, que não ocupa nenhum lugar determinado na vida rotineira, que brinca com ela, que não a leva a sério (BAKHTIN, 2014, p. 243).

Outro “nó” que requererá, a quase inacessível consulta do original, para o estudioso comum decorre em função de alterações que retiram ou acrescentam certos sintagmas:

[as máscaras dão] o direito de conduzir a vida pelo cronotopo intermediário do palcos teatrais, de representar a vida como uma comédia e as pessoas como atores; o direito de arrancar as máscaras dos outros; *o direito de insultar com um insulto (quase cultural)*; por último, o direito de dar publicidade à vida privada com todos os esconderijos mais secretos (BAKHTIN, 2018, p. 114, destaque nosso).

[as máscaras dão] o direito de conduzir a vida pelo cronotopo intermediário do palcos teatrais, de representar a vida como uma comédia e as pessoas como atores; o direito de arrancar as máscaras dos outros, finalmente, o direito de tornar pública a vida privada com todos os seus segredos mais íntimos (BAKHTIN, 2014, p. 278).

Vê-se que, em Bakhtin (2018), há na tradução um sintagma nominal, o qual destacamos, inexistente na versão da tradução de Bakhtin (2014).

Enfim, discutiremos algumas passagens que acreditamos serem dignas de menção e que não conseguimos “enquadrar” nos casos de propriedade teórica, nem necessariamente implicaria uma consulta no original ou no texto fonte para se “verificar” o motivo de sua escolha que é tão distante da outra versão, pensando-se em problemas que fundamentam os debates da área.

Selecionamos alguns casos em que são criados neologismos ou assimilados termos de outras áreas ou ainda modificações que reverberam outros diálogos sociais sem concernir diretamente às teses da ADD. No primeiro caso, tem-se “*emblemática realista*” (BAKHTIN, 2018, p. 215; 206; 199) em referência à refração das práticas concretas da produção social fundadas na materialidade corporal e simbólica, comida, bebida, celebração e distribuição da colheita, experimentação do tempo segundo o trabalho coletivo (não é à toa que este estudo é uma espécie de fundamentação para a análise de “Gargântua e Pantagruel” em “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”¹⁵ (BAKHTIN, 1987) em que o teórico russo destaca o crono-

15 Considerando a tendência de obras círculo-bakhtinianas estarem sendo traduzidas por pesquisadores renomados nos estudos dialógicos e o fato de que a tradução de “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento” é de Vieira, que participa também da primeira versão de “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014), obra a qual, como se sabe, já ganhou uma versão de consagrados estudiosos especializados na área (com Grillo e Américo (VOLÓCHINOV, 2018)), podemos já criar expectativas positivas para

topo folclórico por se arquitetar através da integralidade, indivisibilidade, entre vida coletiva e pessoal). A versão da tradução de 2014, por sua vez, traz “simbolismo realista” (BAKHTIN, 2014, p. 347; 341; 337) para tal.

Destaca-se aqui também “concrecência” (BAKHTIN, 2018, p. 177) e “concrecidas” (BAKHTIN, 2018, p. 224), ao passo que a versão de 2014 traz termos derivados de “ligação” (BAKHTIN, 2014, p. 322 e 353), para referir os índices próprios da vida concreta ligados às práticas do trabalho popular coletivo marcados por relações positivas com o princípio material corporal, isto é, a vida significada/medida/arquitetada segundo valores relacionados à vida seminal e frutífera do corpo e da terra, na sua naturalidade, ciclos de renovação das estações, das colheitas, do nascimento, da higiene e da maturação (BAKHTIN, 2018).

Já, nos trechos a seguir, se pode entrever uma preferência pela tematização de debates quanto à “perniciosidade” de práticas alienadoras, alienadas e/ou estrategicamente reificadoras das esferas midiáticas na versão de Bezerra.

nenhum gênero ficcional pode construir-se com base em um entretenimento vazio. Ademais, para ser entretenimento ele deve tocar alguma substancialidade (BAKHTIN, 2018, p. 40).

nenhum gênero artístico pode ser construído sobre o que é simplesmente interessante. Para ser interessante ele deve tocar em algo de essencial (BAKHTIN, 2014, p. 230).

Num mesmo tom, podem ser compreendidas as diferenças entre “prático-interesseiro” (BAKHTIN, 2018, p. 204) e “gananciosamente prático” (BAKHTIN, 2014, p. 340), bem como as entre “sobrenatural” (BAKHTIN, 2018, p. 105; 107; 124) e “[mundo do] além” (BAKHTIN, 2014, p. 272; 273; 285).

Podemos destacar, para o último caso, o do diálogo com outras áreas:

A autoconsciência [...] [ignora] por completo outros elementos igualmente íntimo-pessoais, “egoicos”, singular-individuais da autoconsciência (BAKHTIN, 2014, p. 79). A consciência [...] não conhece absolutamente outros aspectos intimamente pessoais, “*por si só*”, individuais e irrepetíveis (BAKHTIN, 2014, p. 255).

O termo “egoico” é uma assimilação de expressões comuns à psicanálise (inclusive com a qual o Círculo trava um construtivo diálogo crítico¹⁶). É certo que não asseveramos que o tradutor deve assumir esse projeto de pautar suas escolhas segundo a necessidade de alinhamento com determinadas críticas sociais e com outras áreas do conhecimento. Em nossas ponderações, como anunciamos, problematiza-se, estritamente, as singularidades teóricas e analí-

a possibilidade de uma nova tradução de “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”.

16 Ver BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **O Freudismo**: um esboço crítico. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. Destaque-se que esse livro, à semelhança de **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, constitui o que os bakhtinólogos chamam de obra com autoria disputada, pois ela está também sob a assinatura de Valentin Nikolaevich Volochinov.

cas que emergem dos dois atos de traduzir “As formas do tempo e do cronotopo”. Orientamos nosso debate em relação com os atos de consolidar cada vez mais teoricamente uma teoria e o de responder aos “imperativos” que as noções fundamentais dessas noções e teorias propõem, juntamente com os relativos a debates públicos importantes nos quais os demais atos se constituem. Especialmente, dentre estes, o debate sobre a noção de cultura.

Enfim, estas questões podem servir para “iluminar” algumas questões cujo cotejo das duas traduções em língua portuguesa de “As formas do tempo e do cronotopo” enseja, a fim de se robustecer, cada vez mais, as potências analítico-teóricas da ADD, mirando como estas questões relacionam-se com a noção dialógica de cultura. Com elas, podemos agora partir para nossas considerações finais.

As potências teóricas e éticas que as traduções revelam

Antes de tratarmos estritamente dos corolários de nossas discussões, destacamos que outras questões podem ser salientadas quanto a Bakhtin (2014) e a Bakhtin (2018), a saber, o fato de que a versão de Bezerra traz traduções que circulam em edições em língua portuguesa das obras citadas no ensaio, por exemplo, a de David Jardim Júnior (com algumas modificações) de “Gargântua e Pantagruel” pela editora Villa Rica, de 1991. A versão de Bernardini *et al* traz as “traduções das traduções indiretas” que Bakhtin fizera ou o texto original (não traduzido), por exemplo, o primeiro caso é o de Goethe e de Dostoiévski, e o segundo, o de Rabelais.

Podem ainda ser discutidos os acréscimos que cada versão traz em notas dos tradutores. Por exemplo, Bezerra (BAKHTIN, 2018, p. 167), numa passagem de Marx e Engels, no final do capítulo “O cronotopo Rabelaisiano”, indica uma fonte em língua portuguesa, explicitando o título da obra, o que não aparece em Bakhtin (2014), quando os tradutores indicam a nota do autor que referenciou apenas o título da coletânea russa “Obras”. Ou mesmo ainda questões mais específicas sobre a organização do texto no que toca à divisão de parágrafos.

Enfim, este capítulo tão somente procurou explorar algumas das possibilidades que o estudo das duas traduções oportuniza, sobretudo, aquelas que permitem discutirmos quais os efeitos e como se delineiam a participação de pesquisadores formados e formadores de outros pesquisadores inseridos nas esferas dos estudos dialógicos, porque elas iluminam questões a respeito de pontos de vistas sobre o ser humano e a realidade histórica concretos. Estas questões são determinantes para a compreensão dialógica de Cultura, como enfatizamos.

As diferenças de cada tradução do ensaio bakhtiniano se avizinham de importantes debates públicos sobre a relação com outras áreas e com a crítica social, como quando discutimos sobre os “nós” da tradução. Também, elas podem refinar a “propriedade” de determinadas noções, categorias e terminologias, como quando tratamos das peculiaridades de uma tradução feitas por um “especialista” atuante na área, conforme estas questões teóricas estejam orientadas pela problematização da relação entre as maneiras de constituir composicionalmente determinada obra e as de refratar as transitoriedades históricas nessa mesma obra.

Sobre a relação entre cronotopo e realidade concreta e viva, pudemos perceber também que tais questões são “aprofundadas” na medida em que são associadas com a responsabilidade ética de “valorar” dada obra também pela forma como ela “reelabora” questões públicas, denunciando contradições sociais e anunciando a alegre positividade das transformações orientadas para a disseminação dos poderes e saberes sociais (o cronotopo folclórico agrícola primitivo e rabelaisiano).

Conclusão

Para finalizar este capítulo, destacamos a ideia de que cultura pode ser comumente compreendida como conjuntos de valores e costumes; do mesmo modo que um componente valorativo distintivo de progresso; ou um patrimônio simbólico de dada comunidade. A partir dos estudos círculo-bakhtinianos, podem-se fazer a crítica a estas noções, uma vez que elas se delineiam especialmente por indiciarem um conjunto de características dadas, e não como um processo contínuo e contraditório. Elas são, assim, delineadas, pois, desvinculando-se das maneiras materiais e simbólicas dos diversos agenciamentos históricos que estabilizam e desestabilizam, ininterrupta e contraditoriamente, as diversas ordens sociais, daí sua possibilidade de ser explicada à semelhança de como as relações dialógicas se interconstituem.

Sendo assim, um aprofundamento sobre de que maneira se performatiza uma imagem de ser humano agindo numa historicidade específica, discussão a qual a noção de cronotopo enseja, é bastante “produtiva”. Ainda mais, quando desenvolvida estritamente envolvendo questões mais específicas da base teórica da área, como as levantadas quando se cotejam questões sobre tradução dos seus livros fontes.

Em suma, defendemos um ponto de vista mais amplo sobre como uma compreensão dialógica de cultura pode ser desenvolvida, assumindo a noção de cultura como uma transitória cadeia responsiva que envolve a constituição cronotópica de sujeitos históricos situados em realidades concretas específicas, também, realidades e sujeitos, transitórios (e não apenas um conjunto aprioristicamente determinado – conclusivo, acabado – de traços, valores, condutas, conhecimentos, típicos).

Referências

SILVA, A. P. P. F. Resenha da obra BAKHTIN, M. Teoria do romance I: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015. 256p. **Bakhtiniana**, v.11, n. 1, p. 264-269, 2016.

GONÇALVES, J. B. C.; AMARAL, M. R. S. A Cultura como Prática Social Dialógica. In: ALENCAR, C. N.; FERREIRA, D. M. M.; RAJAGOPALAN, K. **Interstícios entre Linguagem e Cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 2022. p. 39-85.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014. p. 95-114

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução DE Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I**: a estilística. Bezerra, Paulo. Botcharov, Serguei; Kójinov, Vadim. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. Equipe de tradução Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. São Paulo, Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco São Carlos: Pedro e João editores, 2010.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

BAKHTIN, M. **O Freudismo**: um esboço crítico. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BAKHTIN, M., VOLOCHÍNOV. V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnic e Carlos Henrique de Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 2014.

BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M. **Bakhtin e o Cronotopo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. **Linguagem, Cultura e Mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

PERCALÇOS DE UM PERCURSO DE PESQUISA: CONTRIBUIÇÃO AO CAMPO DE ESTUDOS BAKHTINIANOS

José Radamés Benevides de Melo

Introdução

Neste capítulo, meu intuito é discorrer sobre minha trajetória de pesquisa durante o doutorado. Justifico-me desde já: apesar de termos presenciado, na última década, um grande aumento na quantidade de pesquisas no campo que se convencionou chamar no Brasil de estudos bakhtinianos, há ainda, para pesquisadores iniciantes ou para aqueles que querem adentrar esse campo, muitas dúvidas sobre como desenvolver a pesquisa. Evidentemente, neste texto, não vou oferecer fórmulas mágicas, “macetes” ou algo que os valha, mas tão somente colo-co-me a relatar minha trajetória de pesquisa no doutorado, como uma experiência concreta de investigação científica fundamentada na filosofia dialógica da linguagem do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov, com vistas a discorrer sobre alguns percalços enfrentados durante o processo.

Suponho que compartilhar experiências de pesquisa seja um procedimento de grande importância para todos os campos do conhecimento científico e suponho também que todos/as os/as interessados/as têm muito a ganhar com o compartilhamento dessas experiências. Não especificamente com esta de que falo, mas com quaisquer que sejam.

Tendo isso em vista, o relato que farei a partir de agora, diz respeito à pesquisa que desenvolvi no doutorado, realizado sob a orientação da professora Dra. Luciane de Paula, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sediado na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP/FCLAr. O título do trabalho final foi *Vozes sociais em construção: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais*, defendido em abril de 2017.

O intuito perseguido e alcançado com essa pesquisa foi “[...] analisar a constituição de vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria – por meio das relações dialógicas, do discurso bivocal (polêmicas aberta e velada) e do *autor* – no diálogo entre *Diário do hospício*, *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais.” (MELO, 2017, p. 29). No entanto, não pretendo fazer um relato de como o objetivo geral da tese foi alcançado. Antes, e sobretudo, quero discorrer sobre a gama de conhecimentos que precisei mobilizar para desenvolver o estudo e as dificuldades enfrentadas no processo. Às vezes, num percurso de pesquisa, somos levados pelo objeto de conhecimento a lugares nem sequer vislumbrados no início da pesquisa. E é, precisamente, sobre isso que me detenho a partir de agora.

Primeiras aproximações

O processo de pesquisa de constituição das vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria nos termos acima apresentados me impeliu a recorrer ao conhecimento produzido por diversos campos da atividade ideológica. Entre eles, cito, numa tentativa de esgotá-los: a produção teórica do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov; a psiquiatria e sua história, considerando a multiplicidade de suas abordagens; a linguística – especificamente os estudos sobre a sintaxe dos clíticos; a história do Brasil, levando-se em conta a pluralidade de perspectivas; a estética, sua filosofia e sua história; a estilística e, de modo mais geral, a crítica e a historiografia literárias.

Sob orientação da professora Luciane de Paula, desde o início da pesquisa, tive a pretensão de me apropriar de toda a produção filosófica do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov. Por isso, o primeiro passo foi adquirir todas as obras dos estudiosos russos disponíveis em língua portuguesa e, na sequência, estudá-las com afinco, participar de grupos de pesquisa (GED, liderado por minha orientadora; Slovo, liderado pelas professoras Marina Célia Mendonça e Renata Marchezan; GEGe, liderado pelo professor Valdemir Miotello), cursar as disciplinas dos Programas de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP-FCLAr) e em Linguística (UFSCar), cujas ementas voltavam-se para os estudos dialógicos, e participar de congressos, seminários e congêneres. Além disso, foi fundamental conhecer as leituras e análises feitas por estudiosos brasileiros e estrangeiros das obras do Círculo – material disponível em livros, artigos, ensaios, dissertações e teses. Tudo isso me auxiliou no processo de compreensão dos escritos de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Considero, dessa forma, a complexidade teórico-metodológica do pensamento do Círculo um primeiro percalço com que me deparei.

É importante destacar aqui os esforços que nossos/as pesquisadores/as têm empreendido para desenvolver pesquisas cujas bases teórico-metodológicas são dialógicas e como esse acúmulo de conhecimento tem contribuído para pesquisadores/as brasileiros/as e contribuiu para a execução da investigação científica que projetara no meu doutoramento.

Quanto aos textos de Lima Barreto, *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, dediquei-me, como não poderia ser diferente, à leitura integral dos dois textos, não só uma, mas diversas vezes. Já não me lembro ao certo, mas, do controle que fazia dessas leituras, a última anotação que tenho nos meus rascunhos indica a 11ª leitura dos enunciados limanos. Mas devem ter sido muito mais; no processo, acabei me perdendo nessas contas. Isso, evidentemente, não era o suficiente. Foi necessário apoiar minha compreensão num conjunto de escritos sobre a obra de Lima Barreto. Para isso, contei com o primoroso trabalho dos/das bibliotecários/as da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara e com a qualidade do seu acervo. Lembro-me de passar tardes muito agradáveis vasculhando todo o acervo da biblioteca à procura de obras sobre a literatura de Lima Barreto e sua vida, sobre a história do Brasil e do Rio de Janeiro, sobre o higienismo e o sanitarismo, a psiquiatria, a medicina e a loucura ou

patologias mentais no Brasil do século XIX e das duas primeiras décadas do XX, entre muitas outras temáticas.

A *internet* também exerceu uma função central na busca dos textos para estudo. Intermináveis horas eram dedicadas à consulta de repositórios universitários de teses e dissertações, bases de dados e congêneres e *sites* de revistas acadêmicas e eventos científicos de letras, linguística, análise do discurso, estudos bakhtinianos, educação, história, filosofia, estudos russos, psiquiatria, psicologia, psicanálise etc. Nem sempre era possível encontrar aquele texto que nos fornecesse as informações requeridas, o dado preciso, o tratamento de um fato histórico, um lance da biografia do autor, algo sobre os psiquiatras do período, um detalhe da arquitetura do Hospício Nacional de Alienados. A constatação que fiz, em praticamente todas essas ocasiões, foi a de que já havia muita coisa estudada, mas que havia e há muito mais a ser pesquisado.

Articulação entre enunciados e teoria

É fundamental dizer que, da maneira como compreendo os estudos dialógicos, incluindo aí as produções teóricas e analíticas de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, o objeto de pesquisa, como objeto concreto pensado, nasce da articulação entre teoria e realidade. Antes de continuar, faço uma breve observação: essa construção – “teoria e realidade” – pode dar a entender que teoria é uma coisa, e realidade, outra. Não é disso que se trata; pois não considero a teoria algo que esteja fora da realidade ou que não seja real, mas uma dimensão da própria realidade, já que, como nos diz Paulo Netto (2011, p. 21, itálicos do autor), “[...] *teoria* é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa [...]”. Então, a relação entre teoria, que é real, e a realidade sobre a qual se constrói a teoria é, antes de tudo, dialética, e não de exclusão. Ou seja, uma não exclui a outra.

Nesse sentido, a partir da articulação dialética entre teoria e realidade, delimitam-se o objeto de conhecimento e o objetivo de pesquisa. Os textos *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* foram pensados (concebidos) como enunciados concretos. Para entender esses textos de Lima Barreto como enunciados concretos, foi necessário estudar a teoria do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov e entender o que é a categoria *enunciado concreto*. Isso muda de modo significativo a forma como lidamos com o texto. Quando trabalho com enunciado concreto, minha prática de análise não é igual à do filólogo, nem à do linguista, nem à do crítico literário, nem à do profissional versado na análise estilística. Embora áreas, para citar algumas, devotadas ao texto e ao seu estudo, e apesar de alguns pontos de convergência existentes entre elas, cada uma dessas áreas concebe o texto de modo particular, específico; o que altera a forma como cada estudioso lida com o texto. Essa é a famosa relação impressa na construção “teórico-metodológico” e suas variações.

Foi justamente o fato de conceber *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* como enunciados concretos que me levou às muitas e diversificadas relações dialógicas: entre a teoria e os textos a serem estudados; entre a teoria, os textos e a psiquiatria e sua história; entre

a teoria, os textos de Lima Barreto, a psiquiatria e sua história e a linguística (a sintaxe dos clíticos); entre tudo isso e a história do Brasil; entre tudo isso e a história do Brasil e a estética, sua filosofia e sua história; e ainda a estilística e a crítica e a historiografia literárias. Afinal, numa perspectiva dialógica, temos de estar abertos, portanto, à escuta, que é também dialógica.

Bakhtin, Medviédev, Volóchinov constataram uma gama variada de categorias que fazem parte da existência da língua(gem). Dessas categorias, fiz referência, de modo bastante rápido, a *enunciado concreto*. Outra categoria fundamental constatada pelo Círculo foi *voz social*. Ela é específica dos estudos realizados numa perspectiva dialógica, baseada nos escritos do Círculo de Bakhtin, e está completamente atrelada à categoria a que me referi anteriormente, *enunciado concreto*. Há uma relação dialógica (dialético-axiológica/valorativa/ideológica) entre *enunciado concreto* e *voz social*.

Ora, analisar a constituição de vozes sociais sobre loucura e psiquiatria foi uma tarefa que me colocou diretamente em contato com os escritos sobre loucura e psiquiatria; o que me requereu o estabelecimento de um diálogo entre a teoria, *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* – pensados como enunciados concretos – e a psiquiatria e sua história. E aqui está um outro percalço da pesquisa.

Enunciados concretos, vozes sociais e psiquiatria

Evidentemente que, quando planejamos uma pesquisa, conseguimos antever muitos dos procedimentos que serão adotados, senão todos. E é claro que tinha noção da necessidade de estudar a psiquiatria, sua história e a história das ideias psiquiátricas, já que o objeto de conhecimento era a constituição das vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria. Entretanto, fui surpreendido com a quantidade de material a ser lido e estudado e com a profundidade que deveria alcançar, num campo de conhecimento tão distinto do das letras e da linguística – incluindo-se aí as diversas análises de discurso – quanto o da psiquiatria.

Era preciso entender as concepções de loucura e de psiquiatria que vigoravam antes, na época e depois do tempo-espaço em que Lima Barreto havia escrito os enunciados *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*. Simultaneamente, convinha proceder à leitura dos dois enunciados em questão situando-os no tempo e no espaço. Isso me obrigou a pensar nas relações dialógicas entre o que havia sido dito sobre a loucura e a psiquiatria antes e depois dos enunciados que havia posto sob análise, mas também no que o próprio Lima Barreto havia escrito sobre loucura e psiquiatria em *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* e em como se dava o diálogo com o que já tinha sido dito e com o que seria, num movimento dialógico e, portanto, dialético, em que o dito, o que está sendo dito e o que se dirá se relacionam num processo de permanência e mudança, de resistência e potência, que faz projetar (in)determinados sentidos.

Nesse movimento, não era o suficiente conhecer – assim entendi – as ideias gerais da psiquiatria desenvolvida na Europa a partir do século XVIII com as práticas e os estudos de Pinel e sua continuidade com Esquirol, Calmeil, Morel e outros. Fui percebendo a necessidade

de conhecer a psiquiatria que se desenvolvia no Brasil, pelo menos, no século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX. Isso porque, como respostas, os enunciados de Lima Barreto dialogavam não só com as concepções mais gerais da psiquiatria, mas também com o que se passava num contexto mediato – isto é, o Brasil – e imediato, o Rio de Janeiro.

A relação com o conjunto dos textos de, e sobre, psiquiatria foi, no geral, difícil. E aqui identifico um terceiro percalço no percurso da pesquisa. Não só porque estava lidando com um campo conceitual bastante específico, mas também porque, embora haja uma quantidade considerável de publicações que tratam da história da psiquiatria no Brasil, muito do que estava publicado não atingia, nem de perto, as demandas postas pelos textos limanos que estavam sob análise. Na teia de sentidos que foi se formando, faltavam muitos elos, nós, pontos, bicos, pontas etc. Então, fui compelido a delimitar os espaços das relações dialógicas e priorizar alguns interlocutores de Lima Barreto cuja importância seria incontestável, dada a proximidade, consistência e profundidade dos diálogos estabelecidos. Esse foi o caso, por exemplo, de Juliano Moreira.

Um dos principais interlocutores de Lima Barreto, enquanto ele esteve internado no Hospício Nacional de Alienados, foi o médico e psiquiatra baiano Juliano Moreira. O acesso aos textos desse psiquiatra não foi fácil. Pelo contrário, foi bastante difícil. Na *internet*, não havia nada disponível. No acervo da biblioteca da Faculdade de Ciência e Letras da Unesp-Araraquara, também não havia nenhuma publicação disponível do psiquiatra. O mesmo se deu com as demais bibliotecas de todos os *campi* da UNESP. Não sei se por incompetência, mas também não encontrei nenhuns dos seus textos nas bibliotecas de outras universidades do Estado de São Paulo. Então, uma saída foi consultar o acervo da Biblioteca Nacional. Pouquíssimos textos de Juliano Moreira estavam digitalizados e disponíveis para consulta *on-line*. Por isso, entrei em contato com a equipe da Biblioteca Nacional, por *e-mail* e ligação telefônica, solicitando alguns escritos do médico baiano. Informei-me sobre o procedimento, estava disposto a pagar o valor cobrado, mas a empreitada não foi para a frente. Simplesmente, fiquei aguardando a chegada de alguns textos, uma chegada que foi se arrastando por semanas, depois, por meses. Tentei novo contato e consegui resposta. Fiz nova solicitação, mas nada. Cheguei a programar uma visita à sede da biblioteca, mas constatei sua inviabilidade, já que as chances de conseguir os textos pessoalmente eram muito remotas; tendo em vista as orientações que recebera por telefone e *e-mail* e os complexos procedimentos que deveriam ser adotados para a digitalização de documentos raros. Continuava precisando, porém, entrar em contato com a escrita de Juliano Moreira, suas ideias, a discussão que fazia sobre as patologias mentais, sua visão de psiquiatria. Enquanto não adquiria esse material, dediquei-me a outros aspectos da pesquisa. O que não faltava era trabalho, então, para otimizar o tempo, segui.

Vasculhando todo e qualquer tipo de *site*, *blog*, página de rede social etc. na *internet*, descobri o Memorial Juliano Moreira, localizado no hospital psiquiátrico de mesmo nome e situado na cidade de Salvador. Era, àquela altura, a última chance de conseguir, pelo menos, parte da produção acadêmica do médico que tinha conversado pessoalmente com Lima Barreto

quando este estava internado no Hospício dirigido por aquele. Entrei em contato com o Memorial, fui muito gentilmente atendido, expliquei a demanda da pesquisa, solicitei autorização à minha orientadora e segui em viagem para Salvador. Finalmente, estava diante de uma quantidade significativa de textos assinados por Juliano Moreira. O diálogo com o seu dizer estava apenas começando. Havia ainda muito trabalho pela frente.

Como o intuito era investigar a constituição das vozes sociais sobre loucura e psiquiatria no diálogo entre *Diário do hospício*, *O cemitério dos vivos*, outros enunciados e outras vozes sociais, foi necessário adquirir o material que me possibilitaria compor parte do diálogo que compunha o dizer de Lima Barreto sobre loucura e psiquiatria. A tarefa era complexa. Isso, todavia, não foi o suficiente. Era necessário compreender o Brasil daquele tempo, e, mais especificamente, o Rio de Janeiro em que viveu Lima Barreto. E aqui entra o diálogo com a história do Brasil, o quarto percalço.

Enunciados concretos, vozes sociais e história

As aproximações com as vozes da história já haviam sido dadas com os estudos sobre a historiografia literária que a leitura dos textos de Lima Barreto me havia impelido a realizar, numa das primeiras estratégias de leitura dialógica que adotei na tentativa de compreender o contexto sócio-histórico e literário de *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*. Pelo tema dos próprios enunciados, dei-me conta de que esse procedimento não seria, evidentemente, o suficiente, mesmo tendo realizado parte dos estudos sobre a psiquiatria dos séculos XVIII e XIX e das duas primeiras décadas do XX. Intuí que faltava algo na relação com os textos limanos. Alguma coisa não se encaixava, havia alguma lacuna ou lacunas naquele processo de compreensão. Depois de algumas tentativas de entender as condições históricas da interlocução de Lima por meio dos escritos de psiquiatria e de historiografia literária e de perceber que não eram o bastante, recorri aos escritos da história. A leitura dos textos referentes à história do Brasil, no geral, e à do Rio de Janeiro, em particular, esclareceu de modo bastante significativo a situação histórica em que Lima Barreto escreveu os textos em questão e explicitou uma série de diálogos ainda implícitos, que até então não haviam sido objeto de minha escuta.

Devo dizer ainda que a delimitação dessas leituras foi orientada pelo nível ou grau de diálogo com os textos e com a época em que seu autor viveu. Assim, quando percebia que as leituras me conduziam a períodos históricos e, principalmente, a vozes sociais que estavam muito distantes no diálogo com os textos de Lima e que, portanto, já não contribuiriam de modo significativo para o alcance do objetivo proposto na pesquisa, parava, refazia a leitura ou a incrementava com textos da história que preencheriam lacunas encontradas pelo caminho. Esse procedimento se deu tanto no que diz respeito à história do Brasil quanto no que tange à do Rio de Janeiro, mais especificamente.

Esse foi um momento interessante. Como os textos de Lima Barreto tratavam diretamente de uma questão de saúde pública, recorri não só à história da cidade do Rio Janeiro, mas

também à história da medicina, das doenças e das transformações urbanas por que passou a cidade nas duas primeiras décadas do século e sua relação com os discursos dos sanitaristas e higienistas, que determinavam, direta ou indiretamente, o trabalho de arquitetos, engenheiros e urbanistas, tanto no que diz respeito à construção de imóveis (residenciais ou não) quanto no que se refere às obras públicas, como avenidas, ruas, praças, jardins etc. Ia, assim, singrando áreas muito diversas daquelas com que estou familiarizado. Isso era, no mínimo, curioso.

Enunciados concretos, vozes sociais e estética

A tese defendida estava estruturada sobre uma hipótese, segundo a qual a constituição das vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria nos termos da pesquisa desenvolvida se dava por meio da articulação de, pelo menos e principalmente, três categorias: diálogo, bivocalidade polêmica e autoria. Convém esclarecer que essa hipótese foi elaborada a partir da relação entre teoria e enunciados (*Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*). Como um desses enunciados é literário, foi preciso refazer o percurso das reflexões estéticas do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov.

A natureza estética de *O cemitério dos vivos* e a categoria da autoria representaram uma das grandes dificuldades no percurso da pesquisa. Era esse, com certeza, um quinto percalço. Essa dificuldade adveio, evidentemente, de algumas limitações pessoais como pesquisador e da limitada produção intelectual do campo sobre a autoria. Todo o material que estava disponível, e a que tive acesso, para leitura e estudo sobre autor e autoria a partir da produção teórica do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov serviu de fonte e contribuiu muito para o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, havia algumas lacunas, no que tange à autoria, que me incomodavam muito e que não tinham sido ainda objeto de estudo daqueles que haviam se dedicado a essa categoria em particular. Então, assumi a responsabilidade de proceder à análise de todos os escritos do Círculo sobre autoria em algumas línguas – especialmente, português, inglês, espanhol, francês e italiano – e elaborar uma compreensão que desse conta da complexidade conferida pelo Círculo, sobretudo por Bakhtin, a essa categoria em particular. Ao mesmo tempo, intencionava, nesse processo, alcançar uma compreensão da categoria *autoria* que me desse condições necessárias e suficientes para analisar a participação da *autoria* no processo de constituição de vozes sociais sobre a loucura e a psiquiatria nos termos postos na pesquisa. Devo confessar, todavia, que, durante a análise dos escritos do Círculo sobre *autor* e *autoria*, tive receio de alcançar uma compreensão consistente em sua complexidade, mas que não servisse aos propósitos da pesquisa ora em andamento; o que me obrigaria, a certa altura do doutoramento, a rever elementos do projeto de pesquisa dentro de um prazo já muito curto para uma tarefa daquela proporção.

Essa dimensão do estudo me levou a dialogar com as vozes da estética. Foi preciso, dessa forma, recorrer à história da estética como disciplina filosófica, consultar manuais específicos, livros, ensaios, artigos e dicionários de estética. Em língua portuguesa, pouca coisa

disponível. Foi necessário recorrer, portanto, a publicações em outros idiomas, principalmente inglês e espanhol. Para encontrar esse material de estudo, voltei a dedicar grande parte dos meus dias, por um longo período, à consulta do acervo da biblioteca da Faculdade de Letras da Unesp de Araraquara e à consulta *on-line* aos acervos das bibliotecas de outros *campi* da Unesp e de outras universidades paulistas.

A grande ressonância que encontrei nas discussões filosóficas sobre a estética e sua especificidade ontológica se deu com as discussões marxistas/marxianas. Assim, a compreensão que foi sendo produzida explicitou a complexidade das categorias *autor* e *autoria*, já que clareou sua natureza compósita e o conjunto de mediações que as compõem.

Considero esse um dos percalços mais complexos do estudo desenvolvido sobre a constituição das vozes sociais. Ingenuamente, acreditei, no início da pesquisa, que o material disponível sobre autor e autoria no Círculo russo e a partir de sua produção teórica seria o suficiente para alcançar os objetivos que compunham os elementos nucleares da pesquisa proposta. Dessa forma, fui tomando consciência, como pesquisador iniciante, da dinâmica, das qualidades e das carências do campo de estudos bakhtinianos no Brasil e, por que não, no exterior.

Mas isso não era tudo. À medida que a pesquisa se processava, um outro percalço estava se formando. Insuspeito. Precisaria andar às voltas com uma análise linguística, mais especificamente da colocação dos clíticos na sentença/enunciado, que me obrigou a sair das leituras acima apontadas, para voltar-me, quase que inteiramente, à leitura e ao estudo de pesquisas desenvolvidas pelos linguistas-sintaticistas.

Enunciados concretos, vozes sociais e linguística

A relação com a linguística, mais especificamente com os estudos relacionados à sintaxe dos clíticos no português do Brasil, se deu por meio da análise da bivocalidade polêmica, especificamente da polêmica velada. Essa etapa da pesquisa me impeliu a consultar manuais de sintaxe, dissertações e teses, artigos, estudos publicados em formato de livro cujo objeto era a colocação dos clíticos na sentença etc. Como nem todo o material está disponível na rede ou foi publicado, contei, mais uma vez, com o trabalho e a parceria da equipe da biblioteca da Faculdade de Ciência e Letras da Unesp de Araraquara, que, muito gentilmente, mediu empréstimos de teses e dissertações disponíveis em bibliotecas de outras universidades paulistas, ainda não digitalizadas.

No diálogo com seus outros, sobretudo com Coelho Neto, Lima Barreto lançou mão, frente a uma sintaxe lusitana, de uma sintaxe “abrasileirada”, em que havia a predominância da próclise sobre a ênclise. Nessa etapa da pesquisa, depois de ter estudado teoria da sintaxe e feito uma considerável revisão de literatura sobre a sintaxe dos clíticos, pus-me a coletar dados nos textos de Lima Barreto e em uma obra de Coelho Neto, *Inverno em flor*. Essa obra foi selecionada porque, como enunciado concreto, entrava num diálogo direto com a discussão feita por Lima em *O cemitério dos vivos*: por um lado tratava da loucura e da psiquiatria; por outro,

veiculava uma concepção de língua(gem) literária brasileira “questionada” pelo autor carioca. Ao final, dei-me conta de que havia coletado, manualmente, 3.710 ocorrências de colocação dos clíticos nos textos de Lima e Coelho Neto (MELO, 2017).

Recado a quem vai, quer ou pretende pesquisar vozes sociais

Que contribuições poderia esse relato dar àqueles/as que se põem a pesquisar vozes sociais? Vou enumerar, a partir de agora, algumas delas. São necessidades e demandas. É uma tentativa. Talvez, não contribuam muito. Talvez, não contribuam em nada. Talvez, leitores e leitoras descubram contribuições que nem imagino. Antes, porém, devo dizer que o que segue não deve, de forma alguma, ser visto como uma tentativa de prescrição. São apenas sugestões, aspectos que compreendo serem importantes em quaisquer estudos que tenham vozes sociais como objeto.

Como se vê, o estudo da constituição de vozes sociais, neste caso, sobre a loucura e a psiquiatria, a partir do diálogo entre *Diário do hospício*, *O cemitério dos vivos*, outros enunciados e outras vozes sociais, exigiu o domínio de alguns campos da atividade ideológica humana: filosofia da linguagem, literatura, psiquiatria, história, história da ciência, estética, linguística (sintaxe), urbanismo etc. O trabalho com esse diálogo e essas vozes sociais em constituição me levaram a áreas do conhecimento cujo efeito foi, na maior parte das vezes, surpreendente, pelo caráter, aparentemente, insólito das relações dialógicas que se explicitavam. Essa é, sem dúvida, uma necessidade inerente a qualquer pesquisa acerca de vozes sociais realizada sob a orientação do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov.

Uma segunda contribuição, necessidade ou demanda advém da experiência com a delimitação espaço-temporal, sócio-histórica. Neste caso, conhecer a história da sociedade em que se deu a interlocução, em que se constituíram as vozes sociais e ter acesso aos textos, documentos, matérias de jornal, revistas etc. são dois processos importantes para operar a recomposição do contexto, das condições histórico-sociais; a (re)atualização dos sentidos. No entanto, muito frequentemente, não se encontra esse material porque há muito o que se estudar sobre cada região, cada estado e cada cidade do Brasil; e, nestas, sobre cada bairro, cada comunidade, cada distrito. Então, atenção; a depender da natureza do projeto de pesquisa, talvez, seja necessário visitar arquivos públicos, entrevistar as “bibliotecas vivas” que são os/as idosos/as, frequentar bibliotecas e museus, consultar obras raras. E tudo isso oferece certa dificuldade na realização da pesquisa; especialmente se não foi sequer entrevistado como uma das etapas da investigação no projeto.

O recorte temático que se dá ao estudo determinará uma parte significativa das práticas de leitura. Sugiro, assim, que o/a pesquisador/a recolha a maior quantidade possível e, claro, considerável, útil, de material sobre o conteúdo das vozes sociais. Isso, no entanto, como vimos e como sabemos, não é o suficiente. Será preciso ainda reunir um conjunto de textos diversos sobre outros temas que, necessariamente, vão aparecer nas mais diversas relações dialógicas.

Por isso, é muito importante “destampar os ouvidos” e abri-los à escuta dialógica. Nesse caso, arriscaria dizer que, quanto mais conhecimento, quanto mais acúmulo – e, claro, quanto mais empenho e afinco do/a pesquisador/a –, mais rico de mediações poderá ficar o estudo; o que poderá ter como efeito um trabalho cujos resultados são marcados pela consistência, profundidade, precisão, clareza e refinamento no desvelamento das múltiplas e intrincadas relações dialógicas, intercategoriais e intracategoriais que vão participando, de modos diversos, da constituição de vozes sociais – sejam elas quais forem. Aqui, vale ainda uma observação: essa tarefa se torna mais complexa quando o tempo-espaco objeto da pesquisa situam-se num outro país, fazem parte de uma sociedade nacional que não é a nossa.

A depender da natureza do estudo, será necessário investigar as relações entre categorias e o seu papel na constituição das vozes sociais. Isso demandará, primeiro, um levantamento da totalidade ou da quase totalidade dos estudos sobre essas categorias, tanto nas obras de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov quanto na dos/das seus/suas comentadores/as. Segundo, o estudo sistemático e minucioso de todo esse material será preciso. Terceiro, isso não é e não será garantia de que o que foi pesquisado sobre determinadas categorias são ou serão o suficiente para as exigências postas pelo objeto e pelos processos gnosiológicos da pesquisa. Certamente, entretanto, tudo o que foi pesquisado e dito contribuirá significativamente com as reflexões do/a pesquisador/a; e, a partir disso, o sujeito responsável pelo estudo entrará numa gigantesca corrente de cooperação dialógica na busca pela compreensão dos fenômenos da língua(gem).

Para finalizar, devo dizer que nenhuma teoria e nenhum método fazem milagres. Estudar é fundamental!

Referências

MELO, J. R. B. **Vozes sociais em construção: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre *Diário do hospício*, *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais**. 2017. 455f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150922>>. Acesso em: 02 nov. de 2022.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão popular, 2011.

A LÍNGUA, SUA ORDEM SÍGNICA E O MUNDO: DIÁLOGOS ENTRE BAKHTIN, VOLÓCHINOV E MEDVIÉDEV

Ludmila Kemiac

Introdução

No âmbito da Linguística, desde o Curso de Linguística Geral, de Saussure (2012), entende-se que a língua possui uma natureza especial, não podendo ser concebida como uma “etiquetagem” do mundo. O signo linguístico, para o mestre genebrino, unindo uma imagem acústica a um significado, instaura determinada ordem interna, através do valor que um signo adquire em relação a outro. Benveniste (2006, p. 51), após críticas a Saussure e Peirce, assevera que “O papel do signo é o de representar, o de tomar o lugar de uma outra coisa evocando-a a título de substitutivo”. Em seguida, Benveniste, concebendo a linguagem como um sistema simbólico, um “sistema sígnico” coexistindo com vários outros sistemas de signos, busca compreender o lugar que a linguagem ocupa nessa semiologia.

O Estruturalismo de onde falam Saussure e Benveniste está muito distante das formulações do Círculo de Bakhtin – cujo amplo pensamento teórico-metodológico-filosófico é difícil de ser classificado em algum rótulo. Mas, para ambos os pensamentos, uma ideia parece persistir: a língua é uma semiose – algo que possui uma ordem própria, que possibilita substituir algo. Se a língua é uma semiose, para constituir-se, ela deve passar por um processo de *semiotização*. A forma como ocorre esse processo, a relação da língua com o mundo, com a sociedade parece-nos ser um dos pontos centrais que distingue os dois pensamentos supracitados.

Para o estruturalismo, não há que se falar em relação língua/mundo, já que a língua é um sistema fechado, cuja significação encerra-se no próprio sistema. V. Volóchinov, P. Medviédev e M. Bakhtin insistem na natureza ideológica da linguagem, e, dessa forma, percebem que a “ordem da língua” é a ordem simbólica dos produtos ideológicos. Volóchinov e Medviédev, particularmente, dedicam grande atenção às distinções entre os produtos ideológicos e os objetos físicos e biológicos, entendendo que aqueles – os produtos ideológicos – são os únicos capazes de refletir e refratar uma realidade existente fora da língua. Há, pois, uma complexa relação entre a língua e o mundo: a língua não é, também, uma “etiquetagem” para o mundo, posto que o refrata. Todavia, a língua não é algo autotélico, à medida que se encontra em viva interação com o mundo, com a sociedade, com os meios de produção.

Neste ensaio, discutiremos como Bakhtin, Volóchinov e Medviédev entendem essa relação entre a língua e o mundo, dando ênfase ao modo como o signo verbal refrata o “real”. Nas discussões tecidas a seguir, argumentaremos que há uma proximidade entre Volóchinov e Medviédev e um distanciamento entre esses dois últimos e Bakhtin no que concerne à visão como o signo refrata o mundo. Acrescentamos, também, uma “chave de leitura” para a análise

do processo de semiotização do mundo, a partir da interpretação de cinco princípios que constituem o signo verbal: o princípio ideológico, o princípio da materialidade, da interação, da exterioridade, e o princípio da mediação.

Da natureza do signo

No primeiro capítulo de “Marxismo e filosofia da linguagem” (MFL, doravante), Volóchinov (2017) diferencia os produtos ideológicos dos produtos de consumo e dos objetos físicos. Para o teórico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91), “Qualquer produto ideológico é não apenas parte da realidade natural e social (...) mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites”. O objeto físico, segundo Volóchinov (2017, p. 92), “coincide inteiramente com a sua realidade única e natural”, ou seja, não é capaz de apontar para fora de si mesmo. Assim, “além dos fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, existe um mundo particular: o mundo dos signos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

Ao longo de quase toda a obra MFL, Volóchinov faz essa distinção entre os objetos físicos, naturais, biológicos e os produtos ideológicos. Vejamos alguns exemplos retirados de um dos capítulos mais emblemáticos – “A interação discursiva”:

1.
Em um determinado momento, o falante é o proprietário indiscutível da palavra, que é inalienável dele. **Trata-se do ato fisiológico da realização da palavra. Todavia, por ser um ato puramente fisiológico, a categoria de propriedade não pode ser aplicada.** (VOLÓCHINOV, 2017, p. 2006, grifos nossos).
2.
Em sua essência, a “vivência do eu” tende à eliminação, isto é, ela perde a sua forma ideológica à medida que se aproxima do limite e, por conseguinte, **deixa de ser concebida, aproximando-se da reação fisiológica de um animal.** (VOLÓCHINOV, 2017, p. 208, grifos nossos.).
3.
Somente um grito animal inarticulado é de fato organizado a partir do interior, do aparelho fisiológico de um indivíduo. Ele é pura reação fisiológica, sem nenhum acréscimo ideológico. No entanto, o enunciado humano mais primitivo, pronunciado por um organismo, é organizado fora dele do ponto de vista do seu conteúdo, sentido e significação: nas condições orgânicas do meio social. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206).

No capítulo supracitado, Volóchinov (2017) apresenta aquela que seria sua “síntese dialética” entre: a) a filosofia neokantiana da linguagem de orientação idealista e a sociologia marxista; b) o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato; c) o psíquico e o ideológico. (GRILLO, 2017, p. 52-53). A interação discursiva seria o “conceito unificador”. Para chegar a esse conceito, o autor percorre um caminho que se inicia na definição do signo. E essa definição, conforme afirmamos, pressupõe a diferenciação entre os objetos físicos, biológicos

e os ideológicos. Aqueles, além de encerrarem em si sua significação, não sendo capazes de “apontar para fora de si”, conforme já citamos, não podem refletir e refratar nada. À medida que se encerram em sua materialidade, os objetos físicos e biológicos não são capazes de mediar uma interação mais complexa. O grito de um animal (excerto 3 transcrito) funciona como um sinal: indica algo visível (uma ameaça, por exemplo), mas não pode referir-se a algo mais abstrato ou a algo que não esteja presente no ato de sua execução.

Os objetos ideológicos possuem também uma materialidade, mas nela não se encerram. Ademais, essa materialidade une-se de tal forma a um sentido, que se torna impossível não apenas dissociar essa matéria do sentido, como também se pode afirmar que, dessa união, resulta um objeto de outra ordem. Assim, conforme exemplifica Volóchinov (2017), a foice e o martelo são objetos de trabalho, mas, utilizados na bandeira da URSS, a matéria absorve em si um sentido, e, de objeto de trabalho, passa a outra ordem – a ordem dos signos ideológicos. Como signo, a foice e o martelo, em uma bandeira, possuem uma materialidade pictórica, visual. O sentido encarnado, por sua vez, remete não à foice e ao martelo em si, mas a ideias várias: a luta do proletariado, a revolução etc. Nas palavras do autor,

Do mesmo modo, um produto de consumo pode ser transformado em um signo ideológico. Por exemplo, o pão e o vinho se tornam símbolos religiosos no sacramento da comunhão cristã. No entanto, o produto de consumo por si só não é um signo. Os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser relacionados aos signos ideológicos, **mas essa relação não apaga a evidente fronteira semântica entre eles.** (...) Os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, **ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular.** (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93, grifos nossos.)

Medviédev, na obra “O método formal nos estudos literários” (MEDVIÉDEV, 2016), apresenta ideias muito similares às aquelas apresentadas por Volóchinov. Com efeito, segundo assinala Faraco (2009, p. 17), é possível perceber um projeto em comum entre Volóchinov e Medviédev: “a construção de uma teoria marxista da chamada criação ideológica”. Assim, Medviédev (2016), em páginas iniciais de sua obra, critica o positivismo utilitarista que, conforme o autor, compreendia os objetos ideológicos através de analogias com os instrumentos de produção. Argumenta Medviédev (2016, p. 51): “os instrumentos de produção não têm qualquer caráter semiótico, eles não expressam e nem refletem nada”.

Volóchinov e Medviédev insistem na natureza ideológica do signo; na sua materialidade (“são objetos materiais e partes da realidade que circundam o homem”, MEDVIÉDEV, 2016, p. 48); no fato de o signo não se encerrar em si, mas sempre “apontar para fora”, para outra realidade; na forma como, ao apontar para fora, o signo reflete e refrata essa realidade. Assim, podemos apresentar a seguinte definição de “signo”, que resume a visão dos dois teóricos: o signo é um produto cultural, ideológico, que possui uma materialidade e aponta para “fora de

si”, refletindo e refratando outra realidade.

Cinco princípios, segundo nossa leitura, são necessários para o entendimento do signo: o princípio ideológico, o princípio da materialidade, da interação, da exterioridade e o princípio da mediação. Discorramos sobre esses princípios no próximo tópico.

Princípios constitutivos do signo

Começemos pela materialidade, pois já mencionamos esse aspecto. Em MFL, afirma Volóchinov:

Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também **uma parte material** dessa mesma realidade. **Qualquer fenômeno ideológico signico é dado em algum material:** no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante. Nesse sentido, a realidade do signo é bastante objetiva e submete-se unicamente ao método monista de estudo objetivo. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94, Grifo nosso.).

A visão do signo como algo material alinha-se à proposta monista do método marxista, que recusa conceber uma dupla realidade aos fenômenos: por exemplo, uma realidade material e outra “espiritual”. A natureza material dos signos ideológicos pressupõe que esses não sejam vistos como algo à parte do “real”, mas que tenham uma existência tão concreta quanto os produtos de consumo e os instrumentos de produção, embora desses se distanciem quanto aos sentidos ideológicos e não autotélicos, conforme já mencionamos.

Medviédev (2016) compartilha a mesma opinião:

Todos os produtos da criação ideológica – obras de arte, trabalhos científicos, símbolos e cerimônias religiosas etc. – **são objetos materiais e partes da realidade que circundam o homem.** É verdade que se trata de objetos de tipo especial, aos quais são inerentes significados, sentido e valor interno. **Mas todos esses significados e valores são somente dados em objetos e ações materiais. Eles não podem ser realizados fora de algum material elaborado.** As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, **em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado.** (MEDVIÉDEV, 2016, p. 48-49, grifo nosso).

As citações acima evidenciam o projeto em comum entre os dois teóricos, segundo citamos anteriormente. Medviédev é categórico em várias partes de sua obra, fundamentando suas análises a partir de bases sociológicas, inspiradas no materialismo histórico. Nesse sentido, afirma: “O primeiro princípio, do qual deve partir a ciência marxista das ideologias, é o da materialização e da completa objetividade do dado de toda a criação ideológica” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 50).

Acerca dessa materialidade do signo ideológico, Miotello (2008, p. 170) afirma que

ela pode ser entendida como “dupla materialidade”: no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico. Cita como exemplo uma camiseta “na qual se pinta um escudo de um time de futebol”. O símbolo pintado possuiria uma materialidade física (pictórica) e sócio-histórica (a valoração agregada ao símbolo).

Acreditamos que a materialidade não pode ser assim pensada, em uma relação “dupla”; e, nesse sentido, discordamos do autor, pois, a nosso ver, o valor agregado ao material é o que faz dele um signo, diferente de um simples instrumento de consumo. Não há dupla materialidade: há um material que recebeu um valor e, a partir de então, “transcendeu” a própria matéria, passando, qualitativamente, para outra ordem: a ordem dos objetos/signos ideológicos. Essa passagem qualitativa é o que define o processo de semiotização para o Círculo, segundo discutiremos adiante.

Sobre o princípio da ideologia, destacamos, inicialmente, que essa é a condição básica de existência do signo: todo signo é ideológico. Resta-nos saber o que o Círculo de Bakhtin entende por ideologia.

Miotello (2008, p. 168) argumenta que o Círculo não trabalha com uma concepção de ideologia como algo pronto e acabado, mas como algo que se dá entre a instabilidade e a estabilidade. O autor defende ainda que Bakhtin e o Círculo “partem do que já era aceito pelo marxismo oficial – entender ideologia como ‘falsa consciência’, vista como disfarce e ocultamento da realidade social (...), promovida pelas forças dominantes” (MIOTELLO, 2008, p. 168), mas “destroem e reconstroem parte dessa concepção, colocando ao lado da ideologia oficial a ideologia do cotidiano” (MIOTELLO, 2008, p. 168). Assim, o Círculo teria “ultrapassado” a visão determinística do Marxismo. Conclui Miotello que a ideologia, segundo a visão de Bakhtin e do Círculo, poderia ser caracterizada como “a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” (MIOTELLO, 2008, p. 171).

Entendemos que pensar sobre ideologia na visão do Círculo pressupõe pensar diretamente sobre outro conceito: o conceito de refração. Afinal, a ideologia – seja a oficial, seja a ideologia do cotidiano – constrói-se através de um processo no qual o signo reflete – “como uma sombra”, segundo Volóchinov (2017) – e refrata outra realidade. Nesse ponto, tocamos em uma questão polêmica, na qual divergem Volóchinov e Bakhtin.

Se o signo reflete e refrata algo, pressupõe-se que existe “outro real” que, após refratado, passa para o “real do signo”. Essa é a postura assumida por Volóchinov. O autor, porém, defende que esse “real” fora do signo nos é ininteligível, pois apenas apreendemos o mundo pela ótica da língua, que tem por excelência uma natureza sónica. Ao mesmo tempo, questiona o autor, em páginas finais do capítulo “O problema da relação entre a base e a superestrutura”, constante da obra “Marxismo e filosofia da linguagem” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112): “o que determina a refração da existência no signo ideológico?”. Logo em seguida, responde: “O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sónica, isto é, *a luta de classes*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112, grifos do autor).

Faraco (2009) vê nessa “resposta” de Volóchinov sobre o que condiciona a refração

do signo, um problema metodológico, pois, se a luta de classes é responsável pela refração, desaparecidas essas classes sociais (conforme apregoa o Marxismo), deixaria o signo de refratar a realidade? Faraco (2009) argumenta que Volóchinov deixou essa importante questão sem solução.

Brandist (2012, p. 49) afirma que Volóchinov insiste “na ideia de que o signo refrata algo extradiscursivo que é ‘dado’ à percepção, embora desejasse ‘agrupar’ a questão da natureza da realidade extradiscursiva”. Assim, estabelecer-se-ia um impasse: apesar de Volóchinov (2017) propor que apreendemos o extradiscursivo apenas pelo signo – isto é, sem o signo esse extradiscursivo seria ininteligível –, a combinação da ideia de refração condicionada à luta de classes proporciona a problemática de que fala Faraco (2009). Brandist (2012) faz uma ressalva: entende que Volóchinov era, em certo sentido, “pressionado” a aderir a ideias em voga. Nas palavras de Brandist:

O conceito da distorção da representação por meio da influência do interesse de classe foi uma característica proeminente da visão de mundo dos defensores contemporâneos combativos da cultura proletária. Em maio de 1928, o realismo psicológico estava repetidamente proposto como “método materialista dialético” na arte; aqueles que articulavam essa posição ecoavam deliberadamente a caracterização que Lênin fazia de Tolstoi como o “espelho da revolução russa”, embora aplicando-a de maneira com as quais ele jamais havia sonhado. Deve-se lembrar que Voloshinov se especializou em história da literatura russa, como aluno pós-graduado, enquanto escrevia *Marxismo e filosofia da linguagem*, e estava, portanto, sujeito à pressão de tais teorias, embora não as endossasse necessariamente. (BRANDIST, 2012, p. 49).

Medviédev (2016) defende posição similar à de Volóchinov, embora aquele autor não trate abertamente da “luta de classes” como faz este. Para Medviédev,

A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia. O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade. De fato, a consciência individual só pode tornar-se uma consciência quando é realizada nessas formas presentes no meio ideológico: na língua, no gesto convencional, na imagem artística, no mito e assim por diante. (MEDVIÉDEV, 2016, p. 56).

Observemos que, na visão de Medviédev, há uma realidade extraverbal, mas ela não pode ser apreendida, “tocada” diretamente. Essa realidade é semiotizada, e a semiotização do real é condicionada pela existência econômica. Aqui se coloca a relação entre base e superestrutura, mediada pelo signo. Trata-se de uma posição bastante similar à de Volóchinov (2017). Todavia, conforme afirmamos, Medviédev (2016) não menciona abertamente em sua obra a luta de classes como condição para a refração do signo.

Bakhtin apresenta outra visão sobre o conceito de refração – visão essa com sutilezas

distintas daquela proposta por Volóchinov (2017). Em “O discurso no romance” (BAKHTIN, 2015), Bakhtin defende a ideia de estratificação da língua – a inexistência de uma língua única. Em oposição, concebe haver uma pluralidade de “línguas”, estratificadas por diferenças sociais, temporais, diferenças de profissões etc. A categoria de uma língua única seria “uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e centralização linguística, uma expressão das forças centrípetas da língua” (BAKHTIN, 2015, p. 39). Essa língua única representa as forças de unificação verboideológica, entendendo que a língua, para o teórico é uma “cosmovisão” (BAKHTIN, 2015, p. 40).

Percebe-se, pois, que Bakhtin associa diretamente a língua ao conceito de valoração: a língua sempre representa visões de mundo, valores sociais. Esses valores, sendo múltiplos, estão na origem da estratificação da língua. Assim, em cada época, existem forças centrípetas que tentam conter essa multiplicidade de acentos, que tentam impor uma visão única de mundo. Todavia, ressalta Bakhtin que, “ao lado das forças centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente processos de descentralização e separação” (BAKHTIN, 2015, p. 41).

Poderíamos associar esses conceitos bakhtinianos acerca das forças centrípetas e centrífugas à ideia defendida por Volóchinov, em MFL (VOLÓCHINOV, 2017), de que determinada classe social – a classe dominante – tenta apagar a multiacentuação da língua. Segundo Volóchinov (2017, p. 113), “A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual”. A citação transcrita, constante do capítulo “O problema da relação entre a base e a superestrutura”, apresenta ideias semelhantes: a existência da língua como algo multiacentuado (“plurilíngue” ou “heterodiscursiva”, nos termos empregados em “O discurso no romance”), mas cuja existência tende à monoacentuação, ou a obliteração dos diversos acentos por uma força dominante.

Todavia, devemos ser cautelosos. Bakhtin não trabalha exatamente no campo do Marxismo. Conceitos como “luta de classes”, “base” e “superestrutura” não são empregados pelo teórico. Para Bakhtin, o conceito de refração do signo linguístico advém dessa estratificação dos vários discursos que trazem consigo diferentes valores, diferentes visões de mundo. O conceito de refração associa-se à ideia de saturação de valores que são impressos na língua. Sendo a língua “pluriacentuada”, ao me apropriar dela não posso “tocar” diretamente no objeto, mas sim tocar em outros discursos que já envolveram esse objeto. Em Bakhtin (2002, p. 86), lemos:

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações.

Orientado para o seu objeto, **o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros;** e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 2002, p. 86, grifo nosso).

Em “Problemas da poética de Dostoiévski” (BAKHTIN, 2008), Bakhtin afirma que os diferentes contextos em que a palavra é empregada deixam “rastros” nela, logo, a palavra torna-se multiacentuada, saturada de sentidos. Ainda nessa obra, encontramos uma definição de refração distinta daquela proposta por Volóchinov e Medviédev. Para Bakhtin (2008, p. 220), a refração, ou “fala refratada” seria aquela fala que se faz por meio do discurso do outro, através das palavras do outro. Segundo Bakhtin (2008, p. 220), o discurso direto do autor não é possível em qualquer época, pois “nem toda época possui estilo já que este pressupõe a existência de pontos de vista autorizados e apreciações ideológicas autorizadas e duradouras”. Assim, “onde não há uma forma adequada à expressão imediata às ideias do autor tem-se de recorrer à **refração dessas ideias** no discurso de um outro” (BAKHTIN, 2008, p. 220, grifo nosso). A refração do discurso nessa obra também envolve “luta” pela palavra (nem sempre é possível dizer com minhas próprias palavras certas ideias, às vezes preciso recorrer ao discurso de outro).

Salvaguardas as diferenças entre Volóchinov, Medviédev e Bakhtin, passemos ao terceiro princípio do signo ideológico: trata-se do princípio da exterioridade.

Volóchinov (2017, p. 94) afirma reiteradamente que “o signo é um fenômeno do mundo externo”. Conforme já citamos, ao tratar do princípio da materialidade (com efeito, esses princípios estão imbricados), Medviédev (2016) argumenta que as crenças, concepções de mundo não podem existir “na cabeça das pessoas”, eles assumem uma forma signífica exteriorizada. Medviédev, ao tratar do mundo ideológico, utiliza várias vezes a palavra “objetivação”, para defender a tese de que esse mundo não se origina ou se encerra na consciência, mas possui uma natureza externa, material e objetiva.

Volóchinov (2017), ao defender essa existência exterior do signo ideológico, polemiza com o subjetivismo idealista. Medviédev (2016), por sua vez, discute com os formalistas russos. Para esses últimos, a obra de arte deveria ser estudada “como um dado objetivo independente da consciência e da psique subjetivas do criador e dos receptores” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 211). No entanto, ao tratarem de conceitos como “desautomatização”, “perceptibilidade”, os formalistas acabariam, segundo argumenta Medviédev (2016), tratando, a revés, da subjetividade do receptor.

O signo ideológico possui uma materialidade – verbal, visual, verbo-visual, multissemiótica, em suma. Possuindo essa materialidade, ele ocupa uma posição determinada no mundo, tal qual os objetos de consumo e os instrumentos de produção. O signo, portanto,

firma-se na exterioridade. Todavia, ele é também matéria da vivência subjetiva, mas torna-se matéria de nossa consciência a partir de um movimento de interiorização – passa do exterior para o interior de nossa vivência e, em um momento futuro, exterioriza-se novamente, por meio da interação discursiva – a “síntese dialética” de Volóchinov (2017), conforme argumenta Grillo (2017). Tratemos, então, desse quarto princípio – a interação.

Em MFL, Volóchinov (2017, p. 95) firma que “o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais”. Adiante, reforça: “Um signo só pode surgir em um território interindividual, que não remete à ‘natureza’ no sentido literal dessa palavra” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96, grifo do autor). Destaquemos que o autor, nessa última citação, contrapõe o natural/biológico ao social – essa contraposição é constante e é fundamental para compreendermos o conceito de semiotização, conforme discutiremos posteriormente. Medviédev (2016), por sua vez, ressalta:

Nós, de bom grado, imaginamos a criação ideológica como um processo interior de entendimento, de compreensão, de penetração e não nos damos conta de que, na realidade, ela está completamente manifesta exteriormente – para os olhos, para os ouvidos, para as mãos –, **que ela não se situa dentro de nós, mas entre nós.** (MEDVIÉDEV, 2016, p. 49, grifo nosso).

A dicotomia individual/social, tanto enfatizada por Volóchinov e Medviédev, tem por função refutar a tese de que o signo ou todos os produtos ideológicos advêm da consciência individual. Na verdade, conforme assinala Volóchinov (2017), a consciência forma-se socialmente, através da interação. Trata-se de uma relação de inteira complementaridade. A gênese da consciência está em sua materialização *signica*, e o signo é social. Logo, “A consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97). O signo, sendo social, é apreendido nas diversas interações. Sua própria gênese – a gênese do signo – ocorre através da interação social. Lembremos da definição por nós apresentada para a definição de signo ideológico, formulada a partir de nossa leitura dos textos de Volóchinov/Medviédev/Bakhtin: o signo é um produto cultural, ideológico, que possui uma materialidade e aponta para “fora de si”, refletindo e refratando outra realidade. Por ser cultural, o signo pressupõe interação. E, segundo Volóchinov (2017), não se trata de qualquer tipo de interação, pois, não bastaria colocar lado a lado dois *homo sapiens* para que surja aquele que é, em sua visão, o signo por excelência (o signo verbal): é necessário que esses homens façam parte de uma ordem, de uma coletividade, de uma classe social.

Por fim, sobre o princípio de mediação, vejamos o que afirma Volóchinov (2017, p. 96, grifo do autor): “a especificidade do signo está justamente no fato de que ele existe entre indivíduos organizados, de que representa o seu meio e serve como *médium* para a comunicação entre eles”.

O signo não apenas constitui-se a partir da interação entre indivíduos socialmente organizados, mas serve como meio dessa interação: assim, ao mesmo tempo em que medeia

a interação, firma-se no processo interativo. Observemos, também, o fato de que o signo representa o meio, conforme afirma Volóchinov, na citação transcrita. Logo, deve-se entender que nosso acesso ao mundo se dá pelo signo – há, pois, segundo citamos anteriormente, um mundo extraverbal, mas este só nos é apreensível, inteligível porque é semiotizado.

Podemos ir um pouco além dessa formulação e entender que esses signos organizam-se em enunciados, “concretos e únicos” (BAKHTIN, 2003). A respeito da ordenação do signo em enunciados concretos e da apreensão do mundo por meio desses enunciados, Medviédev (2016) argumenta:

Existe um conceito antigo e, em geral, correto segundo o qual o homem toma consciência e compreende a realidade com a ajuda da língua. De fato, fora da palavra é impossível uma consciência ideológica minimamente clara. No processo de refração da existência por meio da consciência, a língua e as suas formas possuem um papel fundamental. Entretanto, esse conceito precisa de um complemento essencial. Não é possível dar consciência e compreender a realidade com a ajuda da língua e de suas formas em um sentido estritamente linguístico. São as formas do enunciado, e não da língua, que desempenham papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade. (MEDVIÉDEV, 2016, p. 198).

O “conceito antigo”, mencionado por Medviédev (2016), segundo o qual a realidade nos é apreensível por meio da língua remonta a Humboldt e, também, a Ernst Cassirer, com sua filosofia das formas simbólicas (CASSIRER, 2001).

Para Cassirer, conhecimento, linguagem, mito e arte são formas simbólicas que não se constituem como “mero espelho que simplesmente reflete as imagens que nele se formam a partir da existência de um ser dado exterior ou interior”. Essas formas simbólicas são, na verdade, “as condições da visão e as origens de toda configuração” (CASSIRER, 2001, p. 42). Brandist (2012) assinala a influência do filósofo alemão sobre o pensamento do Círculo e Grillo (2017), no ensaio introdutório da nova tradução de MFL, especula sobre a possibilidade do conceito de “refração” advir de Cassirer.

A despeito da origem dessa ideia de apreensão do mundo pela língua, é perceptível que o Círculo “avança” no tratamento da questão com a formulação do conceito de enunciado. Volóchinov (2017), em MFL, também trata do enunciado e mesmo dos gêneros. Todavia, as formulações iniciais do teórico recaem no signo porque, nos primeiros capítulos da obra, o autor traça as bases gerais para o estudo da linguagem.

Nessa obra (VOLÓCHINOV, 2017), é conferida primazia ao signo e ao enunciado verbal. De fato, o Círculo, embora mencione os diversos sistemas sógnicos, volta sua atenção para o enunciado verbal, uma vez que os autores dedicaram-se ao estudo da literatura: por exemplo, Volóchinov (2017), em seu estudo do discurso citado; Medviédev (2016), na crítica ao tratamento dado pelos formalistas russos à literatura; e Bakhtin, em sua teorização do romance (BAKHTIN, 2015), no seu estudo sobre a obra de Dostoiévski (BAKHTIN, 2008), na sua tese sobre a prosa de Rabelais (BAKHTIN, 2013).

Assim, conferindo destaque especial ao signo verbal, Volóchinov (2017) apresenta-o como “signo por excelência”, devido à sua pureza semiótica, que permitiria, por exemplo, a “tradução” de outros sistemas sógnicos através do signo verbal; à sua onipresença nas mais diversas esferas da comunicação humana.

Todos os sistemas sógnicos, a despeito de suas particularidades, são definidos por oposição aos produtos naturais, físicos, biológicos, segundo afirmamos anteriormente. Por que há essa constante diferenciação na obra de Volóchinov (2017) e Medviédev (2016)? A distinção é feita porque o processo de semiotização do mundo (fundamental para a constituição da nossa consciência, para a própria hominização), para Volóchinov e Medviédev, decorre da passagem qualitativa dos fenômenos puramente naturais e biológicos para a ordem do simbólico e do cultural.

Destacamos a palavra “qualitativa”, pois a ela se opõe a passagem “quantitativa”, isto é a passagem de um material sógnico a outro material também de natureza sógnica. Vejamos um trecho de MFL para melhor compreensão:

A vivência expressa e a sua objetivação exterior são criadas, como sabemos, **a partir do mesmo material**. Com efeito, não há vivência fora da encarnação sógnica. Portanto, desde o início, **não pode haver nenhuma diferenciação qualitativa entre o interior e o exterior**. Mais do que isso, o centro organizador e formador não se encontra dentro (isto é, no material dos signos interiores), e sim no exterior. Não é a vivência que organiza a expressão, mas, ao contrário, a expressão organiza a vivência, dando-lhe sua primeira forma e definindo a sua direção. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204, grifos nossos).

A citação acima, retirada do terceiro capítulo de MFL, “A interação discursiva”, polemiza com as correntes da psicologia que propunham ser a vivência interior, subjetiva e individual, o centro organizador da consciência. Volóchinov (2017) propõe que a consciência se organiza necessariamente em algum material sógnico, e esse material possui as propriedades acima destacadas: é social, ideológico, forma-se na interação entre indivíduos socialmente organizados, reflete e refrata outra realidade, medeia a própria visão/compreensão que o sujeito possui do mundo. Quando o autor afirma que não pode haver nenhuma “diferenciação qualitativa entre o interior e o exterior” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204), conforme destacamos acima, expressa sua concepção sógnica da consciência. Se ocorre a passagem de um pensamento encarnado em um signo de natureza (materialidade) verbal para um signo de natureza gestual-visual (por exemplo, a exteriorização de um pensamento em um gesto), houve apenas uma passagem quantitativa – de um signo a outro.

Quando se tem, no entanto, um material da natureza ou um material físico, não semiotizados, e eles adquirem valor social, passam a apontar para outra realidade, refletindo e refratando essa realidade, temos uma passagem quantitativa.

Não apenas Medviédev e Volóchinov insistem nessa diferenciação natural/físico *versus* sógnico. Em Bakhtin (2016), encontramos essa distinção quando o autor trata do objeto de

estudo das ciências humanas e do objeto das ciências naturais. Vejamos:

Dois polos do texto. Cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um dado grupo) de signos, uma linguagem (ainda que seja a linguagem da arte). Se por trás do texto não há uma linguagem, este já não é um texto mas **um fenômeno das ciências naturais (não embasado em signo)**, por exemplo, **um conjunto de gritos naturais e gemidos desprovidos de repetição linguística (semiótica)**. (BAKHTIN, 2016, p. 74, grifos nossos).

Bakhtin (2016), segundo destacamos acima, utiliza-se inclusive do mesmo exemplo citado por Volóchinov (2017), em MFL: o grito natural, os gemidos desprovidos de natureza semiótica. Percebe-se, portanto, que a ideia de semiotização do real é um consenso no pensamento do Círculo.

Cabe-nos, porém, entender como ocorre essa semiotização, isto é, como ocorre a passagem qualitativa de objetos físicos/naturais para a ordem do simbólico. A essa questão respondemos com uma palavra-chave – palavra essa que, segundo reitera Faraco (2009; 2016), parece ser a *Prima Philosophia* de Bakhtin. Trata-se do conceito de axiologia ou valoração.

Destacamos que esse é um conceito-chave para a sustentação do pensamento de todo o Círculo. Na própria ideia de semiotização do real, encontramos a importância dos valores sociais – e, assim, respondemos ao questionamento anteriormente exposto: a passagem dos objetos sem valor semiótico para a ordem do simbólico ocorre a partir dos valores sociais, ou seja, apenas aquilo que é valorado entra para o domínio da cultura, adquire caráter sógnico. Observemos o que afirma Volóchinov (2017):

Para que um objeto, independentemente do tipo da sua realidade, entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação ideológica sógnica, é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo; é necessário que, de algum modo, ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo. É claro que, nesse caso, o arbítrio individual não pode ter nenhuma importância. Uma vez que o signo é criado entre os indivíduos e no âmbito social, é necessário que o objeto também tenha uma significação interindividual, pois apenas assim ele poderá adquirir uma forma sógnica. Em outras palavras, *somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se*. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110-111, grifo do autor)

Adiante, o autor afirma que determinadas condições socioeconômicas associam novos elementos da realidade ao horizonte social (VOLÓCHINOV, 2017, p. 47), ao mesmo tempo, tornam esse novo elemento socialmente pertinente. A realidade integra-se, pois, na ideologia. Aquilo que não concernir à realidade socioeconômica de um determinado grupo, que não tiver força expressiva nas condições de vida desse grupo, não poderá semiotizar-se.

Conclusão

Neste ensaio propusemos discutir como Bakhtin, Volóchinov e Medviédev entendem a relação língua /mundo, enfatizando como o signo, nessa relação, refrata o real. Buscamos, também, apresentar uma “chave de leitura” para o entendimento do processo de semiotização, a partir da interpretação de cinco princípios que constituem o signo (ideologia, materialidade, exterioridade, interação e mediação).

Vimos que V. Volóchinov e P. Medviédev fundamentam suas análises a partir de bases sociológicas inspiradas no materialismo histórico. Dessa fundamentação constitui-se um dos pontos mais “frágeis” de MFL: a tese de que o signo reflete e refrata o mundo em consequência da luta de classes. Conforme aponta Faraco (2009), essa ideia mostra-se contraditória em suas explicações, afinal, se a luta de classes condiciona a refração do signo, superada essa luta e estabelecido um mundo sem classes (como apregoava o marxismo), deixaria, então, o signo de refratar o mundo? Para resolver esse “impasse”, poderíamos pensar que Volóchinov possivelmente não concebia que a luta de classes tenderia a desaparecer. De fato, segundo Brandist (2012), Volóchinov era, de certa forma, “pressionado” a aderir às teses marxistas em voga. Essa “pressão” poderia ter resultado nessa contradição acerca dos fatores que condicionariam a refração sógnica. Destacamos, porém, que aqui nos colocamos em um campo meramente especulativo, não fazemos mais que levantar conjecturas.

Assim, cremos que a ideia de refração apresentada por Bakhtin, em obras como “O discurso no romance” (BAKHTIN, 2015), apresenta maior consistência. Para esse último autor, a refração resulta do modo como as múltiplas vozes sociais saturam o signo de valores – valores esses muitas vezes contraditórios. Na interpretação bakhtiniana, ganha destaque a ênfase valorativa, axiológica, conferida aos sistemas sógnicos e, particularmente, ao signo verbal.

Acreditamos que, da forma como Volóchinov apresenta suas teses sobre o signo, não há como se pensar em um mundo em que o signo seja algo “transparente” – um mundo em que o signo apenas reflita e nunca refrate. Desse modo, condicionar a refração à constituição mesma dos processos axiológicos que fundam o signo parece ser o caminho mais lógico para se pensar a relação signo/mundo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 307-335.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002, p. 72-163.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34, 2015. p. 19-241.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2006.

BRANDIST, C. O dilema de Volóchinov: sobre as raízes filosóficas da teoria dialógica do enunciado. In: BRANDIST, C. **Repensando o círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 35-63.

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

FARACO, C. A. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 95-112.

GRILLO, S. Ensaio introdutório. In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-79.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 167-176.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: editora 34, 2017.

FUNDAMENTOS CONSTITUTIVOS DA LINGUAGEM NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Kélvya Freitas Abreu

O Círculo de Bakhtin e o nascituro de uma proposição teórica

Cumprе salientarmos, em nosso início de diálogo, que, ao nos debruçarmos sobre os pilares bakhtinianos, tomamos, enquanto pesquisadores/as compromissados com nosso lugar social, a defesa de nossa singularidade e nossa responsabilidade sobre a leitura, o cotejo e a interpretação sobre a episteme estudada, especialmente, quando da produção de nossa tese¹⁷. Para o presente ato ímpar de proximidade com nosso horizonte discursivo, buscamos, neste capítulo de livro, apresentar ao leitor/a os fundamentos constitutivos da linguagem ancorados na perspectiva bakhtiana sob o viés de nossa compreensão em torno de uma Análise Dialógica do Discurso (ADD).

À vista disso, quiçá, muito nos debrucemos como norte inicial sobre a indagação se, de fato, os integrantes do Círculo propuseram ou não uma teoria em torno dos estudos da linguagem. Diante desse questionamento, devemos compreender, a princípio, como as reflexões apresentadas e debatidas pelo Círculo de Bakhtin, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, demonstraram a sua atualidade ao despertar nos pesquisadores das áreas das Ciências Humanas, em pleno século XX, uma forte influência em como compreender a linguagem como: a. Um fenômeno social, concreto e ideológico; b. Um ato vivo e dialógico, circunscrito no tempo e no espaço, reverberando toda sua carga histórica; c. Uma atividade discursiva entre sujeitos singulares que ocupam posições valorativas em processos de alteridade; d. Uma arquitetônica que estrutura os discursos por meio dos mais variados gêneros nos campos da atividade humana.

Isto posto, defendemos que os pilares bakhtinianos revelam, aos estudiosos da linguagem, como o enunciado pode ser complexo e multifacetado por meio dos discursos que circulam em distintas esferas do campo da comunicação humana. Assim, inerente à própria compreensão do enunciado se relacionam temas, tais como: a noção de signo ideológico, de gêneros discursivos, de dialogismo, de alteridade, de autoria, de cronotopia, de cultura, de exotopia, de forças centrípetas e forças centrífugas, de horizonte social, de responsividade, por exemplo.

Tais provocações, ao pensarmos a linguagem na proposição bakhtiniana ou do Círculo, surgiram ou foram incentivadas por intermédio de um agrupamento de estudiosos (intelectuais, artistas, filósofos, cientistas, jornalistas, dentre outros pensadores) que se reunia na Rússia e refletia os fenômenos da linguagem, buscando romper com paradigmas racionalistas e positi-

17 O presente texto constitui uma versão, com algumas modificações, de um dos capítulos de fundamentação teórica de nossa tese de doutorado, intitulada *Relações dialógicas no gênero relatório de estágio em comunidades de prática do Ensino Médio Integrado* (ABREU, 2021).

vistas que deixavam à margem o contexto, a historicidade e as relações de poder envoltos em situações de uso da língua (MEDVIÉDEV, 2016).

Portanto, sob esta óptica, avultamos que o Círculo não formalizou uma teoria dialógica do discurso no sentido acadêmico como outras teorias que possuem seu *status* consolidado dentro do mundo científico ou como entendemos na contemporaneidade e a utilizamos no Brasil por intermédio da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Esse grupo abriu caminhos para uma compreensão ou uma proposição “metalinguística” ao se acerrar das questões de linguagem no que “[...] diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados.” (BRAIT, 2014, p. 10), sobretudo, ao pensarmos em um caminho metodológico de análise enunciativa de discursos (BRAIT; CAMPOS, 2009; GRILLO, 2018; GRILLO; AMÉRICO, 2019).

Bakhtin, Volóchinov, Medviédev, Kanaev, Kagan, Pumpianskii, Yudina, Vaguinov, Sollertinsk e Zubakin são os principais nomes dessa coletividade de estudiosos reconhecidos como membros do Círculo de Bakhtin. Assim, a alcunha para filosofias ou abordagens ditas bakhtinianas ou do Círculo, como conhecemos na literatura da área, surgiu por ter Mikhail Mikhailovitch Bakhtin como principal expoente do grupo (este pesquisador teve uma produção em torno de questões sobre a filosofia da linguagem até meados de 1970). Desta forma, a obra de Bakhtin teve uma maior amplitude e divulgação, se comparada aos demais pensadores que, em sua maioria, faleceram ainda jovens, vítimas de enfermidades ou de perseguições políticas na Rússia czarista. Contudo, o espírito do grupo construído no início do século XX permeou todos os escritos de seus integrantes e seguiram a confluência ao se conceber a língua “[...] em sua integridade concreta e viva [...]” (BAKHTIN, 2018, p. 207).

Diante disso, pontuamos que o Círculo criticava, em especial, duas tendências postas e vivenciadas à época: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato (BAKHTIN, 2015). Na primeira delas, segundo Volóchinov (2018, p. 148), o “[...] psiquismo individual representa a fonte da língua [...]”, pois por esse viés, a língua é tomada como “[...] ato discursivo individual e criativo [...]” que a sustenta. Portanto, a finalidade da língua é tão somente a expressão do pensamento. Wilhelm Humboldt, um dos principais defensores desta corrente, entendia que o psiquismo era constituinte da língua e que o seu desenvolvimento se dava por meio de leis psicológicas e de forma individual, através de atos de fala (VOLÓCHINOV, 2018). Assim, “A linguagem é compreendida como representação (espelho) do mundo e do pensamento, sendo que os seus conteúdos ideológicos podem ser deduzidos das condições do psiquismo individual” (RUIZ, 2017, p. 42). A crítica a esta perspectiva surgiu porque no subjetivismo idealista a língua é tida como um produto acabado, no qual somente expressa o interior do sujeito e como fenômeno linguístico: caberia ao pesquisador somente constatar, descrever e classificar uma língua pronta, hermética (VOLÓCHINOV, 2018; BAKHTIN, 2015, 2018, 2019a), dada como verdade absoluta e individual.

Em relação ao objetivismo abstrato, a lente do psiquismo individual sai e o foco recai

na língua como algo sistemático, abstrato e organizado por suas formas linguísticas, pautando-se em uma abordagem estruturalista, tal como a saussuriana. Estamos diante, nesse segundo momento, da imanência da língua, do escopo no sistema linguístico por meio de suas formas fonéticas, gramaticais e até mesmo lexicais (MEDVIÉDEV, 2016; BAKHTIN, 2019a; VOLÓCHINOV, 2018). À vista disso, o objetivismo abstrato recorre ao entendimento de que no uso da língua existem elementos idênticos, reiteráveis, por meio das unidades linguísticas, tornando a compreensão mútua dos sujeitos ao vislumbrar esses elementos dentro de um sistema.

Neste ínterim, a língua era defendida como uma combinação de elementos apartados de sua realidade social; era tida, pois, como *langue*, e inclusive mesmo que considerasse a *parole* (contexto de uso do falante em sociedade como faculdade), as noções eram insuficientes para as implicações direcionadas pelos estudos bakhtinianos ao refletirem sobre o sujeito de linguagem, de discurso (SOBRAL; GIACOMELLI, 2019). Surgiu, então, a crítica do Círculo ao objetivismo abstrato em torno da língua, principalmente aos estudos estruturalistas que compreendiam a língua como um objeto abstrato idealizado, pautando-se em um sistema homogêneo. De acordo com Volóchinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL – 2018), a reflexão sobre a língua deve se dar por meio de sua enunciação, de sua realização real, que se encontra permanentemente associada a condições de produção, de recepção e de circulação dentro de estruturas sociais vigentes. Por isso, o Círculo de Bakhtin não objetivava negar as proposições das duas correntes: inclusive em seus escritos, os autores exploraram os avanços e as limitações dessas abordagens, mas sempre partiam do entendimento que priorizar um direcionamento em detrimento do outro seria apartar, de igual modo, a um elemento essencialmente importante e esquecido por ambas propostas: o componente social (MEDVIÉDEV, 2016; BAKHTIN, 2015). Este é o fundamento que dá vida aos textos, revela a concretude discursiva das ações e das intenções dos sujeitos/dos interlocutores, de seus enunciados. Como sinaliza Volóchinov (2019, p.117): “[...] a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido.”

Assim, a palavra não pode ser concebida como autossuficiente, os sentidos são construídos sócio-historicamente em um dado tempo e espaço por sujeitos discursivos, passando a ser entendida como produto da criação ideológica, pois a palavra, o signo, como objeto material é parte de uma realidade que rodeia o próprio homem (VOLÓCHINOV, 2018; MEDVIÉDEV, 2016; BAKHTIN, 2015).

Segundo Medviédev (2016, p. 48 – 49): “as concepções de mundo, as crenças [...] não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras”, seja por intermédio de ações, das formas das organizações dessas ações e dos objetos dessas ações, “em algum material em forma de signo determinado”. Para o autor, o componente social é ativo por meio da materialidade histórica implicada do objeto denota o sentido e o valor deste em cada contexto utilizado por sujeitos/locutores reais, em situações também reais. Medviédev (2016) ressalta que esta realidade ideológica por meio de um objeto materializado, como a palavra, é o momento da realização do ho-

rizonte ideológico de um sujeito discursivo e complementa que, independente da significação da palavra, essa, “[...] antes de mais nada, está materialmente presente como palavra falada, escrita, impressa, sussurrada no ouvido, pensada no discurso interior, isto é, ela é sempre parte objetiva e presente do meio social do homem.” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 50).

Em outros termos, nosso enunciado é prenhe de outras vozes com as quais dialogamos e, de igual modo, encontramos relação com nosso universo discursivo, com nossa esfera de atividade, por isso partilhamos e construímos os sentidos em cada contexto, sendo único o momento da realização dessa realidade ideológica. Diante dessa perspectiva, o signo não deve ser concebido como apenas uma parte de uma dada realidade social, mas carrega consigo o reflexo e a refração de uma outra que possibilita modificá-la, alterá-la, ser idêntica, captá-la por meio de um ponto de vista próprio (VOLÓCHINOV, 2018), estando submetido a parâmetros de uma avaliação ideológica, de um campo valorativo de inserção do sujeito/do locutor, do seu lugar social.

Assim como reforça Volóchinov (2018), entendemos que não nos deve interessar tão somente a pureza semiótica da palavra, mas sim a ubiquidade social dessa, pois os fios ideológicos estão presentes nas mais diversas áreas da comunicação social e se realizam por intermédio de seu objeto, a saber: a própria palavra. Dessa maneira, a avaliação social presente na realização da palavra nada mais é que um produto da criação ideológica sendo partes constituintes da realidade que permeia o contexto situacional do homem, como pontuava Medviédev (2016).

Salientamos ainda que, para Volóchinov, os contextos de inserção da palavra como enunciado, como entidade discursiva e viva, como “[...] unidades reais do fluxo da linguagem. [...]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 221), espelham por meio da ideologia do cotidiano um “oceano instável e mutável”, já que temos por um lado a mutabilidade e por outro a estabilidade como forças que tentam centralizar a língua por meio de uma unidade verboideológica (BAKHTIN, 2015). Logo, integrados a ideologias cotidianas e oficiais, encontramos uma retroalimentação de sistemas ideológicos contínuos sobre o que na língua se normatiza, se regulariza e o que é aberto ao novo, se descentraliza, aproximando-se a um heterodiscurso, a uma diversidade de vozes existentes socialmente (grupos sociais).

Assim, na ideologia do cotidiano está “[...] o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado ‘consciente’. [...]” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213), relacionado a uma ligação mais orgânica, mais viva do uso da língua, dos enunciados. Na ideologia oficial, certos enunciados se cristalizam partindo da ideologia do cotidiano. Neste sentido, esbarramos em sistemas mais consolidados que tratam de guiar a moral, as Leis e os costumes, tais como: a ciência, a arte, a filosofia, as teorias políticas, entre outros; de modo a reforçar a influência e o tom desses sistemas ideológicos.

Tais provocações sobre pensarmos a língua por meio do enunciado, das implicações ideológicas do signo em uma dada situação em uma abordagem enunciativa-discursiva, convidam-nos a refletirmos, de igual modo, sobre o caráter dialógico do enunciado, pois o aca-bamento discursivo passa a ser compreendido quando a comunicação discursiva, em seu viés

dialógico, está associada ao manejo da linguagem dentro de grupos sociais e as relações de poder ali implicadas.

Reforçamos, ainda, que o agir comunicativo ou comunicação discursiva, para nossa reflexão, não se relaciona à transmissão ou troca de mensagens entre sujeitos em uma abordagem estrutural idealizada (como exposto na proposta por Roman Jakobson entre emissor e receptor da linguagem) ou, quiçá, relacionada à troca de turnos de fala de maneira empírica; mas, compreendemos, fundamentados na proposta do Círculo, como trocas enunciativas potencializadas pela palavra em contextos situados social e historicamente entre interlocutores discursivos, reverberando o emaranhado da cadeia enunciativa de diálogos com já-ditos ou com o devir, caráter esse próprio do enunciado.

Portanto, destacamos que não se trata mais de compreender a palavra como signo isolado, mas como enunciado que ganha sentido nas suas relações sociais e históricas. Não se trata de compreender um enunciado buscando um rigor científico em esquartejar uma oração, uma frase, mas sim, entendê-lo como dotado de sentidos, de significados, que busca sempre uma compreensão responsiva ativa do sujeito (BAKHTIN, 2016a), vivenciando a linguagem em seu viés discursivo.

Assim, a originalidade e a atualidade das proposições do Círculo de Bakhtin se encontra na defesa que a comunicação verbal não pode e nem deve ser explorada abstraindo a língua de seu contexto, de sua carga histórica e das relações existentes entre os sujeitos do discurso, os interlocutores que ali estão inseridos, pois “*A língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 220, grifos do autor). É nesta reflexão, sobre o enfrentamento dos fenômenos da linguagem, que o Círculo de Bakhtin propõe o seu estudo por meio de uma disciplina denominada *metalinguística* ou *translinguística*. Segundo Bakhtin (2018, p. 207):

[...] a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não-constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência.

Para o filósofo, o objetivo da metalinguística seria transpassar o que até então era es-

tudado pela linguística da época e trazer outras reflexões, uma vez que ambas direcionam o esforço acadêmico para um mesmo “fenômeno concreto”, porém sob distintas percepções e sob distintos projetos de escuta do objeto. Bakhtin acentua que a ideia é que ambas as áreas se somem, possam colaborar no olhar do próprio objeto, não se unir de todo, mas se constituir com uma face de uma mesma moeda. Dito de outro modo, é preciso nos apoiarmos no material linguístico para compreendermos também o enunciado, as camadas do extralinguístico, em especial, dando sentido as relações dialógicas (RD) constitutivas do discurso no enunciado. Destacamos também que essas RD são consideradas um fenômeno “quase universal”, pois atravessa, permeia, toda a linguagem humana e suas relações, suas realizações da vida humana (BAKHTIN, 2018, p. 47).

Bakhtin nos lembra que as RD dos enunciados são extralinguísticas e ao mesmo tempo são materializadas no discurso e não podem ser desvinculadas da língua como “fenômeno integral concreto” (BAKHTIN, 2018, p. 209). Assim, as RD são definidas como “irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos” (BAKHTIN, 2018, p. 209) por meio da linguagem, tornar-se discurso e que, por fim, possam surgir no emaranhado da cadeia enunciativa de autores distintos.

Corroboramos ainda que, na definição da metalinguística e seu objeto de estudo, o enunciado, Bakhtin aprofunda este objeto ao afirmar que a dimensão extralinguística é essencial para essa ciência como projeto de análise da linguagem (BRAIT, 2014). Segundo Volóchinov (2018, p. 221), para estudar o enunciado não se pode retirá-lo do “fluxo histórico”, pois ele “[...] em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com meio extraverbal e verbal (isto é, com outros enunciados)”. Neste sentido, evidenciamos que o enunciado não é a frase, o objeto linguístico do sistema, pois frases não entram em RD (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016): antes de tudo, o enunciado é um elo de tridimensionalidade, segundo Bezerra (2016), que integra passado, presente e futuro no “[...] processo de comunicação como um fenômeno da cultura perene em sua substancialidade e aberto como forma de existência e comunicação entre os homens no devir histórico e na unidade aberta de cultura e história” (BEZERRA, 2016, p.153).

Em síntese, para o Círculo de Bakhtin, tais enunciados se constituem sempre a partir de outros enunciados, por isso essa rede, essa cadeia enunciativa, essa relação dialógica existente, uma vez que o discurso “[...] num clima do já dito, [...] é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo.” (BAKHTIN, 2015, p. 52 – 53). Logo, o discurso é dialógico por natureza, pois “O discurso surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 52).

Neste processo, ao enunciar, o “falante”, o locutor, o sujeito discursivo, espera uma compreensão responsiva do “ouvinte”, do “interlocutor”, em um movimento contínuo de in-

que todo enunciado parte de um já dito: “[...] Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados [...]” (BAKHTIN, 2016c, p. 26). Neste viés, desmitifica-se a ideia do Adão mítico ao proferir um enunciado, pois “[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo [...]” (BAKHTIN, 2016c, p. 26), mas usa de enunciados antecedentes já postos dentro dessa cadeia discursiva. Contudo, a circunstância da realização é que torna nova a enunciação, pois essa é rica em intencionalidades e relações de poder, algo que só é concebido em um dado espaço/tempo.

Nesse contexto, o Círculo de Bakhtin reforça que a orientação dialógica do discurso é um fenômeno próprio, inerente, ao próprio discurso. Não há escapatória! As construções de sentidos presentes no discurso, no enunciado, sempre se encontram com a palavra do outro e vive com ela uma interação tensa (BAKHTIN, 2015). Desse modo, valendo-nos de que todo enunciado responde a outro e é endereçado a um interlocutor, as RD possíveis devem ser estudadas até para (re)conhecermos os espaços de poder, de como as ideologias se manifestam, desde as esferas primárias a secundários, por exemplo.

Em suma, observamos que a partir da compreensão de que todo enunciado é dialógico por excelência, o Círculo de Bakhtin tece e entrecostura uma arquitetura entre vários conceitos em torno da linguagem ao captar o interno e o externo, o eu e o outro, minha história e o contexto social, o texto como unidade de sentido (gênero do discurso) e suas relações para com as posições dialógicas e valorativas entre os interlocutores. Nesta relação, os enunciados são as unidades reais da comunicação que se tornam únicas no momento da enunciação, são irrepetíveis, possuem acento, entonação (BAKHTIN, 2016c, 2019a; 2019b; BEZERRA, 2016; BRAIT; PISTORI, 2012; BRAIT, 2015), e se constituem por meio de outros enunciados.

Isto posto, propomos a seguir criar elos entre os conceitos fundantes da compreensão da linguagem bakhtiniana e de pontos cruciais que nos fazem entender uma proposição teórica-metodológica, segundo uma Análise Dialógica do Discurso.

Análise Dialógica do Discurso: demarcando espaços

Os conceitos elaborados pelo Círculo de Bakhtin impulsionaram depois de 1970/80 (período em que esses materiais foram mais amplamente difundidos não somente no ocidente, mas no mundo) uma atenção para o “matiz dialógico” da linguagem (RODRIGUES; ACOSTA PEREIRA, 2019; PAULA, 2020), obtendo um prestígio especial junto das áreas das Ciências Humanas. Sob esta lógica, reforçamos que o Círculo não era uma escola e nem tinha uma intenção dogmática cujo objetivo fosse impor suas concepções por meio de uma padronização acadêmica sobre os fenômenos da linguagem (PONZIO, 2019), muito menos propor formalmente uma teoria ou uma análise do discurso como ciência do saber (BRAIT, 2014).

Assim, concepção dialógica, abordagem dialógica, perspectiva dialógica, arquitetônica dialógica, dentre outros termos e expressões, designam uma aproximação e filiação teórica e

teração (VOLOCHINOV, 2018, BAKHTIN, 2015). O sujeito de linguagem visa sempre um *outro*:

[...] O falante procura orientar sua palavra – e o horizonte que a determina – no horizonte do outro que a interpreta, e entra em relações dialógicas com elementos deste horizonte. O falante abre caminho para o horizonte alheio do ouvinte, constrói sua enunciação em território alheio, no campo aperceptivo do ouvinte. (BAKHTIN, 2015, p. 56).

Conforme vislumbramos nas palavras de Bakhtin, no enunciado sempre escutamos ao menos duas vozes, aquele que enuncia, por um lado, e, por outro, o seu interlocutor, seu auditério social. Diante disso, o sujeito “falante” (traduzimos por aquele que enuncia independentemente se verbaliza oralmente ou não o discurso, mas que demarca sua relação, sua posição no todo discursivo), que tece seu projeto de dizer, orienta o seu projeto enunciativo por meio da palavra, do objeto, considerando o outro, o seu possível interlocutor, “O elemento lógico-objetual da palavra torna-se o palco do encontro de interlocutores, a arena da formação dos seus pontos de vista e apreciações. [...]” (BAKHTIN, 2016b, p. 123).

Não diferentemente, o enunciado carrega valores, traz e expressa um posicionamento axiológico do sujeito e da sua relação para com o *outro*, para com seu interlocutor. Por isso, o enunciado ser um campo, uma arena onde horizontes sociais e valores são colocados. Nesta construção o eu e o *outro* são considerados universos de valores: “[...] Ser significar ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*.” (BAKHTIN, 2018, p. 323, grifos do autor).

Diante do exposto, a revolução bakhtiniana reside, segundo Ponzio (2016), em mudar o escopo de uma identidade una e cartesiana do sujeito vislumbrada pelo discurso para o processo alteritário de constituição do sujeito nesse mesmo discurso, uma vez que, para Bakhtin, eu não existo sem o outro, eu não me torno quem eu sou sem o outro, eu preciso do outro para me encontrar, para ver o outro em mim, em uma percepção recíproca, em um processo alteritário e responsivo do ser, do existir (BAKHTIN, 2018).

Segundo Bakhtin, ao compreendermos o significado de determinada palavra em uma dada situação, não entendemos tão somente o significado ali expresso, mas de igual modo “ocupamos” em relação a essa palavra uma posição responsiva. Nesta “posição”, podemos demonstrar acordo ou desacordo, divergência ou convergência, simpatia ou antipatia, aproximação ou afastamento, aliança ou embate, revelando que há uma entonação expressiva que pertence ao enunciado e não à palavra (BAKHTIN, 2016c). Por este motivo, é preciso considerarmos a posição social que o locutor/o sujeito ocupa, bem como o ouvinte/o interlocutor e o campo aperceptivo desse, pois é nesse horizonte social partilhado que se colocam as relações dialógicas dos sujeitos: o “falante” constrói seu processo de enunciação em “território alheio”, no campo aperceptivo do “ouvinte” para que haja a interlocução (BAKHTIN, 2015). É diante desta atitude responsiva que nos deparamos com mais um postulado bakhtiniano: a noção de

metodológica seguindo os constructos bakhtinianos. Nestes termos, a Análise Dialógica do Discurso (ADD) não foi proposta por Bakhtin e nem pelos demais integrantes do Círculo, mas trata-se de uma particularidade de nossa cultura acadêmica, de uma formalização científica brasileira, por meio de uma proposição feita pela pesquisadora, crítica, ensaísta, professora Beth Brait.

Reforçamos ainda que a ADD foi abraçada por muitos outros estudiosos da linguagem (SOBRAL, 2009; SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, 2019; PAULA, 2013; RODRIGUES; ACOSTA PEREIRA, 2019; dentre outros), que encontraram nos escritos bakhtinianos possibilidades e caminhos para refletir acerca do caráter dialógico da linguagem, de modo a ampliar a “Metalinguística” como consequência deste estudo. Neste direcionamento, destacamos que a ADD não deve ser encarada como uma proposta teórica-metodológica fechada, acabada, mas que lança luz bem mais em construção de pontes, no confronto, no contraste e na busca de similaridades entre outras abordagens/teorias que somam a um delineamento do pensamento bakhtiniano sobre um estudo enunciativo-discursivo da linguagem. Diante disto, sublinhamos a necessidade de pensar a Análise do Discurso no Brasil de forma plural e como traço identitário do nosso fazer científico (pesquisadores brasileiros), assim como expõe Paula (2013, 2020).

Nesses nossos estudos, temos como características colocarmos em embates e/ou em aproximações variadas perspectivas de investigações discursivas por meio de uma “[...] diversidade de influências e amplitude de abordagens [...]” (PAULA, 2013, p. 241). Brait (2014) nos relembra e sustenta que mesmo criando pontes para refletirmos sobre a linguagem com outras disciplinas, a ADD se ampara sobretudo no conjunto das obras de Bakhtin e do Círculo, motivando a sua gênese. Neste sentido, a pesquisadora (BRAIT, 2014, p. 21) propõe que para a demarcação do nascituro de uma teoria dialógica ou uma análise dialógica, só foi (e continua sendo) possível após a revisitação dos aspectos nucleares das obras de Bakhtin e do Círculo, por isso a proposta ser atual, uma vez que muitos desses materiais (textos, artigos, ensaios, capítulos de livros, obras compiladas, por exemplo) só está sendo possível o acesso de forma bem mais recente¹⁸. Assim, após o avanço nos estudos sobre o grupo e as concepções bakhtinianas, muito tem se (re)descoberto sobre as autorias dos escritos, bem como as publicações de traduções dos originais russos com seus textos emolduradores, os quais guiam nossas leituras e interpretações sobre os escritos nem sempre transparentes ou de fácil compreensão (BRAIT; GRILLO, 2020; PAULA, 2020).

De igual modo, para Brait, propor a existência de uma teoria ou uma análise dialógica nos escritos do Círculo também foi preciso refazer o percurso de pensamento, iluminando os conceitos basilares que norteiam a proposta, associando a vozes, aos interlocutores presentes nesses materiais. Ou seja, visitar os autores e o arcabouço que Bakhtin e o Círculo buscaram para construir a própria proposta do grupo. Como consequência, reviver essas sendas trouxe

18 Sinalizamos que as primeiras obras que chegaram ao Brasil por volta de 1980 eram, por muitas vezes, traduções não do texto original (russo), mas de publicações das versões em espanhol, em inglês, em italiano e em francês.

ecos nos estudos da linguagem, nos estudos da enunciação, nos estudos do discurso, que até então estavam especialmente centralizadas na Linguística e na Teoria Literária, entrelaçando assim a proposição macro do pensamento bakhtiniano numa perspectiva transdisciplinar ao conceber o fenômeno, o objeto e o contexto da linguagem para as Ciências Humanas e Sociais como um todo.

Portanto, a ADD, como uma “teoria dialógica do discurso”, trata de compreender “[...] a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos. [...]” (BRAIT, 2015, p. 84) convidando seus pesquisadores a entenderem os estudos da linguagem como espaços de produção de conhecimento de forma engajada, responsável e ética, conforme os direcionamentos próprios dos postulados bakhtinianos ao propor uma reponsabilidade ativa sobre o projeto de dizer (PAULA, 2013, p. 250). Brait (2015, p. 84) complementa que é:

[...] Essa condição substantiva, presente nos estudos denominados bakhtinianos, que contam com a reflexão dos demais pensadores que compõem o Círculo, exige que os estudos da linguagem se ofereçam como lugares de produção de conhecimento comprometido e responsável. A concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos está necessariamente apoiada nas **relações discursivas** empreendidas por sujeitos historicamente situados, o que significa dizer que os *estudos da linguagem* são concebidos como formulações em que o conhecimento é produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos, os quais exigem do pesquisador, necessariamente, uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro. (grifos da autora e negritos nossos).

Em outras palavras, a autora sinaliza o nosso compromisso em fazer pesquisa ao observarmos, escutarmos e captarmos as relações dialógicas presentes nos enunciados. Dessa maneira, podemos cotejá-los com outros textos, outras abordagens, outros discursos e partir para uma compreensão do todo, do objeto concreto em situações contextuais específicas, nos quais posicionamentos axiológicos e valorativos se encontram implicados. Reforçamos, assim, a proposição de “relações dialógicas” ou “relações discursivas”, conforme destacado no trecho anteriormente, como objeto da metalinguística proposta por Bakhtin e que ampara a ADD ao defender “[...] caminhos teóricos, metodológicos e analíticos para desvendar a articulação constitutiva do que há de interno/externo na linguagem. [...]” (BRAIT, 2012, p. 23). Sob esta ótica, a ADD parte do pressuposto, segundo Bakhtin (2018, p. 209), que “[...] Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias”.

Logo, assim como já expomos, os moldes do estudo da linguagem não devem valer somente do aparato linguístico ou gramatical do sistema da língua, mas precisamos compreender o enunciado em sua completude: contexto/exterioridade aliado ao interno, ao objeto da enunciação. Lembramos que o extralinguístico ou situação extraverbal não incide sobre o enunciado com uma força automática, “mecânica”, mas a “[...] situação integra o enunciado como uma

parte necessária da sua composição semântica. [...]” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 120), sendo possível compreendê-la sob duas óticas: uma sob o viés do verbalizado/realizado e a outra sobre o subentendido, mas de um horizonte social partilhado entre os interlocutores.

Sucintamente, esse embrião do pensamento bakhtiniano enfatiza como devemos conceber a linguagem ao não tomar um ponto de vista interno ou externo como um em detrimento do outro, mas na construção do dialógico, na integração dos dois polos. A título de maior entendimento, é importante enfatizarmos que, ao propor como base que todo enunciado é dialógico, o Círculo de Bakhtin cria relações inúmeras com outros pontos valiosos para o projeto de estudos da linguagem. Dessa forma, pautados em Brait (2014), é importante refletirmos que há conceitos que são próximos, mas não sinônimos, não são “intercambiáveis”, tais como: alteridade, dialogismo, polifonia ao se associar à heterogeneidade, interdiscursividade e intertextualidade, respectivamente. E que, a depender da filiação teórica, podem ganhar outras conotações. Além disso, há formas e graus da dimensão dialógica da linguagem, que, a depender da filiação teórica, teve outros desdobramentos em trabalhos da área da argumentação, persuasão, por exemplo, ao interligar o pensamento bakhtiniano sobre perspectiva enunciativa, explicitação e posicionamento das vozes. E, ainda, há a reflexão da interação como relacionada à enunciação, “[...] às formas de produção e de circulação dos textos e discursos [...]” (BRAIT, 2014, p. 29).

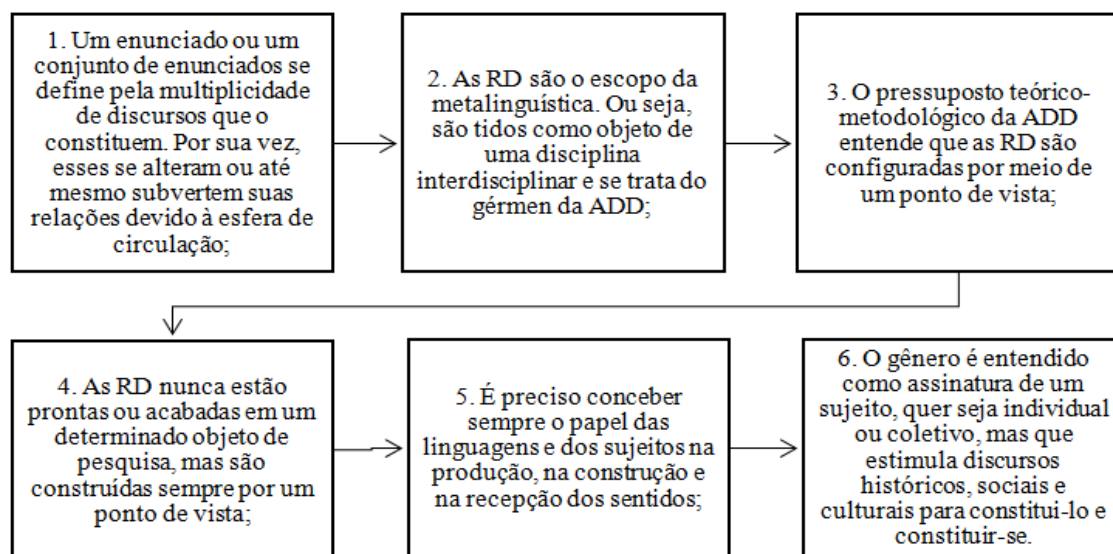
Dessa forma, evidenciamos e reforçamos que conceitos formulados como interdiscurso, intertexto, interdiscursivo, interdiscursividade e, até mesmo intertextualidade, não são encontrados nas obras do Círculo. Segundo Fiorin (2014), problemas de tradução colaboraram para a ocorrência de equívocos sobre a real finalidade do pensamento bakhtiniano ao refletir, por exemplo, sobre as RD e sobre seu caráter extralinguístico somado a uma base lógica e concreta como a materialidade linguística textual. Ratificamos que não temos a pretensão de debater o que há de “erro” ou não nas abordagens, nas epistemes, mas precisamos sinalizar que, independentemente dos caminhos, a obra do círculo “influenciou” outras propostas e que essas possuíram desdobramentos na área da análise do discurso diferente da então proposta feita pela ADD.

Diante desta realidade, sustentamos que, para o entendimento de uma análise do discurso ancorada especialmente na ADD, faz-nos necessário partir de algumas definições norteadoras, tais como: o enunciado não é o mesmo que frase, mas é a unidade de análise da ADD; os enunciados são usados por sujeitos/locutores no processo da interação, sendo o alicerce das relações dialógicas. Ao utilizarem os enunciados, os locutores o fazem recorrendo a signos, que, por sua vez, são sempre ideológicos; e, por fim, nessa interação ao usarem de signos nos enunciados, utilizam segundo os gêneros do discurso (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016). Além desses pontos, destacamos que o contexto e a carga histórica existente perpassando a situação da produção do enunciado, de igual modo, deve ser considerada. Já Brait (2015) diz que é preciso sinalizarmos alguns aspectos que delimitam a episteme da ADD segundo essa perspectiva, pois é na base do Círculo que se sustenta o aporte metodológico (ver figura 1).

Ao propor um estudo metalinguístico da linguagem que rompe com o foco sensível-

mente no linguístico, apesar de se apoiar nele em uma de suas faces, a dimensão extralinguística, contextual, social e histórica dos sujeitos de linguagem é potencializada pela possibilidade dialógica entre teoria e método. E, na ADD, entendemos que é necessário “[...] reconhecer que hoje se está diante de um conhecimento mais aprofundado deste pensamento [bakhtiniano] que, nascido no âmbito da filosofia da linguagem, funda-se numa ética e numa estética que não podem ser reduzidas a categorias fechadas, prontas para serem aplicadas [...]” (BRAIT, 2006, p. 48).

Figura 1: ADD: principais características



Fonte: Adaptado de Brait (2015, p. 85).

Em tal caso, a Figura 1, adaptada de Brait (2015), sinaliza ainda outras características essenciais que trabalhos e investigações que pretendem se apoiar na ADD como aporte teórico-metodológico devem considerar, tais como: não existe um único discurso presente em um gênero discursivo, mas sim um compilado, um emaranhado de vozes, de relações dialógicas, no qual o contexto de circulação e de produção em sua esfera de atividade humana possui uma força verboideológica que guia, influencia ou altera o objeto final que é a própria materialidade textual, o próprio texto ou o conjunto dele; as RD são o gérmen, o norte de estudo da ADD, pois ao reconhecer uma reflexão integrada sobre o enunciado e seu âmago dialógico, é possível recuperar pontos como: referencialidade, expressividade e endereçabilidade, bem como a exauribilidade do objeto e do sentido construído sócio-historicamente, o projeto de discurso e o acabamento do gênero (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016); o enfoque dado pelo pesquisador tem a presença implicada de sua responsabilidade no vir a ser no mundo e todos os efeitos ali possíveis; as RD não são categorias a priori e nunca podem ser vistas como fechadas em si mesmas, cada contexto, cada novo olhar de um dado pesquisador, outras pontes e outras leituras são possíveis; o contexto e os sujeitos com sua carga histórica devem ser considerados para uma abordagem holística que busque recuperar os sentidos construídos; e, a noção de texto é tensionada como a assinatura de uma singularidade de um “eu” no mundo, mesmo que se trate

de um texto coletivo, pois são evocados discursos que constituem os próprios sujeitos nessa singularidade em um dado tempo e espaço. Portanto, sendo o sujeito histórico e social, aliado à noção da linguagem como constitutiva desse sujeito, do seu projeto de dizer e de agir, é que a ADD demarca seu espaço como aparato teórico e metodológico.

Em outras palavras, compreendemos que o viés teórico da ADD se ancora nas acepções do Círculo de Bakhtin, no pensamento bakhtiniano, e para isso, recorre dos vestígios apresentados pelo grupo ao se pensar no aspecto metodológico de igual maneira. Consequentemente, Brait (2006, 2012, 2014, 2015) nos convida a rever obras como MFL e *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD), pois, mesmo aparentemente, estas se distanciando para áreas distintas (a primeira relacionada à filosofia da linguagem e a segunda destinada a um público da literatura, de início), sabemos que é no todo que as obras se complementam. No caso, “[...] esses trabalhos sinalizam uma possibilidade dialógica de teoria e método, dimensão que, sem estar formalizada num único texto ou numa única obra, pode ser apreendida e reorganizada, hoje, em diferentes campos de construção do conhecimento.” (BRAIT, 2006, p. 49).

Assim, o direcionamento existente, tanto em MFL como em PPD, faz-se presente em uma ordenação metodológica para estudo da língua, seguindo a perspectiva da metalinguística. A proposição seria repensarmos as aproximações e os distanciamentos dados entre a linguística e o constructo apresentado para a metalinguística, sobretudo, ao pensarmos o fenômeno como complexo, multifacetado e ao manejarmos o discurso é desviado o foco dado até então ao objeto estritamente linguístico para contemplarmos as relações dialógicas no enunciado. Diante dessa reflexão, retomamos Volóchinov que enfatiza as RD, lembrando que:

[...] A língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser o seguinte: 1) formas e os tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLOCHÍNOV, 2018, p. 220, grifos do autor).

Seguindo esta linha de pensamento, a construção metodológica em torno da linguagem sustenta nessas três etapas, em um olhar mais amplo sobre o objeto de estudo, o discurso, as relações ali postas, bem como para o fator extralinguístico presente no discurso. Segundo um viés metodológico, é preciso recuperarmos as condições concretas de realizações de textos reais, situações reais, verificando como “[...] o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.”¹⁹ (VOLÓCHINOV, 2018, p.

19 Acrescentaríamos outras formas variadas de comunicação, como textos multimodais, textos orais, textos

219), e, por fim, analisarmos como as formas da língua se moldam nos enunciados.

Em relação ao trabalho metodológico da ADD, Brait (2014) salienta que, ao trabalhar com textos e discursos, associando a outras disciplinas do saber (em especial, das Ciências Humanas) e criando esse espaço para a metalinguística, há:

[...] a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade linguística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. (BRAIT, 2014, p. 13 – 14).

Diante deste cenário, a ADD enaltece os postulados bakhtinianos ao aclará-los como uma proposta viável em unificar teoria e método. Para o pesquisador, a compreensão deve ser que, além das materialidades expostas pelo já-dito, é possível captar a historicidade dos processos enunciativos, as relações ali implicadas, o inacabamento do sujeito que se constitui na interação com o seu interlocutor, bem como vislumbrar os elos com o devir. Para Brait (2014, p. 24), a ADD não é aplicação de conceitos já pré-estabelecidos, mas uma forma de compreender e “[...] deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de vista dialógico, num embate.” Assim sendo, outras publicações, por intermédio dos debatedores/dos comentadores das obras, e investigações científicas que usam a ADD como pano de fundo (artigos, dissertações, teses) começam a fortalecer a produtividade no cenário brasileiro (BRAIT, 2012, 2014a, 2014; SOBRAL, 2009; BESSA, 2016; ABREU, 2021, entre outros).

Algumas considerações (in)acabadas

Evidenciamos que, para nossa filiação segundo a ADD, em uma compreensão dita bakhtiniana, é inevitável o entendimento da implicação do uso da linguagem em determinadas esferas da atividade humana, pois a língua se materializa por meio de gêneros discursivos nas formas de enunciados concretos e únicos em dados contextos e situações, considerando aspectos de estabilidade e mudança dos enunciados relacionados ao tempo e ao espaço discursivo (cronotopo).

Conforme expusemos, nossa percepção se ampara no dialogismo presente na ação enunciativa, assim as relações postas entre os mais diversos grupos sociais organizados deixam ressoar suas inúmeras vozes por intermédio dos enunciados, impregnados de valores e

verbo-visuais, por exemplo.

posicionamentos axiológicos, vivenciando um chamado ao não álibi, à responsividade. Não diferentemente, os gêneros como “formas relativamente estáveis do enunciado” recuperam em sua materialidade as RD, inscrevendo-se em contextos históricos e sociais específicos que demarcam essas ideologias existentes. Diante deste cenário, esses [...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2016c, p. 11 – 12).

Portanto, em nossa breve apresentação, enfatizamos, por diversas vezes, que o constructo proposto pelo Círculo de Bakhtin se norteia especialmente pela natureza dialógica da linguagem, do enunciado como materialidade concreta, histórica e social: o homem, sujeito do discurso, que participa ativamente do diálogo da vida, uma vez que este sujeito questiona, escuta, contesta, refuta e, inevitavelmente, implica-se na palavra. Essa palavra, esse signo ideológico, por sua vez, segundo Bakhtin (2018, p. 329), “[...] entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal”, pois é na comunicação, na interação posta entre sujeitos, que o homem se revela para si e para os outros.

Dessa forma, nessa entrecostura, propusemos revisitar esses pilares bakhtinianos, reforçando como esses deram margem para concretude dos estudos na ADD, cuja essência reside em refletirmos que a linguagem não está solta em um vazio, ela é preenchida pelo contexto social, histórico, cultural e, especialmente, ideológico de uma dada situação concreta, no momento da enunciação (BAKHTIN, 2018; VOLOCHÍNOV, 2018, 2019; MEDVIÉDEV, 2016). Inevitavelmente, refletimos, mesmo que de forma breve, que implicado o posicionamento axiológico dos sujeitos da enunciação, o horizonte social partilhado entre os interlocutores, o conhecimento e a compreensão daquela situação por seus integrantes (reais ou presumidos): ao enxergar a palavra não como verbete/dicionarizada, “mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros. A palavra passa de uma totalidade para outra sem esquecer o seu caminho. Ela entra no enunciado como uma palavra da comunicação, saturada de tarefas concretas dessa comunicação” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 185).

Diante desta reflexão, compreendemos que os enunciados valoram sempre algo: não se materializam somente pelos seus aspectos linguísticos, mas por envolver muitos aspectos nos subtendidos dessa materialidade é, singularmente, no contexto que esses se apoiam para que seja efetivado o seu real sentido. Esperamos que os próximos capítulos dessa obra possam mostrar essa relação entre a linguagem e seus efeitos discursivos.

Referências

ABREU, K. F. **Relações dialógicas no gênero relatório de estágio em comunidades de prática do Ensino Médio Integrado**. 2021. f. 421. Tese (Doutorado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros/RN, 2021.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de

Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M. Diálogo I - A questão do discurso dialógico. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a. p. 113-124.

BAKHTIN, M. M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b, p. 71 -107.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016c.

BAKHTIN, M. M. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018. p. 207 -310.

BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019a.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do Romance III**: O romance como gênero literário. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019b.

BESSA, J. C. R. **Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores**. 2016. 385f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2016.

BEZERRA, P. Posfácio: No limiar de várias ciências. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 151-170.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**. n. 20, 2006, p. 47- 62.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. p. 09- 29.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 09 – 31.

BRAIT, B. História e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, R. (org.) **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 77-98.

BRAIT, B. Apresentação: Importância e necessidade da obra O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica. In: MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016. p. 11-18.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.

BRAIT, B.; GRILLO, S. A atualidade de Bakhtin: um pensador sobre a humanidade em transformação. **Abralin Ao vivo**. (Associação Brasileira de Linguística). Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNgUwup9Xww&t=3803s>. Acesso em: 01 jul. 2020.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo.

Alfa, v. 56, n.2, p. 371- 401, 2012.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 161-193.

GRILLO, S. Ensaio introdutório: Marxismo e filosofia da linguagem – uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 7-79.

GRILLO, S.; AMÉRICO, E.V. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 7 -56.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

PAULA, L. de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 1, p. 239-258, 2013.

PAULA, L. Entrevista-aula com a Prof.^a Dr.^a Luciane de Paula. **PLE UEM** (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá). Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIEBIRi5xEU>. Acesso em: 21 out. 2020.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação de Tradução de Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2016.

PONZIO, A. Introdução: Problemas de sintaxe para uma linguista da escuta. In: BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **A palavra própria e a palavra outra na sintaxe da enunciação**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 09-76.

RODRIGUES, R. H.; ACOSTA PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

RUIZ, T. M. B. Diretrizes metodológicas na análise dialógica do discurso: o olhar do pesquisador iniciante. **Revista Diálogos**, v. 5, n. 1, p. 39 – 59, 2017.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n.3, p. 1076-1094, 2016.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Elementos sobre as propostas de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica da linguagem. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 141-162.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

O CAMPO DO DISCURSO RELIGIOSO EM ESCRITOS DE BAKHTIN²⁰

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento

Considerações iniciais

Os escritos de Bakhtin e do Círculo têm sido uma fonte rica e potente que fornece base para o estudo da linguagem e dos sujeitos em suas relações sociais. Ao considerar que o pensamento de Bakhtin está nas fronteiras, que, ao mesmo tempo, são flexíveis e movediças, resalto a possibilidade de mobilizar seus escritos para compreender campos da atuação humana e acontecimentos discursivo-enunciativos diversos. Uma dessas possibilidades diz respeito aos estudos dos discursos produzidos no campo religioso.

Neste capítulo, pretendo dialogar com Bakhtin (e o Círculo), no sentido de pensar, a partir de seus escritos, alguns aspectos do campo do discurso religioso. Portanto, neste gesto interpretativo, procuro explicitar elementos de fronteiras que permitem uma aproximação em relação ao campo religioso.

Ao adentrar a essa discussão, não pretendo mostrar/saber se Bakhtin era ou não religioso, se escreveu ou não teologia, se defendeu ou não algum tipo de fé. Por outro lado, é do meu interesse explorar as possibilidades que os escritos de Bakhtin oferecem para a leitura de determinados enunciados concretos produzidos no campo religioso.

Para isso, além destas considerações iniciais e das considerações finais, organizo este capítulo em duas seções principais. Na seção 2, discutirei a noção de campo/esfera, focalizando o campo religioso. Nessa seção, pretendo explicitar alguns elementos de fronteiras, ou seja, aspectos que permitem uma entrada na compreensão dos discursos produzidos no campo religioso. Na seção 3, analisarei alguns trechos dos escritos de Bakhtin que evidenciam o modo como esse autor dialoga com os discursos do campo religioso cristão. A referida seção destacará que Bakhtin dialoga com o discurso religioso no desenvolvimento de noções potenciais de sua filosofia.

O campo religioso: possíveis elementos de fronteiras

Partindo da percepção de que os termos sofrem ligeiras variações entre um escrito e outro, mas que convergem para um mesmo sentido, utilizarei as terminologias campo/esfera da criação ideológica, campo/esfera da atividade humana, campo/esfera da comunicação social, campo/esfera da utilização da língua como equivalentes. A noção de campo da atividade

20 Este texto é um recorte adaptado de uma discussão desenvolvida na tese *O discurso citado na carta de Paulo aos romanos: uma abordagem discursivo-enunciativa* (NASCIMENTO, 2019), defendida no Programa e Pós-Graduação em Linguística (PROLING-UFPB), da Universidade Federal da Paraíba.

humana é discutida por Bakhtin (2011), quando este desenvolve discussões referentes aos usos da linguagem, dos gêneros do discurso. O ponto central é o seguinte: o uso da linguagem está sempre vinculado a um campo da atividade humana. Em decorrência disso, os usos acompanham a diversidade dos campos.

Ao discutir a questão, Bessa (2016, p. 152) comenta que existe um “vínculo orgânico entre o dizer e a esfera do agir humano”. Segundo ele, esse vínculo está realçado no aspecto do relativamente estável da definição de gêneros. Quanto a essa relação entre campo/esfera e os gêneros do discurso, vejamos a seguinte colocação de Bakhtin (2011):

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2011, p. 266).

Cada enunciado “[...] ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc.”, postula Bakhtin (2011, p. 297). Volóchinov (2013, p. 102) também entende que “[...] a troca comunicativa verbal é possível somente num campo específico, por mais genérico e ocasional que possa ser esse campo comum”. O campo, assim, configura-se como o lugar discursivo onde se encontram os interlocutores e o horizonte comum aos participantes do diálogo.

Já Medviédev (2016) – utilizando a terminologia campos da criação ideológica – constatou a falta de estudos sociológicos elaborados sobre as particularidades específicas do material, das formas e dos propósitos de cada campo da criação ideológica. Como exemplos de campos mencionados pelo autor, cito o campo da ciência, da arte, da moral e da religião. Medviédev (2016, p. 44) ainda argumenta que “[...] cada um desses campos tem sua linguagem, com suas formas e métodos, suas leis específicas de refração ideológica da existência comum”.

Grillo (2012, p.144) diz que “[...] a onipresença social da palavra, ou seja, a sua influência em todos os campos ideológicos (ciência, religião, literatura etc.) confere-lhe o estatuto privilegiado para o estudo da organização dos diversos campos”. Assim, o estudo de qualquer campo ideológico não ocorre fora da linguagem, dos discursos produzidos nesse campo.

Nessa discussão, lanço a seguinte questão: o que é possível depreender dos escritos de Bakhtin acerca do campo ideológico religioso? Na leitura que empreendo, Bakhtin não pretendeu desenvolver uma teoria/análise sistematizada do discurso religioso. Isso não quer dizer que ele não tenha construído uma arquitetura teórico-metodológica de estudo da linguagem que nos permite compreender enunciados da esfera religiosa, pois apresentam ferramentas conceituais que possibilitam pesquisar enunciados de diferentes campos da atividade humana. E o campo ideológico religioso é apenas um deles.

Numa escuta atenta, é possível constatar que, em algumas discussões, há uma significa-

tiva referência à esfera religiosa nos escritos do Círculo, especialmente nos textos atribuídos a Bakhtin. O caráter dessa aparição, no entanto, não é suficiente para inferir que é feita a elaboração de uma análise de discurso religioso, mas é bastante suficiente para constatar que Bakhtin estabeleceu diálogos com o discurso religioso e que desse diálogo surgiram noções importantes para a sua filosofia.

Constato esse diálogo, por exemplo, em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. Bakhtin (2010) utiliza, ao discutir o valor *da norma*, para corroborar sua alegação, duas esferas (ideológicas) da comunicação humana, a saber, o direito e a religião. Vejamos sua argumentação:

A norma é uma forma especial de livre arbítrio de um em relação aos outros e, enquanto tal, é essencialmente peculiar apenas ao direito (a lei) e à religião (os mandamentos), onde sua real obrigatoriedade – como norma – é validada não do ponto de vista de seu conteúdo-sentido, mas do ponto de vista da autoridade real da sua fonte (livre arbítrio) ou da autenticidade e exatidão da transmissão (referências a leis, escrituras, textos canônicos, interpretações, verificações de autenticidade ou – mais essencialmente – as bases da vida, as bases do poder legislativo, a comprovada inspiração divina das escrituras). Sua validade de conteúdo-sentido funda-se somente sobre o livre arbítrio (da parte do legislador, da parte de Deus), mas, no processo de sua criação, – da valoração da sua validade teórica e prática – a norma, na consciência de quem a cria, não é ainda norma, mas constitui uma determinação teórica (a forma do processo de valoração poderia ser a seguinte: será tal coisa certa ou útil, isto é, é vantajoso para alguém?). (BAKHTIN, 2010, p. 74-75).

Nesse trecho em questão, Bakhtin (2010) compreende a norma como algo que surge do livre arbítrio de um em relação ao outro, sendo algo muito presente no campo do direito e da religião. Focalizarei a atenção nesse último campo, buscando inferir aspectos que constituem sua natureza e funcionamento. Destaco que Bakhtin (2010) menciona alguns aspectos do campo religioso. Primeiro, nele circulam discursos normativos que adquirem validade não apenas pelo seu conteúdo-sentido, mas, principalmente, por causa de sua fonte, ou seja, a vontade livre de uma divindade extralocalizada. Desse modo, no campo da ideologia religiosa, o discurso religioso exerce poder de persuasão não em decorrência de seu arranjo argumentativo, mas porque a fonte do dizer é uma divindade, que é livre para legislar.

Cabe ressaltar, portanto, que um elemento constitutivo do campo religioso é a atribuição a uma fonte divina da palavra, ou seja, os sentidos do discurso têm origem em outro lugar, em outra instância extralocalizada, que é considerada superior à realidade material do discurso. Esse elemento não marca os discursos que circulam em outras esferas, por exemplo, na esfera acadêmico-científica.

Ademais, outro elemento constitutivo do campo religioso diz respeito à transmissão da vontade divina, que se expressa nos textos canônicos, nas escrituras, na inspiração divina, nas interpretações dos fiéis etc. Esse segundo elemento é decorrente do primeiro, pois a fonte do discurso religioso, que é extralocalizada e sobrenatural, manifesta seu dizer em enunciados do

plano da vida, do natural, do material. Em sua função, esse discurso manifesto da fonte divina ganha valoração autoritária, pois, para quem o professa, é inquestionável, cabendo apenas aceitá-lo como advindo de uma vontade soberana.

Conforme Bakhtin (2015), a palavra autoritária apresenta variedades. Ela não é exclusiva do campo ideológico religioso. Bakhtin (2015) cita como exemplo de palavra autoritária o dogma religioso, a autoridade científica reconhecida, a autoridade de um livro de moda etc. Em todos esses exemplos, temos a presença da palavra autoritária.

A palavra autoritária está ligada a uma autoridade. Bakhtin (2015) menciona os pais, os professores, os políticos, os líderes religiosos. É a posição de autoridade ocupada por esses que confere à palavra a natureza autoritária. Nesse sentido, a palavra não possui a qualidade de ser autoritária por si e em si mesma, mas porque foi produzida por um determinado sujeito que possui uma posição de autoridade. A palavra autoritária “[...] impõe-se a nós independentemente do grau que, para nós, tem sua persuasibilidade interior: já se pré-encontra unido por natureza autoritária” (BAKHTIN, 2015, p.136).

Mueller (2017) entende que a palavra autoritária, no sentido bakhtiniano, é aquela que se impõe, sem discussão, no discurso religioso. Mueller (2017) faz uma ressalva importante, a partir da leitura dos escritos do Círculo. Segundo a autora:

Em todo momento, deve-se ter presente, em Bakhtin, que a ‘palavra-discurso’, seja ela autoritária ou não, tem sua origem na ‘palavra de outrem’, porque é desse modo que as pessoas começam a falar: tomando do outro o discurso, como ocorre com o processo de aprendizado linguístico das crianças. (MUELLER, 2017, p. 94 grifo da autora).

A ressalva da autora tem em vista o postulado bakhtiniano da dialocidade de toda palavra viva. As palavras, sejam elas do discurso autoritário ou não, não são palavras ditas pela primeira vez, mas palavras que já circularam nos discursos dos outros. Portanto, mesmo o discurso autoritário, que tende ao monologismo, não é um *discurso adâmico*, que enuncia pela primeira vez em um mundo sem palavras de outrem. Ressalto que *discurso adâmico* é uma referência que Bakhtin (2011) faz a um texto que pertence ao campo religioso (o livro de Gênesis), tendo em vista explicar a natureza dialógica da palavra. “O falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...] ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. (no campo da comunicação cultural)” (BAKHTIN, 2011, p. 300).

Com relação à transmissão do discurso autoritário, Bakhtin (2015) afirma:

O discurso de autoridade pode organizar em torno de si massas de outros discursos (que o interpretam, elogiam, aplicam-no de modos vários, etc.), mas ele não se funde com estes (por exemplo, por meio de transições graduais) – permanece acentuadamente destacado, compacto e inerte: ele, por assim dizer, exige não só aspas como também um destaque mais monumental, por exemplo, com um tipo especial de letra. Nesse discurso é bem mais difícil

inserir mudanças semânticas com o auxílio do contexto que o moldura, sua estrutura semântica é imóvel e morta, pois está concluída e é unívoca, seu sentido basta à letra, petrifica. (BAKHTIN, 2015, p.137).

Comentando esse trecho, Mueller (2017, p. 96) nos diz que isso costuma ocorrer com os livros que regem a teologia semântica da palavra sagrada. Segundo ela, no Judaísmo, no Islã e no Cristianismo, “[...] além da palavra santa, existem os livros de leis ou interpretações admitidas, como as halachás, no primeiro caso, os hadiths, no segundo, ou o magistério eclesiástico, para a cristandade ortodoxa e católica”. Desse modo, entre os aspectos mais importantes da produção discursiva do campo religioso, destaco o fato de que o discurso de autoridade reúne em torno de si massas de outros discursos. Estes interpretam, elogiam, aplicam de vários modos o discurso de autoridade.

A palavra religiosa também pode ser concebida no âmbito do pensamento mitológico. Assim, Bakhtin (2015) o faz. Ao dizer que o objeto principal da palavra religiosa “é um ser falante: a divindade, o demônio, o adivinho, o profeta” (BAKHTIN, 2015, p. 146), Bakhtin (2015) explica que isso ocorre porque, no pensamento mitológico, não se conhecem coisas inanimadas e sem fala.

O discurso construído no campo religioso carrega uma áurea peculiar. Ele arroga para si a procedência divina, a transcendência, ou melhor, sua origem se encontra em outra dimensão. Nesse caso, toda e qualquer interpretação religiosa precisa ser inspiração, já que os sentidos não são desse mundo, mas de um mundo elevado, superior, extralocalizado. No caso da esfera religiosa cristã – que é a mencionada por Bakhtin (2010) –, Deus é a origem do discurso, do texto e do sentido. É nesse efeito de sentido que reside a noção de norma, conforme constata o mesmo autor.

Essa noção cristã de Deus como ser onisciente e onipresente é retomada por Bakhtin (2011), quando discute a noção de acontecimentos estético, ético, cognitivo e religioso. Para ele, o acontecimento estético pode realizar-se apenas na presença de dois participantes, presumindo duas consciências que não coincidem. No acontecimento ético, há duas consciências, autor e personagem coincidem, estão lado a lado diante de um valor comum, ou frente a frente como inimigos. Como exemplo de acontecimento ético, Bakhtin (2011) cita o panfleto, o manifesto, o discurso acusatório, o discurso laudatório e de agradecimento, o insulto, a confissão-relatório etc. O acontecimento cognitivo surge quando não há nenhuma personagem, nem potencial. São exemplos desse tipo de acontecimento um tratado, um artigo, uma conferência. Já o *acontecimento religioso* ocorre quando “a outra consciência é a consciência englobante de Deus” (BAKHTIN, 2011, p. 20). Como exemplo desse acontecimento, temos a oração, o culto, o ritual etc.

Diante disso, destaco mais um elemento de fronteira do campo ideológico religioso, a saber, os sentidos do discurso religioso são construídos evocando uma divindade como a consciência absoluta e soberana sobre todos os aspectos da vida. Essa consciência *englobante*, que

marca a presença do elemento divino, pode ser, por exemplo, Deus, no cristianismo, orixás, nas religiões de matriz africana, um ícone ao qual se atribui poderes, um ente querido falecido que é evocado numa reza para proteger e prover etc. Em todos esses exemplos, há uma consciência fora da vida profana/cotidiana/natural que habita outra dimensão/realidade superior e extralocalizada, mas que interfere com poderes não naturais no plano existencial e material.

Esses elementos apontados na leitura dos escritos de Bakhtin (e do Círculo) parecem apontar fronteiras do campo religioso. São elementos gerais que possibilitam uma entrada nesse campo complexo.

Na próxima seção, farei uma breve leitura de trechos de escritos de Bakhtin, com o objetivo de mostrar possíveis diálogos que o autor estabeleceu com discursos do campo ideológico religioso cristão.

Diálogos de Bakhtin com discursos do campo religioso cristão

Algumas noções importantes da perspectiva bakhtiniana podem ter sido gestadas no diálogo com discursos do campo religioso. Tentarei brevemente mostrar algumas ocorrências desse diálogo.

Para começar, menciono a importante noção de *ato responsável* discutida por Bakhtin (2010). Na tecitura dessa noção, o autor analisa a *abnegação* como ato responsável. Para ele, a abnegação é uma ação-ato responsável do ser. Ela não é a perda de si, de seu lugar na existência. A abnegação não se assemelha à empatia passiva, pois nesta o ser não é ativo e responsivo. De acordo com o autor, a abnegação é uma renúncia responsável de si mesmo. Para explicar a abnegação como ato responsável, Bakhtin (2010) recorre às narrativas dos evangelhos que contam a abnegação de Cristo. Ele interpreta a questão do seguinte modo:

Uma empatia passiva, o ser possuído, a perda de si, não têm nada em comum com a ação-ato responsável do renunciar a si mesmo ou da abnegação: na abnegação eu sou maximamente ativo e realizo completamente a singularidade do meu lugar no existir. O mundo no qual eu, do meu lugar, no qual sou insubstituível, renuncio de maneira responsável a mim mesmo não se torna um mundo no qual eu não estou, um mundo indiferente, no que diz respeito ao seu sentido, à minha existência: a abnegação é uma realização que abraça o existir-evento. Um grande símbolo de ativa abnegação, Cristo que nos deixou, sofrendo na eucaristia, na doação de seu corpo e do seu sangue, uma morte permanente, permanece vivo e ativo no mundo dos eventos, mesmo quando deixou o mundo; é próprio de sua não-existência no mundo que nós vivamos reforçados em comunhão com ele. O mundo que Cristo deixou não poderá mais ser o mesmo, como se ele nunca tivesse existido: é, fundamentalmente, um outro mundo. (BAKHTIN, 2010, p. 63-64).

Nesse trecho, e vale lembrar que Bakhtin está retomando discursos religiosos cristãos sobre Cristo, o autor menciona o sofrimento na eucaristia, a doação de seu corpo e seu sangue,

a morte (de Cristo), deixar o mundo (ascensão de Cristo), comunhão com ele (com Cristo). Como se percebe, Bakhtin (2010) seleciona alguns pontos doutrinários da pregação religiosa cristã. É dessa esfera que ele extrai figuras ilustrativas para explicar como a abnegação se constitui em um ato responsável na existência do ser. Como ele mesmo deixou explícito, Cristo seria um grande símbolo de uma ativa abnegação.

Bakhtin (2010) ainda utiliza o caso da vida e morte de Cristo para comentar a indeterminação dos fatos e dos sentidos dos fatos na existência. No trecho seguinte, temos um resumo dessa questão:

Este mundo, o mundo em que se completou, enquanto fato e sentido, o evento da vida e da morte de Cristo, é, por princípio, indeterminável, seja mediante as categorias teóricas, seja através das categorias do conhecimento histórico, seja por meio de uma intuição estética. No primeiro caso, de fato, conhecemos o sentido abstrato, mas perdemos o fato singular do efetivo cumprir-se histórico do evento; no segundo, conhecemos o fato histórico, mas perdemos o sentido; no terceiro, temos tanto a existência do fato quanto o seu sentido como momento de sua individualização, mas perdemos a nossa posição em relação a ele, perdemos a nossa participação respondente àquilo a que somos chamados. Em nenhum caso temos a completude da realização, na unidade e na interpretação do fato-realização-sentido-significado único e da nossa participação (já que um e único é o mundo de tal realização). (BAKHTIN, 2010, p. 64).

O evento da vida e morte de Cristo é analisado para mostrar a incompletude da realização, na unidade e na interpretação do fato-realização-sentido-significado único e da nossa participação. As posturas que se assumem diante do evento – da vida e morte de Cristo e de qualquer outro – não são suficientes para abarcar a completude de sua realização. Desse modo, o princípio maior que sustenta essa análise (de Bakhtin) é que os eventos, em sua incompletude, além de responsáveis, são únicos, irrepetíveis e inacabados.

Ademais, ao discutir a forma do vivenciamento concreto do indivíduo real com o outro, mais precisamente a relação entre posições axiológicas do eu e do outro, Bakhtin (2011) recorre ao ponto de vista cristão para elucidar a compreensão. Ele argumenta que o modo como eu vivencio o eu do outro difere inteiramente do modo como vivencio o meu próprio eu. Para ele, essa diferença tem importância fundamental tanto para a estética quanto para a ética. Ao desenvolver essa ideia, Bakhtin (2011), então, retoma discursos do campo ideológico cristão (os evangelhos). Eis o discurso:

Basta mencionar a desigualdade essencial de valores do eu e do outro do ponto de vista da moral cristã: não se deve amar a si mesmo mas se deve amar o outro, não se deve ser indulgente consigo mesmo mas se deve ser indulgente com o outro, deve-se livrar o outro de qualquer fardo e assumi-lo para si; mencione-se ainda o altruísmo, que aprecia de modo inteiramente diverso a felicidade do outro e a própria felicidade. (BAKHTIN, 2011, p. 35).

É perceptível, nesse trecho, que Bakhtin (2011) dialoga com vários textos/discursos construídos no campo religioso cristão, mais especificamente com textos do Novo Testamento. Para o autor, a moral cristã postula um tratamento desigual entre o vivenciar o eu e o vivenciar o outro. Assim, para vivenciar o eu, a moral cristã postula que (i) não se deve amar a si mesmo, (ii) não se deve ser indulgente consigo mesmo, (iii) assumir o fardo do outro para si e (iv) apreciar a própria felicidade. Por outro lado, para vivenciar o outro, deve-se (a) amar o outro, (b) ser indulgente com outro, (c) livrar o outro de qualquer fardo e (d) apreciar de modo inteiramente diverso a felicidade do outro.

Entendo que o diálogo travado por Bakhtin (2011) com esses textos não tem uma finalidade religiosa, mas visa mostrar o princípio axiológico-exotópico-dialógico da relação entre o eu-para-mim e eu-para-o-outro. De todo modo, com essas referências pontuais, o pensador russo visa corroborar determinados postulados, servindo, muitas vezes, como analogia, como recurso explicativo da relação eu-para-mim e eu-para-o-outro.

Assim, Bakhtin (2011) discute o modo como o cristianismo apresenta a relação eu-para-mim e eu-para-o-outro. A doutrina cristã da encarnação divina, o Cristo que assumiu a forma humana – aquilo que em teologia se chama natureza hipostática –, é mencionada como o aparecimento do eu-para-mim infinitamente profundo. Vejamos:

Em Cristo encontramos a antítese, única pela profundidade, do solipsismo ético, do rigor infinito do homem consigo, isto é, de uma atitude irrepreensivelmente pura em face de si mesmo com a bondade ético-estético para com o outro: aqui, pela primeira vez, apareceu o eu-para-mim infinitamente profundo, não frio mas desmesuradamente bondoso com o outro, que faculta toda a verdade ao outro como tal, revela e afirma toda a plenitude da originalidade axiológica do outro. Para Cristo, todos os homens se dissolvem nele como o único e em todos os outros homens; nele, que perdoa, e nos outros, os perdoados; nele, o salvador e em todos os outros, os salvos; nele, que assume o fardo do pecado e da expiação, e em todos os outros, libertos desse fardo e purificados. Daí que em todas as normas de Cristo contrapõe-se o eu ao outro: o sacrifício absoluto para mim e o perdão para o outro. (BAKHTIN, 2011, p. 51)

Por outro lado, o eu-para-mim é o outro para Deus, tendo em vista que esse último está fora e acima do eu-para-mim. A relação eu-outro continua sendo desenvolvida a partir da imagem da relação entre Deus (o outro) e o eu.

[...] o eu-para-mim é o outro para Deus. Deus já não se define essencialmente como a voz da minha consciência, como a pureza da atitude para comigo, a pureza da autonegação arrependida de tudo o que está dado em mim, como aquele em cujas mãos é pavoroso cair e de quem ver a face significa morrer (a condenação imanente de si mesmo), mas como o pai celestial que está acima de mim e pode me absolver e perdoar onde eu, por princípio, não posso me absolver e perdoar de dentro de mim mesmo e permanecer puro comigo mesmo. Deus é para mim o que eu devo ser para o outro. O que o outro supera e rejeita em si mesmo como um dado nocivo eu aceito e perdoar nele como a carne preciosa do outro. (BAKHTIN, 2011, p. 52).

Desse trecho em questão, notamos que a noção eu-para-mim é pensada em sua relação com a noção de outro, com o exterior, com aquele que está fora e acima do eu. Bakhtin (2011) recorre ao discurso religioso cristão, colocando Deus como a melhor representação desse outro, pois ocupa um lugar fora e acima do eu. Dessa posição outra, extralocalizada, pode absolver e perdoar onde eu, por princípio, não posso me absolver e perdoar de dentro de mim mesmo e permanecer puro comigo mesmo. Esse aspecto leva o autor a dizer que Deus é para mim o que eu devo ser para o outro. Logo, o que se nota é a intenção do pensador russo com o desenvolvimento da noção relacional entre eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim.

Esses trechos destacados são exemplos de ocorrências de discursos produzidos no campo ideológico religioso cristão presente nas reflexões de Bakhtin. Dito isso, encaminho alguns breves comentários para efeito de considerações finais.

Considerações finais

O objetivo deste capítulo foi apresentar uma reflexão acerca do campo ideológico religioso a partir dos escritos de Bakhtin (e do Círculo). Diante da complexidade da proposta, foi possível destacar alguns elementos gerais que permitem estabelecer alguns elementos de fronteiras do campo religioso. Além disso, foi possível perceber como o discurso do campo ideológico religioso aparece nos escritos de Bakhtin, considerando os movimentos e as leituras empreendidas pelo autor na construção de noções potentes de sua filosofia.

Cabe pontuar, diante das reflexões empreendidas que, na dinâmica social e discursiva, os discursos não ficam restritos às suas esferas de circulação, mas atravessam discursos de outras esferas. Assim, os discursos do campo ideológico religioso não aparecem apenas nos rituais e cerimônias religiosas, pois não é raro o uso do discurso religioso em cerimônias oficiais, em discursos no tribunal do júri, em sentenças judiciais, em debates políticos etc.

Isso acontece, possivelmente, devido à forte presença religiosa na atual conjuntura social. E, conseqüentemente, devido à participação dos sujeitos em diversas e diferentes esferas de atuação humana. Ao mesmo tempo, em suas manifestações discursivas, o sujeito age como um todo. Se ele compartilha crenças de um determinado campo religioso, os discursos desse campo tendem a aparecer nos momentos de atuação em outros campos. É o exemplo de um jurista que compartilha crenças religiosas e recorre a elementos dessa crença durante uma arguição no tribunal do júri. Esse é um exemplo simples para mostrar que os discursos dos diversos campos se interseccionam.

Ressalto, assim, que certos discursos produzidos no campo ideológico religioso podem gozar de grande peso valorativo numa sociedade. No Brasil, por exemplo, a religiosidade, que se materializa na grande quantidade de grupos/denominações religiosas e no elevado percentual de pessoas que declaram professar alguma fé, o discurso religioso está muito presente no cotidiano, forjando a ideologia do cotidiano, e perpassam as demais esferas ideológicas. Com isso, destaco a forte influência que os discursos do campo religioso exercem nas tomadas de

decisões, nos comportamentos, nas questões políticas, nas questões étnico-raciais, nas violências e preconceitos religiosos etc.

Assim, a forte influência dos discursos do campo ideológico religioso na vida é motivo suficiente para não desconsiderarmos o estudo de seu acontecimento e funcionamento nas práticas discursivas. Para o estudo desse campo, os escritos de Bakhtin (e do Círculo) apresentam elementos de fronteiras que possibilitam um diálogo responsivo.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BESSA, J. C. R. **Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores**. 2016. 385 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016.

GRILLO, S. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p.133-160.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

MUELLER, B. G. A palavra religiosa como uma variante da ‘palavra autoritária’ em Bakhtin. **Bakhtiniana**, v. 12, n. 1, p. 91-112, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.



UNIDADE II

ANÁLISE DE PRODUÇÕES
DISCURSIVAS DOS DOMÍNIOS DA
CULTURA E DA LITERATURA

A CARNAVALIZAÇÃO NO POEMA POPULAR “O ATAQUE DE MOS-SORÓ AO BANDO DE LAMPIÃO”, DE ANTÔNIO FRANCISCO

Ciro Leandro Costa da Fonsêca

Considerações iniciais

A interação entre a cultura popular, em suas diversas manifestações e gêneros do discurso literários, e a carnavalização teve um olhar inicial a partir da obra *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rebelaïs, de Mikhail Bakhtin. Na referida obra, a reflexão sobre a literatura rabelaisiana concentra-se na inversão de papéis sociais, por meio do destronamento dos grandes e poderosos e da entronização dos pequenos, como também com o inacabamento dos personagens, o seu viés de imperfeição e grotesco gerador do riso, e sua regeneração através do “baixo material”. Na esteira carnavalesca, haverá um desequilíbrio dos padrões estéticos, um rebaixamento do que é considerado simétrico, perfeito quanto à forma sublime, e do sagrado, do que é considerado como equilíbrio das hierarquias sociais.

A praça pública é o espaço carnavalesco por excelência, é o lugar do encontro propício às manifestações culturais populares, às narrativas e contações de histórias, aos folguedos e brincadeiras. Nesse cronotopo, a cultura popular propicia a interação entre brincantes espectadores, narradores e ouvintes, numa relação estabelecida entre o cotidiano e a produção artística, entre a literatura e os contextos históricos, quando as horas de trabalho dão uma pausa e permitem que a brincadeira aconteça, como ao final do dia, após as atividades do campo e da casa ou mesmo nos feriados de carnaval e dias santos. Na praça popular, as manifestações encontram o seu espaço, pois as relações comunitárias e coletivas permeiam as histórias, os versos e as danças. Na esteira do pensamento de Ayala (1997, p. 1),

A Literatura popular, ainda que se construa no interior de um mundo comandado pelo tempo industrial [...] não pode abrir mão de seu tempo comunitário. É aí que ela tem sua possibilidade de existir. Precisa de um tempo em que as pessoas se encontrem, conversem, troquem experiências, mesmo que seja num rápido intervalo para lanche, para café ou para um descanso das tarefas do dia, à noite, quando se conta com um momento de folga, depois do trabalho e das novelas da tevê.

Inscritas na vertente da carnavalização, manifestações populares como o desafio de viola, produção poética oral que acontece no improviso, dando respostas ao adversário para vencer a disputa verbal, a peleja que é baseada na criatividade das ofensas, os versos do maracatu, os cordéis, todas fazem uso da sátira e do destronamento dos grandes. A carnavalização é intrínseca à cultura popular. Nesse viés se inscrevem, por exemplo, os versos de improviso dos

brincantes do maracatu da antiga Rua do Cachimbo Eterno, no município de Luís Gomes, que é habitado pelos afrodescendentes e pelas pessoas mais pobres e discriminadas pela elite local, em que, por meio de uma poética irreverente, buscavam castigar simbolicamente os costumes e a soberba das pessoas consideradas ricas. Essa profanação pode ser vista nos versos “Maracatu, maracatu, maracatu, / Quando for a meia-noite. /Tire a roupa e dance nu”. (JORGE, 2015, p. 29). Neste tipo de composição popular, os brincantes glosavam sua crônica social e destronavam as chamadas famílias tradicionais da antiga vila.

O pensamento bakhtiniano sobre a cultura popular, na esteira da carnavalização, converge com o pensamento da Nova História por abalar os alicerces de história tradicional em que há uma entronização dos grandes como papas, reis, príncipes, generais, enquanto pessoas do povo são representados à margem dos acontecimentos históricos. Embora a Nova História, pensada por teóricos como Peter Burke (1992), objetive essa contestação dos paradigmas tradicionais, na busca de novas testemunhas e protagonistas dos fatos, de forma mais séria, no sentido do não cômico e engraçado, Bakhtin ver no grotesco e inusitado uma forma de destronar as personagens historicamente centrais nas narrativas oficiais e canônicas da história e da literatura. Exemplos são as figuras do imperador Alexandre o Grande remendando calções velhos como forma de sustento e do papa Julio vendendo pastéis no inferno, na obra de Rabelais, analisada por Bakhtin (2003).

O inferno rabelaisiano se assemelha à praça pública do carnaval, onde o espaço é propício ao cômico, ao grotesco e ao destronamento de papas, imperadores, políticos e nobres. O inferno e o carnaval são construções simbólicas que refletem esse confronto de classes em que os pequenos podem se sentir justificados, ao fazer de pessoas entronizados objetos de riso, alvos de ridicularização social, pelo menos no universo literário e cultural. A praça é o espaço onde a carnavalização na cultura popular encontra a possibilidade de existência, onde os agentes das culturas populares se veem como sujeitos da sua própria história e inscritos num contexto histórico maior, embora a diversão seja um momento de folga, de pausa do trabalho pesado, e tenham que conviver com as diferenças e contradições sociais em seu cotidiano de dificuldades econômicas.

No diálogo com a perspectiva da Nova História, o pensamento pós-moderno, bem como os Estudos Culturais, construto teórico que também questiona o cânone e abre espaço para a ênfase das histórias e da cultura local, são inclusas as vozes não contempladas pelas versões oficiais históricas e culturais. Dentre elas, as vozes subalternas presentes nas diversas manifestações da cultura popular, tanto orais quanto escritas, como a cantoria de viola, as emboladas, as narrativas orais e a literatura de cordel, tece-se um novo tecido histórico, literário e cultural. Numa releitura crítica da historiografia tradicional, a cultura popular descentraliza as concepções dos fatos que marcaram a história de um povo, abala os alicerces da exaltação das grandes figuras e as parodia, no jogo dialético de destronização e entronização dos lugares cristalizados. Nessa ruptura, o sujeito histórico não se restringiu mais apenas aos heróis e grandes nomes da chamada história tradicional, mas também os homens anônimos como participantes dos aconte-

tecimentos e fazedores da sua cultura. Essa perspectiva dialoga com o pensamento de Foucault (2008), de que por detrás da grande e desordenada história dos governos, guerras e fome, há uma história quase invisível ao olhar histórico, como a da migração e da rotação da cultura.

O pensamento de Canclini (1997), que sustenta que o culto, o popular e o massivo, separados entre si só, provocam desigualdades, completa a trindade de perspectivas entre a Antropologia, na qual se inscreve esse autor, a Nova História e os Estudos Culturais. Para o antropólogo, a modernidade propiciou que avançássemos de sociedades dispersas em milhares de outras sociedades rurais, formadas por culturas tradicionais, como em algumas localidades com raízes indígenas e pouca comunicação com o restante das sociedades da nação, para uma trama predominantemente urbana que dispõe de uma oferta simbólica heterogênea em constante interação do local com uma rede nacional e transnacional de comunicação. Nesse sentido, não podemos conceber as culturas como cristalizadas, perdidas no tempo e no espaço, isoladas do contexto global, como durante muito tempo se elaborou essa concepção de cultura popular. Com a modernidade, há estratégias sociais de constante reelaboração e ressignificação.

Já o pensamento de Bakhtin sobre a cultura popular na Idade Média, suas reflexões a partir da obra de François Rabelais, abriu novas portas para os estudos das culturas populares, constituindo-se como uma referência desde a primeira metade do século XX até os dias atuais. O pensador russo, ao propor uma reflexão sobre a linguagem e a cultura em seu caráter dinâmico, mutável e dialógico, contribuiu para uma mudança de paradigma e que os estudos literários e culturais se abrissem a questões mais amplas. Nesse sentido, seguir a esteira bakhtiniana contraria os estudos vigentes até então sobre a cultura popular, cuja epistemologia era limitante e bitolada quanto à dinâmica e à circularidade das culturas. Essa perspectiva contrariou o pensamento anterior em voga no Brasil e em outros países nos quais os estudos folcloristas de Luís da Câmara Cascudo eram influentes. Para o folclorista potiguar, uma ação para ser considerada como fato folclórico, deveria apresentar as seguintes características, que, inclusive, separavam o folclore e o popular:

O folclore é o popular, mas nem todo popular é folclore. A Sociedade Brasileira de Folk-Lore (1941) fixou as características do conto, a estória, como tive a inicial coragem de usar em 1942, e que coincidem com o fato folclórico: a) Antiguidade/ b) Anonimato/ c) Divulgação/ d) Persistência (1967, p. 13).

O caráter plural e dinâmico avistado por Bakhtin na variedade das expressões da linguagem e da cultura reflete como as manifestações e gêneros do discurso das culturas populares são situados em condições históricas e sociais. Assim, a visão de Cascudo de que o fato folclórico é anônimo, antigo e, principalmente, imutável foi superada nos estudos da cultura popular enquanto signos de um contexto social, que se transforma historicamente. As ideias de Cascudo seguem uma zona de conforto epistemológica em que bens simbólicos e culturais foram classificados em espaços fechados e delimitados desde os românticos, antiquários e folcloristas do século XIX. Esses estudiosos elaboraram verdadeiros códigos que excluía as manifestações

que não se enquadrassem em seu conjunto de preconceitos canônicos e scriptocêntricos, Com essa abordagem fechada “confinaram o seu estudo numa disciplina chamada folclore, desprezada, por sua vez, do discurso vigente nas ciências humanas” (LEMAIRE, 2002, p. 8).

Com base nas compreensões até aqui construídas, buscamos, neste estudo, observar como a carnavalização, elemento constitutivo das manifestações da cultura popular, se apresenta no poema *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*, do poeta popular mossoroense “Antônio Francisco”. Nossa finalidade é observar como a inversão da hierarquia social, o destronamento dos heróis, a entronização dos personagens, mal vistos pela história, são construídos em consonância com as observações tecidas por Bakhtin sobre a cultura popular na Idade Média, mais especificamente sobre os personagens de François Rabelais. Para isso, abordamos a relação entre cultura popular e carnavalização à luz do pensamento bakhtiniano.

Os poemas de Antônio Francisco transpõem a crítica social observada pelos olhares da paródia, pela distorção dos acontecimentos e pela crítica à história oficial. A escolha do poema em análise, “O ataque de Mossoró ao bando de Lampião”, se fez pelo olhar crítico e pelo viés carnavalizado de inversão da tradição de que o cangaceiro Lampião invadiu a cidade potiguar de Mossoró e foi expulso juntamente com o seu bando. A cidade de Mossoró, elaborada por uma história oficial como resistente, pode ser comparada ao inferno carnavalesco da obra *Gargântua e Pantagruel*, de Rabelais, por manifestar a inversão da ordem equilibrada e estabelecida. Nessa obra, o inusitado é possível numa reelaboração simbólica da história e da cultura popular, o que também podemos observar na poesia de Antonio Francisco em análise.

Cultura popular e carnavalização

Na obra *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Bakhtin ilumina as relações entre a cultura popular e a carnavalização existentes desde a Idade Média. Bakhtin (2003) reflete sobre a inversão de posições sociais a partir dos destronamento dos poderosos, dos reis, papas e a entronização dos membros das camadas mais baixas da sociedade. Além disso, ele reflete acerca do inacabamento dos personagens e a partir do baixo material. O poemas de Antonio Francisco, ao relembrar elementos da obra de Rabelais, confirma que “a carnavalização é categoria que pode ser depreendida e analisada nos textos de qualquer época” (DISCINI 2006, p. 90).

Essa atualização da carnavalização, enquanto face intrínseca da cultura popular, pode ser vista nas diversas festas, como a Folia de Reis, manifestação que coroa pobres e negros, e a coroação do rei Momo. Essa entronização do grotesco é uma crítica aos ideais de rigor estético e a simetria como símbolos da padronização social, tendo em vista a participação de mulheres oriundas das camadas menos favorecidas como rainhas de bateria das escolas de samba, enquanto mulheres das elites se tornam meras espectadoras nas arquibancadas do sambódromo, neste espaço que se assemelha a praça pública, observa-se a lógica da inversão da ordem. Na narrativa rabelaisiana, Bakhtin observa o inferno em personagens destronados como o impera-

dor Alexandre o Grande, que remenda calções velhos para ganhar a vida, o papa Júlio, que vendia pastéis em troca bordoadas, o imperador Dari, o qual limpava latrinas, numa dinâmica em que os grandes desse mundo lá embaixo teriam uma vida difícil e de muito trabalho, enquanto os filósofos e indigentes seriam os seus senhores. Nessa visão do inferno,

À penetração dos elementos carnavalescos na visão oficial do inferno, fato consumado na obra de Rabelais, Bakhtin chama carnavalização do inferno: o inferno, como símbolo da cultura oficial, como encarnação do acerto de contas, como imagem do fim e do acabamento das vidas e do julgamento definitivo sobre elas, é transformado em alegre espetáculo, bom para ser montado em praça pública e no qual o medo é vencido pelo rio, graças à ambivalência de todas as imagens. O inferno carnavalizado, apresentado por Bakhtin como constituinte do sistema de imagens rabelaisianas, testemunha a permutação do alto e do baixo ou a lógica da inversão, própria à cultura popular: os grandes são destronados, os inferiores são coroados (DISCINI 2006, p. 55).

Segundo Discini (2006), esta é a mística do inferno carnavalesco na obra de Rabelais. A nova ordem será um viés significativo nas produções artísticas da cultura popular, como o carnaval de rua, realizadas nas praças públicas, onde não há blocos e camarotes representativos da hierarquia e divisões sociais. A cultura popular permite a multiplicidade, ao contrário da ordem oficial que busca a homogeneidade dentro de uma elite fechada, e a exclusão das camadas menos abastadas.

A obra *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, do antropólogo Roberto DaMatta, apresenta reflexões críticas sobre o coronelismo, as relações de poder, a chamada “malandragem brasileira”. Sua abordagem compara os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro com os desfiles cívicos oficiais. Os desfiles do samba escapam da hierarquização cotidiana e os grupos são colocados em livre competição, pois já se encontram “hierarquicamente ordenados antes dos desfiles, com as ‘escolas’ classificadas em ‘grandes’ e ‘pequenas’ (DAMATTA, 1997, p. 58). O paradoxo apresentado pelo pensador é a presença, nas escolas, tanto de pessoas pobres, como de artistas famosos, astros do esporte e milionários, que se dividem apenas em sua preferência pela escola com a qual mais se identificam. Esse convívio propicia, nos enredos, uma teatralização baseada na lógica das inversões. Ao contrário dos desfiles oficiais, onde se reforçam a ordem, a hierarquia e o equilíbrio.

Os desfiles oficiais, como o Dia da Pátria, da Independência do Brasil, são elaborados a partir dos paradigmas tradicionais da história. Já os desfiles das escolas de samba são pensados pelo povo. Nos desfiles oficiais há uma hierarquia social bem definida, em que as grandes autoridades recebem continência das subalternas. Os inferiores desfilam diante dos superiores, num equilíbrio que não permite a inversão. Já no carnaval enquanto uma manifestação popular,

Chama a atenção, nesses desfiles, a inversão constituída entre o desfilante (um pobre, geralmente negro ou mulato) e a figura que ele representa no desfile (Um nobre, um rei, uma figura mitológica) e, ainda, a participação de

toda a sociedade inclusiva, seja como juiz, seja como torcedor (DAMATTA, 1997, p. 58).

As manifestações populares, diferentemente dos desfiles oficiais, permitem a inversão de papéis, e as representações, antes concentradas apenas no que são considerado feitos dos grandes homens, como reis, generais, políticos, passam a iluminar trajetórias da vida de personagens anônimos e oficialmente silenciados. Um exemplo atual de um desfile polissêmico são as comemorações do dia 2 de julho na Bahia, dia em que o estado celebra a Independência do Brasil. Apesar de o desfile ser também cívico, a participação popular nessa organização conduz a frente a figura do caboclo, símbolo dos mestiços, dos índios, dos negros e de sua participação como sujeitos históricos no processo da independência. A inclusão e a inventividade da cultura é uma alternativa no popular. Assim, para o antropólogo:

Como o desfile carnavalesco reúne um pouco de tudo – a diversidade na uniformidade, a homogeneidade na diferença, o pecado no ciclo temporal cósmico e religioso, a aristocracia de costume na pobreza real dos atores – ele remete a vários subuniversos simbólicos da sociedade brasileira, podendo ser chamado de um *desfile polissêmico*. O oposto é o que ocorre no desfile militar do Dia da Pátria, em que, embora exista obviamente uma reunião do povo com as autoridades, sua separação é patente e o foco dos símbolos, gestos e falas rituais é unívoco (DAMATTA 1997, p. 59).

Com base no exposto, podemos dizer que, na sociedade complexa em que estamos inseridos e vivenciamos vários acontecimentos e fatos, os rituais servem para promover a identidade social e construir seu caráter. Por exemplo, no que se refere ao carnaval brasileiro, é propagada a imagem de um país com um povo de muitos problemas sociais, porém, essa classe mais injustiçada é a mesma que, no carnaval, dramatiza figuras históricas, personagens de grande relevância social e, no final das contas, se configuram como uma imagem de povo feliz.

Nesse sentido, o rito pode ser compreendido como dramatizações de temas e problemas básicos do cotidiano de uma sociedade. “O rito, como elemento privilegiado de tomada de consciência do mundo, é um veículo básico na transformação de algo natural em algo social” (DAMATTA 1997, p. 35). Logo, o carnaval e as festividades do Dia da Independência dramatizam valores globais, críticos e abrangentes da nossa sociedade, ritos de abrangência nacional ajudam a cristalizar uma identidade.

Portanto, a carnavalização pode atualmente ser utilizada como categoria de análise para diversos textos, principalmente quando se trata da poesia popular, visto que:

Fica registrada a carnavalização como movimento de desestabilização, subversão e ruptura em relação ao “mundo oficial” seja este pensado como antagonístico ao grotesco criado pela cultura popular da Idade Média e Renascimento, seja este pensado como modo de presença que aspira à transparência e à representação da realidade como sentido acabado, uno e estável, o que é incompatível com a polifonia. (DISCINI 2006, p. 84).

Dessa forma, a subversão enquanto elemento característico das manifestações da cultura popular mostra o antagonismo social e político entre o mundo oficial, dos desfiles cívicos e das paradas militares e o carnaval popular, tanto nas folias de praça realizadas pelos brincantes, como na sua representação nas narrativas e poemas orais ou escritas. O paradigma de uma realidade. A ridicularização da história tradicional faz emergir personagens apagados das narrativas predominantes, e reveste a realidade com uma atmosfera inacabada, instável que questiona os padrões estabelecidos, tornando a cultura um ligar polifônico.

A carnavalização no poema *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*

Nesta seção, buscamos analisar o aspecto carnavalesco da poesia popular no poema *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*, do poeta mossoroense Antônio Francisco, observando a presença da carnavalização, do destronamento dos grandes e da entronização dos pequenos, e as imagens poéticas elaboradas sobre os personagens que permitem um olhar cômico sobre a história oficial e uma releitura crítica do passado.

A literatura popular, em suas manifestações orais e escritas, é um discurso que dá voz ao povo e permite que a sua visão dos fatos históricos confronte as versões oficiais que buscam engrandecer os membros das classes dominantes. Na poesia *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*, percebemos a partir do seu título a lógica da inversão.

Na história oficial, comemora-se a resistência da cidade de Mossoró ao ataque do bando de Lampião em que os cangaceiros são imaginados como bandidos e as autoridades como “heróis da resistência”. O título sugere uma visão carnavalesca que questiona esse ataque do cangaço à cidade, como uma versão alternativa, pois os cangaceiros também foram atacados. Convém lembrarmos que o autor é um poeta popular mossoroense e, como poeta do povo, Antônio Francisco dialoga com a corrente teórica denominada “Nova História”, uma vez que este novo construto descentraliza os discursos dominantes, seus contextos, fatos e personagens por meio de uma abordagem da história capaz de ultrapassar o enfoque dado aos feitos das grandes figuras como sujeitos centrais dos acontecimentos. Assim:

A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história (BURKE 1992, p. 12).

Como podemos ver, a Nova História busca incluir esse restante da humanidade, oportunizando a voz àqueles que não a tiveram na história oficial, e uma visão não vinda somente de baixo, mas de dentro das tramas da história. A história oficial do ataque tece a imagem dos cangaceiros como bandidos e invasores e dos políticos como grandes heróis e benfeitores. O folclorista Raimundo Nonato, em seu livro *Os revoltosos em São Miguel*, de 1926, apresenta, sob o viés da história oficial, a passagem da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte, caracteri-

zando os políticos da época como heróis. Além dessa intenção subjacente ao texto da obra, que pode ser percebida até mesmo em nota de rodapé existente na página 55, o autor exalta a figura do Coronel Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins. Tanto na passagem dos revoltosos da Coluna Prestes, como no fato da passagem do cangaço por Mossoró, o folclorista descreve o coronel como “sendo o incansável defensor da cidade no assalto, em 13/06/1927, do grupo dos terríveis cangaceiros Lampião, Sabino e Massilon v. ‘LAMPIÃO EM MOSSORÓ, 1956, R. NONATO, ed. Pongetti. Rio; MOSSORÓ, VINGT-UM ROSADO” (NONATO, 2009, p.55). Essa visão é reforçada em outras produções do autor, como no livro *Lampião em Mossoró*.

Quando a história oficial usa até mesmo notas de rodapé para a exaltação dos dominantes, a literatura popular é o viés de uma nova visão. O poema em análise narra um evento musical ocorrido no inferno, em que Lampião ganha um prêmio, podendo ir a qualquer lugar do inferno. Como na obra de Rabelais, é o espaço do inferno que inverte a cultura oficial, ocorrendo aí carnavalização que se transforma num alegre espetáculo. Vejamos as 4ª e 5ª estrofes do poema:

Um evento musical
Chamado canta Vém-vém
Que busca prestigiar
Os valores que eles têm
Dando prêmios e mais prêmios
Às almas que cantam bem

Lampião foi o primeiro
Cantando Mulher Rendeira
O segundo Cão sem Dedo
O inventor da soqueira
Que ganhou cantando a música
Bagaços de fim de feira

Com a inversão dos tormentos infernais transformados em festa, o destronamento dos poderosos se torna possível e é representado no poema pelo desejo de Lampião de voltar a Mossoró. Na esteira de Burke (1992), os novos historiadores têm buscado a substituição de uma história antiga por uma nova versão, numa desconstrução dos paradigmas tradicionais. De forma alegórica, como poeta, e também como historiador de formação pertencente a essa nova corrente, o poeta desfaz a lógica dos políticos heróis em oposição aos cangaceiros banidos. Desfaz, também, a imagem da cidade que se imortalizou na tradição como a cidade que enfrentou Lampião e o colocou “para correr”. Na mesma lógica da inversão carnavalesca, o inferno é um lugar de paz, diferente do sertão marcado por sofrimentos e injustiças, conforme constatamos nas 8ª, 9ª e 10ª estrofes do poema:

Lampião disse contente
O Nordeste é meu xodó
Eu vou rever o Sertão

E dá lá naquele pó
Um abraço em Candeeiro
E um susto em Mossoró

Mas Massilon quando soube
Dos planos de Lampião
Correu e disse: compadre
Não faça besteira não!
Trocar essa paz daqui
Nas estradas do Sertão.

Esqueça de Mossoró
Por favor você não vá
A gente vê o perigo
Daquelas bandas de lá
Pelos semblantes das almas
Que vem correndo pra cá.

Lampião disse: compadre
Amanhã eu partirei
Eu não vou gastar aqui
Enquanto Mossoró zomba
Da carreira que eu levei.

A lição que Lampião deseja dar a Mossoró é a perspectiva carnavalesca do poema popular, que provoca um questionamento sobre a história oficial: quem são os verdadeiros bandidos nessa história? A resposta está subjacente no desejo de justiça do cangaceiro. Outro elemento significativo do poema é a paz que desfrutam no inferno, ao contrário das estradas do sertão e o perigo existente em Mossoró, visto no semblante das almas que correm para o inferno buscando a paz inexistente na referida cidade. Nesse sentido, a cidade simboliza a cultura oficial que entroniza os chamados “heróis da resistência e tece a imagem dos cangaceiros como terríveis bandidos”, conforme vimos nas palavras do folclorista Raimundo Nonato.

A cultura e a história oficiais constroem, sobre a passagem do bando de Lampião por Mossoró, uma imagem de ataque, invasão e assalto, signos que pela carga ideológica e pejorativa contribuem para a elaboração de um antagonismo entre cangaceiros bandidos e defensores heróis, e assim constroem uma tradição de “resistência”. Isso se trata de uma estratégia que, segundo Hall (2005), ao seguir a esteira de outros autores, é uma invenção da tradição:

Uma terceira estratégia discursiva é constituída por aquilo que Hosbawn e Ranger chamam de invenção da tradição: Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas...*Tradição inventada* significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado (2005, p. 54, grifos do autor).

Podemos ver essa invenção de uma tradição de resistência nos nomes dos prédios públi-

cos como a prefeitura, que se chama “Palácio da Resistência”, em encenações como “Chuva de balas no país de Mossoró”, que, anualmente, repete simbolicamente a resistência da cidade ao bando de Lampião perto de chegar a Mossoró. Em seu caráter simbólico-social, essa passagem do poema carnavaliza a classificação dos cangaceiros enquanto assaltantes, pois foram eles assaltados, antes mesmo de entrarem em Mossoró, mas Lampião não desiste, como vemos nas 13^a, 16^a, 17^a, 18^a estrofes:

Quando pisaram na pista
O bando foi assaltado
Deram um tabefe em Colchete
Lampião foi empurrado
Cacheado apanhou tanto
Que perdeu o cacheado

Depois daquilo Maria
Disse olhando Lampião
Nesses três quarto de Século
Mudaram a cor do Sertão
Por favor vamos embora
Deixe Mossoró de mão.

Lampião disse Maria
Eu vou nem que seja só
Nem que eu perca o outro olho
E apanhe de fazer dó
Só vou voltar quando eu
Me vingar de Mossoró.

Quem quiser ficar que fique
Perdidos nesse vargel
Eu entrar pelo bairro
Do Alto de São Manoel
Descer cortando gente
Até passar no quartel.

A narração segue com uma espécie de carnaval, em que os cangaceiros festejam a entrada em Mossoró. Ironicamente, são os cangaceiros que zombam de Mossoró, ao contrário do que ocorre na história oficial, transformando a vingança numa festa. Assim, o poema reconstrói e reelabora práticas discursivas da identidade cultural mossoroense, conferindo-lhe uma nova narrativa, num exercício de ficção e licença poética que permite uma releitura crítica do passado, tal como podemos perceber nas 20^a e 21^a estrofes:

Jararaca quis correr
Mas quando viu Lampião
Agarrado com Maria
Marcando passo no chão
Entrou no meio da dança
Cantando Carrinho de Mão.

Asa Branca e Beija Flor
Atrás do carro de som
Diziam pra Mergulhão:
Queria ser Massilon
Dentro dum chafurdo desse
Não canta Chimbon-bom-bom.

Estas estrofes, de caráter cômico, dessacralizam a cultura oficial e os rituais sérios das tradições que rememoram a “vitória” de Mossoró sobre os cangaceiros. A tradição da resistência é zombada na lira do poeta popular, quando apresenta, na voz dos cangaceiros, composições musicais que fizeram sucesso nos carnavais contemporâneos. Nesse aspecto, o narrador do poema traduz o sentimento do povo de inverter as tramas da história, estabelecendo, assim, diálogo com a visão do próprio Bakhtin sobre a obra de François Rabelais. Nas palavras do filósofo,

As imagens de Rabelais se distinguem por uma espécie de caráter “não-oficial”, indestrutível e categórico, de tal modo que não há dogmatismo, autoridade nem formalidade unilateral que possa humanizar-se com as imagens rabelaisianas, decididamente hostis a toda perfeição definitiva (BAKHTIN 1987, p. 2).

As últimas estrofes, na mesma lógica da inversão carnavalesca, narram um ataque sofrido pelo bando de Lampião por perueiros. O bando de cangaceiros, ao invés de se vingar de Mossoró, é atacado. Porém, é nesse ataque que se dessacraliza a cultura oficial que os considera invasores, assaltantes e bandidos, conforme vemos nas estrofes da 25^a a 30^a:

Lampião desceu a ponte
Dizendo pros companheiros:
O Nordeste já prestou.
Já foi bom pra cangaceiros
Quando o bando foi cercado
Por trinta e dois perueiros.

Três ainda reagiram
Mas foram lentos demais
Três perueiros chegaram
Seguraram os três por detrás
E foram deixar os pobres
Depois de Carnaubais.

Outro perueiro esperto
Das bandas do Cariri
Pegou Sabino e Mourão
Quixadá e Bentevi
Sacudiu dentro da besta
E tirou pro Apodi.

O restante do cangaço
Que estavam com Quindú
Foram levados na marra
Pra cidade do Assú
Numa besta clandestina
Com as placas de Patú.

Lampião ficou sozinho
Como um garrote perdido
Com a derrota batendo
No seu peito dolorido
E dezoito moto-táxis
Buzinando no ouvido.

Chorou na Praça do Cid
Com saudade de Maria
Da última vez que ele a viu
Maria Bonita ia
Cantando chimbon-bom-bom
Numa banda da Bahia.

Lampião, na conclusão do poema, mostra-se cansado de correr de Mossoró, que continua sendo uma cidade violenta, apesar de não ser ele o causador da violência do sertão. Nesse sentido, o poema popular conduz a reflexão para um questionamento: quem são os verdadeiros responsáveis pela violência no sertão? É na cultura popular que esse conflito pode se estabelecer por ser, como a praça pública do carnaval, o espaço do povo e dos destronamentos. Vejamos a conclusão do poema:

Passou na Rádio Rural
Tomou uma no oitão
Comprou um cordel a Zé
E saiu riscando o chão
Com três meninos de rua
Limpando o seu chinelão.

Quando o dia ia morrendo
Todo coberto de pó
Passou lá no Jucurí
E disse ao velho Chico
Que já estava enjoado
Aborrecido e cansado
De correr de Mossoró.

A cultura e a literatura populares, como aponta Bakhtin sobre a obra de Rabelais, confronta toda espécie de dogmatismo e autoritarismo da cultura oficial. Vemos isso no poema analisado e em muitas outras manifestações artístico-culturais. Nessa interação com a perspectiva bakhtiniana, com a diversidade de manifestações populares, a teoria da carnavalização aponta novos caminhos e abre uma nova porta para as investigações dos estudos culturais, da

Nova História, e para a paródia. Essa reinvenção dos valores canônicos e dos paradigmas tradicionais permitiu a literatura de cordel ser percorrida por trilhas interdisciplinares. A carnavalização transcende os limites da filosofia da linguagem, e nesse rompimento de fronteiras, supera as dicotomias da linguagem por meio da capacidade recriadora da cultura popular.

Considerações finais

O poema popular *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* nos mostra como a carnavalização é constitutiva da literatura e da cultura populares, permitindo não só a inversão de papéis com o coroamento dos pequenos e os destronamentos dos grandes, mas principalmente um repensar sobre a história enquanto construção ideológica. A literatura popular, como a praça pública do carnaval, oportuniza o conflito entre as classes.

Os versos de Antonio Francisco dialogam com a Nova História, vertente da história que dá voz às classes populares e coloca todos os participantes da história em pé de igualdade, sendo uma alternativa às tradições inventadas pela classe dominante. Segundo Ortiz (1980, p. 9): “na verdade a esfera da cultura popular e da religião me parece um lugar privilegiado para se estudar o embate político entre classes e grupos sociais. [...]. O político constitui uma dimensão eminente do mundo social”.

O viés carnavalesco do poema em análise é uma nova visão das noções de heróis e bandidos do fato histórico da passagem do bando de Lampião por Mossoró e, de forma cômica, brinca com a história oficial, mas uma brincadeira séria e reveladora de um novo olhar que só o popular proporciona pela voz de seus agentes.

Referências

- AYALA, M. I. N. Riqueza de pobre. Literatura e sociedade. **Revista de teoria literária e literatura comparada**, n. 02, p.160-169, 1997.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 4. ed. São Paulo: Hucitec/UnB, 2003.
- BURKE, P. Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CASCUDO, L. da C. **Folclore do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DISCINI, N. Carnavalização. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Pau-

lo: Contexto, 2006. p. 53-93.

FRANCISCO, A. O ataque de Mossoró ao bando de Lampião. *In*: FRANCISCO, A. **Os animais têm razão** – para ouvir e pensar. CD – livro editado pela PETROBRAS. Caucaia: Compacto disc Digital Áudio, S. D.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HUTCHEON, L. **A poética do pós modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

JORGE, F. **O Livro dos Afiguraves**: folhetim de Bom Jesus da Serra de Luís Gomes. Natal: Feedback, 2015.

LEMAIRE, Ria. Gravador? ... Que estás gravando? Prefácio à 2ª edição. *In*: CARVALHO, G. de. (org.). **Patativa, poeta pássaro do Assaré**. Entrevistador Gilmar de Carvalho. Fortaleza: Omni Editora Associados Ltda, 2002.

ORTIZ, R. **A consciência fragmentada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NONATO, R. **Os revoltosos em São Miguel-1926**. 3. ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 2009.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

ESTILO E ARGUMENTAÇÃO NO *AUTO DA COMPADECIDA*: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA NO DISCURSO CONVENCIVO-PERSUASIVO DE JOÃO GRILO

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira

Introdução

No arcabouço da filosofia do Círculo de Bakhtin, especialmente em Volóchinov (2017), pudemos perceber que, antes de agir fisicamente, o ser humano age ainda no plano da consciência, no mundo das ideias. Mundo esse em que, na consciência de um dado sujeito, cruzam-se ideias oriundas de diversas consciências, o que torna infinito o modo de percepção e criação humana, enquanto linguagem.

Nessa perspectiva, ao usar a linguagem socialmente, o tempo inteiro, o ser humano interpreta as realidades e as expressa em forma de dizer. Assim, suas visões de mundo, criativamente, constroem horizontes de valorações sociais que influenciam no modo de visão particular do outro; principalmente, na forma como este contempla esses índices de valores refratados nas múltiplas situações discursivas.

É por este ângulo que, neste trabalho, investigamos o estilo argumentativo de João Grilo, na narrativa do filme *O Auto da Compadecida*. Especificamente, averiguamos como essa personagem, em suas falas, cria suas narrativas para convencer ou persuadir alguém quanto a cumprir um interesse seu. Na verdade, observamos o modo discursivo de como esse protagonista orchestra a argumentação e constrói um estilo.

Diante disso, o estudo é determinado para responder ao seguinte questionamento: como é construído o estilo argumentativo de João Grilo, para convencer/persuadir seus interlocutores? Para isso, teoricamente, a pesquisa se fundamenta no conceito de estilo, oriundo da Filosofia do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011, VOLOCHÍNOV, 2013, VOLÓCHINOV, 2017), e nos conceitos que contemplam os meios de persuasão dependentes da arte (patos, etos, logos), emanados da Retórica de Aristóteles (ARISTÓTELES, 2013).

Quanto aos pressupostos metodológicos, a pesquisa é qualitativa, de cunho interpretativista. Para tanto, a investigação do objeto de estudo acontece a partir de um olhar para o *corpus* composto de quatro enunciados referentes às falas de João Grilo, no filme *O Auto da Compadecida*. Especialmente, esse conjunto de enunciados foi escolhido com base nos momentos narrativos em que o protagonista usa a linguagem para convencer o povo, o padre e o cangaceiro Severino de Aracaju.

Excetuando esta introdução, o capítulo se compõe de uma seção teórica, na qual será discutida a base conceitual de estilo, etos, patos e logos. Em seguida, serão apresentadas quatro seções que discorrem sobre o estilo argumentativo de João Grilo, para convencer o povo, o padre e o cangaceiro.

Estilo e argumentação

Ao tratar do estilo, Volochínov (2013) compreende que este se constitui da relação interacional entre os seres humanos e seu entorno social. Na ótica desse autor, esse elemento conceitual se concebe do acabamento dado à palavra, em sua relação intrínseca com a vida (VOLOCHÍNOV, 2013). Isso quer dizer que a “palavra é o esqueleto que se enche de carne viva somente no processo da percepção criativa e, por consequência, somente no processo da comunicação social viva” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 91). Portanto, conforme apreendemos do Círculo de Bakhtin, o estilo compreende o modo de orquestração da palavra no processo de interlocução, conferindo tanto seu processo de acabamento como seu produto de expressão.

Nesse ponto de vista, o outro institui o elemento fundamental para a construção estilística (VOLOCHÍNOV, 2013). E quando consideramos isto, estamos nos embasando no que Volochínov (2013, p. 92) preconizou, ao asseverar que “o *tom principal* do estilo de uma enunciação se determina, desta maneira, em função da pessoa de quem se trata e em que relação se encontra com o falante: se é superior, inferior ou igual a este na escala da hierarquia social”.

Diante disso, presumimos que a relação de alteridade que orienta o estilo, segundo concebemos em Bakhtin (2011), é construída em decorrência da relação do ser humano ao usar a linguagem em sua vivência nos diversos âmbitos sociais. Nesse caso, o filósofo postula que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Ou seja, uma vez que isso acontece, no estilo, refletem-se “as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2011, p. 262); principalmente, porque este representa um dos elementos de composição dos gêneros do discurso, o que Bakhtin (2011, p. 262) chamou de “tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Assim, mediante a composição estilística, podem se perceber as particularidades enunciativas do sujeito que profere o enunciado, bem como as nuances dos elementos de heterogeneidade das camadas sociais (BAKHTIN, 2011).

Quanto ao estilo, ao levarmos em conta as particularidades do pensamento do Círculo de Bakhtin, podemos inferir que: (i) há uma relação harmônica entre a construção estilística, a temática e construção composicional do tipo de enunciado (BAKHTIN, 2011); (ii) há uma determinação do tom estilístico em vista da orientação da relação de alteridade; (BAKHTIN, 2011) (iii) há um processo de escolhas diante da variedade linguística, da relação de alteridade e do propósito comunicativo; (BAKHTIN, 2011) e (iv) há um processo de acabamento constante em razão da relação de alteridade (BAKHTIN, 2011).

A argumentação, no ponto de vista aristotélico, é cogitada a partir de três principais seguimentos, a saber: (i) da razão; (ii) dos sentimentos/emoções; e (iii) da imagem que se cria discursivamente (ARISTÓTELES, 2013). Nesse sentido, tudo isso está inserido no plano daquilo que o filósofo grego chamou de retórica, isto é, “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio parar criar a persuasão” (ARISTÓTELES, 2013, p. 44).

No horizonte da retórica, convencer/persuadir alguém de algo significa construir um discurso marcado por elementos que contemplam o que Aristóteles (2013) chamou de meios de persuasão: (i) o etos, que “depende do caráter pessoal do orador” (ARISTÓTELES, 2013, p. 45); (ii) o patos, que “leva o auditório a uma certa disposição de espírito” (ARISTÓTELES, 2013, p. 45); e (iii) o logos, que é relativo ao próprio discurso, “no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2013, p. 45). Especificamente, esses três elementos argumentativos foram considerados, por Aristóteles, como dependentes da arte (ARISTÓTELES, 2013). Portanto, apoiado no arcabouço dessa filosofia, Abreu (2009, p. 25) entende que argumentar “é a arte de convencer e persuadir. Convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. Persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro”.

O estilo argumentativo de João Grilo para a divulgação do filme *A paixão de cristo*

João Grilo e Chicó precisavam chamar a atenção da população, bem como convencê-la, para assistir ao filme *A paixão de Cristo*, na igreja matriz. Uma vez que, para isso, era preciso haver o pagamento referente a um ingresso, eles tinham de usar a linguagem adequadamente; sobretudo, falando, ao povo, de modo claro, usando a variedade predominante na comunidade de Taperoá, envolvendo elementos da sua história e da sua cultura. Sendo assim, eles construíram o seguinte enunciado:

Enunciado 01: Anúncio do filme A paixão de Cristo.

João Grilo: Hoje à noite, na Paróquia de Taperoá, vai passar *A paixão de Cristo*.

Chicó: Um filme de aventura, que mostra um caba sozin e desarmado, enfrentano o Império Romano todinho.

João Grilo: Não percam, a história de um vivente que é Deus e homem ao mesmo tempo.

Chicó: Um filme de mistério, cheio de milagres e acontecimentos do outo mundo.

João Grilo: A Paixão de Cristo, o filme mais arretado do mundo.

Chicó: E se não for, eu cegue!

Fonte: Elaboração do autor, a partir da transcrição da cena do filme

No Enunciado 01, observa-se que o estilo argumentativo de João Grilo é construído a partir da seguinte composição: (i) pela fala de João Grilo, apoiada na/pela fala de Chicó; (ii) pelo uso da variedade linguística falada na comunidade; (iii) pela construção de uma sequência progressiva envolvendo: (a) o tempo; (b) o lugar; (c) o objeto discursivo; (d) uma primeira descrição sucinta do objeto discursivo; (e) a ordem imperativa para o atendimento do convite; (f) uma segunda descrição sucinta para apoiar a primeira; (g) uma conclusão valorativa do filme; e (h) um juramento para atestar a qualidade do filme.

Quanto ao elemento de composição estilística visto em (i), observa-se que, na primeira

fala de João Grilo, é apresentado aquilo que, em Aristóteles (2013), pode ser compreendido como etos; isto é, a criação discursiva da imagem do objeto – o filme *A paixão de Cristo*. Essa premissa é apoiada pela, também, apresentação do etos desse objeto; só que, desta vez, ao invés do nome do objeto, é apresentada uma descrição que qualifica essa primeira imagem no plano de um conjunto de características, tais quais são destacados a categoria do filme e o aspecto heroico do protagonista.

Em seguida, no que diz respeito ao que é contemplado em (ii), pode ser observado o que Volochínov (2013) entende ser a relação entre o sujeito da fala, seu propósito comunicativo e as valorações de linguagem existentes na comunidade de fala, como, por exemplo, o enfoque no termo “caba”, uma representação regional para homem, cara, rapaz etc.; o uso do adjetivo “mais arretado”, uma possível substituição léxica para a expressão “melhor”. Ademais, o João Grilo também enfatiza as palavras “sozin” e “enfrentano”, duas expressões com, respectivamente, terminações desinenciais com possíveis supressões das desinências “-inho” e “-ando”, algo bem comum no imaginário social de algumas comunidades de fala da Região Nordeste.

Por fim, no elemento composicional de (iii), pode ser observada uma lógica linguístico-discursiva que aponta para a formulação mental de haver um lugar social e um tempo para acontecer um evento. Além disso, há a indicação de que, pela valoração do evento, ninguém pode perdê-lo, o que culmina num juramento feito através de uma promessa.

O estilo argumentativo de João Grilo para acalmar a multidão após Chicó ter parado o filme

Em situações em que há prejuízos por perda de dinheiro, o ser humano, na maioria das vezes, pode perder a compostura racional e se comportar de maneira irracional. Foi o caso da multidão que estava na igreja, assistindo ao filme *A paixão de Cristo*. Especificamente, o povo ficou chateado pelo filme ter queimado e parado e por não ter visto o fim, e, em decorrência disso, procuraria João Grilo e Chicó para compensarem o prejuízo monetário. Ao perceber o frenesi da multidão, João Grilo, rapidamente, para se livrar da cobrança das pessoas, pensou em uma estratégia para aplacar aquela turba. Desse modo, pronunciou-se da seguinte forma:

Enunciado 2: O pedido de calma

João Grilo: Calma, minha gente! Que aperreio é esse? Não aconteceu nada! Chicó parou o filme porque quis. Não foi, chico? E parou porque foi padro João mermo que pediu. Não foi, Padre João? Então! E porque foi que padre João parou o filme no momento mais emocionante dele que é a crucificação? Exatamente! Porque agora vocês vão assistir o resto da história aqui mesmo na igreja. E não é em tela de cinema, não! E quem vai nos mostrar é o Padre João. Não é Padre João? Pois é! Todo mundo de joelho, que o padre João vai rezar a missa, que representa o sacrifício de Jesus que morreu na cruz, coitado, para nos salvar.

Fonte: Elaboração do autor, a partir da transcrição da cena do filme

Como se pode observar, no Enunciado 2, a argumentação de João Grilo se constrói a

partir do seguinte estilo: (i) ênfase no pedido de calma; (ii) afirmação de Chicó ter parado o filme intencionalmente; (iii) afirmação de o final do filme ser realizado em forma de missa.

No dizer de Volochínov (2013), a palavra é orquestrada criativa e perceptivamente para refletir uma comunhão de valores em direção ao outro. Assim sendo, ao construir sua argumentação, João Grilo opera a palavra seguindo tal estratégia estilística: (a) começa seu discurso, pedindo calma e, para tanto, enfatiza em três tons: no pedido de calma, na pergunta-afirmativa de que não há aperreio e na afirmação de que não houve nada. Ao escolher essa sequência enunciativa, o protagonista, simplesmente, está preparando o povo, influenciando seus sentimentos e emoções, para a percepção do etos da missa como uma valoração maior do que a prevista no final do filme; visto que esta representa a celebração espiritual da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Cuidadosamente, o menino matreiro, ao argumentar, ao mesmo tempo, convence e persuade as pessoas, fazendo afirmações e confirmando-as com perguntas, apontando para a conclusão de que não haverá a perda do dinheiro pago para ver o filme; justamente pelo fato de que, na missa, o fim do filme será bem mais interessante. Nesse sentido, a construção da sequência apresentada em (i), (ii) e (iii) configura uma maneira de valorizar o etos do sacerdote enquanto autoridade representante de Cristo na Terra. Isso acontece graças à comunhão de valores compartilhada no âmbito da religião.

Por um lado, no caso de argumentar persuadindo, como compreende Abreu (2009), João Grilo gerencia a relação discursiva tocando nas emoções do povo; sobretudo, despertando o sentimento cristão refratado na imagem criada, na missa, de que um homem justo foi morto injustamente; tanto é que ele opta, e apela, por chamar Jesus de coitado, dizendo da sua inocência, do seu sacrifício e da sua morte. Por outro lado, no que concerne a argumentar convencendo, ainda segundo a apreensão de Abreu (2009), é possível perceber, na fala de João Grilo, uma construção estilística marcada pela criação de uma imagem racional, formada por uma sequência discursiva estabelecida pela conclusão de que haverá o encerramento do filme.

Isso pode ser evidenciado pela imposição da afirmação de que não houve nada, de que o fato aconteceu intencionalmente, pela razão de que houve uma combinação com o padre, para a celebração de uma missa – ato religioso que contempla a população católica de uma cidade. Linguístico-discursivamente, João Grilo marca os tons da lógica em sua fala, apresentando, depois de suas perguntas afirmativas, termos como “então”, “exatamente”, “pois é”, para chegar à conclusão do imperativo usado para pedir que o povo se posicione para o início da missa.

O estilo argumentativo de João Grilo para convencer o padre a benzer a cachorra

Nos interiores de alguns estados da Região Nordeste, era e ainda é comum a prática de usar rituais/atos religiosos para conferir bênçãos para pessoas, animais, objetos, propriedades etc. Isso era uma prática comum, principalmente, para com as pessoas ricas, quando adquiriam

algun bem, quando tinham um familiar doente ou quando morria alguém da família. Foi nesse contexto que João Grilo teve a ideia de chamar o padre para benzer a cachorra pertencente à Dora, mulher do padeiro.

Na narrativa do filme, a prática de benzer animais parecia não ser apropriada para a autoridade religiosa, visto que a realização desse ato poderia parecer jocosa. De contrário, como se pode ver, na fala de João Grilo, essa prática aconteceu no caso específico de um motor de uma pessoa rica da cidade, o Major Antonio Moraes. Diante desse contexto, vejamos, no Enunciado 3, como o matuto taperoaense constrói sua argumentação em favor da dispensação da bênção para a cachorra.

Enunciado 3: O convencimento do padre a benzer a cachorra

João Grilo: Cansei de dizer a Chicó que o senhor não benzia: “Benze porque benze”.

João Grilo: No dia em que chegou o motor novo do major Antonio Moraes, o senhor não benzeu?

João Grilo: É, Chicó, o padre tem razão! Quem vai ficar engraçado é ele. E uma coisa é benzer o motor do Major Antonio Moraes, outra coisa é benzer a cachorra do Major Antonio Moraes.

João Grilo: Eu disse que uma coisa é o motor do Major Antonio Moraes! A outra é a cachorra do major Antonio Moraes.

João Grilo: Eu não queria vir, com medo que o senhor se zangasse, mas o major é rico, poderoso, estou trabalhando na fazenda ele, com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas eu disse a Chicó, o padre vai se zangar.

João Grilo: Quer dizer que benze, num é?

João Grilo: Então fica tudo na paz do Senhor; com a cachorra benzida, e todo mundo satisfeito.

Fonte: Elaboração do autor, a partir da transcrição da cena do filme

Para convencer o padre a benzer a cachorra, João Grilo constrói sua argumentação a partir do seguinte estilo:

(1) inicia seu discurso, afirmando ao padre que, insistentemente, disse a Chicó que o sacerdote não benzia a cachorra;

(2) faz uma pergunta-afirmativa ao padre sobre ele ter benzido o motor do Major Antonio Moraes;

(3) querendo falar ao padre, faz uma afirmação para Chicó, de que uma coisa é benzer o motor do Major Antonio Moraes, e outra coisa é benzer a cachorra do Major Antonio Moraes;

(4) afirma a respeito da riqueza e do poder do Major;

(5) pergunta afirmando que o padre vai benzer a cachorra;

(6) encerra sua fala, afirmando que tudo ficará em paz, com a bênção da cachorra e a satisfação do pessoal.

Nesse construto argumentativo, pode ser vista claramente a criação das seguintes imagens discursivas: (a) criação de estímulo e interesse por parte do padre para benzer a cachorra; (b) a criação da imagem de prioridade das pessoas ricas para conseguirem o favor da igreja; (c) criação da imagem de dúvida sobre o padre, quanto a benzer o motor e não querer benzer a suposta cachorra do mesmo dono rico; (d) criação da imagem de que a negação da bênção

pode trazer consequências para a igreja; (e) a criação da imagem de paz e satisfação que pode resultar da bênção da cachorra.

No estilo argumentativo de João Grilo, pode-se perceber a demarcação do agrupamento de índices valores específicos a partir da relação de alteridade entre João Grilo, o padre e o Major Antonio Moraes. Dessa maneira, podemos observar, na fala desse protagonista, a refração persuasiva que desperta o desejo, a curiosidade, a dúvida e o medo do padre em realizar o ato religioso da bênção para o animal; a refração persuasiva do medo de perder doações de pessoas ricas, por negar a prática de um ato religioso, mesmo que seja ilícito ou imoral; a refração da punição pela disparidade de, em um tempo, desferir um ato e, em outro tempo, não desferir o mesmo ato; a refração do dever da missão cumprida.

O estilo argumentativo de João grilo para convencer Severino de Aracaju a respeito de uma mensagem do Padre Cícero

A fé de muitos católicos nordestinos, principalmente a dos mais idosos, se apoiou e ainda se apoia em ícones como o Padre Cícero do Juazeiro do Ceará. Tanto é que muitas pessoas desse seguimento religioso viajam, algumas vezes durante o ano, para o Juazeiro, com a finalidade de fazer e pagar promessas por alguma graça recebida. No imaginário popular, esse santo realiza muitos milagres e, por essa razão, adquiriu o respeito de gente do Brasil inteiro.

É com base na crença de que esse padre, já falecido, faz milagres, que João Grilo traçou mais um tecido argumentativo. Desta vez, para convencer o cangaceiro Severino de Aracajú a não invadir, com o seu bando, a cidade de Taperoá. João Grilo, junto com Chicó, tinha tramado uma armação para demonstrar sua morte ao povo e, logo após, poder ressuscitar. Consequentemente, a brincadeira culminou no mesmo tempo em que os ditos cangaceiros pretendiam saquear a cidade. Veja o Enunciado 4:

Enunciado 4: Convencimento de Severino para não atacar a cidade

João Grilo: Salve, irmão!

João Grilo: Um momento, Severino! Eu vim trazer um recado do meu Padinho, Padre Cícero.

João Grilo: E então, quem mais iria ter poder pra me ressuscitar?

João Grilo: Por isso, ele ficou um pouco aborrecido com o senhor, quando o senhor disse ainda agora que num recebe ordem de ninguém, e mandou uma ordem do céu pro senhor.

João Grilo: O recado dele é o seguinte: “diga ao capitão Severino que...”

João Grilo: Chamou! Por que o senhor não gosta?

João Grilo: Diga ao capitão Severino se que ele quiser provar sua devoção, é pra suspender imediatamente o ataque a cidade de Taperoá.

João Grilo: E sem pedir explicação, que é pra ordem ficar mais bem obedecida.

Fonte: Elaboração do autor, a partir da transcrição da cena do filme

No Enunciado 4, podemos observar que o estilo argumentativo de João Grilo se estabelece da seguinte forma:

(1) quando ele, supostamente, ressuscita, pronuncia, com um tom de voz embargado, a

expressão “salve irmãos”;

(2) ainda, nesse mesmo tom de voz, se volta para Severino e diz ter um recado do “Padinho” Cícero parar ele;

(3) depois, diz que só o “Padinho” Cícero tem o poder para ressuscitá-lo;

4) em seguida, diz que o “Padinho” Cícero ficou aborrecido por Severino não obedecer a ordem de ninguém;

(5) ele sabendo que Severino não gosta de ser chamado capitão, disse que o “Padinho” Cícero o chamou por essa alcunha;

(6) por fim, diz que o “Padinho” Cícero mandou dizer que suspender o ataque à cidade seria uma forma de provar devoção, especificamente, sem questionar a ordem.

A partir desses seis movimentos, João Grilo argumenta, criando a imagem de que ele veio do além. Para tanto, cumprimenta os irmãos com a palavra “salve”, elemento lexical que confere, no imaginário religioso, legitimidade do tom mensageiro. Uma vez ter criado a imagem do João Grilo ressuscitado, esse protagonista cria a imagem do mensageiro do além. Agindo assim, usa um elemento discursivo para desestabilizar os sentimentos de Severino, para o fazer sentir-se culpado e obedecer a ordem da mensagem. Após criar essa sequência de imagens discursivas, de fato, João Grilo chega ao foco de sua argumentação, que é atingir o objetivo de Severino não atacar a cidade.

Considerações finais

Estilo e argumentação são dois elementos que podem ser verificados em qualquer gênero discursivo que promova a prática da persuasão e do convencimento. Sendo assim, ao observarmos o discurso popular do matuto João Grilo, pudemos constatar um modo de orquestração da palavra, em que se integra um conjunto valorativo referente à variedade linguística do lugar social e do tempo da narrativa, à cultura, às axiologias sociais e a tudo que penetra a palavra para conferir-lhe sentidos.

Decerto, assumimos que alcançamos o objetivo da pesquisa, demonstrando, na narrativa do filme o *Auto da compadecida*, que existe um estilo argumentativo característico da fala de um garoto travesso chamado João Grilo. Atestamos também que, mesmo não sendo um modo de orquestração de um orador rebuscado em estilo clássico, a argumentação do protagonista em tela revela um certo tom de rebuscamento, não por uma variedade linguística da chamada norma culta, mas pelo conjunto variacional que se reflete no imaginário popular da camada da cidade de Itaperoá.

A pergunta de pesquisa indagou: como é construído o estilo argumentativo de João Grilo, para convencer/persuadir seus interlocutores? Afirmamos que conseguimos respondê-la, cegando às seguintes confirmações:

(1) no estilo argumentativo desse protagonista, pôde-se perceber que, na orquestração de sua palavra, refletem-se requintes de persuasão, ao tocar nas emoções e nos sentimentos do

povo, do padre e do Capitão Severino, para conseguir o objetivo de não devolver o dinheiro pago para ver o filme, de conseguir a benção para a cachorra e de evitar a invasão de Taperoá.

(2) Quanto a um estilo argumentativo mais convencivo, pôde-se observar o modo de o matuto usar a lógica para arranjar seus enunciados; principalmente, por destacar a elaboração de premissas, demonstrado isso em termos linguístico-discursivo, e apresentar conclusões.

(3) Também pôde-se considerar, no estilo argumentativo em questão, o processo de criação de imagem no âmbito do etos e a criação de estímulo no que concerne ao patos.

Em suma, ao levar em conta que, como postulou Volochínov (2013), o estilo se estabelece pelas condições de interação entre os sujeitos sociais, podemos destacar que, no estilo argumentativo de João Grilo, opera-se um modo de orquestração da sabedoria popular refletida na materialidade de uma variedade linguística do lugar; especialmente, contemplando o imaginário social da cultura e das axiologias nordestinas.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **A Arte de Argumentar**: Gerenciando Razão e Emoção. – 8. ed. Ateliê Editorial: São Paulo, 2009.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio e edição francesa de Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do Russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF, 2011.

SUASSUNA, A. **Auto da Compadecida**. 26. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1993.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros enunciados**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Paulo: Pedro & João, 2013.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANÁLISE DIALÓGICA DA *IMPOLIDEZ CARNAVALIZADA* NO FILME *ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS*²¹

Nathalia Viana da Mota
João Batista Costa Gonçalves

Uma breve introdução

A Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) é uma expressão que foi desenvolvida pela linguista brasileira Beth Brait para fazer menção à produção linguístico-filosófica de Bakhtin e de seu Círculo. Segundo a autora, não se pode afirmar que Bakhtin propôs, formalmente, uma teoria e/ou análise do discurso aos moldes do que se convencionou chamar, por exemplo, Análise do Discurso (AD) de vertente francesa. No entanto,

[...] mesmo consciente de que Bakhtin, Voloshinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se denomina Círculo de Bakhtin jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada, esse ensaio arrisca-se a sustentar que o conjunto das obras do Círculo motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral (BRAIT, 2006, p. 9-10).

Tendo como objeto de estudo as relações dialógicas, a ADD concebe os estudos da linguagem como lugar *par excellence* da palavra, pois “é justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sígnica” (VOLÓCHINOV, 2021, p. 99). Em termos de definição, podemos dizer que as relações dialógicas são as relações de sentidos que se estabelecem (sempre num espaço de tensão em constante movimento e atravessamentos de palavras materializadas por signos verbais, não verbais e/ou verbo-visuais) entre enunciados produzidos por sujeitos situados num espaço-tempo histórico, político, econômico e cultural. Portanto, para haver relações dialógicas,

[...] é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim é possível responder (em sentido amplo e não apenas empírico do termo), isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. Em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas (FARACO, 2009, p. 66).

21 Este texto resulta de um recorte de minha pesquisa de mestrado. Para uma leitura completa do texto, ver Mota (2019).

Se, por um lado, a palavra ocupa lugar central nas relações dialógicas entre os enunciados, o diálogo²², por outro lado, assume lugar vital para o acontecimento social e tenso da palavra, pois somente na ação do diálogo, na comunicação discursiva, “na interação de um ser humano com outro, revela-se o ‘ser humano no ser humano’, tanto para os outros, quanto para si mesmo” (BAKHTIN, 2022, p. 274). Apenas no campo do diálogo (de um sujeito com outro sujeito, de uma palavra com outra palavra, de um signo com outro signo), é possível revelar, mesmo que de forma incompleta e inconclusa, os sentidos advindos desse processo ininterrupto das relações dialógicas entre os enunciados.

Nessa perspectiva, o objeto de estudo deste capítulo, o filme *Alexandre e outros heróis*, constitui-se como um terreno fértil de pesquisa. Oriundo da transposição²³ da narrativa literária homônima de Graciliano Ramos, especificamente do conto *Histórias de Alexandre*, para a narrativa filmica, o enredo (situado no sertão alagoano do século XX, sob o cronotopo²⁴ da seca) gira em torno do diálogo estabelecido entre Alexandre (o patriarca e contador dos seus causos) e as demais personagens da película: Cesária (a esposa, cúmplice e rendeira), Das Dores (a afilhada e benzedeira de quebrantos), Gaudêncio (o benzedeiro contra mordedura de cobras), Libório (o cantador de repente) e Firmino (o cego negro questionante).

Mas o problema do diálogo na busca dos sentidos e, por assim dizer, na busca da verdade²⁵ (busca materializada na interação verbal, situada nos limites entre a carnavalização e a impolidez, entre as personagens centrais de *Alexandre e outros heróis*, Firmino e Alexandre) tem suas origens no diálogo socrático e, em especial, na sátira menipeia, amplamente examinados por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski*, a partir da descrição das principais peculiaridades dos gêneros do campo do sério-cômico, de que o filósofo russo já escutava “as repercussões, mesmo as mais distantes, da cosmovisão carnavalesca” (BAKHTIN, 2002, p. 107), como se lê, a seguir:

É bem verdade que em todos os gêneros do sério-cômico há também, um forte elemento retórico, mas este muda essencialmente no clima de *alegre relatividade* da cosmovisão carnavalesca: debilitam-se a sua seriedade retórica unilateral, a racionalidade, a univocidade e o dogmatismo. (BAKHTIN, 2002, p. 107, grifos do autor.)

Em face de tais palavras, portanto, pode-se perceber que o estudo do diálogo socrático e, com mais força, da sátira menipeia - legítimos integrantes do campo do sério-cômico - foram

22 Consoante Bakhtin (2011, p. 275), o diálogo, por sua precisão e simplicidade, “é a forma clássica da comunicação discursiva”. No entanto, é preciso alcançar a amplitude significativa do uso do termo “diálogo” na concepção do Círculo. Logo, ele não deve ser definido estreitamente, apenas como uma simples e corriqueira interação face a face; ao contrário, deve ser entendido, de acordo com Faraco (2009, p. 61), como “um complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali”.

23 Ver Mota (2019).

24 Ver nota 8 e, para maiores aprofundamentos sobre esse conceito, consultar Bakhtin (2014).

25 Referimo-nos, aqui, à noção de verdade dialogizada, inacabada, ou seja, a uma verdade que “não nasce nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce *entre os homens*, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica” (BAKHTIN, 2002, p. 110; grifo do autor).

o ponto de partida no qual Bakhtin se fixou para desenvolver não só sua noção de cosmovisão carnavalesca, mas, sobretudo, de carnavalização.

Dito isso, convidamos o(a) leitor(a) a se direcionar, agora, para nossa breve exposição do que Bakhtin conceituou de carnavalização.

Sobre a noção de *carnavalização*

Os estudos sobre a carnavalização, na obra de Bakhtin, têm início com o livro *Problemas da poética de Dostoiévski* (2002), publicado originalmente no ano de 1963. Entretanto, é com o livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987), publicado originalmente no ano de 1965, que o autor vai aprofundar esses estudos. Na visão de Bakhtin (2002), a carnavalização pode ser compreendida como a apropriação, pela linguagem da literatura e das outras artes, das manifestações da cultura cômica popular, como o carnaval e o folclore. Essa literatura carnalizada examina a dialética entre a ideologia oficial e a ideologia não oficial (popular), a cultura oficial e a cultura não oficial (popular), a vida séria e oficial e a vida alegre e não oficial (popular), como nos atesta Ponzio (2021):

Bakhtin busca explicar, em geral, o processo de formação da ideologia não oficial de uma cultura popular, em contraste com as formas ideológicas institucionalizadas. Concretamente, observa o processo de formação do caráter não oficial e contestador da comicidade popular na Idade Média. [...] A comicidade não oficial é a expressão de uma visão de classe alternativa à oficial e séria, imposta pela classe dominante. (2021, p.176).

Por outro lado, a carnavalização de que trata Bakhtin guarda relações com o carnaval e, por conseguinte, com as festas populares ocorridas na Idade Média e no Renascimento. No entanto, de todos os ritos e festas cômico-populares ocorridos desde a Antiguidade, foi com as saturnais romanas que a ideia de carnaval encontrou uma maior aproximação, como explica o autor, no livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1987).

A ideia do carnaval foi percebida e manifestou-se de maneira muito sensível nas saturnais romanas, experimentadas como um retorno efetivo e completo (embora provisório) ao país da idade de ouro. As tradições das saturnais permaneceram vivas nos carnavais da Idade Média, que representou, com maior plenitude e pureza do que outras festas da mesma época, a ideia da renovação universal. (BAKHTIN, 1987, p.6).

Nessas ocasiões festivas – as quais “só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da *liberdade*” (BAKHTIN, 1987, p.6) –, a distância entre os homens é abolida, as etiquetas caem por terra, as convenções sociais são esquecidas, o rei é destronado, os discursos oficiais e autoritários (da Igreja ou do Estado) são parodiados. Ou seja, no carnaval, vive-se uma segunda vida, uma vida extraoficial, conforme assinala Fiorin (2017),

O carnaval é constitutivamente dialógico, pois mostra duas vidas separadas temporariamente: uma é a oficial, monoliticamente séria e triste, submetida a uma ordem hierarquicamente rígida, penetrada de dogmatismo, temor, veneração e piedade; outra, a da praça pública, livre, repleta de riso ambivalente, de sacrilégios, de profanações, de aviltamentos, de inconveniências, de contatos familiares com tudo e com todos. (p.102).

Nessa vida desviada de sua ordem habitual vive-se uma vida carnavalesco-espetaculosa em que não há palco nem ribalta, não há divisão de espaços nem encenação de papéis, pois “não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval, mas *vive-se* nele [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 122). Além disso, nesse período festivo, prevalece o livre contato familiar da praça pública, a *livre gesticulação carnavalesca*, o *franco discurso carnavalesco*, o *riso carnavalesco* e ambivalente.

Todas essas ações de familiarização são traços marcantes de uma cosmovisão carnavalesca que opera por meio da subversão das hierarquias, ou seja, funciona por meio do ritual ambivalente e biunívoco da “*coroação bufa e o posterior destronamento do rei do carnaval*” (BAKHTIN, 2002, p. 124). Nestes termos, o ritual de coroação-destronamento (ou vice-versa) representa o cerne da ideia do carnaval medieval-renascentista, bem como da categoria bakhtiniana da carnavalização: “*a ênfase das mudanças e transformações, da morte e da renovação*” (BAKHTIN, 2002, p.124). Entretanto é importante sublinhar que o verdadeiro espírito crítico e libertador do carnaval, de acordo Bakhtin (2002, p.125), reside “no processo propriamente dito de mudança e não precisamente sobre aquilo que muda”, pois o carnaval “nada absolutiza, apenas proclama a alegre relatividade de tudo”.

Diante disso, precisamos destacar, sobremaneira, o elemento basilar desse cenário festivo, subversivo e cronotópico²⁶, o riso carnavalesco, que, por sua vez, encontra na figura do bufão, bem como na do bobo, um genuíno proclamador, conforme afirma Bakhtin (1987, p.7): “os bufões e os bobos são as personagens características da cultura cômica da Idade Média”. Logo, opondo-se, pois, à seriedade medieval - que conclamava a subserviência, a fraqueza, a docilidade e o medo por meio de mentiras, de hipocrisia, de ameaças, de interdições e violência -, o riso desvelou os olhos do homem medieval e mostrou-lhe um mundo novo, mais lúcido e mais alegre.

Ainda a esse respeito, Bakhtin (1987, p. 78) aponta três características marcantes e essencialmente constitutivas ao riso medieval: “o universalismo, a liberdade e a *verdade popular não oficial*”. Quanto ao caráter universal do riso, o autor justifica que ele atinge “a todas as coi-

26 Tomando as grandezas físicas de tempo e de espaço como relativas e unificadas, Bakhtin faz uma releitura de Einstein e elabora seu conceito de cronotopo. Em sentido da cosmovisão carnavalesca, cronotopo remete a um tempo de crise e a um espaço público que apontam para um processo de mudança e de renovação do mundo e da vida do homem. No carnaval, pois, as “festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. [...] Além disso, as festividades, em todas as suas fases históricas ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem. A morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa.” (BAKHTIN, 1987, p.8).

sas e pessoas (inclusive as que participam no carnaval)”, ou seja, “*todos* riem, o riso é ‘geral’” (BAKHTIN, 1987, p. 10). A questão da liberdade, por sua vez, está relacionada com o sentimento de medo e de opressão do homem medieval diante de um mudo “sério e oficial”, pois, “ao derrotar esse medo, o riso esclarecia a consciência do homem, revelava-lhe um novo mundo” (BAKHTIN, 1987, p. 78). Já em relação à terceira característica do riso medieval, a verdade popular não oficial, Bakhtin (1987) assevera que

O riso da Idade Média, que venceu o medo do mistério, do mundo e do poder, temerariamente desvendou a verdade sobre o mundo e o poder. Ele opôs-se à mentira, à adulação e à hipocrisia. A verdade do riso degradou o poder, fez-se acompanhar de injúrias e blasfêmias, e o bufão foi o seu porta-voz. (p.80).

Por fim, cabe-nos apresentar, a partir das palavras de Bakhtin (1987), a noção intimamente relacionada à ação ambivalente e biunívoca da coração-destronamento: o corpo grotesco. Trata-se, de uma noção de corpo que figura em todas as expressões do riso e da linguagem não-oficial e familiar; “é o corpo fecundante-fecundado, parindo-parido, devorador-devorado, bebendo, excretando, doente, morimbundo” (BAKHTIN, 1987, p. 278), que tem como uma das imagens centrais da cosmovisão carnavalesca “a grande boca escancarada (garganta e dentes)” (BAKHTIN, 1987, p. 284).

Feitas essas observações sobre a noção bakhtiniana da carnavalização, que se sobressai para o objetivo do nosso capítulo, devemos, na próxima seção, discutir brevemente sobre a noção de impolidez.

Sobre a noção de *impolidez*

O livro *Politeness: some universals in language usage*, publicado por Brown e Levinson no ano de 1987, tornou-se referência nos estudos e pesquisas em polidez linguística. Nele, os autores defendem que, no processo de interação socioverbal, a polidez surge como um protocolo diplomático formal de preservação mútua das faces dos interlocutores, durante suas interações face a face, visando à cordialidade, à educação e à formalidade entre eles, ou seja, como uma tentativa de preservação mútua das faces dos interlocutores, visto que a maioria dos atos de fala geram potenciais ameaças para uma dessas faces.

O modelo brown-levinsoniano da polidez linguística - há mais de trinta anos impulsionando pesquisas sobre polidez linguística, e, por isso, não só é bastante visitado e explorado, mas, também, criticado –, repousa, essencialmente, sobre a interface entre dois grandes teóricos da pragmática, Searle (1969) e Goffman (1967), fato que, nas palavras de Kerbrat-Orecchioni (2017, p. 21), configura-se na originalidade de Brown e Levinson, como se pode ler a seguir:

[...] a originalidade de Brown e Levinson consiste, sobretudo, em cruzar Searle e Goffman, quer dizer, “reciclar” a noção de ato de fala, examinando esses atos segundo os efeitos que eles podem ter sobre as faces das partes presentes,

tornando essa noção ao mesmo tempo apta a servir de base para uma teoria nova da polidez. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2017, p. 21)

A partir desse cruzamento de ideias empreendidas por Brown e Levinson (1987), nasceu a noção de FTAs, *Face Threatening Acts*, isto é, “atos ameaçadores de face”. Essa noção, juntamente com a noção bakhtiniana de relações dialógicas, nas quais ocorre o ritual de coroação-destronamento entre as personagens Firmino (o bufão do carnaval) e Alexandre (o rei do carnaval), será extremamente significativa para o nosso objetivo de trabalho, que é o de apresentar o resultado da interface entre as categorias da carnavalização e da impolidez, a *impolidez carnavalizada*.

Correspondendo à “imagem do *self* delineada em termos dos atributos sociais aprovados”, a noção de face utilizada por Brown e Levinson (1987) foi tomada emprestada de Goffman (1967, p. 5). Nessa perspectiva, a origem do conceito de face, como explicam Brown e Levinson (1987, p. 6), “deriva de Goffman (1967) e do termo folclórico em inglês que liga a face às noções de estar constrangido ou humilhado ou ‘perdendo a face’”. Logo, face é a autoimagem pública que um sujeito social deseja reclamar para si próprio e pode ser mantida, perdida ou intensificada durante a interação verbal.

Todavia, Brown e Levinson ampliaram essa noção de face em função do acréscimo do que Goffman chamou de “território”: características que constituem as faces dos interlocutores (território corporal, temporal, espacial, simbólicos ou bens materiais). Para Brown e Levinson (1987), pois, todo indivíduo possui duas faces, uma positiva e outra negativa: a face positiva baseia-se no conjunto das imagens valorizadas do “eu”, que é construída, e lançada, pelos interlocutores durante a interação verbal; a face negativa, por sua vez, baseia-se no que Goffman chama de “território do eu”; este os sujeitos tentam resguardar.

Partindo dessa perspectiva, Brown e Levinson (1987) haviam observado, ainda, que os adultos racionais, ao se comunicarem, objetivam, diante dos seus interlocutores, construir valores positivos sobre si mesmos e, ao mesmo tempo, esconder valores negativos. Assim, temos, respectivamente, a ideia de face positiva e a de face negativa – como já anunciamos –, bem como a noção de polidez positiva e de polidez negativa. Paiva, Moreira e Santos (2016, p. 68), a esse respeito, ponderam que

[...] considerando a interação como um jogo, os interlocutores alternam entre o desejo de se expor e serem aprovados socialmente (polidez positiva) e ao mesmo tempo querem ter suas privacidades resguardadas (polidez negativa). Cada jogador deve fazer uso de estratégias que vise auxiliar não somente atingir os objetivos comunicativos, mas também de manter o equilíbrio da interação.

Para darmos continuidade às explicações sobre as noções de “polidez positiva” e de “polidez negativa”, de maneira mais precisa, devemos, antes, apresentar uma noção que, segundo Kerbrat-Orecchioni (2017, p. 23), “são de alguma forma os pêndulos positivos dos FTA,

atos valorizadores para a face de outrem”: os FFA (*Face Flattering Acts*). Assim, visto que “todo ato de fala, pode, portanto, ser descrito como um FTA, um FFA ou um complexo desses dois componentes” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2017, p. 23), tem-se, correlativamente sobre essa base, as noções de “polidez positiva” e “polidez negativa”. Quanto a elas, Kerbrat-Orecchioni (2017, p. 23) assinala que

[...] a *polidez negativa*, que consiste em evitar produzir um FTA ou em suavizar, por qualquer procedimento, a sua realização (ela equivale, por assim dizer, a “eu não desejo lhe fazer nenhum mal” [*“je ne te veux pas de mal”*]; e a *polidez positiva*, que consiste em realizar algum FFA, de preferência reforçado (ela equivale a “eu lhe desejo o bem” [*“je te veux du bien”*]).

Disso decorre que a noção de “polidez positiva” pode ser descrita, dentro de uma interação específica, como uma tentativa de aproximação e aprovação do falante para com seu interlocutor. Nessa tentativa, de acordo com Paiva, Moreira e Santos (2016, p. 67), o falante seleciona sua fala de acordo com a “imagem que ele constrói do outro na interação, de modo a parecer adequado e agradável”. Já a noção de “polidez negativa” pode ser configurada em sentido oposto àquela. Ou seja, há, neste caso, uma tentativa de se evitar uma aproximação invasiva e desnecessária ao “território” do outro, a fim de não o desagradar, e com isso, não causar um desequilíbrio na interação.

Embora essas duas noções mencionadas – a de polidez positiva e a de polidez negativa – tenham, de certa forma, objetivos opostos no âmbito da interação verbal harmoniosa – na primeira, tenta-se uma aproximação; na segunda, ao contrário, evita-se uma aproximação (invasiva) –, parece-nos claro que, nas duas, irá sempre prevalecer a perspectiva do “outro” (interlocutor) em relação ao “eu” (falante). Dessa forma, na busca pela manutenção de uma relação interpessoal pacífica e cortês, o falante deverá selecionar estrategicamente seus enunciados a fim de sempre agradar o seu interlocutor, quer seja lhe valorizando a “face” ou preservando-lhe o território, mesmo que ao fazê-lo, isso possa, de alguma forma, violentá-lo.

Diante de todas essas noções, de suas correlações e oposições (face positiva *versus* face negativa, FTA *versus* FFA, polidez negativa *versus* polidez positiva), desenvolvidas por Brown e Levinson (1987) como um dos “sistemas de polidez” mais coerentes e eficientes de sua época, podemos concluir, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2017, p. 24), que em toda interação verbal se apresentará “um incessante e sutil jogo de gangorra entre FTA e FFA”. Sendo assim, toda interação verbal estará suscetível à ocorrência de atos verbais que ameaçam as faces do interlocutor e do próprio locutor, o que levará ao desequilíbrio da interação e, consequentemente, promoverá a impolidez.

Portanto, foi observando mostras culturais distintas como a inglesa, a tsetzal, a tâmil, entre outras, que Brown e Levinson (1987) fizeram sua primeira pressuposição destinada aos falantes adultos de uma mesma sociedade: *a de que todos têm racionalidade e face*. É a partir dessa premissa que surgem os conceitos básicos que fundamentam o modelo teórico brown-

-levinsoniano: racionalidade (capacidade que um falante tem de utilizar um tipo de raciocínio para selecionar, linguisticamente, estratégias que promovam a preservação das faces), face (positiva e negativa) e atos ameaçadores de face (FTA).

Além disso, os autores pontuaram que há questões sociológicas que interferem na determinação do nível de (im)polidez entre os interlocutores durante suas interações comunicativas, quais sejam: i) *relação de poder*: refere-se ao poder relativo do interlocutor sobre o locutor; ii) *distância social*: fundamenta-se no grau de conhecimento mútuo entre os interlocutores e na frequência com que estabelecem interações verbais; iii) *cultura*: refere-se ao fato de o grau de imposição de um ato de fala apresentar fortes variações de cultura para cultura.

Disso decorre que as ameaças às faces, ou seja, os atos ameaçadores de face (FTAs), podem ser mensurados a partir do nível de intimidade ou de familiarização – para usar o termo bakhtiniano da carnavalização – entre os participantes da interação verbal e da relação de poder estabelecida entre os interlocutores. Logo, dependendo do contexto sociocultural dos interlocutores, quanto maior for o grau de intimidade e de familiarização, maior será o risco de se produzir um FTA, pois a fala franca será mais evidenciada e isso pode causar constrangimento (e até mesmo “dor”) para uma das faces, durante o jogo de faces dessa interação verbal.

Por outro lado, quanto mais assimétrica for a relação de poder entre os sujeitos de uma interação verbal – em contexto social e cultural específico –, maior, também, será a ocorrência de um FTA, pois a face opressora, a fim de manter-se no poder, munir-se-á de discursos “centrípetos”, ou de autoridade, que poderá significar, para a face oprimida, um ato ameaçador de face.

Todavia, é necessário atentar que a face oprimida, para se livrar dessa situação de autoritarismo e opressão (como ocorre com a personagem Firmino em direção à personagem Alexandre) poderá dispor de discursos centrífugos e, também, realizará um FTA. Neste caso, estamos falando de discursos (atos de fala/corpo) impolido-carnavalizados, os quais o (a) leitor(a) poderá entender melhor sua composição teórico-conceitual e seu objetivo essencial na seção que se segue.

Sobre a noção de *impolidez carnavalizada*

Na dinâmica da vida social, coexistem vozes de autoridade, que operam baseadas em enunciados centrípetos e monológicos, e vozes de resistência que, ao contrário, funcionam baseadas em discursos e gestos centrífugos e dialógicos.

Nessa perspectiva, podemos citar, como exemplo de vozes de autoridade, os discursos oficiais hegemônicos e, como exemplo de vozes de resistência, os discursos carnavalizados e impolidos. Tais discursos compartilham de um espaço de tensão que é típico da dinâmica das relações dialógicas, em que atuam as forças centrípetas e as forças centrífugas, para nos referirmos à Análise Dialógica do Discurso, e do jogo de faces (face positiva x face negativa), a partir do qual surgem os FTAs (atos ameaçadores de face), para nos referirmos, agora, à Teoria

da (Im)Polidez.

Desse modo, os sujeitos, ao interagirem, fazem-no performatizando atos de fala (e de corpo) oficiais ou não oficiais, sérios ou cômicos, polidos ou impolidos, a depender do contexto, da cultura, das relações de poder e das intenções desses sujeitos. Além disso, tomando o conceito de carnavalização (BAKHTIN, 1987; 2002), em que as relações sociais hierárquicas entre os sujeitos ficam suspensas e as normas e as regras da oficialidade são subvertidas no intervalo em que dura o carnaval, ao proferirem seus atos de fala (e de corpo), os interlocutores tendem a realizar atos ameaçadores de face, os quais gerarão não só uma postura impolida e um desequilíbrio naquela relação, conforme vimos com Brown e Levinson (1987), mas, também, uma atitude subversiva e carnavalizada.

Logo, estabelecendo relações dialógicas entre as noções de carnavalização e de impolidez, foi possível pensar num rompimento com as regras da comunicação oficial. Tais regras são fundamentadas no equilíbrio resultante da atitude polida dos interlocutores, da racionalidade compartilhada por eles e de seus esforços para evitarem a ocorrência de atos que ameaçam as faces ou para, pelo menos, diminuir os efeitos destes. Disso decorreu aquilo que convencionamos denominar *impolidez carnavalizada*, que vai além da existência de atos ameaçadores de face e de um comportamento impolido, configurando-se, na verdade, como uma espécie de subversão carnavalesca e, por isso, crítica, das próprias normas e regras de comunicação oficiais.

Em suma, aproximando as noções de carnavalização e de impolidez, tornou-se possível pensar num rompimento com a ordem oficial/séria do poder opressor, a partir de atos de fala/corpo impolidos que se constituem como uma espécie de subversão carnavalesca visando à emancipação dos sujeitos submetidos a relações assimétricas de poder. Todavia, é importante ressaltar que nem todo ato de fala/corpo impolido é, necessariamente, carnavalizado. Teremos, pois, um ato impolido carnavalizado quando for possível verificar, nele, uma *livre gesticulação carnavalesca*, um *franco discurso carnavalesco* e um *riso carnavalesco* como formas de subverter a ordem estabelecida, a fim de libertar os sujeitos de suas próprias sujeições e mostrar-lhes caminhos possíveis para uma tomada de consciência crítica e emancipatória.

Breve análise dialógica da *impolidez carnavalizada* em *Alexandre e outros heróis*

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, cabe trazer aqui o enredo do filme. Como acontece na versão literária, a narrativa fílmica se passa no sertão de Alagoas e gira em torno das histórias mentirosas de Alexandre, a partir das lembranças e dos “causos” de sua infância cujo tema circula em torno da “história da onça” que, por sua vez, está relacionada à “história do olho torto”.²⁷

27 Reproduzimos nesta nota a sinopse do filme conforme pode ser encontrado no site “MemóriaGlobo. Com”: “A comédia gira em torno das histórias de Alexandre (Ney Latorraca), um típico mentiroso do sertão. Todas as noites, ele recebe os amigos para contar como ficou com o olho torto ao cavalgar numa onça na época da

Dito isso, iniciemos a análise. Como de costume, Alexandre (Xandu) se junta à mulher (Cesária), à afilhada (Das Dores) e aos amigos (Libório, Gaudêncio e Firmino) na sala de sua casa para iniciar o diálogo e contar mais um de seus causos de infância. Desta vez, o tema da história é “o olho torto” (que se mistura nas histórias da égua pampa e da onça), conforme se vê, a seguir, nas palavras do velho Xandu: “— Vou contar um acontecimento que vivi nos meus tempos de menino: vocês sabem por que é que eu tenho esse olho torto?”²⁸.

Após jurar que confundira a égua pampa com uma onça pintada e que, por isso, após montar no felino e travar uma luta com ele para amansá-lo, perdeu seu olho direito no espinheiro da caatinga, Alexandre segue narrando suas aventuras com o apoio de Cesária, que declara: “— Foi por causa das pintas que Alexandre, no escuro, tomou aquela desgraçada pela égua pampa.”.

Figura 1: Filme *Alexandre e outros heróis*



Fonte: Mota (2019)

Não convencido dessa história - fato que resulta em uma forte tensão entre o cego e o dono da casa configurando não só o ritual de coroação-destronamento entre o bufão e o rei do carnaval, mas também na produção de atos ameaçadores de face (FTAs) -, Firmino pergunta: “— E a onça?”.

Alexandre, demonstrando sua face impolida e autoritária, gritou: “— Que onça?”.

Então Firmino insiste em questionar: “— A onça que ficou presa no mourão? Que fim levou?”.

infância. O velho, que é o herói de seus “causos”, tem o aval de sua mulher Cesária (Luci Pereira), que confirma suas narrativas e é sua musa desde quando eram crianças. O curandeiro Gaudêncio (Flávio Rocha) é o primeiro a chegar à casa do casal. Ele demonstra interesse pela beata Das Dores (Marcélia Cartaxo), afilhada de Alexandre e Cesária. Em seguida, chegam o cantor de emboladas Mestre Libório (Marcelo Serrado) e o cego Firmino (Flávio Bauraqui), que sempre questiona os acontecimentos relatados pelo amigo, certo de que ali há uma boa dose de exagero. Reunidos no modesto sítio, todos ficam sabendo do dia em que o pai de Xandu, como Alexandre era chamado na infância, pede ao filho para encontrar uma égua pampa. O menino sai em busca do animal e trava uma luta para domar o bicho. Para a surpresa de todos, ele laçou uma onça e perdeu o olho esquerdo num espinheiro durante o embate com o bicho”. (Fonte: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/alexandre-e-outros-herois-especial.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2019)

28 Nesta seção analítica, todas as falas destacadas por aspas representam os diálogos entre as personagens do filme *Alexandre e outros heróis* e foram transcritas diretamente de minha pesquisa de Mestrado Acadêmico – MOTA (2019) - publicada no repositório de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Das Dores, tomada por certa dose de criticidade, reforçou o questionamento do amigo cego: “– É, padrinho, que fim levou?”.

Alexandre, travestido de uma face positiva, responde: “– Mas como Firmino é homem questionante, de ofício e profissão, eu respondo. Amansei a onça de vez, com papa de milho cozido no leite.”.

Diante de tais palavras, Firmino escancarou a bocarra performatizando seu riso bufônico e carnavalescamente cínico, isto é, um riso impolido e destronador: “– Aí também já é demais, não é, seu Alexandre? Daqui a pouco vai dizer que alimentou a onça com capim. Onça é bicho selvagem!”.

Figura 2: Filme *Alexandre e outros heróis*

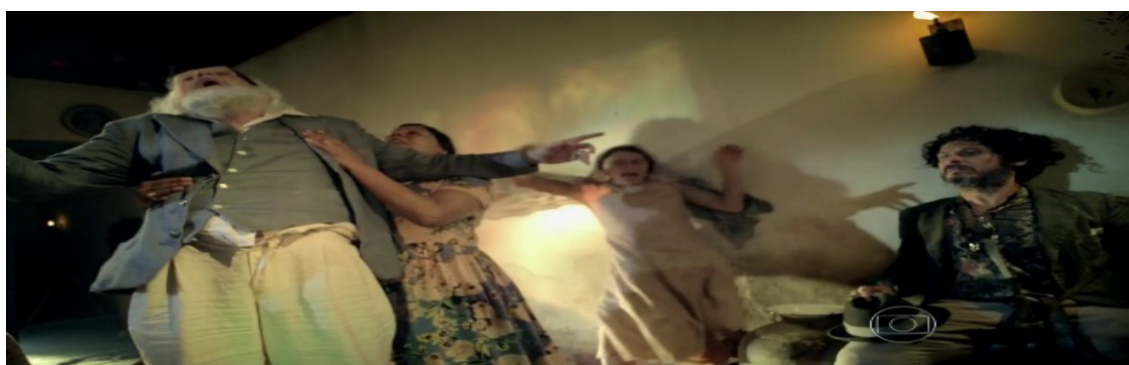


Fonte: Mota (2019)

Mas, diante disso, Alexandre defende sua verdade: “– Essa é mansa. Nunca ouviu falar em onça de circo? De domador que enfia a cabeça na boca de pantera? A minha andava lá pelo pátio, banzeira, rabo entre as pernas, focinho no chão. Fez até camaradagem com um bode velho. Ficaram assim, amigos de corpo e baralho.” (MOTA, 2019). E Firmino, então, rebate o patriarca de forma mais escandalosa:

“– O mundo não é assim como o senhor conta!”.

Figura 3: Filme *Alexandre e outros heróis*



Fonte: Mota (2019)

Ao destronar Alexandre, com sua *livre gesticulação carnavalesca*, seu *franco discurso*

carnavalesco e seu *riso carnavalesco*, Firmino provoca a morte do rei do carnaval, que, por conseguinte, representa a morte da verdade séria e oficial, e a morte do velho mundo. Por outro lado, e, ao mesmo tempo, a fala franca, o comportamento impolido e o riso escancarado de Firmino provocam o nascimento da verdade alegre e extraoficial, e de um novo mundo, como podemos ver na imagem que se segue:

Figura 4: Filme *Alexandre e outros heróis*



Fonte: Mota (2019)

Concluída a nossa breve análise, caminhamos para o final do capítulo, apresentando, (in)conclusivamente, os resultados a que chegamos com essa pesquisa.

(In)Conclusões

Ao realizarmos uma análise dialógica sobre a impolidez carnavalizada no filme *Alexandre e outros heróis*, em que se configura uma relação patriarcal (como forma de dominação), compreendemos a personagem Firmino como a representação literária do bufão do carnaval, tal como propôs Bakhtin (2002; 1987), que age com impolidez carnavalizada diante de uma relação de opressão/sujeição que predomina na casa de Alexandre que, por sua vez, se apresenta como o rei do carnaval, conforme apreendemos da teoria bakhtiniana da carnavalização.

Ao focarmos, portanto, nosso olhar analítico nos dizeres e na gesticulação de Firmino, enxergamos práticas de impolidez, em grande sentido, opostas às práticas de impolidez de Alexandre. O primeiro age, a partir de sua livre gesticulação, de seu discurso e de seu riso carnavalescos, de forma impolida, para reagir contra a verdade séria e oficial pregada pelo patriarca daquela casa a fim de, assim, libertar a si mesmo e aos outros da situação de opressão em que vivem. O segundo, ao contrário, age, com sua gesticulação excêntrica e com sua linguagem rude e grosseira, de forma impolida, para amedrontar os seus súditos (visto que, conforme mostramos, ele atua na figura do rei do carnaval) e, assim, defender sua verdade monológica e manter sua posição hierárquica de poder.

Dessa forma, ao observarmos, com mais atenção, as falas e os gestos das personagens Alexandre e Firmino, percebemos uma aproximação teórica, bem particular, entre as categorias da carnavalização e da impolidez, pois, tanto na carnavalização quanto na impolidez, as hierar-

quias e as etiquetas sociais são desrespeitadas durante as interações socioverbais dos sujeitos. Nesse sentido, para tentar se libertar e, ao mesmo tempo, libertar seus amigos daquela situação de submissão e de monologização das verdades, Firmino se apropria da *livre gesticulação carnavalesca*, do *franco discurso carnavalesco* e do *riso carnavalesco* para dizer sua verdade alegre e carnavalesca diante das histórias mentirosas que constituem, no enredo da narrativa fílmica analisada, em verdades oficiais e sérias de Alexandre.

Referências

- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- BAKHTIN, M. **Problemas da obra de Dostoiévski**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2022.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, *et al.* São Paulo: Hucitec, 2014.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: University Press, 1987.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2009.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Abordagem intercultural da polidez linguística: problemas teóricos e estudo de caso. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R., GUARANHA, M. F. **Descortesia e Cortesia: expressão de culturas**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 17-55.
- MOTA, N. V. da. **Análise Dialógica da Carnavalesação e da (Im)Polidez na construção de sentidos no filme Alexandre e outros heróis**. 2019. 202f. Dissertação (mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2019.
- PAIVA, G. M. F.; MOREIRA, R. G.; SANTOS, L. A. P. F. **Introdução aos estudos da (im) polidez linguística**. Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2016.
- PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.



UNIDADE III

ANÁLISE DE PRODUÇÕES
DISCURSIVAS DOS DOMÍNIOS DA
RELIGIÃO E DA MÍDIA

O MUNDO AOS OLHOS DA PREGAÇÃO RELIGIOSA PENTECOSTAL

Elias Coelho da Silva

Introdução

Ao se debruçar neste capítulo o leitor encontrará uma discussão a respeito da noção de gênero do discurso a partir de concepções desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin. Nosso intento é direcionar o olhar para o gênero pregação religiosa, especialmente a desenvolvida pelo pentecostalismo.

Longe de procurar apontar fórmulas ou estrutura para o gênero, pretendemos discutir mais especificamente a perspectiva de Medviédev (2019), que propõe uma abordagem do tema a partir de uma visão sociológica, ampliando a ideia convencional de gênero como estrutura textual formal para entendê-lo como um modo de conceber a realidade.

Partindo dessa perspectiva, fizemos uma reflexão sobre a pregação como um lugar no qual se olha a realidade e a refrata. Assim, deixamos de olhar para tal gênero como um texto apenas, invocando a ideia de que por meio da pregação o mundo profano ganha uma interpretação sacralizada. Logo, dessa perspectiva, a pregação cumpre um papel fundamental na mediação entre o sagrado e o profano, lugar de constituição do pregador e da construção de um sentido que só nela ganha vida.

Para realização das reflexões que aqui serão arroladas, apoiamo-nos em Medviédev (2019), Bakhtin (2011 e 2013), Morson & Emerson (2008) e Sobral (2009), entre outros, referenciando-nos na perspectiva dialógica do gênero do discurso. Para compreender o pentecostalismo na América Latina e contextualizar os aspectos sociológicos dessa vertente protestante, que impactam a forma como o gênero pregação refrata o mundo, nos baseamos em Rivera (2001).

Num primeiro momento, tratamos do gênero ao modo do Círculo a fim de apresentar uma visão sobre gênero do discurso como Medviédev (2019) o propõe: uma abordagem que parte do gênero ao texto religioso, propiciando demonstrar que o gênero pregação é uma prática social que organiza uma forma específica de perceber e valorar a realidade.

Em seguida, analisamos uma pregação da Assembleia de Deus de Pernambuco para demonstrar como a análise desse gênero pode revelar que a pregação, a partir de dada vertente religiosa, reconstrói o mundo a sua maneira.

Uma forma de ver o mundo e um tipo de relação social

A perspectiva mais comum e difundida da noção de gêneros do discurso é aquela que encontramos na obra *Estética da Criação Verbal*, a qual Bakhtin (2011) define o gênero como enunciado relativamente estável, constituído de forma composicional, conteúdo temático e es-

tilo, produzido no interior dos mais diversos campos de atividade humana. Não à toa, por meio dessa noção é possível compreender o modo como os integrantes do Círculo de Bakhtin enxergam o texto.

Na referida obra, o autor aprofunda a noção de enunciado, diferenciando-o da frase, da oração e da sentença. Para Bakhtin (2011), os gêneros chegam para nós desde a tenra idade juntamente com a estrutura de nossa língua materna. Aliás, entramos em contato com a língua por meio dos mais diferenciados gêneros do discurso. O contato do bebê ainda no ventre da mãe com a voz do pai e das pessoas no mundo externo é sempre através de uma música, de uma conversa familiar etc. Em outras palavras, a língua é adquirida sempre por meio de nosso contato com as formas típicas de enunciado (orais ou escritos).

Assim, os enunciados que produzimos não podem ser confundidos com orações ou frases, estas são apenas construções teóricas, sem sentido concreto, pois são entidades da língua. No dia-a-dia, usamos os recursos linguísticos em enunciados concretos e únicos, com funções sociais e finalidades específicas. Diferentemente de uma frase ou oração da língua, que se define pela sua relação com seus elementos internos (uma oração se define pela sua relação de dependência ou não com outra oração), os enunciados são definidos pela sua relação com o outro: outros enunciados de outros sujeitos.

De um ponto de vista sociológico, produzimos enunciados a partir do lugar social que ocupamos (pai, patrão, empregado, juiz, professor, pregador) e cada um desses lugares faz parte de um campo de atividade humana (campo familiar, do trabalho, do direito, da educação, da religião); enunciamos, portanto, a partir desses campos, que produzem enunciados próprios para cumprir necessidades específicas de cada um deles.

No entanto, ao ser produzido, é da natureza dos enunciados seu direcionamento para outros enunciados do mesmo campo ou fora dele, ao mesmo tempo que ao dizer algo necessariamente estamos nos direcionando para uma outra pessoa. Dito de outra forma, a natureza do enunciado é o diálogo, uma vez que ele surge como resposta a outros enunciados de outros sujeitos.

Por esse motivo, Bakhtin (2011, p. 279), ao falar da obra literária – mas que é válido para qualquer enunciado –, ressalta que

[...] a obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo está vinculada a outras obras-enunciados: com aquelas às quais responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso.

Para o autor, a unidade da comunicação discursiva é o enunciado, e mesmo a análise discursiva de uma frase no interior do texto deve considerar o sentido completo do enunciado, uma vez que o sentido de tal frase só existe em função do enunciado como um todo.

Como então definir o que é o enunciado? Quais os limites do enunciado? Qual a sua

natureza? Para Bakhtin (2011), o enunciado é um elo na cadeia da comunicação. Isso significa que cada ato comunicativo nosso está ligado ao complexo conjunto de outros discursos já realizados assim como pressupõe outros enunciados que surgirão e estabelecerão conexão com ele. Como um elo, o enunciado equivale sempre a uma resposta a outros discursos.

Para o pensador russo, há duas características que definem os limites do enunciado: a alternância dos sujeitos falante e a conclusibilidade. A primeira está relacionada ao fato de que ele é sempre uma resposta ao discurso de outros sujeitos. Ao falarmos, temos sempre em mente uma compreensão responsiva de nossos interlocutores e no momento da enunciação deixamos sempre um sinal de que terminamos o que queríamos dizer e solicitamos, mesmo que silenciosamente, uma atitude do interlocutor.

A conclusibilidade, por seu turno, tem a ver com o acabamento que damos ao enunciado. Esse acabamento é percebido desde o início da comunicação pelo interlocutor, que é capaz de prever um certo fim a partir de três elementos: 1. *a exauribilidade do objeto do discurso*, isto é, ao falar de um determinado tema buscamos dizer tudo que pretendemos num determinado contexto comunicativo. É bem verdade que na comunicação mais espontânea, por vezes, deixamos a ideia no meio do caminho e mudamos constantemente de assunto. Mas até nesses momentos os interlocutores convencionam aceitar que tal conteúdo não é mais relevante e já teve sua relativa exauribilidade. 2. *A intenção comunicativa do autor*. Ao tomar a palavra, o autor sempre o faz com base num propósito, que pode ser ensinar, reclamar, orientar, treinar etc., essa intenção é percebida pelo interlocutor ao longo da enunciação, especialmente pela 3. *escolha do gênero do enunciado*, pois para realizar sua intenção o autor deve materializar seu dizer em uma forma típica de enunciado, isto é, em um gênero do discurso. A escolha do gênero orienta as intenções do autor que, de pronto, é captada pelo interlocutor. Assim, para ensinar, o professor recorre a aula; para repreender, recorre a reclamação; para mediar, recorre a orientação; e para treinar, recorre ao exercício.

Tal compreensão implica no fato de que o gênero do discurso como enunciado relativamente estável não se define pela forma textual que o materializa, mas pelo tipo de relação que os interlocutores estabelecem entre si a partir da intenção comunicativa que permeia a interação.

Este fato aponta para uma outra realidade: as interações sociais surgem e se organizam em diferentes campos de (inter)atividade humana. Logo, é a maneira como os diferentes espaços sociais lidam com a realidade que definem as formas típicas de enunciado. Em decorrência disso, cada gênero cumpre as necessidades específicas de seu campo.

Como seres sociais, os sujeitos estão sempre inseridos num ou noutro campo e sua intenção comunicativa é sempre reflexo deste, o que implica que a orientação do discurso de cada sujeito define-se a partir de uma posição valorativa inscrita em conjunturas sociodiscursiva institucionalizadas: familiar, educacional, mercadológica, judiciária, religiosa etc.

É aqui que a perspectiva de Medviédev encontra sentido substancial. Para o autor, nossa consciência é repleta de gêneros do discurso que “servem para ver e compreender a realidade”

(MEDVIÉDEV, 2019, p. 198). Isso implica que nossa percepção de mundo é mediada primeiramente pelo gênero. Assim, cada gênero constitui uma visão de mundo.

Não obstante a isso, pode-se afirmar, em consonância com o autor, que cada gênero se constitui de “um conjunto complexo de meios e métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade” (MEDVIÉDEV, 2019, p. 198). Por meio deles, cada campo de atividade constrói suas realidades a partir de demandas sociais.

Essa orientação do pensamento para os modos de representação da linguagem implica numa postura que contrapõe a tradicional compreensão de que o autor produz uma ideia e simplesmente aplica em uma forma textual a sua escolha. Para Medviédev (2019), essa é uma ideia ingênua, pois a representação do mundo pela linguagem depende do meio a ser realizada a representação. Nas palavras do autor,

É possível entender determinados aspectos da realidade apenas na relação com determinados meios de expressão. Por outro lado, os meios de expressão podem ser aplicados somente a certos aspectos da realidade. O artista não encaixa um material previamente dado no plano preexistente da obra. O plano da obra lhe serve para revelar, ver, compreender e selecionar o material (MEDVIÉDEV, 2019, p. 199).

Tal perspectiva nos faz concluir que o princípio emoldurador de nossa consciência são os meios de representação. Em outras palavras, nossa forma de pensar se organiza a partir dos enunciados relativamente estáveis que usamos cotidianamente nos mais diferentes processos de comunicação. Por isso, se quisermos deixar um recado, é ao bilhete que recorremos; se quisermos relatar fatos, é a notícia que utilizamos; se quisermos nos comunicar com uma entidade metafísica, é na oração que nos apoiamos. Seja qual for o campo de atividade, são os gêneros que orientam nossa interação com a realidade social que nos circunda.

Cada gênero, portanto, tem a capacidade de capturar uma faceta da realidade. Talvez por isso a grande inconveniência entre ciência e religião para além dos aspectos históricos e políticos: é impossível a compatibilidade entre a forma como um sacerdote e um cientista veem a realidade, cada um usa meios e métodos (e, portanto, gêneros) distintos, logo capturam facetas diferentes da existência.

Não sendo homogêneo, o campo religioso desenvolveu e aprimorou, em suas diferentes vertentes, diversos gêneros para cumprir funções várias e consolidar uma forma de existência humana que transcende a própria humanidade. Diferentemente de outros campos de atividade, a religião é o espaço no qual a linguagem funciona como ponte entre o transcendental e o puramente humano. O discurso que nele se realiza necessita de gêneros cuja função é a transmissão da palavra divina, com procedimentos e métodos próprios de enformação e representação de uma realidade que se apresenta duplicada para o fiel: sagrada e profana. Entre esses gêneros, a pregação é aquele cuja dinâmica relação entre o fiel, sua realidade e a compreensão do sagrado é mais direta, pois, além de transmitir a palavra sagrada, a pregação tem a função de interpretar

os mistérios divinos.

A realidade pelos olhos da pregação religiosa pentecostal

Já dissemos que os gêneros se originam em seus respectivos campos de atividade humana. No caso da pregação, o campo religioso é sua seara de atuação. Contudo, este é um campo multifacetado. Mesmo nos restringindo ao protestantismo e afinilando especificamente no pentecostalismo, a heterogeneidade continua uma máxima. Podemos, felizmente, ao menos recortar um panorama geral, de forma sintética, sobre o movimento pentecostal no Brasil a fim de compreender tanto os sujeitos que dele fazem parte quanto à conjuntura que abriga o gênero pregação nos cultos dessa vertente protestante.

Segundo Silva (2008, p.170), o movimento pentecostal tem suas origens em meados do século XIX e início do século XX, vindo da Europa para América do Norte, o que faz dele uma expressão religiosa recente. O autor ainda explica que a afirmação de que possuíam o dom espiritual da cura era o que os pregadores desse movimento traziam de novo para o mundo religioso, fato que demarcava originalmente o movimento.

Já na América Latina, seu aparecimento se deu no século XX. O mesmo autor ressalta a importância do êxodo rural para o desenvolvimento do pentecostalismo: “surgiram no início do século XX e se explicam mais por uma *anomia* das massas que iam migrando para as cidades, do que por sua relação com movimentos religiosos” (SILVA, 2008, p. 171. Grifo do autor). O sociólogo associa as mazelas decorrentes do êxodo rural e o inchaço dos grandes centros urbanos ao surgimento desse movimento religioso, chegando a afirmar que o aumento da pobreza, da injustiça, da fome e da enfermidade foram determinantes para a expansão desse grupo no âmbito religioso latino-americano.

As igrejas Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus foram as primeiras a introduzir, em 1911, este movimento no país. Sua expansão, porém, agregou com o tempo uma variedade socioeconômica significativa de sujeitos, e hoje não sobrevivem apenas dos que migram do campo em busca de trabalho. As tensões impulsionadas pelos inchaços populacionais das grandes cidades e o desenvolvimento de novas tecnologias da informação levou o culto dessas igrejas aos mais diversos lares.

Porém, suas origens em território brasileiro determinou uma forma menos rebuscada do gênero correlato nas instituições religiosas cristãs como o *Igreja Católica: o sermão*. Embora a maioria dos estudiosos convençam chamar a pregação de sermão, aqui usamos o termo utilizado pelos fiéis, posto que há uma diferença estilística significativa entre os gêneros: a linguagem da pregação é mais simples e proselitista, desenvolvida em função dos fiéis e de sua interpretação razoavelmente livre das escrituras, com um apelo ao aspecto emocional. O sermão está mais próximo dos modelos retóricos clássicos e exige um estilo mais rebuscado, apelando mais para a racionalidade. Obviamente, os gêneros são intercambiáveis e, por vezes, é difícil distingui-los, especialmente com as influências do pentecostalismo nas igrejas cristãs

tradicionais.

Apesar dessas influências, há uma diferença significativa que diferencia o pentecostalismo das igrejas tradicionais: o rito, ou a falta dele. Enquanto a tradição se sustenta nos rituais e tem o sermão como um dos momentos da sequência de ritualizações para conservar o traço da tradição e manter homogênea o processo de transmissão dos costumes, as igrejas pentecostais põem a pregação na centralidade do culto. Segundo Rivera (2001, p.146),

[...] a pregação alcançou tal importância aqui que, em dado momento, chegou a ser o culto. A causa principal estava não só na herança protestante da *sola Scriptura*, mas também no interesse fundamentalmente proselitista do protestantismo latino-americano.

Sendo centro organizador da compreensão das escrituras, a pregação passou a ser também o modelo de compreensão do sagrado e a forma por excelência de transmissão e organização do pensamento pentecostal. Nesse ponto, a figura do pastor ou do pregador ganha um destaque fundamental, pois ele ocupa o lugar ao mesmo tempo de intérprete e de mediador da palavra divina. Ao discorrer sobre a figura do pastor, Rivera (2001, p.149) ressalta que ela está “em grande desvantagem em relação ao sacerdote. Na religião católica, o centro do culto é o rito. Na protestante, esse lugar é ocupado pelo discurso”.

Para o autor, a desvantagem de uma religião centrada no discurso – entenda-se pregação – é que este sempre está sujeito a interpretações várias pelos fiéis. Para manter sua unidade, as instituições religiosas devem manter a coerência de uma teologia própria e apelar constantemente para a emoção. Esta, aliás, é um elemento fundamental no pentecostalismo, que encontra seu ápice na revelação pelos dons de línguas estranhas. É evidente que a emoção não dispensa a racionalidade do discurso, mas implica uma queda da racionalidade “em favor da conservação do lado misterioso do culto” (RIVERA, 2001, p.146) e da consequente aproximação do fiel com o sagrado.

Além do aspecto emocional, é característico do discurso pentecostal a leitura literal do texto bíblico com uma interpretação livre e, por vezes, permeada de metáforas. Isto decorre de uma característica comum ao autor-pregador²⁹, uma vez que enquanto as igrejas reformadas têm como princípio interpretativo uma teologia forte, baseada numa interpretação de base hermenêutica; os pentecostais se multiplicaram rapidamente pelo país produzindo pregadores leigos, cuja liberdade na interpretação do texto bíblico é maior. Assim, o caráter emocional ganha um destaque ainda mais importante pela capacidade de diminuir a incoerência ou consolidar a interpretação. Isso pode ser percebido na pregação da Assembleia de Deus de Pernambuco quando o pregador, por ocasião do 17º CONGRESSO DE MULHERES DA IEADPE³⁰, cujo

29 Remetemos aqui a categoria de autor-criador de Bakhtin (2011), para nossos fins a designamos de autor-pregador, uma entidade imanente à pregação, que se diferencia do autor-pessoa, este corresponde ao pregador no mundo. Consideramos, portanto, a imagem refratada do pregador na pregação, o modo como ele se apresenta em seu próprio dizer e aos valores que a ele são associados durante a enunciação.

30 Esta pregação está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R-RFnOp41Zs>. Acesso em: 10 out. 2022.

tema geral do congresso é *Mulher cristã: vida que influencia gerações*, expõe sobre os homens dos últimos dias, partindo do apoio bíblico na 2ª carta de Paulo a Timóteo, cap.3, verso 1, para sustentar sua exposição sobre o subtema *Mulher de fé em tempos de desafios*

FRAGMENTO 1	
Tempo 7:51 a 8:55	[...] quando eu leio segundo Timóteo capítulo três o versículo um Paulo diz assim... SAABE porém isto nos últimos dias soobrevirão tempos trabalhosos... por que Paulo? porque haverá homens amantes de si mesmo... avarentos... presunçosos... soberbos... blasfemos... desobedientes a pais e mães... ingratos... profanos... sem afetos natural... irreconciliáveis... caluniadores... incontinentes... cruéis... sem amor para com os bons... traidores.... obstiNAAADOS... orguLHOOOOSOS... mas amigos do deleite do que amigos de Deus... tendo aparência de piedade mas negando a eficácia dela... aí Paulo diz assim DEEEEEEEESTES... AFAAAAASTA-TE... [os/as fiéis levantam as mãos e dão glórias a Deus e voz alta] ³¹

Vê-se que o pregador, além de repetir literalmente o excerto bíblico, ele busca dar ênfase em algumas sílabas de palavras como em “SAABE”, com a qual chama atenção do ouvinte para as palavras de Paulo, modificando o tom da fala do apóstolo retirada da Escritura Sagrada para a voz do autor-pregador na pregação pentecostal, a fala de Paulo vai ganhando volume com o aumento progressivo da voz e a ênfase cada vez maior em determinadas sílabas como em “obstiNAAADOS... orguLHOOOOSOS...”; até que o pregador solta um grito final em direção aos fiéis como se o apóstolo Paulo agora finalizasse falando diretamente aos fiéis dizendo “DEEEEEEEESTES... AFAAAAASTA-TE...”. Como consequência dessa seleção pontual das ênfases tônicas, do prolongamento de sílabas e do aumento do volume de voz (aspectos estilísticos da pregação), a mensagem causa um efeito de solicitação de resposta comportamental dos fiéis, que correspondem com o levantar das mãos e com gritos de glórias também em alto tom decorrentes do apelo emocional ocasionados pelos recursos estilísticos utilizados.

Embora pouco discutido, o domínio da palavra bíblica nas pregações quase sempre transforma o autor do discurso citado em uma personagem cujo *ethos*³² varia segundo a característica da denominação. No caso das igrejas pentecostais, em especial as Assembleias de Deus, essa personagem se apresenta geralmente como uma figura obstinada, representada pelo aumento significativo do volume da voz. Na boca do autor-pregador, a palavra do outro não tem apenas sentido, mas volume. Esse é um recurso estilístico muito comum que, por vezes, garante um apelo emocional que não seria gerado pela leitura individual da passagem bíblica. É por considerar a adesão dos fiéis aos argumentos do pregador que tais recursos se tornam indispensáveis.

31 Esta transcrição da oralidade segue o modelo do projeto NURC, com adaptação, por isso não usa vírgula para pausas curtas, mas reticências; quatro pontos (::) para pausas longas; repetições de letras para alongamento enfático de sílabas e caixa alta para o aumento do volume da voz. Todos os excertos aqui analisados seguem este padrão, uma vez que as pregações são gêneros orais e o tom de voz pode ter valor argumentativo, emocional e/ou enfático.

32 Nos referimos ao *ethos* conforme a retórica clássica, isto é, “a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso” (CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 220) com a finalidade de influenciar o auditório.

É importante considerar que, tradicionalmente, nas Assembleias de Deus, a emoção é um sentimento esperado pelos fiéis, posto que a própria instituição se firma na busca pelo avivamento e consequente conquista dos dons espirituais. Quanto mais emocional for a pregação, mais enriquecedor terá sido o culto. Esses recursos, portanto, são características estilísticas do gênero pregação religiosa pentecostal e determinam o modo de conceber a voz do outro pelo autor-pregador dessa instituição. Assim como explicava Medviédev (2019), o plano da obra também serve para selecionar o material, nesse caso, o volume prosódico da voz do outro.

Voltamos a reafirmar que o gênero discursivo não deve se confundir com uma forma de composição ou estruturação do texto apenas, mas, fundamentalmente, como um modo de interação social, cujas características são determinadas pelo tipo de relação com os interlocutores. Dialogicamente falando, é a percepção que se tem da recepção dos fiéis quem determina o estilo tanto do autor quanto do gênero. Afinal, como nos orienta Volóchinov (1976, p. 15),

[...] o estilo é o homem”, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa.

Nessa mesma esteira, Francelino e Silva (2021, p. 243) acrescentam que

[...] autor e ouvinte participam da enunciação como representações valorativas dos sujeitos no mundo. E essas posições podem ser percebidas na materialidade do enunciado concreto a partir da análise da organização estilística realizada pelo autor no processo enunciativo.

Por outro lado, ao inserir tons e volumes à voz do apóstolo, o autor-pregador cria uma imagem acabada da personagem, refletindo valores e emoções desta, orientando assim sua diretriz volitivo-emocional para criação de um *ethos* que não exorta a Timóteo, mas se apresenta exortando os fiéis ali presentes. Desse modo, a pregação recorta a personagem de um mundo (o bíblico) e o reconstrói em seu mundo a partir de sua própria visão. Portanto, inserido no horizonte da pregação pentecostal, a personagem Paulo não poderia deixar de ser enfático e emocional.

Por outro lado, a peculiaridade interpretativa e leiga das passagens bíblicas nestas pregações permite um diálogo, por vezes tenso, com temas variados. E aqui se revela uma característica importante da pregação pentecostal: o olhar autoritário e restritivo sobre os temas sociais. Retira-se com liberdade passagens de determinados contextos das Escrituras que, envolvidas no projeto discursivo do autor-pregador, acabam por justificar o confronto com o discurso do outro, criando *ethos* demonizados ou sujeitos destruidores da identidade cristã, isto é, cria-se um inimigo comum. Todas as características aventadas na passagem de Paulo a Timóteo agora passa a caracterizar as feministas ou o discurso feminista:

FRAGMENTO 2	
Tempo 9:07 11:39	a [...] o sétimo desafio... o movimeento... que surgiu aanos atrás:: e tem ganhaado campo:: de uma forma preocupante:: que começou com a bandeira de defender o movimento ou a causa da mulher... “os direitos da mulheres” ... mas hoje tem causado transtornos... muitos desses irreparáveis... na família e principalmente... no relacionamento entre homem e mulher:: e são... defensoras assíduas:: do aborto:: é o beerço da ideologia de gênero... são adeptas de duas visões rejeicionista ou pós-cristã... e reformista ou de libertação:: quarto... atacam a Bíblia Sagrada [levanta uma Bíblia para ao alto]:: e consequentemente o cristianismo... dizendo que o seu conteúdo é machista e discriminante:: MAAS Jeremias nos alertou... capítulo seis versículo dez a parte bê:: eis que a palavra do Senhor é para eles coisa vergonhosa não gostam dela:: mas nós vamos usar a Bíblia nesta nooite... quem ama a Bíblia? quem ama a Bíblia? [os/as fiéis levantam a mão e dão glórias a Deus] e já quero dizer porque foi aqui que Deus me deu a mensagem de hoje:: a ideia de as mulheres terem direitos iguais aos dos homens não é um conceito feminista... mas uma hó cristã:: Gálatas capítulo três versículo vinte e oito... o plano original de Deus homem e mulher se complementam... ninguém é inferior ou superior apenas diferente MACHO NASCE MACHO E FÊMEA NASCE FÊMEA...

Se o gênero discursivo é constituído de estrutura composicional, estilo e conteúdo temático, este excerto é exemplar de como tais elementos estão inteiramente interligados. Tendo a temática como centro da organização discursiva endereçada ao ouvinte, todos os recursos estilísticos orientam a argumentação do autor-pregador no sentido de combater um inimigo comum: o feminismo. E aqui o aspecto dialógico se evidencia uma vez que emerge na superfície textual a voz do outro, o elo na cadeia da comunicação tensamente ativo, apontando origem temática real da pregação. A princípio, o tema geral seria “*A mulher de fé em tempos de desafio*”, no entanto, o que se revela é um diálogo antitético com o feminismo, já previsto no projeto discursivo do autor e só agora revelado.

Nesse sentido, o autor-pregador opõe o feminismo ao cristianismo e a Deus, e busca anular o discurso feminista substituindo as ideias desse movimento por ideias cristãs como em “*e já quero dizer porque foi aqui que Deus me deu a mensagem de hoje:: a ideia de as mulheres terem direitos iguais aos dos homens não é um conceito feminista... mas uma hó cristã:: Gálatas capítulo três versículo vinte e oito... o plano original de Deus homem e mulher se complementam... ninguém é inferior ou superior apenas diferente*”.

Em seguida, complementa, opondo-se à célebre afirmação de Simone Beauvoir “*não se nasce mulher, torna-se mulher*”, com um grito de “*MACHO NASCE MACHO E FÊMEA NASCE FÊMEA...*”.

Dois aspectos são também relevantes nesse trecho: o recurso a autoridade divina e a escolha lexical. Estes dois aspectos estilísticos demarcam a fronteira axiológica entre a ideologia pentecostal da instituição e o discurso a ser confrontado. Após apontar características que segundo ele são feministas, o autor-pregador recorre a autoridade divina para indicar que tal movimento é contrário aos desígnios de Deus, haja vista que teria sido o próprio Deus que hou-

vera enviado tal mensagem “e já quero dizer porque foi aqui que Deus me deu a mensagem de hoje”. Note-se que o “aqui” refere-se ao momento (não ao lugar) em que o pregador introduz o discurso feminista.

Por outro lado, o autor destaca por meio de uma pausa longa a palavra “aborto” em “... defensoras assíduas: do aborto”. Diferente do aumento no volume da voz, aqui o silêncio serve para marcar uma ênfase no léxico “aborto”, antecipado pela expressão “defensoras assíduas” que enfatiza a ideia de que o aborto é um projeto feminista em oposição ao projeto cristão. O retorno ao discurso antiaborto irá ressurgir implicitamente mais a frente, demarcando a tensão dialógica no interior da pregação. O conteúdo temático, portanto, centralizará escolhas lexicais que evidenciam o posicionamento axiológico do autor-pregador por meio dos mais diversos recursos estilísticos.

Outros aspectos estilísticos comuns à pregação neopentecostal são a hierofania discursiva e as línguas estranhas:

FRAGMENTO 3	
Tempo 30:18 a 31:57	[...] eu vou colocar novamente Deus me disse:: alai dhô arabia si:: nesse tempo de desafio:: neste tempo de crise... Deus vai cuidar de você viúva de Sarebe:: tu tens dito pra Deus que só tens um pouquinho de farinha na panela... e um pouquinho de azeite na botija... por causa da tua fé e da tua dedicação a obra do senhor... assim diz o Senhor pra você nesta noite... não vai acabar farinha na panela e NEM VAI FALTAR AZEITE NA BOTIJA:: e Deus lhe disse:: que nesse tempo de desafio e difícil... haverá um crescimento tão extraordinário... mais tão extraordinário que alguém vai ver e vai dizer não é possível:: DIANTE DE TUDO ISSO... DEUS ESTÁ DIZENDO HAVERÁ UM CRESCIMENTO ESPANTOSO alai hô decaminidiosuria::

Segundo Silva (2016), existe hierofania discursiva quando o pregador simula enunciativamente a presença do sagrado por meio de diversos recursos discursivos, como em “Deus me disse:: alai dhô arabia si:: nesse tempo de desafio:: neste tempo de crise... Deus vai cuidar de você viúva de Sarebe::”, “assim diz o Senhor pra você nesta noite... não vai acabar farinha na panela e NEM VAI FALTAR AZEITE NA BOTIJA::”. Assim, o pregador usa sua voz como veículo da voz de Deus e fala como se fosse o próprio Deus fazendo uma promessa, naquele exato momento, para uma fiel, como se o sagrado se revelasse pela voz do autor-pregador.

Ao mesmo tempo em que dá ênfase a voz divina, ele usa a língua estranha como reafirmação da presença do sagrado: “alai dhô arabia si::” e *alai hô decaminidiosuria::*. Na pregação pentecostal, esta manifestação é extática³³, isto é, não se compreende o que se está falando e a língua estranha afeta o interlocutor apenas de forma perlocutória: demanda uma

33 O dom de línguas é referenciado na Bíblia Sagrada como a capacidade concedida pelo Espírito Santo ao indivíduo de falar línguas por ele desconhecidas, isto é, línguas de outros povos. Cf. BÍBLIA (Atos 2:1-8). O fenômeno da língua extática, também chamada de línguas estranhas, corresponde a emissão de sons incompreensíveis por qualquer ouvinte, exceto aqueles que, segundo os pentecostais, têm o dom da interpretação de línguas estranhas. Diferentemente desta, o dom de línguas observado em Atos 2 fazia com que os apóstolos, ao falarem, fossem compreendidos por outros povos cada um em sua língua, uma forma eficiente de evangelização. Cf. BÍBLIA (Atos 2:6-13).

resposta comportamental-emotiva dos fiéis e não uma compreensão do que é dito. No entanto, ambos os recursos funcionam estilisticamente para reforçar a argumentação do autor-pregador em detrimento do discurso a ser combatido.

Dessa forma, inserido na pregação como uma relação tensamente valorada entre o sagrado e o profano, o conteúdo temático mulher cristã e movimento feminista será a todo momento reavivado e enfatizado:

FRAGMENTO 4	
Tempo 18:17 a 20:00	[...] aí Deus diz assim “olha Satanás porei inimizade entre ti e a mulher entre a tua semente e a sua semente. Esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar”... escuta o papel da mulher foi realçado no cenário mundial através doooo crist-ti-a-nis-mo VOOOU lhe dizer mais a partir do advento da fé cristã a mulher finalmente ela teve o seu ápice de dignidade e de respeito... olha... Deus intervindo na história... aleluia... Deus levanta Eva como instrumento de redenção... Deus levanta Sara como exemplo de submissão que produz frutos... Deus levanta Rebeca a benção de uma mulher altruísta... Deus levanta Léia... Deus levanta Raquel... Deus levanta Miriam a primeira profetiza... Deus levanta as filhas de Zelofeade Macla Noa Olga Milca e Tiza que LUTAAAARAM por direeeitos iguais... Deus levanta Débora uma mulher CHEEEEEEEIA do Espírito Santo... Deus levanta Jael cujo ato de coragem salvou uma nação... Deus levanta Rute que PERSEVEROOOU até chegar no trono... Deus levanta Ana que BUSCOOOU ao Senhor ATÉ ELE REALIZAR O SONHO O DESEJO DO SEU CORAÇÃO EU QUE SER MÃÃÃÃÃÃÊ:: [dar pausa enquanto os/as fiéis dão glórias em voz alta]

Como pode-se perceber, a pregação vai se organizando composicionalmente pela inversão da ideia de que a liberdade feminina teve seu advento com o feminismo, isto é, que ela se deu de forma profana. Na pregação, tal fato foi uma interferência divina, através do cristianismo, ancorando-se em diferentes histórias de mulheres bíblicas. Após fazer uma enumeração escalonada de mulheres vitoriosas, o autor conclui com a grande vitória de Ana: “*Deus levanta Ana que BUSCOOOU ao Senhor ATÉ ELE REALIZAR O SONHO O DESEJO DO SEU CORAÇÃO EU QUE SER MÃÃÃÃÃÃÊ::*”. Implicitamente, a tensão dialógica com o tema do aborto é retomada, especialmente pelo aumento do volume da voz e pela ênfase colocados na palavra mãe. A mulher cristã, portanto, deve ter como desejo ser mãe em oposição à mulher feminista. Esta organização da composição temática, embora não direcione explicitamente, em última instância, opõe vida à morte, orientando-se na seguinte direção: Deu Cristianismo>mulher cristã>gerar filhos>vidaMundo>feminismo>feminista>aborto>morte.

Porém, como afirmamos acima, os gêneros estão inseridos num campo de atividade e o interior de cada campo é, por natureza, heterogêneo. Logo, cada gênero incorporará, refletirá e refratará, por meio da linguagem, valores inerentes aos aspectos institucionais do qual ele se origina. Por esse motivo, na contramão da temática libertária, na qual o autor-pregador direciona sua pregação, surge a necessidade de um parêntese:

FRAGMENTO 5	
Tempo 20:21 22:14	a Deus levanta Abigail a intercessora da família... Deus levanta Ester que cresceu para encontrar o seu destino... DEEEEEEEUS levanta Sunamita um exemplo de fidelidade e AMOOR ao marido... Deus levanta Maria mãe fiel discípula obediente... Deus levanta Ana profetiza uma mulher notável Deeus levanta Maria Madalena que foi liberta para se tornar FRUTIIIIIFERA... DEEEEUS levanta Juana e Suzana que servia a Jesuuuus com as sua fazendas... Deus levanta Marta e Maria trabaaaaalho e DEVORÇÁAAAAO EQUILIBRAAAAAAADOS:::: deixa eu abrir um parêntesis aqui e eu quero dizer que foi Deus aleluia que colocou as mulheres aleluia disse vocês serão profetizas... você será juíza, você será governanta... EXCETO SECERDOTIZA aleluia... sabe quem colocou as mulheres no mercado de trabalho? QUEM QUEM QUEM QUEM QUEM HAAAA FOI EEEEEEELE [apontando para o céu] haaa provérbio trinta e um versículo do treze ao dezenove a mulher virtuosa trabalha tanto foora quanto dentro de casa levante a mão e dê um glória [todos levantam a mão e dão glórias a Deus]

Após uma grande sequência de ênfases no fato de Deus ter levantado mulheres para diferentes funções sociais e econômicas, inclusive a de chefe da nação como rainha ou governanta, que corrobora a argumentação do autor-pregador, um entrave valorativo impede que ele argumente que a mulher possa ocupar o maior posto da própria instituição, o de pastora ou sacerdotisa. E antes que tal argumento seja ventilado, uma vez que seu discurso é emotivo-empoderador e pode gerar engajamento, ele se antecipa e foge a composição temática da pregação abrindo um parêntese: “*deixa eu abrir um parêntese aqui e eu quero dizer que foi Deus aleluia que colocou as mulheres aleluia disse vocês serão profetizas... você será juíza, você será governanta... EXCETO SECERDOTIZA aleluia...*”. É interessante ressaltar que por trás do púlpito onde a pregação está sendo realizada, num local elevado e em cadeiras ornamentais e luxuosas, está um conjunto grande de líderes religiosos (presbíteros, evangelistas, pastores), composto apenas de homens. Em frente ao púlpito, em cadeiras mais simples, estão as fiéis, todas mulheres. Pela tradição pentecostal, as mulheres não podem ocupar os maiores cargos da instituição, especialmente o de pastor(a) e esta tradição é justificada no excerto do pregador pelo recurso à voz divina “foi Deus aleluia que colocou as mulheres aleluia disse vocês serão profetizas... você será juíza, você será governanta... EXCETO SECERDOTIZA”. Nesse contexto, reivindicar tal cargo não seria apenas a busca pela igualdade, questão já levantada como conquista do cristianismo, mas uma afronta a Deus.

Com esse cenário, o discurso do pregador antecipa o discurso do outro, apagando-o. Pelos olhos da pregação pentecostal, a mulher pode ser o que ela quiser, exceto pastor(a). Como afirma Faraco (2009, p. 130), ao citar Medviédev (2019), o enunciado que se materializa em algum gênero é um ato socio-histórico, por isso ocupa um lugar entre as pessoas que se organizam socialmente, refratando suas relações valorativas. Quanto à questão dos valores, Faraco (2009, p. 97) afirma que “o autor-criador fala do herói, mas sempre atento ao que os outros pensam do herói e da própria relação dele com o herói”. Correlatamente, o autor-pregador fala de um determinado tema, mas sempre atento ao que os fiéis pensam do assunto, assim como da sua relação com o referido tópico. Por isso, a dissonância entre a temática que liberta as mulhe-

res e a doutrina da igreja necessitou de um parêntese enfático e em alto e bom tom, apoiado na voz que sublima todas as outras, a voz de Deus, sacralizando assim seu argumento.

Por fim, evidencia-se que a pregação pentecostal se constitui numa tensa relação dialógica materializada nas escolhas lexicais, fraseológicas, prosódicas e de realce estilisticamente organizadas para determinar posições axiológicas (ou visões de mundo) que, em última instância, revela um mundo perpassado por uma relação tensa entre o sagrado e o profano.

Considerações

Analisar um texto com os olhos do gênero é penetrar numa visão de mundo mergulhada num conjunto de valores institucionais. O gênero como forma específica de representar a realidade não pode ser limitado a materialidade textual, nem tampouco ao recorte temporal de sua produção. Ambos são elementos constituintes do gênero, mas este será sempre uma forma decantada de enunciar institucionalmente, logo carrega consigo um modo de representação que se consolidou ao longo do tempo como resposta a outras formas de dizer.

Cada campo de atividade produz seus enunciados relativamente estáveis a partir de suas necessidades. A pregação é o gênero que permite o diálogo mais direto entre o líder religioso e seus fiéis. No pentecostalismo, é também o lugar da liberdade interpretativa da Bíblia e o meio pelo qual se perpetua os valores institucionais.

Nesse breve capítulo teórico-analítico, pudemos verificar como uma temática social foi reexaminada na pregação e como foi possível sacralizar o corriqueiramente profano. Aliás, a transposição do profano para o sagrado é uma das funções do gênero pregação. No pentecostalismo, este fato se dá por meio do apelo à emotividade e manifestação recorrente da palavra divina por meio da hierofania discursiva ou da citação de excertos bíblicos. Além disso, a presença do uso de línguas estranhas e de recursos estilísticos, como a prosódia por meio da pausa ou o aumento do volume da voz, buscam a adesão dos fiéis assim como a resposta resignada dos mesmos.

Por fim, vimos que a pregação cumpre um papel fundamental na mediação entre o sagrado e o profano, lugar de constituição do autor-pregador e da construção de um sentido para os atos no mundo que só nela ganha vida.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARRERA RIVERA, P. **Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do pentecostalismo na América Latina**. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atual. no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BROADUS, J. A. **Sobre a preparação e entrega de sermões**: o mais completo manual de homilética da atualidade. São Paulo: Hagnos, 2009.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANCELINO, P. F.; SILVA, E. C. Autoria e estilo: um caso concreto do autor-criador no gênero discursivo panfleto. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 17, n. 2, p. 238-253, 2021

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Camargo Grilo e Ekatarina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, D. E. Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino. **Interações – Cultura e Comunidade**, v.3, n. 3. p. 169-188, 2008.

SILVA, E. C. da. **Autoria na pregação religiosa neopentecostal**, 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Série Ideias sobre a Linguagem. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

VOLOCHINOV, V. N. [1926]. Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.

O INFLUENCIADOR DIGITAL COMO AGENTE IDEOLÓGICO NA CULTURA DIGITAL CONTEMPORÂNEA

Anny Angélica de Assis Maia de Lima

Jakelyne Santos Apolônio

Wanderleya Magna Alves

Orlando Silva de Oliveira

Apontamentos iniciais

Os humanos são essencialmente seres sociais e por conta disso são influenciados pelas práticas realizadas por outras pessoas com as quais convivem e/ou se relacionam. A influência de um indivíduo sobre os outros pode ser percebida através da cultura como um todo, por meio da linguagem, das comidas, das roupas, da arte, da religião e de várias outras práticas presentes nas diversas esferas sociais.

Assim, através do processo de comunicação de massas, desde o jornal que circulava no Império Romano até as atuais páginas digitais da internet, as pessoas são expostas a experiências e conhecimentos diversos, acarretando na adoção de práticas significativas por um grande número de pessoas geograficamente distribuídas.

Considerando o sistema econômico capitalista no qual vivemos, as empresas se utilizam dos meios de comunicação para divulgar suas marcas, anunciar seus produtos e serviços e até para persuadir o proprietário do meio de comunicação a apresentar apenas determinado tipo de programação com o propósito de favorecer os negócios da empresa anunciante, ou seja, a exibição de conteúdos com forte enviesamento ideológico favorável ao anunciante.

De fato, os representantes de grandes empresas sempre se valeram do espaço privilegiado dos canais de comunicação de maior audiência para influenciar o consumo, o comportamento e a cultura das pessoas. No Brasil, é possível apresentar dois exemplos da influência dos meios de comunicação na cultura: um fenômeno mais simples é a utilização do nome Bombril, ao invés da correta denominação do produto, palha de aço; e um fenômeno mais complexo é a manutenção de um ideário reacionário através de programas policiaiscos de jornalismo.

Como parte das superestruturas ideológicas da sociedade, os veículos de comunicação têm sua linguagem (ideológica) gestada a partir das configurações sócio-históricas de uma época e lugar. Assim, com o decorrer do curso da história, as práticas sociais e as condições materiais se atualizam/transformam, influenciando dialeticamente os veículos de comunicação e a linguagem. Nesse sentido, com o avanço das tecnologias, é perceptível o uso de novas formas de comunicação para as massas, dentre as quais se destacam aquelas realizadas através de internet, visto que a característica interativa dos serviços da internet promove uma responsividade ainda mais ativa e potente por parte dos interlocutores, garantindo maior engajamento com os enunciados ali produzidos.

As tecnologias sustentadas pela internet causaram várias transformações na maneira como o sistema de comunicação para as massas funciona. Se antes os canais de comunicação de massa pertenciam somente às empresas, detentoras do capital financeiro, agora os serviços de comunicação disponíveis na internet permitem que pessoas físicas com pouca infraestrutura possam criar sua própria rádio ou o seu próprio canal para transmissão de vídeos.

A partir dessas novas possibilidades, a capacidade de influenciar grandes volumes de pessoas foi “democratizada”, permitindo que indivíduos comuns, através de seus canais de comunicação, começassem a também promover forte influência sobre as massas (consumidores dos canais), situação que permitiu o surgimento dos influenciadores digitais (em inglês, *digital influencers*).

Os influenciadores digitais apresentam produtos e/ou serviços diversos em seus canais de comunicação, às vezes tratam de uma temática muito específica, como é o caso de Thiago Nigro, mais conhecido como Primo Rico, que trata do tema educação financeira. Assim, através de uma linguagem de massa, ele conseguiu obter milhares de seguidores nas redes sociais. No caso do seu perfil no *Instagram*, por exemplo, Thiago Nigro tem 7 milhões de seguidores.

Diante do contexto exposto, o objetivo deste trabalho é compreender o posicionamento ideológico apresentado pelo Primo Rico através de enunciados que ele produziu no seu perfil do *Instagram*. Para o empreendimento deste estudo, foi utilizado como *corpus* as três postagens textuais (exceto as que possuem vídeo) mais curtidas do seu perfil. A operacionalização da análise foi baseada na Análise Dialógica do Discurso, metodologia possibilitada por meio da teoria da linguagem formulada pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2016, 2017; MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2018, 2019).

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: para além desta seção introdutória, discorre-se, na seção teórica, sobre algumas compreensões a respeito da essencialidade ideológica da língua(gem) nos pressupostos bakhtinianos e sobre a projeção de popularidade dos chamados influenciadores digitais nos ambientes virtuais da internet. Posteriormente, na seção analítica são apresentados os elementos metodológicos que amparam e caracterizam este trabalho juntamente com as análises das publicações realizadas pelo Primo Rico no seu perfil comercial no *Instagram*. Por fim, são tecidas algumas considerações finais na seção de conclusão.

Compreensões sobre a essencialidade ideológica da língua(gem) nos pressupostos bakhtinianos

As ideias do Círculo de Bakhtin partem da compreensão de que nenhum enunciado é neutro, haja vista essa atividade de linguagem ter seu nascedouro em diferentes esferas ideológico-sociais, na comunicação entre as pessoas. É sempre com base na relação de comunicação com o outro que seus pressupostos são trazidos à tona, demarcando, dessa forma, a indissociabilidade entre linguagem e ideologia, isto é, entre linguagem e vida.

Esse pensamento, entretanto, nem sempre foi comungado pelas ciências das ideologias que, em suas vertentes idealistas e psicológicas subjetivistas, tratava a ideologia como algo plantado na consciência e advindo dela, sem qualquer interferência do mundo exterior ou da comunicação entre as pessoas (VOLÓCHINOV, 2017; 2019a). Na primeira vertente, a ideologia é uma construção já constituída e acabada com a qual o falante apenas se defronta e não pode aplacá-la, dominá-la ou destruí-la (MIOTELLO, 2016), já que se encontra em níveis da superestrutura. Já na segunda, a ideologia tem lugar permanente na cabeça dos homens, de tal forma que ela se degenera e morre se lhe faltar diálogos com outras consciências (MIOTELLO, 2016).

De acordo com Medviédev (2016), tanto a filosofia quanto as ciências humanas negligenciavam a natureza social dos sujeitos. Em detrimento disso, tinham interesse “[...] somente pelos processos individuais fisiológicos e, sobretudo, psicológicos da criação e da compreensão dos valores ideológicos, esquecendo-se de que o homem individual e isolado não cria ideologia [...]” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 49, supressão nossa).

Nessa perspectiva, o Círculo não compreende que a concepção de ideologia reside tão somente no interior (na cabeça dos homens) ou apenas no mundo exterior dos falantes, mas em um universo multissemiótico que o ser humano é capaz de representar e significar através de suas manifestações sociodiscursivas. Logo, seus discursos podem produzir significados mais diversos, inclusive contraditórios entre si, se percebidos sob outros olhares e perspectivas na compreensão do lugar singular e único que cada sujeito ocupa.

Diante dessa aceção, o componente ideológico, sob as bases do pensamento do Círculo, pode ser sublinhado, conforme Faraco (2009), como produto imaterial da cultura humana. Na esteira dessa compreensão, os valores imbricados não são palpáveis, mas significativos e perceptivos em todo agir humano em sociedade, posto que a objetivação e representação do mundo são sempre, discursivamente, simbólicas, especialmente porque a posição singular e axiológica dos sujeitos é gestada numa coletividade de valores sociais (MEDVIÉDEV, 2016; VOLÓCHINOV, 2017).

De acordo com esse entendimento, não existe, para o Círculo, a possibilidade de uma palavra única, apartada de uma orientação social e ideológica. É através do signo em diálogo que, segundo Medviédev (2016) e Volóchinov (2017), a ideologia se manifesta, e que se pode ter acesso a ela. Tais signos, por sua vez, se apresentam de natureza diversa. Eles podem ser verbais, verbo-visuais, imagéticos ou de outra natureza, conforme enfatiza Volóchinov (2017, p. 94): “Qualquer fenômeno ideológico sêmico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante.”

Medviédev (2012, p. 56) acrescenta ainda que esse componente ideológico pode se dar por meio “de afirmações científicas; de símbolos e crenças religiosas; de obras de arte, e assim por diante.” Logo, percebe-se que, na compreensão do Círculo, a ideologia pode se manifestar de forma variada, em gêneros discursivos diversos, revelando, dessa forma, particularidades dialógicas e horizontes ideológicos em que se situam os discursos e os sujeitos que o proferem.

Assim, fica evidente que a natureza sociodiscursiva da linguagem, especialmente no

uso das atribuições estilísticas, composicionais e estruturais, não deixa de revelar especificidades dialógicas e ideológicas, inerentes a como os sujeitos entendem, concebem e organizam as composições textuais mediadas por seus projetos de dizer (MEDVIÉDEV, 2012; VOLÓCHINOV, 2019a). Diante disso, pode-se destacar que os campos da comunicação humana e seus repertórios de gêneros discursivos revelam a natureza, inerentemente, ideológica da linguagem, uma vez que as próprias práticas sociocomunicativas em si, carregam concepções ideológicas ao se revestirem de sentidos e valorações diversas (VOLÓCHINOV, 2019c).

Nesse contexto de signos e sentidos está envolto o homem e sua consciência, que na relação com outras consciências em processo dialético e dialógico, vai se alterando ininterruptamente (MEDVIÉDEV, 2016). Nessa concepção, “a consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 56, supressão nossa).

Vale ressaltar que o Círculo toma como base, para a conceituação da ideologia, as ideias de Karl Marx. No entanto, os pressupostos de seu pensamento se diferenciam do marxismo oficial, cujo campo do ideológico estaria ligado somente ao apagamento das contradições, das desigualdades sociais obscurecidas pelas ideologias oficiais, as quais tentam monopolizar os discursos. O pensamento do Círculo, por outro lado, reconhece a existência concomitante de uma ideologia do cotidiano que, assim como a ideologia dominante, estabelece formas de compreender o mundo e os fatos da vida. Conforme, esclarece Volóchinov (2017), essas ideologias, com efeito, entram em constante embate na arena discursiva social, construindo-se e desconstruindo-se mutuamente.

O Círculo, nesse sentido, direciona nosso olhar para duas instâncias ideológicas diferentes: uma formada por sistemas ideológicos já consolidados, onde se situam as mais diversas esferas ideológicas, como a ciência, o direito, a religião, a moral social, a arte etc.; e a outra (ideologia do cotidiano), que Volóchinov (2017, p. 213) descreve como “[...] todo o conjunto de vivências da vida e expressões externas ligadas diretamente a elas”. Assim, uma conversa de salão, entre amigos ou amigas, um bate papo no bar, uma conversa entre cônjuges, entre trabalhadores em recesso de expediente etc. são enunciados cotidianos dos quais participamos. Tais enunciados se apresentam um pouco mais estáveis por meio de uma pergunta acabada, uma exclamação, um pedido, uma ordem, entre outras formas de interação, fixadas pelo cotidiano e pelas circunstâncias (VOLÓCHINOV, 2017, 2019b; 2019c). De acordo com o autor, “o próprio tipo de acabamento desses pequenos *gêneros* cotidianos é determinado pelo atrito da palavra com o meio extraverbal e pelo atrito da palavra com a palavra alheia (das outras pessoas)” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 221).

Independente da instância ideológica em que os enunciados sejam produzidos (se nas esferas já formalizadas ou no âmbito do universo cotidiano da vivência), o que importa, para o Círculo, é que deles não seja abstraída sua natureza social. Eles não podem ser tratados como produtos advindos de uma consciência individual subjetiva, uma vez que, para os autores, a consciência ideológica só toma forma inserida em um contexto extraverbal, na interrelação

comunicativa (por meio dos signos) entre sujeitos coletivamente organizados (MEDVIÉDEV, 2016; VOLÓCHINOV, 2017; 2019b).

Ao ultrapassar os limites do pensamento marxista, o Círculo de Bakhtin não só amplia o sentido desse fenômeno, atribuindo à ideologia que surge da infraestrutura uma posição de destaque, não subalternizada, mas também coloca como centro de valor indispensável, para a criação/expressão e percepção dessas ideologias, a linguagem, seus variados signos e suas condições de produção. Nesse âmbito condicional de existência da ideologia, a avaliação social dos sujeitos, seu horizonte ideológico apreciativo, diante da realidade que os circundam, é que dão o tom. Portanto, é mister pensar que não há ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia.

A afirmação tem base, justamente, na concepção dialógica de sujeito e de linguagem arquitetada pelo Círculo, cuja relação é constituição mútua (BAKHTIN, 2016a; 2016b; VOLÓCHINOV, 2019b), tendo em conta que é em um processo permanente de diálogo que essas ideologias tomam forma. Somente na relação eu-outro, jamais isolado³⁴, é que o sujeito toma consciência de si e do mundo social e material em que vive. Assim, é sempre orientado por algum horizonte ideológico que ele constrói sentidos sobre outros sujeitos e sobre o mundo.

Os influenciadores digitais como celebridades contemporâneas nas redes sociais

Segundo Alves e Chaves (2020), os influenciadores digitais podem ser considerados, atualmente, como uma nova categoria de celebridades da contemporaneidade. De fato, antes das redes sociais, muitos desses indivíduos eram pessoas praticamente “invisíveis”, mas através das possibilidades trazidas pelas redes sociais tiveram a oportunidade de se tornarem figuras conhecidas, às vezes com tanta visibilidade que atraem a atenção de empresas, para que, através desses sujeitos, divulguem seus produtos e/ou serviços em seus espaços digitais.

Percebe-se, dessa forma, que a massificação do acesso à internet tem possibilitado que muitas pessoas físicas criem seu próprio negócio, nos espaços das redes sociais, e através disso obtenham alguma remuneração com base na realização de anúncios publicitários. Dessa forma, o indivíduo, na condição de influenciador digital, aluga o seu produto mais valioso aos anunciantes: a sua própria imagem. Com isso, observa-se que a imagem do influenciador se torna o seu maior capital, de modo que, quanto maior for o alcance da sua imagem, maior será o valor que ele poderá cobrar por cada anúncio nos seus espaços virtuais.

34 Na perspectiva bakhtiniana, o sujeito só adquire existência a partir da relação com outro sujeito. O Círculo coloca como eixo de seu pensamento essa relação de reciprocidade para a constituição da consciência ideológica. Para explicar essa necessidade do outro, da coletividade para a construção de nós mesmos e dos sentidos que produzimos e compreendemos, ele trata sobre o conceito de *exotopia*. Bakhtin explicita em vários dos seus textos, dentre eles: “Para uma filosofia do ato responsável” (2010), “Fragmentos dos anos 1970-1971” (2017), “O falante no romance” (2015), entre outros. Logo, o que não é acessível ao campo de visão de uma pessoa sobre si mesma pode ser visto por um outro que, do lugar onde se situa, por sua distância, lhe permite um excedente de visão que o completa, através de um acabamento sempre provisório.

Nesse contexto, vinculada à promoção da autoimagem e divulgação de bens e serviços, os influenciadores digitais têm a potencialidade de direcionar os anseios de uma grande parcela de pessoas³⁵, visto que, com o objetivo de ampliar o alcance da sua marca, os influenciadores também publicam, em suas redes sociais, conteúdos relacionados a temáticas atuais, muitas vezes polêmicos, buscando atrair o interesse de um número maior de usuários. Assim, manter as pessoas engajadas em torno dos seus espaços digitais para autopromoção, de forma a ampliar o valor da sua imagem e o preço comprado pelos anúncios, é um dos principais objetivos do influenciador digital.

Nos últimos anos, no Brasil, tem se destacado um tema em específico: educação financeira. Tal situação pode ser constatada através do grande número de corretoras de valores, cujo papel é o de intermediar a compra e venda de valores mobiliários, como títulos e ações. Para promover seus negócios, as corretoras de valores começaram a se valer da imagem (e espaço digital) dos influenciadores, de modo que alguns influenciadores ganharam muito destaque nas redes através da oferta de educação financeira que, para ser operacionalizada, requer os serviços e produtos de uma corretora de valores.

Um influenciador que soube aproveitar o momento histórico de interesse público para esta temática financeira foi Thiago Nigro, conhecido popularmente como Primo Rico. O influenciador digital, além de oferecer serviços de educação financeira e anunciar corretoras, produz outros produtos com a sua marca, que vão desde livros a fundos de investimentos que se apoiam no seu prestígio social, ampliando, dessa forma, sua atuação para além das redes digitais.

Já nessas redes (*TikTok*, *Twitter*, *Youtube* e *Instagram*) Primo Rico procura chamar a atenção de seus seguidores abordando temas, tais como: autoajuda, política, educação formal, conquistas pessoais (como a compra da casa própria dele), dentre tantas outras. O direcionamento das temáticas mostra sempre indícios de vínculos com os enunciados da esfera ideológica de discussão sobre educação financeira ou *mindset* financeiro, conforme jargão comumente conhecido nessa área.

O Primo Rico, da mesma forma que outros influenciadores, está presente em diversas redes sociais, o que mostra a sua estratégia para atingir muitos públicos com linguagens diferentes. Na rede *Instagram*, por exemplo, ele possui 7 milhões de seguidores, possibilitando que tenha um grande alcance com suas publicações.

Olhares metodológicos sobre o posicionamento ideológico do Primo Rico no *Instagram*

Na concepção de Bakhtin (2017), a práxis da pesquisa no campo das ciências humanas deve ser conduzida por um movimento dialógico, que leva em conta o diálogo entre enunciados

35 HOTMART. Digital influencer: o que é, quanto ganha e como se tornar um? **Marketing Digital**, 2022. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/blog/influenciador-digital>. Acesso em: 18 nov. 2022.

precedentes e posteriores (BRAIT, 2016). Isso porque o objeto de estudo dessa área de pesquisa, de acordo com Amorim (2016), é o sujeito expressivo e falante ou o material advindo de suas relações de interação social: o discurso.

Apoiados nessa compreensão e levando em conta o objetivo de compreender o posicionamento ideológico expressado pelo influenciador digital Thiago Nigro, conhecido popularmente como Primo Rico, o presente estudo se caracteriza como sendo de natureza interpretativa e de abordagem qualitativa. O *corpus* utilizado nas análises foi constituído pelas três postagens mais “curtidas” do perfil do *Instagram* do influenciador, publicadas de 30 de outubro a 06 de novembro de 2022. A metodologia adotada foi o cotejo de textos, conforme defendida por Geraldi (2012) e alicerçada nas formulações desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2016; 2017; VOLÓCHINOV, 2018; 2019; MEDVIÉDEV, 2012).

Destacamos que a obtenção das três postagens com mais interações de “curtidas” foi realizada por intermédio da ferramenta *Inflact*³⁶, que possibilita a geração de relatórios com informações sobre perfis específicos do *Instagram*. Assim, foram selecionadas as três primeiras postagens em número de “curtidas” que não possuíam materialidades fílmicas.

Cabe ressaltar que, buscando uma melhor compreensão dos discursos veiculados nas postagens do influenciador digital Thiago Nigro, foi considerado o *publipost* como gênero discursivo, o qual se vale da intercessão entre a publicação e a publicidade, realizado geralmente por um influenciador digital com a finalidade de promoção de um conteúdo. Amparado no trabalho de Alves e Chaves (2020), o gênero *publipost* foi selecionado, especialmente, porque a página do influenciador digital Thiago Nigro (o Primo Rico) revela mais do que a singela divulgação de conteúdos, indicando certos anúncios publicitários, com vistas a promover algum produto (em muitos casos, a própria imagem) ou serviço.

Diante dessa observação, há a constatação de que as redes sociais (em especial o *Instagram*) passaram a ser utilizadas como mecanismos de *marketing*, podendo, também, servir como espaço privilegiado para determinados posicionamentos axiológicos. Por esta razão, foram selecionados alguns enunciados da página do *Instagram* Primo Rico com o propósito de compreender como se dá o posicionamento ideológico expresso nos referidos enunciados.

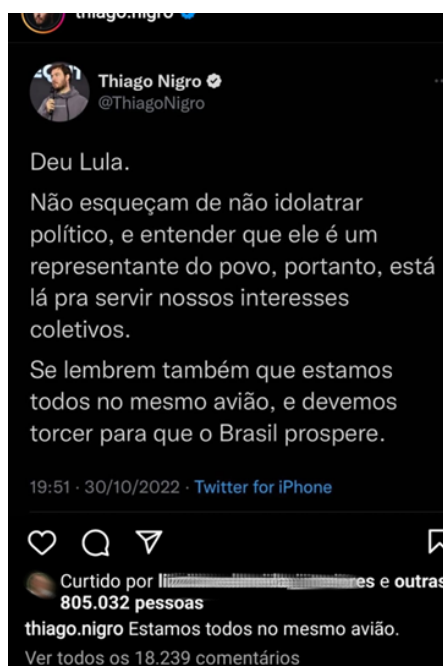
O primeiro *publipost*, considerado para análise no *Instagram* de Thiago Nigro (o Primo Rico), corresponde a uma postagem do dia 30 de outubro de 2022, às 19h51min. No momento da sua captura, a publicação contava com 805 mil curtidas, além de 18,2 mil comentários, conforme enunciado reproduzido a seguir.

No topo da imagem do excerto 01, consta uma foto do rosto do autor e o seu nome no perfil da rede *Instagram* (thiago.nigro), seguido de um ícone azul que indica que o perfil do autor tem sua autenticidade verificada pela plataforma. No corpo da publicação, é possível perceber que se trata de uma captura de tela realizada de outro perfil, também de sua propriedade, mas de outra rede social, o *Twitter*. Como este padrão na estrutura da postagem ocorre com os

36 INFLACT. Profile Analyzer. **Inflact**, 2021. Disponível em: <https://inflact.com/tools/profile-analyzer/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

demais excertos, dispensaremos a descrição dessa estrutura nas próximas análises, evitando, então, repetições desnecessárias.

Excerto 01: *Instagram* Primo Rico



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

No conteúdo principal da postagem destacada no excerto 01, verifica-se um texto por escrito, cuja primeira frase atesta “Deu Lula”, que só ganha sentido ao considerarmos o contexto no qual esta afirmação foi realizada: pouco tempo depois da divulgação do resultado final da eleição presidencial de 2022 que garantiu a vitória, no segundo turno, para o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) para o cargo de presidente da república brasileira.

A postagem, ao ser realizada minutos depois do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgar que a eleição estava matematicamente definida, evidencia a estratégia de anunciar, em primeira mão, o resultado oficial, tão aguardado, das eleições de 2022. Logo, essa tática dialoga com a urgência exigida/esperada pelos usuários das redes sociais, sob o risco de não atender aos anseios dos seguidores, pois a manifestação “crítica” do autor da postagem contribui para a manutenção do interesse do seu auditório social. Sendo assim, a simples publicação no *Instagram* visa a capitalização do interesse do público pela situação que está ocorrendo, naquele momento, no país (objetivo publicitário da publicação), uma vez que o autor da postagem se vale da sua rede social como ferramenta para os seus negócios financeiros.

Ainda no excerto 01, vemos que Primo Rico ressalta que não se deve idolatrar político, uma vez que ele é um representante do povo e, por isso, está a serviço dos interesses de todos. Por fim, o autor da publicação destaca que todos estão no mesmo avião - ideia reforçada na seção de comentários da postagem, indicando que seria preciso torcer pela prosperidade do país (concepção idealista da política).

A princípio, a *publipost* feita por Primo Rico reconhece a escolha democrática do povo, porém busca expressar serenidade/neutralidade (lembrando que todo discurso é ideológico), fato percebido na entonação gráfica da afirmação que constata o resultado da eleição: ao invés de uma exclamação, usou um ponto final. Vale ressaltar que a vitória do candidato Lula foi de 50,90% contra 49,10%, situação que demonstra o acirramento entre os eleitores dos dois candidatos. Assim, compreendemos que o enunciado, apresentado por Primo Rico, sinaliza consciência de que seus seguidores não estão somente de um dos lados do espectro político, pois o influenciador digital demonstra optar por tons de isenção política na sua manifestação-resposta aos resultados das urnas.

Todavia, cabe ressaltar que Primo Rico realizou uma *live*³⁷ com o atual presidente da república, Jair Bolsonaro, no dia 28 de outubro de 2022, ou seja, a apresentação de um candidato em um espaço privilegiado a dois dias da votação para o segundo turno que definiria o pleito eleitoral revela-se como estratégia para tentar alavancar eleitores através do respaldo do mercado financeiro, defendido por Primo Rico. Na parte final da *live*, o influenciador disse que concordava muito com a forma como Paulo Guedes, ministro da Economia do governo Bolsonaro, pensava sobre a questão econômica do país. Aqui cabe refletir sobre a seguinte citação de Bakhtin: “[...] todas as palavras e formas são povoadas de intenções.” (2015, p. 69).

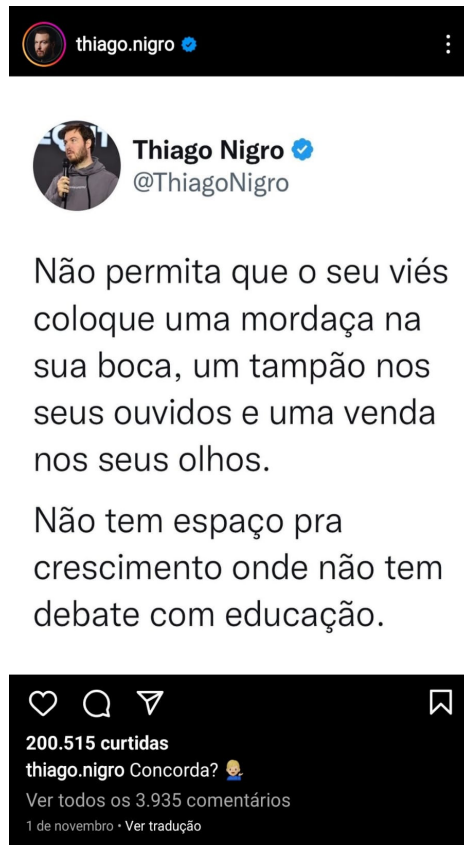
Nesse contexto, fundamentados pela teoria do Círculo de Bakhtin, compreendemos que toda manifestação discursiva, seja ela através da fala, escrita, imagem, som, gesto, seja pelo silêncio signifiante, estará sempre carregada de sentidos que, por sua vez, evidenciam o lugar de fala e o horizonte ideológico no qual o sujeito está inserido. Desse modo, mesmo que no enunciado do excerto 01 o autor busque demonstrar certa isenção política, o cotejo das vozes que circundam essa postagem revela seu posicionamento ideológico-político.

Partindo agora para o excerto 02 que corresponde a um *publipost* produzido por Primo Rico no dia 01 de novembro de 2022, apresentando mais de 200 mil curtidas e mais de 3,9 mil comentários. Logo, o contexto dessa publicação tem, ainda, o fervor provocado pelo momento político das eleições presidenciais de 2022.

No período da postagem, em vários lugares do país, grupos de manifestantes, que se mostravam insatisfeitos com o resultado final da eleição para presidente, realizavam bloqueios nas rodovias e ameaças aos motoristas que tentavam passar. Sobre isso, vale destacar que, embora seja lícito o ato de protestar, a organização de tais atos é considerada criminosa, haja vista o fato de os manifestantes insatisfeitos estarem impedindo o direito de ir e vir, ameaçando pessoas e pedindo uma intervenção militar, o que denota ataques à democracia.

37 PRIMO RICO. Live com Bolsonaro. **Instagram Primo Rico**, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkQ37gDJRck/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

Excerto 02: *Instagram* Primo Rico



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Perante o enunciado expresso através da *publipost* no excerto 02, se compreende que Thiago Nigro tenta, no primeiro parágrafo, persuadir o interlocutor a não concordar com tudo o que se apresenta para ele. Considerando a data da postagem e do contexto político brasileiro, se interpreta que o Primo Rico está sugerindo ao interlocutor a não aceitar determinadas situações por conta do seu “viés” político-ideológico. Logo, a construção do enunciado utilizada por ele, ao realizar tal declaração, se ancora em um estilo que busca isenção, porém, pelo contexto instigando respostas, tentando atingir um público maior sem causar animosidade à sua imagem, visto que a interpretação do seu enunciado será muito subjetiva, abrindo margem para compreensões positivas ou negativas da parte de qualquer interlocutor, independentemente do seu viés político-ideológico.

Desse modo, é notório que as postagens mais curtidas do Thiago Nigro no *Instagram* se apoiam no atual contexto das eleições de 2022, com vistas ao engajamento que pode ser proporcionado em virtude de ser um conteúdo que estava em alta na época. Ademais, embora a postagem do excerto 02 não traga de forma explícita a venda de um conteúdo ou produto, se depreende que o sujeito falante molda sua linguagem, partindo de um viés ideológico, para engajar suas postagens, manter o vínculo com o seu público e agregar novos usuários que dialogam com o seu pensamento, seja concordando com ele, seja refutando-o, mas na busca de

gerar maior visibilidade ao seu maior produto: sua própria imagem-marca.

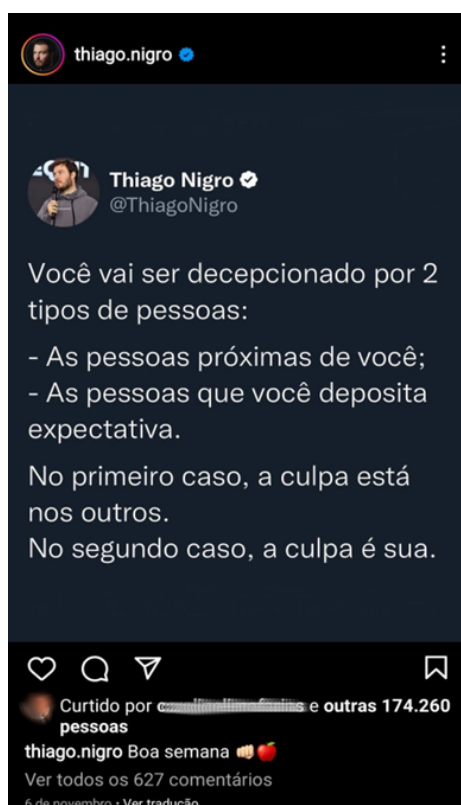
Ainda no excerto 02, a segunda parte do seu texto surge um tom de civilidade, declarando que não há como crescer num debate se não houver educação. Finalizando com uma pergunta nos comentários da sua postagem (“Concorda?”), o influenciador tenta manter uma posição neutra, através de declarações que buscam atingir públicos diversos. Sendo assim, interpreta-se que o Primo Rico não se importa com a real concordância ou discordância de seus seguidores, tendo em vista que, como produtor e vendedor de conteúdos, o que ele realmente espera é que o público atingido reaja com curtidas, comentários e compartilhamentos. Desse modo, se antes a estratégia de *marketing* era voltada para o equilíbrio financeiro, através de mensagens educativas e motivacionais, agora toma como base a valoração de uma realidade (contexto político) que reverbera em seus discursos.

No que concerne ao excerto 03, como terceiro *publipost* mais curtido da página do Primo Rico, foi publicado no dia 06 de novembro de 2022 e possuía mais de 174 mil curtidas e 627 comentários. Nesse outro enunciado, o influenciador traz um tom mais reflexivo, no caso, sobre as decepções. Aparentemente, o novo *publipost* não possui qualquer relação com as postagens anteriores, porém se observa que esse enunciado tece indagações sobre a forma como as pessoas podem se decepcionar a partir da relação delas com os outros.

Ao evidenciar o sentido da decepção, depreendemos que o discurso do sujeito falante dialoga diretamente com o discurso religioso, na ideia de que as pessoas são responsáveis pelas suas próprias atitudes. Além disso, querer destacar as nuances que o sentido da palavra decepção tem, reforça a ideia de indignação, de recusa, da não aceitação, remetendo, assim, aos resultados da eleição presidencial de 2022, cujo sentimento está sendo expresso por grupos de eleitores do candidato derrotado no pleito eleitoral em vários locais do país.

Corroborando com o pensamento bakhtiniano de que nenhum discurso é desinteressado e este, por sua vez, é repleto de sentidos que evidenciam a percepção da realidade, se compreende que o sutil desvio de foco apresentado pelo excerto 03 não é, de maneira alguma, destituído de qualquer interesse, seja ele político, seja econômico. Mesmo que, para uns, suas palavras soem apenas como reflexão filosófica da vida (devido ao estilo que busca a isenção), aqueles que ainda estão inflamados pelo espírito do embate eleitoral podem interpretar o enunciado estabelecendo relações de sentido com o contexto vivido das eleições e das decepções causadas pelo resultado oficial.

Excerto 03: *Instagram* Primo Rico



Fonte: Captura de tela feita pelos autores

Desse modo, pode-se considerar que essas postagens do *Instagram* do Primo Rico fazem parte da estratégia do *marketing* do influenciador, pois, mesmo que algumas publicações “pareçam” ser destituídas de interesse, fica evidente que o posicionamento ideológico do Primo Rico passou a ser mais uma forma de autopromoção através das suas postagens. Assim, diante do contexto crítico que se encontra a política brasileira, é compreensível que os usuários, no ambiente virtual, interajam mais (maior nível de responsividade) em postagens que dialoguem com os seus posicionamentos e que instiguem suas emoções, promovendo, então, um maior engajamento com o autor das postagens. Nesse cenário, tal situação política não poderia passar despercebida para um influenciador digital que trabalha, vende e lucra na mesma proporção em que consegue influenciar, sobretudo manipular, velada ou explicitamente, o seu auditório social.

Reflexões finais

Tendo por objetivo compreender o posicionamento ideológico apresentado pelo influenciador digital Primo Rico em enunciados produzidos no seu perfil do *Instagram*, foram selecionados três excertos do gênero *publipost*, que permitiram a observação de alguns achados que são salientados a seguir.

No excerto 01, se observou que a postagem tinha como cenário o contexto político do segundo turno para o cargo de presidente da república nas eleições de 2022, evidenciando, nesse sentido, a estratégia de anunciar, em primeira mão, o resultado oficial tão aguardado da eleição presidencial. Tal contexto teve também o destaque do acirramento entre os eleitores dos candidatos Lula e Bolsonaro na apuração das urnas, cujo distanciamento ínfimo do resultado final das urnas nunca antes foi visto na história brasileira desde o período de redemocratização do país.

Nessa manifestação “crítica” do autor da postagem, é perceptível a capitalização do interesse do seu auditório social, já que essa temática estava no auge dos assuntos mais comentados nas redes sociais. Observando, ainda, que seus seguidores estão dos dois lados do espectro político, o influenciador digital opta por tons de neutralidade política na sua manifestação-resposta. O Primo Rico busca explicitar um posicionamento ideológico quando ressalta que não se deve idolatrar nenhum político, já que este é um representante do povo e, por isso, deve estar ao interesse de todos, inclusive os que não votaram no candidato, porém o cotejo com a *live* realizada com o presidente em exercício demonstrou outro posicionamento, contraditório ao que sugere na postagem. Ainda no excerto 01, o influenciador digital escreve, na seção de comentários da publicação, que toda a população está no mesmo avião, dando a ideia de que todos devem torcer pela prosperidade do país, independente da classe econômica, social, religiosa e étnica (uma tentativa de apagar as diferenças sociais e os impactos que uma escolha política pode causar na vida das pessoas).

Sobre o excerto 02, se percebe que Thiago Nigro tenta persuadir os seus interlocutores para que não acreditem em tudo que pertence aos seus vieses sociopolíticos, buscando o engajamento através da ideia da criticidade. Assim, é possível notar que a construção utilizada por ele denota uma apresentação neutra como técnica estratégica para atingir públicos diversos, sem causar animosidade à sua imagem. Finalizando a postagem com uma pergunta (“concorda?”) para transparecer intenção e abertura ao diálogo, o influenciador digital parece ter a finalidade de engajar suas postagens, manter o vínculo com o seu público e agregar novos usuários que dialogam com o seu pensamento, independentemente dos reais posicionamentos políticos de seus usuários, isto é, se concordam ou refutam o seu *publipost*. Nessa medida, como estratégia discursiva, Thiago Nigro molda sua linguagem para gerar mais visibilidade ao seu produto (sua própria imagem-marca), além de adequar seus discursos e postagens para conseguir curtidas, comentários e compartilhamentos em massa.

Quanto ao excerto 03, se observa que o *publipost* carrega tonalidades mais reflexivas, tendo como abordagem as decepções que alguns sujeitos podem ter na relação com os seus outros. Logo, a postagem apresenta um diálogo estreito com o discurso religioso, na concepção de que as pessoas são responsáveis pelas suas próprias atitudes. Assim, se percebe nuances que a palavra decepção expressa, podendo ter os sentidos de indignação e recusa, os quais remetem aos sentimentos dos apoiadores do candidato derrotado no pleito eleitoral: Jair Messias Bolsonaro. Nesse entremeio, o *publipost* parece transparecer não só os sentimentos políticos de

seus usuários, como também suas próprias emoções, já que o influenciador digital expressou, virtualmente em uma live, posições ideológicas que apoiam práticas políticas do candidato derrotado, Bolsonaro.

Diante dessas refrações analíticas, pode-se dizer que as postagens de Thiago Nigro entram em diálogo com as de qualquer outro influenciador digital que trabalha em prol de curtidas, compartilhamentos e comentários, reações-resposta que lhes geram vendas e lucros (financeiros e simbólicos) na mesma proporção em que conseguem influenciar o seu auditório social, seja de forma velada, seja de forma explícita. Assim, observando a efervescência do contexto sociopolítico, o influenciador digital se vale da linguagem das redes sociais para escrever sobre o assunto, buscando anunciar os eventos na velocidade que as redes exigem para um maior engajamento: instantaneamente.

Logo, nesse rol de *publiposts*, embora o Primo Rico deseje, ao menos aparentemente, transparecer certa isenção político-ideológica, é possível observar que os seus discursos apontam para o espectro político da direita, o qual tem uma ideologia pró mercado (do lucro em primeiro lugar) e menos social. Assim, na qualidade de influenciador digital, o Primo Rico busca auferir mais lucros e, também, influenciar o pensamento político dos usuários para a assimilação de ideias que lhe serão benéficas. Dessa forma, suas publicações buscam o convencimento dos seus usuários para a sua visão socioeconômica, utilizando como principais propulsores a linguagem, as estratégias e as ferramentas disponibilizadas através das redes sociais.

Referências

ALVES, K. D. C.; CHAVES, A. S. O gênero discursivo publipost: uma análise do discurso digital na rede social Instagram. **Revista Philologus**, ano 26, n. 78, set./dez. 2020.

AMORIM, M. As ciências humanas e sua especificidade discursiva. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA, R. A. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 17-45.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. O falante no romance. In: BAKHTIN, M. M. **A teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kojinov. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 123-166.

BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 21-56.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra, notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016a. p. 11-69.

BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio

e notas de Paulo Bezerra, notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 71-107.

BAKHTIN, M. **Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências Humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra e notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo, contexto, 2016. p. 9-31.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). (org.). **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012. p. 19-39.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheyla Camargo Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 167-176.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c. p. 306-336.

BOLSOAGRO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IMAGEM DE BOLSONARO NO AGRONEGÓCIO

Ilcilene Silva

Jailson José dos Santos

Anny Angélica de Assis Maia de Lima

José Cezinaldo Rocha Bessa

Introdução

Segundo a perspectiva do Círculo de Bakhtin, a imagem que se constrói do outro é em grande medida uma atividade estética, não nos moldes da estética literária/artística, mas do ponto de vista de todo ato da criação, inclusive no/do cotidiano, posto que, diante do outro, estamos sempre lhe dando um acabamento, a ponto de o outro nos parecer um personagem real. E se, como diz Bakhtin (2003, p. 25), “a atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enformamos e damos acabamento ao material da compenetração”, então cada um de nós enforma o outro, dando-lhe acabamento diferente dos outros acabamentos que já lhes foram dados.

De acordo com Bakhtin (2003), é o olhar exotópico, próprio do outro, que permite dar o acabamento aos sujeitos sociais envoltos em dada realidade social e histórica. Esse excedente de visão possibilita ver aquilo que o próprio sujeito não consegue enxergar; mergulhar na realidade do outro e sair dela para perscrutá-la externamente. Esse é o trabalho daqueles que se propõem a lidar com fatos na tessitura de enunciados que servem a fins específicos como, por exemplo, a personalização de sujeitos para determinados grupos sociais.

Nos últimos quatro anos, os múltiplos discursos personalizados sobre o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, trazem à tona discussões a respeito de como grupos de apoiadores que, do ponto de vista do alinhamento dos valores ideológicos, seriam contrários à sua postura, o defendem tão ferrenhamente. É o que ocorre, por exemplo, com grupos religiosos cristãos que pregam o amor ao próximo, mas que apoiam um propagador de discursos de ódio aos grupos minorizados.

Nesse viés tão tenso e contraditório que se expressa nas trocas comunicativas, alguns grupos se servem dessas imagens múltiplas de Bolsonaro para levantar a bandeira (verde e amarela) defendendo o que nos parece ser indefensável, como o fazem alguns agropecuaristas em prol de mais pastos para o gado e mais terra para a monocultura. A imagem que se constrói do presidente Bolsonaro no/para o agro alinha-se, portanto, aos anseios daqueles que não respeitam nem as leis, nem a terra, sequer o outro.

É certo que essa imagem fragmentada não está suspensa e isolada, mas é resposta a discursos de devastação ambiental que já reverberavam no agronegócio, há bastante tempo, de maneira mais tímida, mas que ganhou força ao encontrar eco nos pronunciamentos do outrora candidato e agora presidente. O olhar perscrutador que captura esse sujeito não é isento de

carga valorativa, visto que nenhum ato, nenhum discurso, nenhuma construção sónica o é, pois, como bem expressa Bakhtin (2017, p.86),

[...] tudo que é efetivamente experimentado [...], recebe uma entonação, possui um tom emotivo-volitivo, entra em relação efetiva comigo na unidade do evento que nos abarca [...]. O tom emotivo-volitivo é um momento imprescindível do ato [...]. Tudo isso com que tenho a ver, me é dado em certo tom emotivo-volitivo, já que tudo me é dado como momento evento, do qual sou participante.

Assumindo tais³⁸ palavras desse pensador russo, podemos compreender que os enunciados em circulação nos espaços do/sobre agronegócio são elos numa corrente discursiva mais complexa de outros dizeres que expressam índices sociais de valor (FARACO, 2009), de modo a indiciar um alinhamento dos valores ideológicos e interesses políticos e econômicos em comum entre setores do agronegócio e o presidente da extrema-direita Jair Messias Bolsonaro.

Considerando esse entendimento, nosso objetivo, no presente texto, é compreender o movimento dialógico que se dá em torno da construção da imagem de Bolsonaro em produção discursiva sobre o universo do agronegócio, mais precisamente do portal de notícias *Agroenews*. O foco de nossa análise recai sobre o exame de como as escolhas sónicas em uma notícia³⁹ publicada no referido portal se relacionam com o acabamento temático do enunciado para corroborar a construção de uma imagem do atual presidente da república mais alinhada aos interesses do agronegócio. Nossa proposta é, no cotejo de textos e contextos conforme pressupõe uma análise fundamentada nas ideias do Círculo de Bakhtin, compreender como a produção discursiva que selecionamos reverbera a posição política do governo bolsonarista e de como essa reverberação se relaciona com a imagem agro de Bolsonaro.

Para darmos conta desse propósito, fundamentamo-nos na abordagem dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin e em trabalhos de estudiosos que compõem o que se tem denominado, aqui no Brasil, de Análise Dialógica do Discurso⁴⁰. No recorte de análise e compreensão aqui empreendida, importa-nos especialmente as noções de dialogismo, ideologia, refração sónica e vozes sociais.

O texto está organizado em quatro seções. A seção de introdução, na qual apresentamos a proposta de nosso estudo; a seguinte, onde discutimos as noções bakhtinianas que são toma-

38 A propósito do universo do agronegócio e de práticas discursivas a ele relacionadas, podemos encontrar importantes estudos desenvolvidos no domínio dos estudos discursivos no Brasil, dentre os quais destacamos Santos, Oliveira e Gualberto (2019), Resende (2019) e Alves Filho e Piovezani (2020).

39 O texto em análise está sendo referido, por nós, como sendo uma *notícia* seguindo a categorização do próprio portal *Agroenews*, embora compreendamos que não se trata de um gênero notícia prototípico, uma vez que, em sua estrutura e funcionamento, o texto em questão se propõe muito mais a **divulgar** e **promover** aquilo que o setor do agronegócio considera feitos do presidente Bolsonaro do que a noticiar um fato/acontecimento.

40 Movimento iniciado e desenvolvido por pesquisadores brasileiros que se debruçam sobre os estudos de Bakhtin e seus amigos intelectuais. Na compreensão de Brait (2012), essa perspectiva que tem como embasamento constitutivo a indissociável relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos, se instaura, entre nós, “a partir da maneira como as obras escritas por Bakhtin e demais membros do Círculo foram sendo conhecidas, lidas e interpretadas nas últimas décadas, particularmente no Brasil” (p. 84).

das como o chão de análise no qual firmamos nossos pés; a terceira seção, em que realizamos o trabalho de análise da notícia selecionada; por fim, a quarta seção é dedicada às conclusões, nas quais sintetizamos os resultados encontrados e tecemos nossas considerações finais.

Linguagem e produção de sentidos: uma mirada sobre algumas noções bakhtinianas

Os estudos e as reflexões desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin⁴¹ assentam suas bases filosóficas na concepção dialógica da linguagem. De acordo com essa concepção, as relações de (inter)ação humana fazem parte de um encadeamento de vozes que constituem o indivíduo enquanto ser de linguagem.

Nesse sentido, as produções individuais de cada um de nós estão sempre em intenso e contínuo diálogo com dizeres do passado e do futuro, posto que tanto respondem a um já-dito quanto antecipam um por vir. Em outras palavras, todo enunciado que produzimos está sempre carregado das palavras de outrem. No dizer de Bakhtin (2003, p. 296), “todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo”, construído em uma interação mais ampla e complexa que aquela que se encontra na superfície linguística.

Conforme afirma Faraco (2009, p. 66), na perspectiva do Círculo, as relações dialógicas são “relações entre índices sociais de valor” que se manifestam em enunciados concretos. Isso quer dizer que o viés ideológico atravessa o tecido das relações dialógicas. Nesse sentido, é preciso deixar claro, de partida, que dialógico e ideológico não são dimensões que se separem no funcionamento da linguagem.

Como todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva, portanto, uma resposta a outros enunciados, ele é a resposta de um sujeito que enuncia de um espaço-tempo preciso de inscrição social. Assim, todo enunciado é, ao mesmo tempo, uma resposta e a expressão de um posicionamento axiológico de um sujeito, que se constitui nas (in)ensas relações de interação que trava com os outros sujeitos sociais. Logo, quando um determinado sujeito se expressa nas mais diversas situações de interação social, seus enunciados refletem e refratam os valores axiológicos dos grupos sociais dos quais participa e entram, ao mesmo tempo, em embate com os valores desses e de outros grupos.

Na perspectiva delineada pelo Círculo, o enfrentamento da linguagem de um ponto de vista discursivo implica levar em consideração princípios que estão relacionados à matiz ideológica da comunicação discursiva e o seu entrelaçamento pelas relações dialógicas, ou seja, pelas relações de sentidos que ocorrem entre os enunciados.

41 Círculo de Bakhtin ou Bakhtin e o Círculo é a designação utilizada para nos referir ao grupo de estudiosos russos reunidos com Bakhtin em diferentes momentos de suas pesquisas. Os mais conhecidos, além de Mikhail Bakhtin, são Valentin Volóchinov e Pável Medviédov. Embora que, por conta da rotatividade do Círculo provocada pela perseguição à figura de Bakhtin, alguns estudiosos reíram-se a Círculos de Bakhtin, aqui optamos pelo uso do termo no singular, em virtude de que muitas das noções aqui tomadas nos chegaram a partir dos escritos atribuídos aos três estudiosos já mencionados.

Considerando que “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 297), as vozes que se reverberam na produção discursiva humana e o modo como elas são tecidas por cada sujeito apontam, de certo modo, a maneira como essas ressonâncias são valoradas pelo enunciador em uma dada situação enunciativa. Segundo Volóchinov (2018, p. 232), “compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas”. É, pois, nesse constante fazer dialógico que as vozes se entrecruzam, constroem compreensões e atuam no acabamento que cada sujeito atribui ao seu dizer.

Para o Círculo de Bakhtin, é através da linguagem que a interação social acontece. A linguagem aqui é pensada como “aparato simbólico” (PAJEÚ; MIOTELLO, 2018), assumindo-se que é por meio da linguagem, no diálogo com a palavra outra, que o eu se constitui. Enquanto arena das “pelejas discursivas e sociais” (PAJEÚ; MIOTELLO, 2018), a linguagem permite a assimilação das palavras do outro e a constituição da palavra própria. Pensando desse modo, todo ato de interação comunicativa tem como princípio a multiplicidade de vozes e se relaciona ao exercício da alteridade constitutiva de todo ser de linguagem.

Além do mais, os enunciados que constituem a cadeia das interações discursivas são apenas um fragmento de uma cadeia infinita e ininterrupta de dizeres. Nas palavras de Volóchinov (2018, p. 219), “todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta”. Tomado como “elo da cadeia discursiva”, o enunciado constitui um recorte que se tem do todo difícil de ser abarcado pelo analista, uma vez que, lançado ao infinito, não se pode definir seu ponto de partida, tampouco o de chegada, sendo possível recuperar apenas certas relações de sentidos estabelecidas com outros dizeres aos quais respondem.

Como parte de uma corrente discursiva, o enunciado é envolto num contexto sócio, histórico e ideológico que delimita seu acabamento. Em sua especificidade concreta, portanto, “o enunciado é histórico ideológico” (MENDONÇA, 2019, p. 5). Desse modo, ao enunciar, o sujeito organiza o todo do enunciado a partir de uma posição axiológica e de uma inscrição social e histórica.

Assumindo determinada posição axiológica, o ato de linguagem de todo sujeito enforma e dá acabamento às trocas interativas que se dão no seio das esferas da atividade humana. De acordo com Bakhtin (2003, p. 177), é por meio da linguagem que o sujeito do dizer “dá à luz o existir em um novo plano axiológico do mundo, nasce novo homem e novo contexto axiológico – o plano do pensamento sobre o mundo humanizado”. Em outras palavras, o enunciador reflete a imagem do outro de forma refratada, de modo que as escolhas é que darão “forma ao conteúdo: ele [o enunciador] não apenas registra passivamente os eventos da vida [...], mas, a partir de certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente” (FARACO, 2009, p. 90), compondo o todo acabado do enunciado.

Se pensarmos o sujeito como ser multifacetado, com *persona* distinta em cada situação social, com imagem construída na relação com o outro, a atividade estética, na perspectiva da ação criadora, resulta a imagem do sujeito como uma espécie de personagem, não o personagem ficcional literário, mas como personagem enredado de acordo com a apreciação valorativa que cada grupo constrói desse sujeito. Uma mulher, mãe, professora, pesquisadora, feminista, além da imagem que faz de si própria, terá uma imagem construída por sua família, por seus alunos, por seus pares de trabalho, por seus colegas de pesquisa, por suas companheiras de militância; e nenhuma dessas imagens são coincidentes. Na realidade, em certa medida, todas estabelecem entre si uma tensão oriunda dessa não coincidência.

As expectativas que o outro tem em relação a esse sujeito depende do acabamento que deu à imagem construída. Tomaremos essa imagem aqui como o objeto estético da ação criadora da qual todos nós somos autores, posto que todos construímos imagens dos outros com os quais interagimos. É uma prática cotidiana das relações sociais, mas que ultrapassa essa dimensão. Bakhtin (1998) nos chama a atenção para o fato de que, além da dimensão social, também faz parte da constituição do objeto estético as dimensões histórica e cultural. É dessas dimensões que abstraímos sentidos e valores para “construir o mundo” dessa personagem e, em contrapartida, alimentamos essa personagem para localizá-la axiologicamente em um plano estético.

Retomemos a mulher de nosso exemplo: na relação social que estabelece com sua filha, e a partir da posição que as mães ocupam na cultura familiar, e do seu papel na história da sociedade patriarcal, essa mulher poderá ser transportada para o plano de mãe devotada. Na perspectiva de uma família na qual a mãe é solteira e a filha é criada imersa numa cultura familiar mais progressista e menos patriarcal, a mãe poderá ser concebida axiologicamente como uma heroína, guerreira. No entanto, para seus alunos, talvez, nenhuma dessas duas imagens seja válida para a imagem que construirão dela; para cada grupo, a personagem que se constrói é outra. É interessante observarmos que, ao mesmo tempo em que essas imagens não são coincidentes, elas também não estão definitivamente acabadas. A mãe heroína, assim como a mãe devotada, são acabamentos provisórios, posto que esses sujeitos fazem parte do mundo em movimento, num devir.

Vale ressaltar que tudo que se espera da personagem criada, mãe heroína ou mãe devotada, deve ser coerente esteticamente com essas imagens, com essas *personas*. No entanto, não se pode perder a relação com a realidade a partir da qual personagem e mundo são criados. Bakhtin (1998, p.33) alerta que “a forma estética transfere essa realidade, conhecida e avaliada para um outro plano axiológico, submete-se a uma nova unidade, ordena-a de modo novo: individualiza-a, concretiza-a, isola-a, arremata-a, mas não recusa a sua identificação nem a sua valoração”. Ocorre, assim, uma espécie de concatenação dos dois mundo, o mundo real e o mundo resultante da ação criadora, o sujeito “real” e o sujeito personagem constituído na ação criadora a partir do lugar que se ocupa como filha, como aluno, como colega, como chefe, como manifestação do ato responsável de cada sujeito.

Então, para entender a construção discursiva da imagem de Bolsonaro pelo agronegócio, não se pode pensar em análise isolada dos aspectos envolvidos nessa atividade social. Assim, o estudo da linguagem requer uma abordagem que privilegie o diálogo constitutivo das interações sociais que se dão por meio de gêneros discursivos. Logo, é fundamental considerar o todo, verbal e extra verbal, ou, mais precisamente, o diálogo entre o material sógnico e o contexto em que a comunicação discursiva se dá. Essa postura do analista, ao lidar com o signo para além de sua materialidade verbal, permite-lhe considerar seu aspecto multifacetado, o que significa assumir que o signo é uma arena de embates ideológicos e que, por conseguinte, não somente reflete a realidade, mas também a refrata (VOLÓCHINOV, 2018) de pontos de vistas específicos, considerando-se o permanente diálogo homem-linguagem-realidade (SILVA, 2013).

O material de trabalho do analista é o texto, compreendido, nos moldes bakhtinianos, como “qualquer conjunto coerente de signos”, sejam eles verbais, sejam eles verbo-visuais, pois “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2003, p. 307). Essa materialidade não deve ser vista, portanto, como um objeto isolado, mas como um elo da cadeia discursiva, com a bivocalidade que lhe é característica, levando em conta, também, o outro para o qual nos dirigimos.

Desse modo, considerar o texto (objeto de estudo) em seu todo constituinte (verbal e extraverbal) é princípio da tarefa do analista de discurso, numa perspectiva bakhtiniana, na qual procuramos nos lançar na análise que se segue.

Na seara dos grãos, a imagem do presidente agro

Em quais condições o enunciado aqui analisado foi produzido? Considerando que todo enunciado tem duas partes que compõem o seu todo concreto, a parte visível/audível que se realiza na língua; e a parte subentendida que, no evento-atividade, constitui o extra verbal (VOLÓCHINOV, 2019), é sob essa última que nos lançamos, inicialmente, na análise que empreendemos neste capítulo.

A materialidade de análise é tomada do portal *Agronews*, descrito, em sua *homepage*, como espaço de divulgação de informações sobre o agronegócio que visa contribuir com o crescimento desse segmento. Ainda segundo informações disponibilizadas na seção “expediente” do referido portal, a fundação do *Agronews* data de setembro de 2015, em Cuiabá-MT, cidade vista como “a capital do agronegócio brasileiro”. O portal assume como público-alvo os produtores rurais. Sendo assim, as publicações no portal são de interesse mais específico desse nicho, de modo a divulgar informações e promover pautas do setor do agronegócio.

Além de demarcar o seu público-alvo, o slogan do portal, “AGRONEWS® é informação para quem produz”, permite identificar discursos muito recorrentes em enunciados que defendem o agronegócio: é o agro que produz no Brasil. É possível perceber já aí um posicionamento de contraposição aos movimentos sociais que lutam pela desapropriação de terras

improdutivas, sugerindo-se, inclusive, que as pessoas que lutam nesses movimentos pela posse de terras não produzem. Os dizeres expressos no slogan reforçam, também, o discurso de que o agronegócio carrega a economia brasileira nas costas, posicionamento constantemente reverberado por Bolsonaro, defensor dos mais ferrenhos do agronegócio brasileiro.

O referido portal apresenta uma interface relativamente *clean*, na qual predominam duas cores: o cinza e o verde (em várias tonalidades). No canto inferior do título do portal, há um duo de cores: o verde e o amarelo. Essas duas cores estão distribuídas como se fossem dois riscos, sugerindo duas marcas feitas a dedo, como geralmente se pinta o rosto para a guerra, ou seja, passando-se tinta com o dedo indicador e o dedo médio. Essas cores podem remeter a uma expressão de nacionalidade e do posicionamento político dos idealizadores do portal, estabelecendo, portanto, uma relação com as cores da bandeira do Brasil, e, por conseguinte, com o nacionalismo propagado por Bolsonaro, uma vez que, a partir das eleições presidenciais de 2018, as cores e os símbolos nacionais brasileiros foram “usurpados” por esse político como símbolos partidários.

Abaixo do nome que intitula o referido portal, há, ainda, uma tarja cinza que contém os links para as 7 seções (editoriais, cotações, previsão do tempo, *commodities*, *stories*, expediente e contato) que o compõem, como se pode observar na figura abaixo:

Figura 1: Página inicial do Agronews



Fonte: Portal Agronews

Na seção *Editoriais*, subseção *Notícias*, encontra-se o enunciado, intitulado *Brasil Verde e Amarelo, onda liderada pelo setor Agro garante apoio à Bolsonaro*⁴², que selecionamos para análise. O referido enunciado data de 18 de maio de 2021 e é assinado por Márcio Moreira e Vicente Delgado⁴³, três dias depois de ato do *Movimento Brasil Verde e Amarelo*, convocado

42 Como podemos ver aqui, com a ocorrência do uso indevido da crase, o texto apresenta alguns desvios em relação às normas da gramática normativa da língua portuguesa. Tais desvios, como se encontram na notícia, serão mantidos nos trechos que reproduzimos ao longo de análise. A notícia, no original, está disponível em: <https://agronews.tv.br/brasil-verde-e-amarelo-garante-apoio-a-bolsonaro/>. Acesso em 09 nov. 2022.

43 Em nossa análise, importa menos as posições desses sujeitos, e, por conseguinte, recuperar elementos contextuais sobre os mesmos, do que centrar nossa atenção em valores e posicionamentos que constituem a iden-

por entidades ligadas ao agronegócio, em apoio ao então presidente Jair Bolsonaro.

Como marco social e histórico, o ano de 2021 caracteriza-se, sobretudo, pelo enfrentamento da Covid-19, pandemia provocada pelo Coronavírus, descoberto, na China, no final de 2019. Por falta de vacina imunizadora, as medidas para a contenção do vírus adotadas na maioria dos países foi essencialmente o isolamento social e o fortalecimento de medidas de higiene. O executivo federal brasileiro adotou, como se sabe, uma postura negacionista, não dando a devida atenção à gravidade da doença, taxando-a, inclusive, de “gripezinha”.

Na contramão de muitos países desenvolvidos, o governo brasileiro recusou-se a adotar as medidas sanitárias que se mostravam como uma alternativa necessária e optou pelo que a ciência denomina de imunização de rebanho, ou seja, as pessoas não fazem nenhuma restrição de contato, se infectam e, assim, se auto-imunizariam - a população não foi devidamente esclarecida sobre a possibilidade de ocorrer um grande número de mortes que a “imunização de rebanho” causaria.

Em abril de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a competência de estados e municípios e união no gerenciamento da crise sanitária. Com isso, os estados e municípios tiveram autonomia para administrar a crise de acordo com sua realidade. Em muitos grupos de *WhatsApp*, o STF foi acusado de retirar a autonomia da União, de modo que precisou se posicionar. A crise sanitária se agravou, e alguns estados e municípios uniram forças para reduzir o número de infectados e, consequentemente, o número de vítimas. O *lockdown* tornou-se uma das principais formas para manter o isolamento social. Na contramão desse cenário, o governo federal, aliado a empresários e ao agronegócio, posicionou-se contrário ao *lockdown*, encarando como afronta a orientação do STF.

Recuperar esses elementos contextuais torna-se necessário para que nos situemos em relação ao momento sócio-histórico e as condições de produção do enunciado *Brasil Verde e Amarelo, onda liderada pelo setor Agro garante apoio à Bolsonaro*. A atividade estética, tomada aqui enquanto ação criadora, conduz o olhar para a personagem Bolsoagro como resultante do diálogo que se dá no encontro do grupo do agronegócio com o sujeito social, Jair Messias Bolsonaro, a apreensão desse sujeito e o ato estético que o enforma e lhe dá relativo acabamento permite a criação de um personagem alinhado aos anseios desse grupo. Esse personagem é alimentado cotidianamente pelos enunciados que lhe reforçam a imagem para os sujeitos ligados ao setor, pois “a personagem vive de modo cognitivo e ético, seu ato se orienta em um acontecimento aberto e ético da vida ou no mundo dado do conhecimento” (BAKHTIN, 2003, p. 11).

Desse modo, o acabamento estético das personagens está relacionado às escolhas do sujeito outro (que poderia ser visto como um autor criador) com o qual esse personagem dialoga, são escolhas políticas, posto que são perpassadas por valorações alinhadas ao grupo social ao qual esse autor (sujeito outro) se filia. A escolha da forma composicional está relacionada à forma estética que o sujeito Bolsonaro recebe. Assim, como essa notícia tem um caráter mais

propício para dar conta de levar aos leitores/interlocutores demais os grandes feitos daquele que é concebido como o presidente que respeita o produtor rural. Dentre os feitos, está o de ser confiante como gestor, mesmo com todas as interferências do STF.

Orientado por esse horizonte de representações e valorações, o texto noticia o forte apoio de um movimento denominado “Brasil verde e amarelo” ao então presidente Jair Bolsonaro que, por conta das “perseguições”, precisava desse apoio para continuar governando em paz e demonstrar sua fortaleza. Esse movimento teve início com um ato que aconteceu na Esplanada dos Ministérios, em 15 de maio de 2021, quando o país contabilizava 59.010 mortes somente no mês de maio. O enunciado reverbera a imagem de um evento com grande engajamento de apoiadores do presidente, ao destacar que, segundo os organizadores, o evento contava com mais de 100 mil pessoas que chegavam a Brasília de qualquer jeito (cavalo, moto, carro, trator etc.), dando a entender, assim, que nada impediu os manifestantes. Como forma de reforçar essa imagem de amplo e diversificado apoio ao presidente, o enunciado conta, em sua composição, com uma foto de um ângulo de cima, com o propósito de enfatizar a ideia de um espaço ocupado por um grande contingente de pessoas.

A forma como o evento é noticiado pelo portal tenta, a todo momento, evidenciar a grandeza do movimento, a fim de gerar um maior impacto e, sobretudo, de acentuar a importância do agronegócio para o desenvolvimento e a sustentabilidade do país. Seguindo essa linha de entendimento, depreendemos, também, que, sustentando que o movimento realizado constitui uma “manifestação democrática em favor do Brasil”, o enunciado procura corroborar a importância e a força do agronegócio no país.

A notícia também se vale de fotos do evento, vídeos de lideranças do setor agro e indígenas, acentuando, assim, a ideia de um movimento que luta não somente pelo bem do país, ao defender o setor “mais produtivo”, mas que também contribui para o respeito e apoio ao desenvolvimento dos povos originários. Assim, podemos compreender esses discursos como uma tentativa de ganhar apoio desses povos, muitas vezes, vistos como empecilhos para o avanço desse setor, bem como uma forma de responder às denúncias de que o agronegócio invade as terras dos povos originários exterminando quem se opõe aos interesses do setor.

Na notícia, após explicitar o propósito da manifestação, já no segundo parágrafo, há referência à presença de Bolsonaro entre os manifestantes. A palavra que abre o parágrafo, “emocionado”, expressa a construção da imagem de um ser que tem emoções e é sensível. Observamos aí a tentativa de contrapor-se à imagem de sujeito insensível e desumano que se instituiu, entre boa parte da sociedade brasileira, quando o presidente imitou pessoas com COVID, morrendo sem oxigênio, e que, quando questionado sobre o número de mortes e a insistência na gestão da pandemia por meio da imunização de rebanho, afirmou, em tom de ironia: “Eu, não sou coveiro”.

No mesmo parágrafo, o enunciado expressa que Bolsonaro fala com a “multidão” (outra referência que procura realçar a ideia de grandeza atribuída ao evento) “confiante da sua postura frente à gestão nacional”. Desse modo, o enunciado procura refutar as críticas de que

o presidente não estava conseguindo gerir a crise sanitária de forma adequada. Parte da fala do presidente é reproduzida sob a forma de citação direta e, logo em seguida, há um link de um vídeo⁴⁴, como recurso que visa ratificar o que se diz textualmente.

O parágrafo seguinte continua reforçando uma imagem positiva da figura do presidente, dessa vez valorando-o como um homem simples, já que, apesar de sua condição de entidade presidencial, é capaz de se “misturar” aos manifestantes, que o receberam com “muito carinho”, e de comer, conjuntamente, um alimento simples, que fora preparado ali mesmo em pleno ato.

Embora a notícia afirme que lideranças indígenas participaram do ato, não há, manifestada textualmente, a voz indígena na notícia. Mesmo havendo a orientação “assista abaixo o momento em que eles fazem a sua saudação ao Movimento Brasil Verde e Amarelo”, não há vídeo com palavras dos indígenas. Em contrapartida, o texto traz várias falas de lideranças do agro e de um deputado federal. Os discursos citados no texto, todos de agricultores ligados ao agronegócio, reforçam o monologismo que dá voz somente a quem detém o poder, apagando a palavra de outrem. A ideologia oficial, com os pés fincados no neoliberalismo e na lógica capitalista, desconsidera aquele que não produz, que não gera capital.

É importante lembrar que as questões relacionadas a como o governo brasileiro (2019-2022) tem lidado com os problemas do clima e com os problemas ambientais denotam as posições assumidas por Bolsonaro. Não é novidade que, quando teve que se posicionar sobre estar do lado dos povos originários ou do lado dos grandes latifundiários (principalmente da monocultura de grãos) ou de criadores de gado, quando o conflito entre indígenas e garimpeiros se intensificou, ou ainda quando teve que encarar os dados dos órgãos oficiais sobre desmatamento, a exemplo do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o presidente claramente assumiu o lado dos que exploram terras e minérios na região amazônica do país.

Todo esse conjunto de disputas foi retratado através de farta produção pela imprensa (notícias, reportagens e dados). Os órgãos oficiais contribuíram para a apresentação de dados que colocaram em xeque os índices relativos à destruição do meio ambiente e à degradação do clima. Os acontecimentos não deixaram dúvidas sobre como o governo acabou tornando a questão ainda mais polêmica, acirrando ainda mais as disputas entre os povos originários e os latifundiários.

Embora se careça de examinar de perto uma ou outra questão sobre a qual se requeira uma compreensão mais particular, podemos dizer que a posição do governo tem sido uma espécie de *laissez-faire*, dado o liberalismo com que o governo tem deixado “passar a boiada”, como alardeou um de seus Ministros do Meio Ambiente. Estamos falando de conflitos no campo, do desejo do agro na ampliação de áreas produtivas, de questionar dados oficiais do desmatamento, do fato de que garimpeiros e grandes mineradoras aumentaram a presença de

44 Embora a notícia traga o link do vídeo, quando o link é acessado, aparece uma mensagem do *YouTube* explicitando que o vídeo não está mais disponível na plataforma. Isso acontece com os demais vídeos reportados na notícia.

máquinas de exploração na Amazônia.

Esses fatos e tudo que o governo produziu em termos de política ambiental, mais especificamente vinculando-se aos grupos do agronegócio no Centro-Oeste, nos motivaram a lançar um olhar sobre a materialidade aqui analisada e refletir sobre a imagem do Bolsonaro delineada pelo agro. Fazemos isso lançando mão de publicações que representam a posição do presidente, mas, ao mesmo tempo, tentando compreender que elementos foram mobilizados para a construção dessa imagem do presidente pelo setor agrário brasileiro.

No texto em tela, ou seja, no recorte que nós separamos para explorar neste estudo sobre a veiculação de discursos e dizeres a respeito do agronegócio, retomamos, para nossa análise, a manchete da notícia produzida pelo portal, onde se lê:

Brasil verde e amarelo, *onda* liderada pelo setor Agro garante apoio à Bolsonaro (grifo nosso).

Destacamos, dessa manchete, o uso do termo *onda*. A escolha dessa metáfora remete ao sentido de que há um contingente enorme de pessoas que estão ali no ato para manifestar total apoio ao presidente. O emprego desta palavra em uma manchete serve justamente para promover a ideia de que, no setor do Agro, há apoio forte ao presidente do Brasil, e, ao mesmo tempo, para fortalecer a própria imagem do presidente.

Os instrumentos mais representativos da produção no campo, na região Centro-Oeste do Brasil são, como sabemos, máquinas agrícolas de última geração. Assim, as propriedades do agro se caracterizam pela presença de máquinas colheitadeiras, tratores e aviões de pequeno porte utilizados na aplicação de venenos contra pragas etc. Isso posto, chama a atenção que a notícia se utilize também desses elementos que compõem a imagem do campo, para argumentar que “o campo foi com tudo, foi com força, invade Brasília na atividade de apoio ao presidente”. Essa ideia vai sendo reforçada na tessitura do texto, de modo a comprovar “a força” que os produtores têm, conforme podemos perceber no trecho a seguir:

A Explanada dos Ministérios, em Brasília, foi tomada, no último sábado (15), pelas cores verde e amarelo, em alusão ao movimento criado por entidades ligadas ao agronegócio brasileiro. A manifestação atraiu cerca de cem mil pessoas, a maioria produtores rurais de diferentes regiões do país. Montados a cavalo, outros com tratores, caminhões, os manifestantes seguravam nas mãos a bandeira do Brasil em apoio ao Presidente Jair Bolsonaro.

No trecho recortado da notícia, é possível percebermos que se acentua a ideia de patriotismo do movimento, haja vista a alusão feita ao uso das cores verde e amarelo e à bandeira do Brasil. Essa noção foi muito enfatizada durante o governo, notadamente, com os movimentos de 7 de setembro; e, posteriormente, durante a campanha à reeleição do presidente e, ainda, nos movimentos de ruas mais recentes, que estão demonstrando insatisfação com a derrota de Bolsonaro na eleição presidencial de 2022, como é o caso dos movimentos em frente aos quartéis.

Em muitas ocasiões em que as pessoas precisaram argumentar a favor do governo, elas logo faziam uma ligação/identificação com as cores da bandeira, que, neste contexto de uso, representaria uma espécie de “patriotismo” do povo brasileiro, fenômeno que ficou vinculado ao bolsonarismo. Certa vez, perguntado sobre os feitos do Governo, o próprio presidente afirmou que “o uso do verde e amarelo pela população era uma obra de orgulho para o governo de Jair Messias Bolsonaro”. É, portanto, nesse sentido que o enunciado aqui analisado vincula o uso das cores verde e amarelo como parte da simbologia que o Campo levou para a Esplanada dos Ministérios naquele 15 de maio de 2021. Temos, então, mais um aspecto delineador da imagem de Bolsonaro para o agro: o patriotismo. O presidente que afirma ter resgatado o amor pela bandeira verde e amarela em oposição aos presidentes petistas, cuja bandeira partidária é vermelha, associada, por muitos, ao comunismo.

Entretanto, não se pode deixar de mencionar que essa associação das cores da bandeira brasileira com o bolsonarismo se dá na oposição a essa representação signífica do projeto adversário: o vermelho do PT. Não é à toa que muito se ouviu no Brasil, de 2018 a 2022, a frase “minha bandeira jamais será vermelha”. Ora, é tácito que jamais houve, no Brasil, uma proposição para que a bandeira mudasse de cor. Assim, constata-se que essa disputa está mesmo no plano da disputa ideológica. Tanto é que, por exemplo, o Partido Liberal, filiação política pela qual Bolsonaro concorreu ao pleito presidencial em 2022, tem a cor azul como instrumento mais representativo. Se fosse, então, apenas pela luta partidária, o verde-amarelo não estaria em disputa como representação simbólico-ideológica.

Para acentuar, ainda, os elementos semióticos que incidem sobre a construção da imagem do Bolsonaro para o Agro, o enunciado em análise dispõe, ao longo de seu plano composicional, de algumas fotografias, escolhidas como modo de reforçar as posições assumidas, como vemos a seguir:

Figura 2: Imagem de manifestação na Esplanada do Ministério



Fonte: Portal Agronews

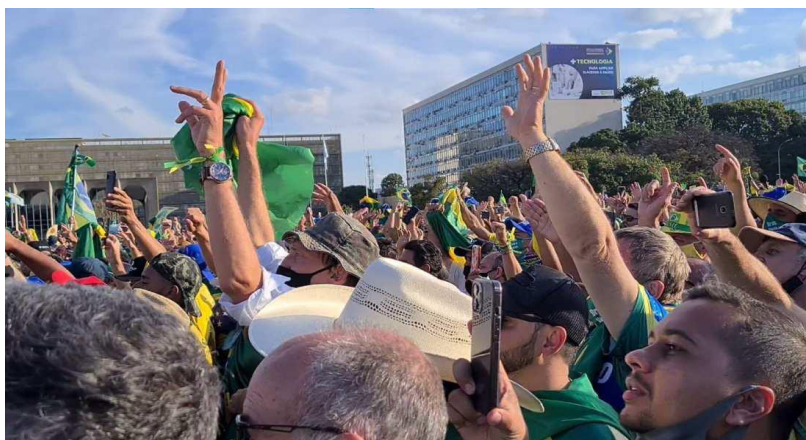
A imagem acima é reproduzida, na notícia, com o propósito de impactar o interlocutor,

ao enfatizar um número enorme de pessoas que teriam comparecido ao ato político em questão, no sentido de corroborar a afirmação de que ali havia “cerca de cem mil pessoas”. Independentemente da necessidade de se averiguar se o número de pessoas que compareceram ao ato foi realmente esse, o que importa é que esse elemento semiótico é acionado para sustentar, discursivamente, que o setor é forte e apoia o presidente.

Além disso, a voz do presidente do sindicato rural de Cuiabá-MT, Celso Nogueira, é convocada para reverberar o embate com os movimentos sociais atribuídos ao PT. Segundo ele, o ato noticiado foi “muito bem organizado, sem confusão, onde inclusive dava para perceber a presença de crianças e idosos. O apoio era massivo”. A referência à “organização”, em confronto com a ideia de “confusão”, remete aos movimentos sociais de esquerda, tomados, no discurso bolsonarista, como grupos que fazem “baderna” e praticam atos violentos. Além disso, a afirmação de que crianças e idosos estavam presentes reforça essa ideia de que a “família” faz parte do movimento de apoio ao presidente. Lembremos que “família”, nesse caso, é também um signo da disputa ideológica que se trava entre aqueles que apoiam o presidente e aqueles que são de base petista.

Outra imagem, recortada da parte material da notícia, que se apresenta oportuna para nossa análise é a seguinte:

Figura 3: Imagem de pessoas em evento do agro na Esplanada dos Ministérios



Fonte: Portal Agronews

A representação expressa na imagem sugere uma demonstração de admiração e reverência à figura do presidente, no momento em que ele fala se dirigindo aos manifestantes presentes no ato. A captura de imagens pelos participantes através dos celulares, o olhar compenetrado e as mãos erguidas como se os presentes vibrassem com algo dito nos permitem dizer que quem fala naquele momento é visto como alguém importante e digno de admiração para o grupo. No texto da matéria, essa importância é refletida e refratada na fala do deputado federal Jerônimo Georgen, quando este manifesta que Bolsonaro “tem demonstrado respeito” pelas pautas do agronegócio, pautas essas que não parecem estar presentes dentre aquelas da manifestação. Assim, a fala do deputado reforça a ideia, já mencionada por nós, de que, por causa da ampla

produção no campo, o segmento do agronegócio “carregaria o Brasil nas costas”.

Então, o personagem criado no encontro, na interação, Jair e Agro, erige no viés do heroico que luta contra as “forças do mal” (comunistas, esquerdistas, petistas etc.) que assolam o país para destruí-lo, mudando sua bandeira e o tornando comunista. O mundo de sentidos habitado por esse personagem é, portanto, propício para os feitos heroicos dos quais o agronegócio considera que ele é capaz. Todos querem destruí-lo ou impedi-lo de trabalhar, de “salvar” o país do comunismo. Logo, o que se espera desse sujeito personagem é personalizado para e pelo agronegócio, e surge no diálogo desse personagem, Bolsoagro, e seu mundo com o setor do agronegócio.

Brota, assim, uma *persona* que, heroificado pelo grupo, trabalhará para a manutenção de um sistema que, supostamente, apoia um estilo de vida que, para além de beneficiar o agro, espalha-se para os demais (indígenas, crianças, idosos, família) na árdua tarefa de salvar o país da miséria, pois, na perspectiva do grupo, apoia o setor que mais produz, mais cresce, mais contribui para o desenvolvimento do Brasil. Quando a ação do personagem heroificado não condiz com aquilo que se espera dele, a contra-argumentação logo vem. Percebemos isso, por exemplo, na voz do deputado federal da bancada agro, Jerônimo Georgen, quando afirma que “por mais que ainda não tenha atendido pautas que estão pendentes, como o fim do passivo do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural) e alguns pontos de endividamento que existem dentro de algumas cadeias produtivas, mais essas pautas aos poucos estão sendo avançadas”, ou seja, não há feito ou não-feito que manche a imagem do herói.

O cotejo entre textos e contextos, contemplando o exame do conjunto de elementos da materialidade verbo-visual e contextuais da notícia, permite-nos compreender o movimento dialógico que tece a construção discursiva da imagem do Bolsonaro agro, apontando múltiplos valores ideológicos e sentidos que enredam os dizeres e posicionamentos desses sujeitos, setores do agro e presidente Bolsonaro.

Conclusão

Ancorado em preceitos e concepções do pensamento do Círculo de Bakhtin, o estudo aqui empreendido visou dar conta de compreender o movimento dialógico que se dá em torno da construção da imagem de Bolsonaro no universo da produção discursiva do agronegócio. No sentido de darmos conta desse empreendimento, selecionamos, para exame, uma notícia veiculada, em 2021, pelo portal de *Agronews*.

Na análise da notícia, pudemos perceber que o setor do agronegócio procura construir uma imagem muito positiva de Bolsonaro. Na notícia, são evocados vozes, discursos e sentidos que dão conta de um presidente humano, um sujeito humilde e do povo, um presidente atacado/perseguido pelo STF; um homem bastante preocupado com o setor produtivo do agronegócio, um governante patriota e um legítimo representante da família (tradicional) brasileira. Essas representações constituem um conjunto de valores que são refratados e reiterados ao longo

de todo o texto da notícia, em um movimento dialógico e de articulação de múltiplas vozes e semioses.

Devemos atentar, pois, para o fato de que a construção de uma imagem positiva do Bolsonaro pode ser, na verdade, resultado do engendramento de um conjunto orquestrado de escolhas verbo-visuais que se interagem de maneira dialógica, de modo a expressarem os posicionamentos axiológicos que a notícia refrata. Além disso, esse engendramento ocorre utilizando-se das ressonâncias dos já-ditos sobre o agronegócio, por exemplo, como segmento extremamente produtivo (a cada ano recorde de safra), da inquestionável representação do Brasil pelo verde-amarelo, sobretudo inscrito nas cores da bandeira, bem como do fato que, para ter força e representatividade, qualquer movimento social precisa agregar muita gente (papel das imagens com multidões e também das falas dos representantes de setores produtivos entrevistados pelo portal para a matéria).

Tudo isso é feito pela dialogicidade que se dá no movimento de escolhas verbais, recortes de falas de entrevistados e, ainda, pelas escolhas das imagens e vídeos. É isso, portanto, que vai corroborar para tecer/produzir, no horizonte ideológico do segmento do agronegócio, a imagem do Bolsonaro que, no presente texto, denominamos Bolsoagro.

Referências

ALVES FILHO, M. S.; PIOVEZANI, C. Discursos do agronegócio na mídia brasileira. **Re-velli**, v. 12, p. 1-14, 2020.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos, SP: Pedro e João editores, 2017.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, R. (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 79-98.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

MENDONÇA, M. C. A produção textual na esfera escolar: considerações sobre a “escrita como trabalho”. **Diálogo das Letras**, v. 8, n. 1, p. 3-15, 2019.

PAJEÚ, H. M.; MIOTELLO, V. A compreensão da cultura pelo ato responsável e pela alteridade da palavra dialógica nos estudos bakhtinianos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 60, n.3, p. 775-794, 2018.

RESENDE, S. M. “PL do agrotóxico”: discurso, memória, silêncio e resistência. **Rua**, v. 25, n. 1, p. 293-308, 2019.

SANTOS, Z. B.; OLIVEIRA, U. J.; GUALBERTO, C. L. O discurso midiático do agronegócio no Brasil sob um olhar da Análise Discursiva Crítica e da Semiótica Social. **Diálogo das Letras**, v. 8, n. 1, p. 159–178, 2019.

SILVA, C. V. Em busca das vozes para pensar os sentidos no texto: análise de uma propaganda sul-africana. In: MIOTELLO, V. *et al.* **Um ser expressivo e falante**: refletindo com Bakhtin e construindo uma leitura de vozes. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2013. p. 13-25.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Sheila Camargo Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

UNIDADE IV

**ABORDAGEM DIALÓGICA DO
DISCURSO E/NO ENSINO**

DESVENDANDO *FAKE NEWS* POR MEIO DO COTEJO DE TEXTOS: UMA PROPOSTA DE ENSINO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

José Jilsemar da Silva
Nara Karolina de Oliveira Silva
Joseilda Alves de Oliveira
José Cezinaldo Rocha Bessa

O anúncio da proposta...

“Como alfabetizar sem conhecimentos precisos sobre a aquisição da linguagem, sobre **linguagem e ideologia**, sobre técnicas e métodos do **ensino da leitura e escrita**?” (FREIRE, 1996, p. 81, grifos nossos).

Embora, quando escreveu seu texto, Freire estivesse se reportando mais especificamente ao contexto da alfabetização, tomamos as palavras expressas por ele, nessa citação, como mote para pensar duas direções que assumimos, no presente capítulo, sobre o ensino de língua portuguesa na educação básica: i) como conceber esse ensino sem deixar de considerar a indissociável relação entre **linguagem e ideologia**? ii) Como concebê-lo sem deixar de nos apoiar **em práticas de ensino de leitura e escrita** sintonizadas com as necessidades de tratamento das formas de produção de sentidos presentes nas interações de nosso tempo?

As duas questões suscitadas no parágrafo anterior nos conduzem à direção de trabalhar com as formas de produção e circulação de sentidos que se dão por intermédio do fenômeno das denominadas *fake news*, levando em conta tanto a recorrência de seu uso indiscriminado (e, por muitas vezes, até criminoso) em nossos dias quanto seus condicionamentos nas (inter)ações sociais e nas vidas das pessoas, sobretudo em um país como o nosso, em que a capacidade de ler criticamente o mundo é ainda, infelizmente, um privilégio de poucos. Nesse sentido, partindo da necessidade de vislumbrarmos uma escola cada vez mais conectada com a vida das pessoas e as formas de produção e circulação de sentidos nesse espaço, interessa-nos aqui apresentar uma proposta de ensino para o trabalho com as *fake news* em sala de aula de língua portuguesa da educação básica.

Assumimos, portanto, que uma possibilidade de trabalho produtiva com as *fake news*, fundamentada numa concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, pode se dar com base na metodologia do cotejo de textos. Tal posicionamento implica tomar os enunciados das *fake news* como práticas discursivas tecidas por uma multidão de fios dialógicos e ideológicos que o leitor/estudante precisa desvendar como forma de se libertar dos condicionamentos ideológicos que tais formas de circulação de sentidos imprimem nas interações humanas.

A relevância de um estudo como este reside na possibilidade de trazer contribuições efetivas para o ensino de língua portuguesa na educação básica dentro de uma proposta de trabalho atenta com documentos oficiais do ensino brasileiro, a exemplo da Base Nacional

Curricular Comum (BRASIL, 2018), que orienta, em seu texto, a integração entre as práticas de linguagem - leitura, produção de textos, oralidade (escuta e produção oral) e análise linguística/semiótica – como proposta para todos os *campos de atuação social*, assim como em consonância com trabalhos de pesquisadores das ciências da linguagem que se alinham a uma perspectiva enunciativo-discursiva, especialmente aquela de orientação dialógica.

Trata-se, além disso, de um estudo de relevância social, já que esta proposta vai ao encontro de uma educação linguística comprometida com o fomento do pensamento crítico e de uma formação cidadã dos alunos, como advoga Rajagopalan (2021), tão vital em tempos de enfrentamento das *fake news* e de seu uso com “intenção explícita de desviar atenção do público incauto e incapacitá-lo para enxergar a verdade das coisas” (RAJAGOPALAN, 2021, s. p.).

Para darmos conta dessa proposta, estruturamos o texto em 4 seções. Além destas considerações introdutórias, em que anunciamos nosso propósito com a presente contribuição, temos uma seção de fundamentação teórica, em que reportamos os princípios teóricos centrais que orientam nosso estudo; a seção de análise, na qual delineamos nossa proposta de trabalho com as *fake news* em sala de aula; e, por fim, as considerações finais, em que tecemos algumas reflexões sobre a proposição aqui delineada.

A linguagem na perspectiva do Círculo de Bakhtin: concepções norteadoras da proposta

Conforme já sinalizado a partir do título e explicitado na seção introdutória, este capítulo tem como ancoragem teórico-metodológica a concepção dialógica da linguagem defendida por estudiosos do denominado Círculo de Bakhtin (mais precisamente, por Bakhtin, Volochinov e Medviédev) e assumida por diversos cientistas da linguagem em nosso país.

As concepções linguístico-filosóficas depreendidas de escritos desses pensadores do Círculo de Bakhtin constituem princípios teórico-metodológicos fundantes no nosso modo de pensar e enfrentar a língua/linguagem e o seu ensino. É, portanto, orientados por uma compreensão de que a consideração do viés discursivo, que pressupõe assumir as relações dialógicas e ideológicas constitutivas das diversas formas das interações humanas, é determinante para a apreensão do funcionamento concreto da linguagem que pautamos a presente proposta de estudo.

Para imprimirmos o tom da compreensão sobre o funcionamento da linguagem que assumimos, reportamo-nos, inicialmente, às seguintes palavras de Bakhtin (2010, p. 209, grifos nossos): “**A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem [...] está impregnada de relações dialógicas**”.

Nesses dizeres, Bakhtin (2010) acentua, sobremaneira, a ideia da vida da linguagem humana. Ele não está tratando do ato mecânico e abstrato de mobilizar frases e orações meramen-

te. Nas palavras desse estudioso, a vida da linguagem toma forma nas relações dialógicas entre os sujeitos que participam dos eventos interativos. Todo dizer humano, segundo esse ponto de vista, constitui uma cadeia infinita de dizeres, de palavras que são tomadas de outrem já encharcadas de valorações; constitui, mais precisamente, um enunciado, que é a unidade concreta da comunicação discursiva. É a unidade enunciado, diferentemente da frase e da oração, que, de acordo com o autor, possui natureza contextual e apresenta a característica da responsividade.

A responsividade de que fala o estudioso russo diz respeito ao ato de responder, mas não é qualquer ato de resposta nem uma mera ação mecânica ou voluntária e desinteressada. É, na verdade, um ato no sentido de assumir uma posição no curso das trocas comunicativas, uma posição sempre ideológica, isso porque, como pontua Volochínov (2013, p. 198), “Cada homem, ao conhecer a realidade, a conhece de um determinado ponto de vista”. Sendo assim, nosso agir no mundo, como ratifica Medviédev (2016), é socialmente construído e orientado no interior das relações entre sujeitos ideológicos.

Desse modo, quando evocamos a ideia de vida da linguagem, como a concebe o Círculo de Bakhtin, colocamos em relevo a concepção segundo a qual as interações humanas e as suas diversas formas de manifestação constituem um diálogo contínuo com as palavras de outrem e são perpassadas, permanentemente e inevitavelmente, por avaliações sociais, por fios ideológicos. “As palavras **são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos** e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 42, grifos nossos).

Considerando, pois, que os signos ideológicos estão a serviço de tramas em todas as relações sociais, em todos os domínios, e que o funcionamento das relações sociais entre os sujeitos é um intenso embate de classes, a compreensão do uso vivo da linguagem implica ir além da materialidade semiótica, por meio da qual os sujeitos estabelecem interações, e abarcar a utilização real e interessada da produção de sentidos. É nessa direção que Bakhtin aponta quando afirma:

Na compreensão do discurso, não é importante o seu sentido direto, objetual e expressivo – essa é a sua falsa aparência – **o que importa é a utilização real e sempre interessada desse sentido e dessa expressão pelo falante**, utilização determinada pela sua **posição** (profissão, classe) e pela sua situação concreta. **Quem fala e em que condições fala.**” (BAKHTIN, 2003, p. 192, grifos nossos).

Com base nisso, depreendemos que o exercício de compreensão de toda produção discursiva é um exercício de cotejar textos/enunciados e seus contextos de uso, isto é, a situação concreta em que o dizer se realiza e produz sentidos. O cotejo de textos é, portanto, “a única forma de desvendar os sentidos” (GERALDI, 2012, p. 29-30) ou, se preferirmos, é uma forma de ampliar/aprofundar as possibilidades interpretativas de um dado texto, ao correlacioná-lo com outros enunciados, afinal, “o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto)” (BAKHTIN, 2003, p. 41). Nesse contato de textos e contextos, como lembram Bessa *et al.*

(2017, p. 151), “a palavra do outro se enriquece com novos significados; ela é reapreciada em outro espaço-tempo [...] com novos acentos valorativos”.

Reafirmamos, assim, a compreensão de que, como “não pode haver enunciado isolado” (BAKHTIN, 2017, p. 26), o seu estudo não pode se dar fora da cadeia que o relaciona a outros tantos enunciados, em suas relações dialógicas e ideológicas, posto que isso significaria quebrar o elo entre linguagem e vida.

Fake news: definição e funcionamento

A Era Digital tem modificado a forma como os acontecimentos são noticiados no meio social e como essas notícias chegam até os sujeitos, cada vez mais rápidas e de modos diversos. Nessa temporalidade, as redes sociais ganham enorme importância e papel na vida das pessoas, não só por possibilitarem novas formas de interação, mas também por se tornarem um ambiente de compartilhamento de conteúdos e informações de ordem variada. É por isso que se diz que, apesar de as redes sociais permitirem a aproximação entre sujeitos que se encontram distantes e de trazerem certas facilidades e comodidades para as vidas das pessoas, essas ferramentas, também, acabam aprisionando os usuários em *bolhas*, isto é, em um ambiente formado por sujeitos que compartilham os mesmos valores ideológicos (SANTAELLA, 2018).

Quando olhamos para as múltiplas formas de comunicação e de circulação de textos e discursos nos espaços digitais, deparamo-nos com um fenômeno crescente e que tem despertado enorme inquietação e preocupação social: a produção e veiculação de notícias falsas, as denominadas *fake news*. Esse fenômeno vem caracterizando a chamada *era da pós-verdade*, que está ligada ao fato de aceitarmos apenas o que nos convém, ou seja, aquilo que está de acordo com nossos valores ideológicos (SANTAELLA, 2018).

Segundo Eccard e During (2021), a ocorrência das *fake news* deve ser tratada como desinformação, já que consiste, na verdade, no uso de técnicas de comunicação para induzir ao erro, posto que, ao ocultar a informação, provoca uma falsa percepção da realidade. Para Ferrari (2020, p. 33), por sua vez, *fake news* “é uma verdade que se cria ao gosto do freguês com o propósito de enganar, manipular ou distrair”, ou seja, é uma mensagem inventada, planejada estrategicamente para ser aceita por grupos sociais, utilizando-se, como principal forma de persuasão, de estratégias “que promovem interpretações marcadamente emocionais e sensoriais” (BARROS, 2019, p. 5). Assim, as *fake news* são mensagens falsas divulgadas de maneira que aparentam ser verdadeiras, visto que são pensadas, elaboradas e publicadas estrategicamente para serem aceitas como verdade (BARROS, 2020).

Nessa perspectiva, a notícia intencionalmente falsa pode produzir efeitos de tonicidade no texto, que garantem mexer com as emoções, posturas e outras reações, e criar laços emocionais (BARROS, 2020), fazendo com que o projeto de dizer da *fake news*, dependendo do conhecimento, das crenças e dos sentimentos do interlocutor, seja interpretado como verdade e cause destruição, alimente preconceitos e interfira na vida das pessoas de forma perversa, e até

“criminosa”, enquanto a verdade e a mentira passam a ser seletivas e manipuladas.

Na maioria das vezes, a notícia falsa está envolta de notícias verdadeiras, o que dificulta sua identificação. Esse processo de identificação exige uma compreensão sobre linguagem, construção de sentidos e relações dialógicas e ideológicas e, ainda, conhecimentos sistematizados sobre como reconhecer a notícia falsa, para não incorrer no erro de transformar uma mentira em verdade. Porém, boa parte dos usuários não sabe como as redes sociais funcionam (SANTAELLA, 2018) e, ao se deparar com uma notícia, atenta apenas para o conteúdo, de forma superficial, esquecendo de checar as fontes de produção e veiculação (JACOB, 2021) e de investigar fontes de informações confiáveis, para desmontar a produção elaborada e distinguir uma notícia falsa de uma verídica.

Para Barros (2020), o processo de investigação da veracidade da notícia deve considerar todo o contexto de produção, de veiculação e as estratégias de manipulação da informação, que já se iniciam antes da publicação do texto, num movimento de construção da credibilidade para a notícia. Na concepção da autora, para obter a confiança do público-alvo e construir uma relação de credibilidade, o produtor da notícia falsa utiliza-se de 3 estratégias fundamentais, a saber:

- 1) Escalonamento da verdade à falsidade – para construir uma relação de credibilidade, o produtor divulga, inicialmente, notícias verdadeiras que já promovam uma aproximação emocional e sensorial e credibilidade; depois, publica notícias falsas, elaboradas com estratégias que as façam parecer verdadeiras; e por fim, expõe notícias claramente falsas, pois o interlocutor já envolvido nessa relação de crenças, valores e emoções irá aceitá-las como verdade;
- 2) Ancoragem de autor, tempo e espaço – as notícias são sustentadas a partir de recursos de figuratização, em atores, datas e lugares que os interlocutores reconhecem como existentes, para assim, produzir efeito de realidade, de verdade. Por isso, muitas dessas notícias utilizam artistas, cientistas ou figuras públicas;
- 3) Emprego das pessoas do discurso – são empregadas tanto primeira e segunda pessoa, para criar um efeito de aproximação emocional e sensorial entre o produtor da *fake*, que viveu, sentiu o que está narrando, e o interlocutor, quanto a terceira pessoa, para produzir uma ilusão de isenção do produtor, para criar confiança (BARROS, 2020, p. 28-29).

Além de estarmos atentos às estratégias para a construção da credibilidade apontadas acima, é preciso identificarmos os diálogos que essas notícias travam com outros textos e discursos e a organização discursiva e textual da notícia publicada (BARROS, 2020)⁴⁵, pois esses dois fatores podem nos ajudar a desvendar uma mentira.

Barros (2020) aponta que o exame dos textos das notícias falsas pautado numa interpretação racional contribui para desvendar a mentira da veracidade. Nesse sentido, com vistas a interpretar e identificar as *fake news*, é necessário que a escola prepare os alunos para uma

⁴⁵ Recomendamos a leitura do texto de Barros (2020), listado nas referências, para um maior detalhamento desses fatores e de seu funcionamento nas *fake news*.

atividade interpretativa pautada na razão, de modo que eles se tornem leitores críticos de textos nas redes sociais. Para tanto, precisam conhecer as especificidades desses enunciados, suas estratégias de persuasão e seu direcionamento marcado pelo emocional e sensorial, como lembra Barros (2020).

Saber ler e entender a organização discursiva, cotejar os diálogos entre textos e seus contextos e, a partir disso, apreender as determinações ideológicas de quem os produziu podem proporcionar ao leitor/estudante o desenvolvimento de uma consciência crítica, possibilitando o enfrentamento dos enunciados e de seus condicionamentos ideológicos e o reconhecimento de textos perversos e mal-intencionados.

Desvendando a mentira por meio do cotejo de textos: uma proposta de trabalho com *fake news* em aulas de língua portuguesa

Sem pretender compartilhar uma receita ou um modelo pronto a ser seguido de forma incondicional, mas movidos, antes de tudo, pelo propósito de oferecer uma sugestão metodológica para o professor de língua portuguesa, apresentamos, nesta seção, uma proposta de trabalho com as *fake news*, com foco nas práticas de leitura e de produção textual escrita em sala de aula do ensino médio.

Como a proposta compartilhada aqui não se trata de uma proposição fechada e acabada, ela pode ser ajustada (e, inclusive, é desejável que seja enriquecida e ampliada) para qualquer um dos 3 anos do ensino médio. Ainda que possa parecer uma obviedade, é imperioso deixar claro, de antemão, que o êxito de uma proposta de trabalho como esta implica, por parte do professor, um mínimo de engajamento nas leituras sobre o funcionamento de *fake news* e da linguagem de um ponto de vista discursivo, bem como de conhecimentos teóricos atualizados sobre leitura, escrita e gêneros do discurso⁴⁶, levando em consideração as especificidades dos modos de produção e circulação de sentidos na Era Digital.

Feitos esses esclarecimentos iniciais, passamos, então, à apresentação da proposta assentada na metodologia do cotejo de textos. Apoiado na abordagem dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, o cotejo de textos para o trabalho com as *fake news* aqui compartilhado retoma uma proposição com foco em atividades de interpretação de textos, nos níveis fundamental II e ensino médio, suscitada por Bessa *et al.* (2017) e, posteriormente, estendida por Alves e Bessa (2018) também para a escrita. Na proposição apresentada neste capítulo, damos novos direcionamentos e acabamentos a essas propostas anteriores, tendo em vista a nossa intenção de socializar, nesta oportunidade, uma sugestão que, além de abarcar uma questão relevante socialmente, fosse o mais didática e o mais exequível possível.

A proposta de cotejo de textos em atividades de leitura e de produção textual que aqui

46 Não reportamos aqui, por questões de espaço, postulados sobre leitura e escrita dentro de uma perspectiva discursiva, principalmente de orientação dialógica, na qual nos situamos. Porém, recomendamos leituras de textos de estudiosos como Suassuna (2010), Geraldi (2015), Sobral e Giacomelli (2017), Mendonça (2019), Goulart e Gonçalves (2021), Angelo, Menegassi e Fuza (2022), dentre outros.

expomos assume 3 direcionamentos metodológicos, a saber:

- 1) O exame do diálogo entre textos e contextos – foco na exploração dos elementos contextuais (enunciador, temporalidade, espaço de produção/circulação, horizonte ideológico do veículo do espaço de produção/circulação);
- 2) O exame do diálogo entre textos – foco na exploração das relações dialógicas e ideológicas entre os textos;
- 3) A análise do texto em sua concretude material – foco na exploração de aspectos da materialidade verbo-visual dos enunciados.

A proposta por nós concebida, com base nos direcionamentos explicitados acima, será compartilhada a partir da exploração de uma *fake news* envolvendo um assunto do mundo da política. Eis a notícia falsa a ser explorada:

Sem ‘ovada’, Lula é expulso de restaurante em Natal (veja vídeo)

19/08/2017 às 16:56

da Redação

Abaixo, veja o vídeo.



A caravana de Lula no Nordeste vem colecionando reveses.

O ex-presidente sentiu na pele neste sábado (19) a ira absolutamente espontânea das pessoas.

Nada planejado. Reação natural de repulsa.

Lula chegou com sua comitiva no restaurante ‘Camarões’ em Natal e as pessoas que almoçavam no local efetuaram o protesto que cresceu, ganhou grandes proporções, obrigando o petista a se retirar. É uma das versões para o episódio que está agitando às redes sociais.

O fato é que o som do coro ‘Lula na cadeia’ marcou a manifestação.

Uma outra versão para o vídeo, dá conta de que militantes petistas teriam tentado ofuscar uma homenagem que estaria sendo prestada ao prefeito de São Paulo, João Dória Júnior, e foram escoraçados do local pelos presentes.

Fonte: *Jornal da Cidade Online*⁴⁷.

47 Disponível em: <http://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/6752/sem-ovada-lula-e-expulso-de-restaurante-em-natal-veja-video>. Acesso em: 22 ago. 2017.

Nossa primeira tarefa é contextualizar o enunciado reproduzido acima. Como vemos, o enunciado apresenta a configuração mais ou menos típica de uma notícia de jornal. Nele, observamos um título, informações sobre data e horário, uma assinatura (da redação), uma ilustração (foto do interior de um restaurante) e o corpo do texto. Não está expresso na notícia acima, mas é importante sublinhar que esse enunciado foi veiculado pelo *Jornal da Cidade Online*, um jornal de circulação exclusivamente eletrônica, que apresenta alinhamento ideológico de matiz conversadora.

Dado o seu alinhamento ideológico conservador e posicionamento político condicionado à direita ou à extrema direita brasileira, o jornal constrói um fato noticioso em que procura desqualificar a imagem do ex-presidente Lula e reforçar a rejeição do povo com relação à sua trajetória política, como denotam as seguintes passagens: *O ex-presidente sentiu na pele neste sábado (19) a ira absolutamente espontânea das pessoas. Nada planejado. Reação natural de repulsa e O fato é que o som do coro ‘Lula na cadeia’ marcou a manifestação.*

Como observado a partir do título da notícia, o *Jornal da Cidade Online* anuncia um fato – no caso, uma expulsão de importante restaurante – que teria ocorrido em 19 de agosto de 2017, com o ex-presidente Lula e com sua caravana, em passagem por Natal, no Rio Grande do Norte (RN). A narrativa da notícia expressa que o ex-presidente Lula teria sido xingado e expulso por “manifestantes” que estariam no restaurante Camarões, localizado em Natal, no estado do RN. Ter em conta o fato noticiado e essa localização espacial/geográfica constituem uma diretriz fundamental para desvendar a mentira veiculada.

Após essa breve contextualização, iniciamos a exploração do desvendamento da mentira do enunciado em análise. Orientamo-nos, pois, pelos direcionamentos da metodologia do cotejo de textos já apresentados:

O exame do diálogo entre textos e entre textos e contextos

Embora tenhamos estabelecido uma ordem metodológica, o enfrentamento analítico, na atividade de leitura, não se realiza dissociando o cotejo entre textos e entre textos e contextos. O olhar dialógico entre textos e contextos e entre textos constitui um movimento de idas e vindas: do texto ao contexto, do contexto ao texto, e assim por diante.

A atenção para detalhes presentes no texto em análise aponta para a necessidade do cotejo com o contexto. A notícia falsa expressa que a “manifestação” ocorrera em Natal, em uma passagem da caravana de Lula pelo Nordeste. Sabendo que aqueles que produzem notícias falsas buscam, em alguma medida, relacionar as asserções que fazem a algum fato que suscite algum indício de veracidade, bem como retirar os fatos do seu real contexto, o leitor precisa sempre desconfiar de certas informações e de elementos contextuais que são apresentados no texto.

No caso em questão, o leitor precisaria consultar outros enunciados, para obter outras fontes de informação mais confiáveis e precisas, com vistas a tomar conhecimento se, de fato,

a caravana de Lula esteve no Nordeste, se passou por Natal e, caso tenha estado em Natal, se almoçou no restaurante Camarões. O exercício de confrontação de fontes de informação deve atentar, ainda, para os detalhes do que é afirmado, porque, nesse caso em questão, o leitor poderá constatar que, à época, a caravana de Lula estava, de fato, em atividades no Nordeste. Uma leitura cuidadosa e bem atenta de outras fontes de informação, contudo, permitirá constatar que a caravana de Lula, embora estivesse no Nordeste, não passara por Natal, o que permitiria diagnosticar a imprecisão e inverdade da notícia suscitada.

Uma outra chave de entrada essencial para o desvendamento da mentira na *fake news* em análise, mediante a metodologia do cotejo, é considerar o veículo que faz circular a informação. Conhecer esse veículo, seu alinhamento ideológico e seu histórico de publicações é um procedimento fundamental para identificar o quanto o que ele põe para circular pode ser confiável ou não.

Ademais, um desafio é identificar o nome e tipo de veículo (jornal, *blog*, revista), visitar e conhecer sua página e os textos nela publicados, e saber se ele goza de credibilidade e reconhecimento como veículo de comunicação junto ao grande público ou se é sustentado e patrocinado por grupos com pautas e interesses (políticos, econômicos, religiosos, dentre outros) mais específicos. Um outro desafio, caso não se conheça o veículo, é identificar o seu alinhamento ideológico examinando os posicionamentos valorativos (e políticos) assumidos em diversos outros textos nele publicados. O conhecimento desse conjunto de elementos possibilitará ao leitor ter uma visão mais consciente e crítica sobre as práticas e posturas do veículo e levantar desconfiância em relação aos fatos que ele costuma noticiar.

Com o surgimento de agências de checagem de notícias como *Agência Lupa*, *Aos fatos*, *Fato ou Fake*, *E-farsas*, dentre outras, o leitor pode, primeiramente, recorrer a esse tipo de ferramenta, buscando identificar se tais agências já não classificaram determinadas notícias como falsas. O exercício de cotejar as notícias suspeitas pode ser ainda complementado ou mesmo substituído por consultas a páginas da internet de jornais de mais credibilidade e seriedade como *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, ou a portais como *UOL Notícias*, *GI*, *Terra Notícias*, bem como a bases de dados oficiais, de modo a ampliar as visões e perspectivas de análise dos fatos e acontecimentos noticiados, afinal, como bem lembra Rajagopalan (2021, s. p.), os fenômenos “podem e merecem ser enquadrados de novas maneiras, trazendo novas perspectivas que isso inevitavelmente exige de nós”.

A análise do texto em sua concretude material

Uma entrada final na identificação da notícia falsa pode considerar a análise da concretude material do enunciado. Nesse sentido, é fundamental ter em mente que o que comumente denominamos de *fake news* aparece, em nossa sociedade, materializado em enunciados os mais diversos. As formas de produção e circulação das notícias falsas, nesta Era Digital, manifestam-se em formato não apenas do gênero notícia, mas também de reportagens, *memes*, vídeos,

comunicados, *posts* em redes sociais, *twitters*, dentre outros. Queremos crer que conhecer o modo de organização e funcionamento de cada gênero desses seja uma tarefa indispensável nossa enquanto professores para um trabalho mais profícuo com as notícias falsas em sala de aula.

Podemos ponderar, por exemplo, que o funcionamento e a estruturação de uma notícia veiculada por intermédio de comunicação oficial, como um jornal com reputação reconhecida⁴⁸, diferem, em grande medida, de uma notícia falsa. Há traços no projeto de dizer, nas escolhas linguísticas e na estrutura composicional do enunciado que podem nos ajudar a diferenciar uma notícia falsa de uma verdadeira. No exemplo em questão, podemos desconfiar do uso de alguns dos recursos verbais e visuais mobilizados, que costumam ser comuns nesse tipo de enunciado. O professor pode apresentar aos alunos exemplares de *fake news* e de notícias verdadeiras veiculadas em jornais que gozam de reputação, além de cotejar a organização e o funcionamento delas.

Dentre os recursos verbais e visuais que sinalizam o fato de que a notícia em análise pode ser considerada falsa, podemos destacar:

- i) o tom sensacionalista assumido no texto. Esse tom encontra-se demarcado pelo emprego de uma linguagem carregada de avaliações de cunho pessoal ou de excessiva subjetividade, que não é característico da linguagem jornalística típica em gêneros como notícia: *vem colecionando reveses; sentiu na pele neste sábado (19) a ira absolutamente espontânea das pessoas. Nada planejado. Reação natural de repulsa; o som do coro ‘Lula na cadeia’ marcou a manifestação e foram escorraçados do local pelos presentes.*
- ii) Certa imprecisão nas informações apresentadas: É uma das versões *para o episódio que está agitando às redes sociais* e *Uma outra versão para o vídeo dá conta de que militantes petistas teriam tentado ofuscar uma homenagem que estaria sendo prestada ao prefeito de São Paulo.*
- iii) A não identificação de uma fonte jornalística que assine e se responsabilize pelo texto: a notícia não apresenta a assinatura de um jornalista como responsável pela informação. Embora seja comum ser atribuída a uma fonte falsa ou anônima, no caso em questão, foi atribuída à *redação* do jornal.
- iv) A falta de conexão entre texto e imagem: há uma clara falta de correspondência entre o anunciado verbalmente e o que se pode ver na foto. Ainda que a imagem retrate uma cena em que pessoas aparecem fazendo gestos, sinalizando estarem se manifestando, é possível assegurar que nada na foto deva levar o leitor a inferir que sejam representantes da caravana do PT que parecem na fotografia reproduzida, até porque não podemos nem mesmo ver, de forma nítida, o rosto das pessoas. Isso posto, somos capazes de dizer que se trata de uma imagem retirada do seu contexto real e utilizada como elemento para enganar e manipular o leitor. Nessa direção, é importante levar o aluno a reconhecer que o recurso visual não é um elemento meramente acessório na construção de sentidos dos textos, mas essencial no processo de com-

48 Vale o alerta de que esses jornais também podem incorrer na (re)produção de notícias falsas, embora, claro, seja algo menos esperado e não seja um expediente corrente.

preensão do funcionamento do enunciado.

v) Desvios em relação à norma padrão da língua portuguesa e problemas na organização composicional do texto. Embora a “notícia” em análise não apresente problemas de ordem gramatical graves, desvios mais grotescos e recorrentes costumam acontecer em notícias falsas, constituindo-se, portanto, um facilitador de sua identificação. Quanto ao plano composicional, o texto em análise revela indícios de que não se trata de uma notícia confiável, isso porque, diferentemente do que se observa em notícias que circulam em jornais de credibilidade, o tamanho reduzido e a forma de estruturação em períodos curtos e carregados de adjetivações constituem elementos que podem, tranquilamente, fazer-nos suspeitar da seriedade e veracidade das informações que o texto faz circular.

Assim, ter em vista os elementos que caracterizam o gênero notícia configura-se como conhecimento fundamental para a diferenciação entre uma notícia falsa e uma verídica. Explorá-los, portanto, junto aos alunos é uma tarefa essencial neste nosso desafio de desvendamento da mentira que circula por meio de textos do gênero notícia.

Um aprofundamento desta proposta pode incluir, também, uma atividade subsequente de produção textual escrita. Podemos pensar essa produção em dois momentos complementares, que aqui denominamos de proposta 1 e proposta 2:

Proposta 1: o professor encaminha e conduz uma atividade de reescrita coletiva, com toda a turma⁴⁹, da *fake news* utilizada na atividade de leitura. Nesse caso, o docente conduz, utilizando-se de um quadro ou um de projetor multimídia, a reescrita da *fake news*, recuperando os fatos e as informações necessários, com vistas a tornar a notícia verídica. Os alunos podem auxiliar o professor com o recurso de pesquisa na internet, caso a escola disponha de sala de informática, para a consulta de mais informações.

Proposta 2: o professor pode encaminhar, em grupos de 4 a 5 alunos, a reescrita de *fake news* previamente selecionadas por ele. A proposta é, como no momento anterior, que os alunos reescrevam a notícia falsa, tornando-a verídica. Caso a escola disponha de sala de informática, com acesso a computador e à internet, a atividade de reescrita pode ser realizada na escola. Caso não, o docente pode encaminhá-la como atividade de casa, já que é necessário que os alunos recorram a fontes da internet para terem condições de recuperar informações em outros textos sobre o fato noticiado e sobre seu contexto. Como essa é uma atividade em que o professor participa como interlocutor e mediador⁵⁰, é fundamental que a revisão e reescrita sejam tomadas como parte de um processo de aprimoramento da produção escrita dos alunos antes de sua veiculação pública.

Uma ideia interessante seria, mediante essa proposta de produção textual, o docente

49 Uma experiência de correção coletiva interessante, que coloca realce no papel de mediação do professor, é relatada por Mafra e Barros (2017). Uma outra experiência, também interessante, encontra-se discutida no trabalho de Oliveira, Alves e Bessa (2020).

50 Como se trata de uma atividade a ser desenvolvida em grupo e de modo colaborativo, o professor pode propor, por exemplo, que seja realizada em plataformas digitais como o *Google Docs* (ver a experiência de Dantas e Lima [2019]), e pode acompanhar e interagir com os alunos, de maneira a contribuir de forma mais ativa e efetiva na reelaboração dos textos.

conceber a turma como uma agência de checagem de notícias falsas e criar um ambiente de agência em sala de aula. Ele pode, além disso, negociar, conjuntamente com a turma, a escolha de um nome e de um *slogan* para a agência, bem como a criação de um *blog* ou grupo no *Facebook* para a socialização das notícias reescritas pela turma. O professor pode, ademais, solicitar outros tipos de produção, como *cards* para divulgação pública, em redes sociais digitais, com relações de agências de checagem de notícias ou com *diretrizes para desvendar/identificar notícias falsas*. Seria interessante, também, solicitar aos alunos a produção de manuais de checagem de *fake news* e/ou a elaboração de lista de manuais já existentes e disponíveis na internet, a serem compartilhados nas redes sociais.

Embora não tenha sido nosso foco, atividades de análise linguística/semiótica podem, também, ser efetivadas pelo professor no decorrer da referida proposta, especialmente no decurso da atividade de reescrita das *fake news*. O momento da reescrita das *fake news* configura-se, no nosso entender, como uma ótima oportunidade para se operar reflexões sobre o funcionamento da língua/linguagem, considerando as possibilidades de escolhas verbo-visuais que os alunos podem realizar, ao reelaborarem um texto noticioso que atenda às finalidades e à audiência previstas, de modo a concretizar atividades interlocutivas bem-sucedidas.

Propor, portanto, exercícios de leitura e de produção textual, seguindo este percurso de cotejar as relações dialógicas e ideológicas de/entre textos e a relação entre textos e contextos, sem perder de vista a análise dos elementos da materialidade dos textos, bem como o encaminhamento de atividades de reescrita das notícias falsas, tornando-as verídicas, e a viabilização da circulação social destas, aponta, a nosso ver, uma perspectiva de formação de uma consciência crítica dos alunos e de engajamento deles no enfrentamento e no desvendamento de enunciados falsos e das estratégias de manipulação.

Um encerramento...

Partindo da compreensão de que o professor de língua portuguesa precisa conceber e assumir o espaço de sala de aula como uma arena de vozes na qual se pode/deve abordar temáticas sociais relevantes, priorizando o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos leitores/alunos, o trabalho com determinados tipos de textos em circulação nas redes sociais digitais, de modo especial com aqueles enunciados que (re)produzem mensagens falsas, constitui um desafio inadiável e uma necessidade premente.

Diante dessa necessidade que temos observado, buscamos, neste texto, apresentar uma proposta de ensino para o trabalho com as *fake news* em sala de aula de língua portuguesa da educação básica. Ao apresentarmos essa proposta, pautada na metodologia do cotejo de textos, pensamos na ampliação da capacidade crítica do estudante, no sentido de despertá-lo para o desvelamento dos condicionamentos ideológicos e das tentativas do discurso dominante de “anestesiá-lo a mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos” (FREIRE, 1996, p. 132).

Concordando com Freire (1996), não podemos simplesmente escutar os discursos que anestesiam a mente sem manifestar um mínimo de reação crítica, sem confrontá-los, sem colocar em cena novas perspectivas e diferentes modos de apreensão do mundo. A nossa reação e inquietação atinentes a esses discursos monovalentes e opressores e à distorção dos fatos e dos acontecimentos, que se dão nas formas de circulação de textos em nosso tempo, provocou-nos a apresentar essa proposta voltada ao trabalho, em sala de aula da educação básica, com notícias falsas sobre o universo da política.

Esperamos, assim, que essa proposta venha a contribuir efetivamente para que o nosso aluno, tornando-se mais hábil no desvendamento dos textos falsos e de estratégias de manipulação da verdade e de seus condicionamentos ideológicos, possa enfrentar melhor o mundo a sua volta e a convivência em sociedade, que estão sempre mergulhados num oceano de linguagens.

Referências

ALVES, W. M.; BESSA, J. C. R. A metodologia do cotejo de textos em sala de aula de Língua portuguesa: sentidos para ler e escrever. In: OLIVEIRA, G. F. B de. *et al.* (org.). **Produtos Educativos e Metodologias de Ensino**. Natal offset, 2018. p. 29-35.

ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZZA, A. F. **Leitura e ensino de língua**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2022.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, D. L. P. As fake news e as “anomalias”. **Verbum**, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2020.

BARROS, D. L. P. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. **Estudos semióticos**. v.15, n. 2, p. 1-14, 2019.

BESSA, J. C. R. *et al.* Cotejo como proposta metodológica para o trabalho com o texto na sala de aula. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCAR. (org.). **Palavras e contrapalavras: entendendo o cotejo como proposta metodológica**. São Carlos, SP: Pedro & João editores, 2017. p. 148-163.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

DANTAS, S. G. M.; LIMA, S. de C. A escrita colaborativa no Google Docs: uma proposta de ensino do gênero textual *factual recount* no ensino técnico de nível médio integrado. **Diálogo das Letras**, v. 8, n. 3, p. 157–176, 2019.

ECCARD, A. F. C.; DURIGAN, S. Questão da verdade: um estudo filosófico sobre a fakenews. **Revista Movimentos Sociais e Conflitos**, v. 7, n. 2, p. 78-97, 2021.

FERRARI, P. **Nós: tecnoconsequências sobre o humano**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar. (org.). **Palavras e contrapalavras – enfrentando questões de metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2015.

GOULART, C. M. A., GONÇALVES, A. V. Alfabetização: linguagem e vida - uma perspectiva discursiva. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 14, p. 48-61, 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JACOB, R. S. R. C. **Liberdade de expressão, internet e telecidadania**. São Paulo: Editora Literando: 2021.

MAFRA, G. M.; BARROS, E. M. D. de. Revisão coletiva, correção do professor e autoavaliação: atividades mediadoras da aprendizagem da escrita. **Diálogo das Letras**, v. 6, n. 1, p. 33– 62, 2017.

MENDONÇA, M. C. A produção textual na esfera escolar: considerações sobre a “escrita como trabalho”. **Diálogo das Letras**, v. 8, n. 1, p. 3–15, 2019.

OLIVEIRA, J. A.; ALVES, W. M.; BESSA, J. C. R. A revisão textual como trabalho dialógico: limites e potencialidades dos apontamentos do professor. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da Uniabeu**, v. 11, p. 117-135, 2020.

RAJAGOPALAN, K. O fomento do pensamento crítico para a formação de cidadãos responsáveis: um desafio e tanto. *In*: COSTA, R. D. C. C.; SANTOS, E. C. dos S.; SILVA, K. A. (org.). **Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente**. Campinas, SP: Editora da Abralín, 2021, sem paginação.

SANTAELLA, A. **Pós verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Gêneros na escola: uma proposta didática de trabalho. **Linguagem & Ensino**, v. 20, n. 2, p. 449-469, 2017.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa - uma abordagem pragmática**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

AUTORES E ORGANIZADORES

Anny Angélica de Assis Maia de Lima

Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Avançado de Pau dos Ferros. Professora da Educação Básica da Secretaria de Educação do Município de Itaú, RN. Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED) e do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8659-4561>. E-mail: annymaia2016@gmail.com.

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, do Centro Multidisciplinar de Pau dos Ferros, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Líder do Grupo de Estudos em Linguagens, Sociedade e Estética – GELSE.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9758-270X>. E-mail: antonio.flavio@ufersa.edu.br.

Ciro Leandro Costa da Fonsêca

Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pós-doutorando no Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com bolsa CAPES/FAPERN. É poeta, escritor, estudioso da cultura popular nordestina, bem como biógrafo e pesquisador das histórias de vida dos agentes das culturas populares.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4444-4642>. E-mail: ciro.leandorn@gmail.com

Elias Coelho da Silva

Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano/Campus Ouricuri.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0177-6877>. E-mail: elias.coelho@ifsertao-pe.edu.br.

Ilcilene Silva

Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso/*Campus Sinop*. Professora da Educação Básica na rede pública de ensino na cidade de Santarém-Pará. Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/*Campus Avançado de Pau dos Ferros*. Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED) e membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4427-3409>. E-mail: ilci-tali@hotmail.com.

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Departamento de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Centro de Ensino Superior do Seridó(UFRN/CERES).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3654-614X>. E-mail: ilderlandio.nascimento@ufrn.br.

Jailson José dos Santos

Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), no *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED) e do Grupo de Estudos em Análise do Discurso (GRED).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8542-1685>. E-mail: jailsonsantos@uern.br.

Jakelyne Santos Apolônio

Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)/ *Campus* Pau dos Ferros. Atualmente, participa do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4164-3171>. E-mail: jakelyne_santos2011@hotmail.com.

João Batista Costa Gonçalves

Doutor com pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2006). Professor Associado O do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará. Coordenador do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Ceará. Líder do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Ceará (GEBACE).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4386-8809>. E-mail: joao.goncalves@uece.br.

José Cezinaldo Rocha Bessa

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/*Campus* de Araraquara. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/*Campus* Avançado de Pau dos Ferros. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Líder do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED) e membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4655-6832>. E-mail: cezinaldobessa@uern.br.

José Jilsemar da Silva

Mestre em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *Campus* Avançado de Pau dos Ferros. Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer-SEEC, na Escola Estadual Desembargador Licurgo Nunes, em Marcelino Vieira, RN. Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7223-6096>. E-mail: josejilsemar@gmail.com.

José Radamés Benevides de Melo

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP-Araraquara). Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Governador Mangabeira.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3263-4548>. E-mail: radamesbenevides@hotmail.com.

Joseilda Alves de Oliveira

Mestra em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *Campus* Avançado de Pau dos Ferros. Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Professora da Educação Básica nos Municípios de Malta/PB e Condado/PB. Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1403-0342>. E-mail: joseildaoliveira@alu.uern.br.

Kelvya Freitas Abreu

Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2021). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, atuando ainda no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Líder do grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educacionais Tecnológicas (GEPET), integrante do Grupo de Estudos do Discurso (GRED/UERN) e do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED/UERN).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9003-2983>. E-mail: kelvya.freitas@ifsertaope.edu.br.

Ludmila Kemiatic

Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professora de Língua portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde (CES/UFCG).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4035-5290>. E-mail: ludmila.kemiatic@professor.ufcg.edu.br.

Marcos Roberto dos Santos Amaral

Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE - PosLA-UECE (2021). Professor da rede estadual de ensino do Ceará - SEDUC-CE. Pos-doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Letras do PPGLetras – ILA – FURG, sob orientação de Adail Sobral.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8130-4580>. E-mail: mdmrsamaral@gmail.com.

Nara Karolina de Oliveira Silva

Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – *Campus* Avançado de Pau dos Ferros. Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5306-4161>. E-mail: narasilva@alu.uern.br

Nathalia Viana da Mota

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), sob a orientação do Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves. Professora da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1708-8163>. E-mail: nathalia.viana@aluno.uece.br.

Orlando Silva de Oliveira

Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre em Ciência da Computação pelo CIN/UFPE. Atualmente é professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Participa do Gru-

po de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4463-0461>. E-mail: orlando.silva@ifsertao-pe.edu.br.

Wanderleya Magna Alves

Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/*Campus* Avançado de Pau dos Ferros. É membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED) e do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET). Atualmente, é professora de Língua Inglesa na educação básica do Estado do Rio Grande do Norte.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5308-440X>. E-mail: wanderleyaalves@alu.uern.br.



Nas trilhas do pensamento bakhtiniano: reflexões e estudos sobre discurso, cultura e ensino, coletânea de artigos e ensaios organizada pelos professores pesquisadores Antonio Flávio Ferreira de Oliveira, Ciro Leandro Costa da Fonsêca e José Cezinaldo Rocha Bessa, propõe-se a apresentar ao público um conjunto de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros acerca da presença do pensamento do Círculo de Bakhtin no horizonte da pesquisa e do ensino em solo brasileiro. Para isso, os organizadores exploram desde as questões de produção, circulação e recepção das ideias dos principais membros desse grupo de pensadores (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev), passando pela leitura dialógica de enunciados concretos de diferentes esferas da atividade humana – como literatura, religião e mídia –, até chegar a reflexões sobre o ensino de língua emperspectiva dialógica.

Pedro Farias Francelino

